

PUCRS

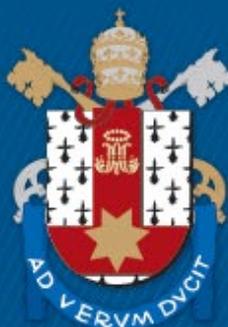
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

GABRIEL SOARES PREDEBON

**A TRAJETÓRIA E AS COLUNAS CINEMATOGRAFICAS DE IRONIDES RODRIGUES PARA  
A MARCHA (1954-1962)**

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GABRIEL SOARES PREDEBON

**A TRAJETÓRIA E AS COLUNAS CINEMATOGRAFICAS DE IRONIDES  
RODRIGUES PARA *A MARCHA* (1954-1962)**

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes

Coorientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

Porto Alegre  
2019

GABRIEL SOARES PREDEBON

**A TRAJETÓRIA E AS COLUNAS CINEMATOGRAFICAS DE IRONIDES  
RODRIGUES PARA *A MARCHA* (1954-1962)**

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação em História da Escola de  
Humanidades da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes

Coorientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

Porto Alegre  
2019

GABRIEL SOARES PREDEBON

**A TRAJETÓRIA E AS COLUNAS CINEMATOGRAFICAS DE IRONIDES  
RODRIGUES PARA *A MARCHA* (1954-1962)**

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação em História da Escola de  
Humanidades da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes – Orientador – PUCRS

---

Prof. Dr. Rodrigo Santos de Oliveira – FURG

---

Prof. Dr. José Rivair Macedo – UFRGS

Porto Alegre  
2019

## Ficha Catalográfica

P923t Predebon, Gabriel Soares

A trajetória e as colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues para A Marcha (1954-1962) / Gabriel Soares Predebon .  
– 2019.

197 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes.

Co-orientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves.

1. Integralismo. 2. Cinema. 3. Movimento negro. 4. Catolicismo. I. Paredes, Marçal de Menezes. II. Gonçalves, Leandro Pereira. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

Para Daysi e Ricardo.

## AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação marca o encerramento do maior desafio acadêmico de minha trajetória até o momento. Período de amadurecimento não somente intelectual, mas também de outras questões da minha vida.

Agradeço ao CNPq, pela concessão da bolsa que tornou esta pesquisa possível; e ao Delfos (Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS), onde consultei os documentos que integram esta pesquisa.

Muitas pessoas foram essenciais nessa caminhada, por isso meus sinceros agradecimentos a todas, em especial:

Ao meu sempre orientador, professor Leandro Pereira Gonçalves. Além de orientador, acabou por tornar-se um amigo querido. Em muitos momentos (mais até do que eu gostaria de admitir) teve, como diz minha vó Silvira, uma “paciência de Jó” comigo. Sempre solícito e preocupado com seus orientandos, o professor Leandro foi fundamental para a composição deste trabalho: por seu intermédio, mediante a concessão de uma bolsa de iniciação científica ainda no âmbito de minha graduação, foi que tomei contato com as colunas de Ironides e com o integralismo. Além disso, muitas vezes, me acalmou em períodos turbulentos, me deu puxões de orelha que me fizeram ficar até com raiva, mas que hoje percebo que foram importantes em relação ao meu desenvolvimento acadêmico e ao futuro profissional. Mesmo a distância, ao professor Leandro dedico minha sincera amizade.

Ao professor Marçal de Menezes Paredes, por aceitar ser meu orientador em uma época conturbada, já no meio do caminho. O maior contato que tive com o professor Marçal no desenrolar do trabalho só confirmou uma suspeita que carregava comigo desde a época em que era apenas seu aluno: é uma grande figura humana, solícito e compreensivo em relação aos dilemas que, invariavelmente, aparecem entre os estudantes da pós-graduação. Além disso, suas aulas sobre o nacionalismo, ministradas sempre com muita erudição, foram momentos que contribuíram bastante para meu amadurecimento intelectual.

Ao professor Pedro Theobald, do Departamento de Letras, por ter sido fundamental na minha trajetória enquanto pesquisador: o professor Pedro me concedeu minha primeira bolsa de iniciação científica, quando, mesmo que ainda não tivesse muita noção do ofício, tive meus primeiros contatos com os documentos e os arquivos. Mesmo que não tenhamos nos visto com frequência nos últimos tempos, o considero, além de professor, um amigo, que tem em mim um sincero admirador de sua inteligência.

Ao professor Luís Carlos dos Passos Martins, pela paciência, compreensão, pelo incentivo acadêmico e por proporcionar minha primeira publicação em um livro. Nos conhecemos desde os primeiros semestres de minha graduação, e mesmo quando a complexidade de algumas matérias poderia tornar indigesto o sabor das aulas, com o professor Luís foram momentos de bastante alegria.

À professora Gislene Monticelli, que é uma pessoa cujo amor ao ofício serve de inspiração a qualquer um que tenha contato com ela, além de ser uma figura muito querida e amável.

Às amigas que fiz durante a pós-graduação, Vitória e Andrelise, pelo apoio e incentivo mútuo que demos uns aos outros, compartilhando nossas dificuldades e incompreensão acerca desse período tão marcante. Ao Everton Pimenta, que apesar da pouca convivência que tivemos é uma grande figura e um grande historiador, que sempre lembra de mim quando encontra referências que possam ser úteis aos meus estudos.

Aos meus pais, Daisy e Ricardo, por todo amor e pelo incentivo de seguir a carreira de historiador. Sei o quanto vocês se esforçam para prover toda a base material para mim e para Rafaela, e mesmo nos momentos mais difíceis das nossas vidas a determinação e a perseverança de vocês venceu todas as dificuldades. Vocês serão sempre o nosso exemplo mais belo!

Aos Predebon: Nanda, Tia Vera e Enzo, por todo amor e incentivo, sem esquecer dos nossos patriarcas, Vô Américo e Vó Miriam, que embora não estejam mais entre nós, foram lembrados constantemente durante a realização desta pesquisa. Aos Soares Santos de Curitiba: Vó Silvira, Lilian, Elisa, Leslie, Zé, Ivo, Otávio, Rafa, Cíntia e nossa pequena Manu, que mesmo distantes estão sempre atentos e me incentivando.

Aos meus amigos queridos, que felizmente são muitos. Gostaria de agradecer a cada um de vocês nominalmente, entretanto, o medo de esquecer de alguém é grande. Assim, agradeço a vocês por todo apoio e por que não por todas as cervejas e festas que aproveitamos juntos!

Ao sempre gentil dr. Athos, pela paciência e pela preocupação que demonstrou comigo nos períodos mais complicados destes últimos tempos.

À minha irmã, Rafaela, com quem vivo, não sei nem o que dizer direito... acho que basta dizer que nas não raras vezes em que eu pensei em deixar a peteca cair ela me segurou e me apoiou para que eu continuasse na luta. Sou muito grato e orgulhoso por ser teu irmão.

*E last but not least*, agradeço ao Pedro, que nos últimos meses tem me apoiado muito e alegrado a minha vida de uma forma que eu ainda não havia conhecido. Muito obrigado!

Uma coisa é certa, Vinicius! A minha luta através da pena, para que deem maiores oportunidades ao negro, é, talvez, a coisa mais sincera de minha vida simples de escritor.<sup>1</sup>

i'd rather learn from one bird how to sing than teach ten thousand stars how not to dance.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Ironides. Carta de apelo a Vinicius de Moraes. **A Marcha**, n. 142, 2 dez. 1955.

<sup>2</sup> e.e. cummings.

## RESUMO

Este estudo objetiva analisar as colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues (1923-1987) para o jornal *A Marcha*, órgão oficial do Partido de Representação Popular, de tendências conservadoras e herdeiro político da Ação Integralista Brasileira, movimento de inspiração fascista da década de 1930. Busca-se compreender, mediante a análise da trajetória do autor, marcada por seu envolvimento no movimento negro, notadamente com o Teatro Experimental do Negro fundado por Abdias Nascimento, a relação entre o integralismo e a questão racial, assim como seu pensamento político e sua fé católica. Com base em suas colunas cinematográficas, busca-se analisar a inserção do autor na crítica cinematográfica, além de tentar compreender seu pensamento político por intermédio de sua sociabilidade com diversos escritores católicos conservadores ligados ao integralismo. Também se analisa o catolicismo presente nas colunas, suas aproximações e seus distanciamentos em relação aos grupos católicos organizados em relação ao cinema, e a presença da questão racial em suas colunas.

**Palavras-chave:** Integralismo. Cinema. Movimento Negro. Catolicismo.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the cinematographic columns that Ironides Rodrigues (1923-1987) wrote for the newspaper *A Marcha*, the official organ of the Partido de Representação Popular, of conservative tendencies and political heir of Ação Integralista Brasileira, fascist inspired movement of the 1930's. It aims to comprehend, through the author's trajectory, marked by his involvement within the Black Movement, mainly the Teatro Experimental do Negro, funded by Abdias Nascimento, the relations between integralism and the racial question, as his political tendencies and catholic faith. Through his cinematographic columns, the study aims to analyze the author's insertion in the cinematographic criticism, Besides the Catholicism that in his columns, its distances and approximations with the organized groups in relation to cinema and the presence of the racial question in his columns.

**Keywords:** Integralism. Cinema. Black Movement. Catholicism.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Associação Brasileira de Cultura
ABCC	Associação Brasileira dos Cronistas Cinematográficos
AIB	Ação Integralista Brasileira
AIPB	Ação Imperial Patrionovista Brasileira
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CADC	Centro Acadêmico da Democracia Cristã
CNBB	Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FNB	Frente Negra Brasileira
LCB	Livraria Clássica Brasileira
OCIC	<i>Office International du Cinema</i>
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDC	Partido Democrata Cristão
PPP	Partido Popular Progressista
PRP	Partido de Representação Popular
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTN	Partido Trabalhista Nacional
SESI	Serviço Social da Indústria
SIC	Serviço de Informações Cinematográficas
TEN	Teatro Experimental do Negro
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UDN	União Democrática Nacional

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 IRONIDES RODRIGUES: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA E DAS FILIAÇÕES INTELECTUAIS.....</b>	<b>17</b>
2.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA TRAJETÓRIA DE IRONIDES RODRIGUES	18
2.2 A TRAJETÓRIA DE IRONIDES RODRIGUES .....	22
2.3 O MOVIMENTO NEGRO.....	33
<b>2.3.1 O Teatro Experimental do Negro .....</b>	<b>39</b>
2.4 O INTEGRALISMO.....	52
<b>3 O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR E O JORNAL <i>A MARCHA</i>.....</b>	<b>60</b>
3.1 O FIM DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E O EXÍLIO DE PLÍNIO SALGADO .....	60
3.2 A AIB E A QUESTÃO RACIAL.....	65
3.3 PLÍNIO SALGADO EM PORTUGAL: A INFLUÊNCIA DE SALAZAR E A GUINADA ESPIRITUALISTA .....	72
3.4 A FORMAÇÃO DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR .....	77
3.5 A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR...	83
3.6 A IMPRENSA DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR.....	92
3.7 O JORNAL <i>A MARCHA</i> .....	97
3.8 A QUESTÃO RACIAL NO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR VERIFICADA NAS PÁGINAS DO JORNAL <i>A MARCHA</i> .....	103
<b>4 AS COLUNAS CINEMATOGRAFICAS DE IRONIDES RODRIGUES PARA <i>A MARCHA</i>.....</b>	<b>110</b>
4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA CINEMATOGRAFICA .....	110
<b>4.1.1 A crítica cinematográfica no Brasil da década de 1950.....</b>	<b>112</b>
<b>4.1.2 A Igreja Católica e o cinema .....</b>	<b>118</b>
<b>4.1.3 A função do crítico .....</b>	<b>121</b>
4.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	125
4.3 A INSERÇÃO DE IRONIDES RODRIGUES NO CAMPO DA CRÍTICA CINEMATOGRAFICA.....	134
<b>4.3.1 A relação de Rodrigues com os demais críticos.....</b>	<b>136</b>
<b>4.3.2 Os cineclubes e as publicações especializadas .....</b>	<b>148</b>
<b>4.3.3 Ironides Rodrigues em outros jornais .....</b>	<b>152</b>

4.4 O PENSAMENTO POLÍTICO DE IRONIDES RODRIGUES.....	159
4.5 AS COLUNAS E O CATOLICISMO.....	165
4.6 AS COLUNAS E A QUESTÃO RACIAL.....	172
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>186</b>
COLUNAS DE IRONIDES.....	191
PERIÓDICOS.....	193
<b>APÊNDICE A – Imagens.....</b>	<b>195</b>

## 1 INTRODUÇÃO

À primeira vista, pela perspectiva contemporânea, causa certa estranheza pensar no envolvimento de militantes negros em movimentos conservadores. Ao pensar em um movimento cuja trajetória é ligada ao fascismo, o espanto provavelmente será maior.

O integralismo se constituiu, primeiramente, como um movimento de massas na década de 1930, materializado pela atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB) (1932-1937). Influenciado pelos fascismos europeus, o movimento teve no nacionalismo e no espiritualismo suas principais bandeiras, arregimentando centenas de milhares de militantes espalhados por todo o Brasil que lutaram para implementar um Estado Integral, extremamente centralizado na figura do Chefe Nacional, Plínio Salgado. Com a extinção da AIB, após o golpe do Estado Novo de Getúlio Vargas, Salgado partiu para o exílio em Portugal. Observando no Estado Novo português de António de Oliveira Salazar um novo modelo para a atuação política do integralismo, seu aspecto espiritualista tornou-se ainda mais acentuado. Após a queda do regime varguista, os integralistas se rearticularam em torno do Partido de Representação Popular (PRP) (1945-1965), reconfigurando a doutrina da década de 1930 para possibilitar sua atuação no novo contexto político democrático. Dessa forma, permaneceram ativos na história política brasileira pelo período de duas décadas, até sua extinção juntamente com os demais partidos, que se deu pelo Ato Institucional n. 2, no contexto da Ditadura Civil-Militar.

Digno de nota em relação à trajetória do integralismo foi a significativa participação de lideranças negras em sua militância. Nomes proeminentes como Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos, na década de 1930, foram ligados ao movimento, muito embora tenham abandonado tais convicções com o passar dos anos. Entretanto, a sociabilidade de tais figuras com outros remanescentes do movimento integralista permaneceu após suas desvinculações ao movimento. Nesse sentido, quando se pensa no integralismo do pós-guerra, a figura de Ironides Rodrigues se sobressai como um dos militantes negros que permaneceu vinculado ao movimento, ou seja, em torno de sua materialização durante o período pós-guerra, o PRP. Ironides Rodrigues (1923-1987) nasceu em Minas Gerais, em uma família desestruturada. Foi para o Rio de Janeiro no início da década de 1940, quando teve contato com o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias Nascimento em 1944. Na instituição, atuou como educador, ministrando um curso de alfabetização para adultos. Colunista cinematográfico do órgão de imprensa oficial do PRP durante as décadas de 1950 e 1960, as colunas de Rodrigues são um espaço destoante no jornal, marcado, principalmente, pelas

alegorias anticomunistas, pelo arraigado espiritualismo presente em suas páginas e por ser laudatório da figura de Plínio Salgado, trabalhando também para a reavaliação permanente da trajetória integralista da década de 1930 e pela defesa do nacionalismo.

Embora o catolicismo tenha sido a principal marca da colaboração de Rodrigues para o periódico integralista, as colunas são notáveis também pelos debates em torno da questão racial ali vinculados. Temas como a denúncia do racismo brasileiro, a avaliação da trajetória do movimento negro brasileiro e a luta pela valorização do artista negro no cinema e no teatro estavam presentes em seus escritos, destoando dos conteúdos mais recorrentes no periódico.

Nesse sentido, inúmeras questões se colocaram a esta pesquisa, principalmente em relação aos objetivos propostos. Primeiramente, como objetivo inicial, havia a preocupação em investigar a trajetória de Ironides Rodrigues no contexto cultural e político brasileiro e analisar suas colunas cinematográficas para o jornal *A Marcha*, com vistas a compreender os motivos pelos quais essas colunas estavam presentes no periódico. Nortearam esta pesquisa questionamentos como: a que propósito essas colunas atendiam? Quais os interesses do jornal em manter aquelas colunas e quais os interesses de Rodrigues em publicar suas análises cinematográficas em um jornal partidário que, apesar da circulação nacional, era lido, principalmente, pelos militantes integralistas? Esse objetivo foi mantido, mas acarretou outras indagações que, inicialmente, não estavam presentes no *script*, para utilizar uma metáfora cinematográfica, da pesquisa. Nesse sentido, houve a preocupação em analisar a relação de Rodrigues com os demais críticos de cinema no campo mais amplo da crítica cinematográfica, entendendo que o colunista utilizava do seu espaço para se alavancar no meio intelectual das décadas de 1950 e 1960, analisando publicações e repercussões dos escritos de Rodrigues em outros círculos que não apenas os vinculados ao integralismo. A questão do envolvimento de diversas lideranças negras com o movimento integralista também levou à análise das relações do movimento negro com o integralismo, buscando analisar como a questão racial era colocada na AIB e no PRP, para tentar compreender o apelo do movimento para atingir essa parcela da população. Ademais, houve o objetivo de investigar a trajetória propriamente dita do autor, para auxiliar na compreensão de suas vinculações políticas, culturais e estéticas.

No que concerne à organização do trabalho, após esta Introdução, no segundo capítulo optou-se, inicialmente, por realizar um breve esboço da trajetória de Rodrigues, esforço justificado pelo fato de o autor ainda ser um nome desconhecido no ambiente acadêmico. Em seus escritos memorialísticos intitulados *Diário de um negro atuante*, textos inseridos na revista *Thoth*, publicada pelo gabinete do então senador Abdias Nascimento, encontram-se diversos subsídios biográficos que muito auxiliaram na compreensão de sua trajetória, sua

militância e suas sociabilidades. Realizou-se uma análise do movimento negro brasileiro, visto que o envolvimento de Rodrigues com a questão racial foi a maior bandeira de sua trajetória. Nesse sentido, destaca-se o papel exercido pela Frente Negra Brasileira (FNB) na década de 1930, cuja orientação nacionalista e autoritária defendida, sobretudo, por Arlindo Veiga dos Santos convergia com os ideais propostos pela Ação Integralista Brasileira, sendo um relevante fator para que se possa compreender a presença de negros no integralismo. Além da análise da FNB, realizou-se um exame a respeito da trajetória do Teatro Experimental do Negro, instituição fundada em 1944 por Abdias Nascimento, em que Rodrigues teve atuação destacada enquanto educador. Em relação ao TEN, cabe destacar que, durante a década de 1940 e 1950, houve a introdução no Brasil das ideias do movimento da *Négritude*, formado por intelectuais de língua francesa da África e do Caribe, que propôs uma tomada de consciência do *ser* negro, assim como uma visão diaspórica de caráter internacionalista. Rodrigues tornou-se um dos mais destacados divulgadores do movimento, tendo traduzido um relevante documento caro ao movimento *Négritude*, o ensaio *Orfeu Negro*, de Jean-Paul Sartre, assim como contribuiu teoricamente para os debates em torno dessas ideias em sua polêmica tese *A estética da negritude*, apresentada no I Congresso do Negro Brasileiro em 1950. Tanto em relação à FNB quanto ao TEN, nota-se a vinculação de várias de suas lideranças ao integralismo. Dessa forma, foi analisado o movimento integralista da década de 1930, ressaltando seus aspectos ideológicos e pontos de contato possíveis com a atuação do movimento negro no período.

Rodrigues escreveu suas colunas de cinema durante oito anos ininterruptos para o jornal *A Marcha*, veículo oficial do PRP, partido que encarnava o integralismo no pós-guerra. Com base nesse contexto, no terceiro capítulo, se faz uma análise da trajetória da agremiação política, ressaltando inicialmente os acontecimentos que o originaram: o fim da AIB após o golpe do Estado Novo e o exílio de Plínio Salgado em Portugal. Julgou-se de elevada relevância investigar tais acontecimentos em virtude de seus impactos na formação e na trajetória do PRP. A reconfiguração da doutrina integralista operada por Salgado em Portugal foi fundamental para a inserção e a manutenção de uma atuação política dos integralistas durante o pós-guerra. Em razão disso, optou-se por investigar a trajetória política do PRP, por vezes desconsiderada em estudos da história política brasileira, mas que teve momentos de relevância em questões tanto regionais quanto nacionais. Da mesma forma, buscou-se analisar como o integralismo, em suas duas fases, lidou com a questão racial, campo de estudo ainda muito nebuloso e sobre o qual as referências são escassas, principalmente em relação ao PRP. Essa análise foi realizada com o objetivo de aprimorar a compreensão do envolvimento de

muitos negros com o integralismo, em que pesem as convergências ideológicas entre a FNB e a AIB não serem o único fator explicativo possível. A análise da imprensa do PRP teve destaque nesse capítulo, pois a imprensa se constituiu no principal instrumento da AIB para a difusão doutrinária e a arregimentação de militantes. Embora com proporções reduzidas, a imprensa desempenhou um papel fundamental na trajetória do PRP, que em seu período de existência editou três jornais, dos quais o mais duradouro foi *A Marcha*, lançado em 1954. A década de 1950 foi marcada por uma renovação técnica e administrativa no que concerne ao jornalismo brasileiro, mediante a influência de ideais norte-americanos nas redações nacionais. Percebe-se, nesse período, o florescimento do jornalismo cultural, que ganhou espaço e relevância nas páginas dos periódicos da época. Nesse sentido, analisa-se *A Marcha* em consonância com as proposições acima citadas, em função de seus aspectos editoriais e do seu conteúdo cultural, significativamente presente ao longo da trajetória do jornal.

No quarto capítulo, parte-se para a análise propriamente dita das colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues. Em relação ao jornalismo cultural, a pesquisa mostrou que a década de 1950, para a crítica de cinema, foi um período de consolidação, legitimação e inúmeros debates, ganhando espaço nos principais jornais. Além da crítica nos jornais, observa-se o surgimento de publicações especializadas que, aliadas à atuação dos cineclubes espalhados por todo o Brasil, dão um fôlego nunca antes visto para a difusão do cinema e dos debates estéticos e políticos a ele relacionados. Com base na metodologia de análise de conteúdo, foi realizado um levantamento quantitativo das colunas de Rodrigues para o jornal *A Marcha*, para compreender suas preocupações mais latentes e para sistematizar o *corpus* de colunas dispostos. Após o levantamento, analisam-se os aspectos mais caros ao crítico, dessa vez de forma qualitativa. Uma das questões que surgiram ao longo da pesquisa foi a relação de Rodrigues com o restante da crítica cinematográfica da época, visto que não é possível compreender a trajetória de um agente dentro de um campo sem que se analise os demais agentes desse campo. Isso posto, inicialmente havia a percepção de que Rodrigues, por estar vinculado a um jornal partidário – um partido que não constava entre os maiores de sua época –, ficava “isolado” nos círculos de militantes perrepeistas, não alcançando seus escritos repercussão fora desses meios. A investigação demonstrou, porém, que a percepção inicial estava bastante equivocada: a inserção de Rodrigues no campo da crítica cinematográfica foi inegável, e seus escritos eram lidos por pessoas não vinculadas ao integralismo. Ademais, se buscou analisar o catolicismo presente nas colunas do crítico – elemento de convergência entre suas análises e a orientação doutrinária do PRP –, também vinculado à sociabilidade que o crítico manteve com intelectuais conservadores próximos do

integralismo, como Otávio de Faria e Tasso da Silveira. Há que se ressaltar que mesmo no que concerne ao catolicismo, suas posições nem sempre estavam consoantes à linha partidária ou aos grupos católicos organizados em relação ao cinema. Por fim, faz-se uma análise no tocante à presença da questão racial nas contribuições de Rodrigues para *A Marcha*, com o objetivo de examinar como o colunista tratava desses temas no jornal oficial do integralismo do pós-guerra, por meio da valorização do artista negro, da trajetória do movimento negro brasileiro e da denúncia do racismo em suas colunas.

Embasado em conceitos como *campo*, *trajetória* e *cultura política*, este trabalho visa lançar luz a aspectos ainda pouco explorados na historiografia brasileira, como a relação do movimento negro com o integralismo; além de investigar a trajetória de um intelectual ainda amplamente desconhecido, mas que imprimiu sua marca nos ambientes pelos quais passou, seja o movimento negro, o integralismo ou a crítica cinematográfica brasileira.

## 2 IRONIDES RODRIGUES: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA E DAS FILIAÇÕES INTELLECTUAIS

Ironides Rodrigues foi escritor, militante, tradutor, educador, dramaturgo, crítico literário e cinematográfico. Aprender a trajetória de alguém tão multifacetado não é uma tarefa simples, tampouco é a pretensão deste trabalho. Ao analisar sua atuação enquanto crítico cinematográfico do jornal *A Marcha*, entretanto, há que se tentar compreender sua formação e suas filiações intelectuais prévias, para tratar com mais segurança do indivíduo que, por oito anos, manteve um espaço destacado num periódico partidário sob a orientação de Plínio Salgado, antigo líder da AIB, agremiação política de cunho fascista da década de 1930.

Apesar das diversas atuações supracitadas, é notável que Ironides Rodrigues seja um nome ainda amplamente desconhecido, mesmo no meio acadêmico. Na pesquisa desenvolvida em 2015, não foram encontradas referências acadêmicas significativas acerca da trajetória do autor. Alguns trabalhos o citam muito brevemente, sem se deterem sobre sua atuação com profundidade. Cabe destacar que todas as referências encontradas sobre Rodrigues tratam de seu envolvimento com o TEN, especialmente enquanto educador nessa instituição, não havendo menção à sua ligação com o integralismo ou Plínio Salgado. A exceção é o trabalho inicial *As colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues para o jornal A Marcha (1956-1957)*.<sup>3</sup> Dentre os trabalhos que analisam demais aspectos da trajetória de Rodrigues, vale citar a dissertação de mestrado de Gilca Ribeiro dos Santos<sup>4</sup>, defendida na Universidade Federal de Uberlândia. Este foi o único trabalho acadêmico de pós-graduação que alude explicitamente ao autor em seu título, assim como trata sua trajetória com algum detalhamento. Entretanto, cabe ressaltar que seu foco está, principalmente, em analisar as contribuições pedagógicas que o autor desenvolveu no TEN.

Existem, todavia, alguns artigos que são relevantes para a compreensão de aspectos da atuação de Rodrigues no movimento negro, como *O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações*, de Muryatan Santana Barbosa.<sup>5</sup> Outro artigo que merece destaque é

<sup>3</sup> PREDEBON, Gabriel Soares. **As colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues n'A Marcha (1956-1957)**. 2015. Monografia (Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

<sup>4</sup> SANTOS, Gilca Ribeiro dos. **O pensamento educacional de Francisco Lucrécio e Ironides Rodrigues**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

<sup>5</sup> BARBOSA, Muryatan Santana. O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, p. 171-184, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000100011>.

*Educação, instrução e alfabetização de adultos negros no Teatro Experimental do Negro*, de Jeruse Romão<sup>6</sup>, que é inclusive dedicado à memória de Rodrigues.

## 2.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA TRAJETÓRIA DE IRONIDES RODRIGUES

Feitas essas breves considerações, dá-se agora um grau maior de atenção sobre a trajetória e a formação de Rodrigues. Primeiramente, há que ser feita a ressalva de que a grande maioria das informações referentes à biografia de Rodrigues é fruto da própria pena do autor, que deixou escritos de cunho autobiográfico com o título de *Diário de um negro atuante*.<sup>7</sup> Esses escritos não foram publicados em sua integridade, embora três excertos significativos tenham sido reproduzidos na revista *Thoth*, editada pelo gabinete do então senador Abdias Nascimento.<sup>8</sup> Rodrigues aí discorre sobre diversos aspectos de sua trajetória, dedicando atenção especial ao seu engajamento em prol da questão racial no Brasil, como aludido no próprio título. Embora o texto apresente grandes lacunas a respeito de pontos-chave de sua trajetória, é uma fonte de elevada relevância para que se possa compreender suas escolhas e seus posicionamentos. Cabe ressaltar que seu *Diário* não segue uma ordem cronológica, mesclando dados autobiográficos, longas impressões do autor a respeito de diretores de cinema e escritores e observações sobre o cotidiano dos lugares em que viveu, com carregado acento memorialístico:

Claro que este diário ou caderno sai assim desordenado, desconexo, como a oscilação emocional de nossas vidas. Os episódios não seguem uma cronologia precisa, e sim acompanham a instabilidade de inspiração do autor. As imagens se sucedem e se confundem, como nas figuras coloridas e emaranhadamente dispostas de um caleidoscópio.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> ROMÃO, Jeruse. Educação, instrução e alfabetização no Teatro Experimental do Negro. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

<sup>7</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 3, p. 133-160, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-3.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018; *Id.* Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018; *Id.* Diário de um negro atuante (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 4, p. 121-145, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-4.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>8</sup> Abdias Nascimento (1914-2011) foi dramaturgo, artista plástico, político e destacado militante pelos direitos civis dos negros, tendo sido o idealizador do Teatro Experimental do Negro. Sua trajetória será abordada com mais detalhamento ao longo deste capítulo.

<sup>9</sup> *Id.* Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975), *op. cit.*, p. 224.

Trabalhar com escritos de teor autobiográfico demanda algumas precauções teórico-metodológicas para que não se caia no que Pierre Bourdieu<sup>10</sup> define como “ilusão biográfica”. É preciso ressaltar que, ao contrário do que o senso comum apregoa, não há um percurso cronológico e lógico dos acontecimentos na vida de alguém. Para o sociólogo francês, aceitar a premissa da vida de uma pessoa como um “deslocamento linear” é compactuar, mesmo que implicitamente, com uma filosofia da história como sucessão de acontecimentos, uma história metódica e *évènementielle*. Como os eventos não seguem uma linearidade e não há relações de causalidade explícitas, são as próprias pessoas que ao tratar de suas vidas concatenam os acontecimentos, dando-lhes causas e sentidos.<sup>11</sup> Aceitar a vida como uma história “[...] talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar”<sup>12</sup>; e é isso o que o autor chama de “ilusão biográfica”:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.<sup>13</sup>

Bourdieu<sup>14</sup> aponta que se deve dar atenção à questão dos “mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e totalidade”, definindo os acontecimentos biográficos como “colocações e deslocamentos” no espaço social. Para o sociólogo, é no conceito de *habitus* que se encontra “o princípio ativo, irredutível às percepções passivas, da unificação das práticas e representações”. O *habitus*, portanto, é definido como:

Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente “reguladas” sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro.<sup>15</sup>

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>11</sup> *Ibid.*

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 185.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 189.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 186.

<sup>15</sup> BOURDIEU *apud* ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Perspectiva, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). p. 15.

Para combater a ideia de uma vida linear e direcionada, Bourdieu<sup>16</sup> traz o conceito de *trajetória* “como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”. O sociólogo francês faz a ressalva de que uma trajetória não pode ser compreendida

sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo na qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.<sup>17</sup>

Ainda de acordo com o autor, o caráter estatístico que se estabelece na relação entre o capital de origem e o capital de chegada faz com que seja impossível dar conta das práticas em função das propriedades que definem uma posição ocupada: o que implica que alguns indivíduos com o mesmo volume de capital na origem possam desviar-se da trajetória presumida da classe de que provieram, de maneira ascendente ou descendente. Sobre esse efeito de *trajetória individual*, cabe destacar que a correlação entre uma prática e uma origem social é resultante do *efeito de inculcação* exercido pela família e pelo *efeito de trajetória social* propriamente dita, o que pode demonstrar que indivíduos oriundos da mesma família possam ter posições divergentes em matéria de política ou religião.<sup>18</sup>

Dentre as dificuldades que se apresentam no tocante ao *Diário*, ou melhor, aos *Diários* de Rodrigues, o que chama a atenção é que cada um dos três excertos publicados está organizado de uma forma distinta. Além disso, destaca-se o fato de que não se sabe exatamente quando os textos foram escritos. Embora tenham sido publicados em 1997 e 1998, após a morte do autor, não há neles indício do período de sua escrita. Em relação aos diários que trazem datas no título, resta a dúvida se foram realmente escritos naqueles anos ou trazem informações a respeito desses anos, embora escritos em data posterior. O primeiro deles é intitulado simplesmente *Diário de um negro atuante*, tendo sido publicado no n. 3 da revista *Thoth*, de setembro de 1997. É muito provável que esse texto tenha sido escrito durante a década de 1980, pois o autor menciona brevemente o caso da Polônia: “Todo um povo se

---

<sup>16</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 189.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 190.

<sup>18</sup> *Ibid.*

levantando contra a opressão de um regime forte e sem esperança”.<sup>19</sup> Tudo leva a crer que a passagem trate do sindicato Solidariedade.<sup>20</sup> O texto é dividido em seções de extensão variável que têm por título datas, a começar pelo dia 7 de setembro, aniversário de Rodrigues. Nele, não se encontra passagens autobiográficas em sentido clássico, sendo majoritariamente composto por relatos algo pitorescos sobre o subúrbio de Bento Ribeiro, onde viveu a maior parte de sua vida, aliado a uma longa análise sobre cineastas franceses de sua predileção. De forma geral, as referências literárias e artísticas estão imbricadas nas mais diversas passagens em que o autor se debruça. Nesse excerto também se encontra um Ironides Rodrigues talvez mais introspectivo, notadamente em relação às inúmeras referências à homossexualidade ali colocadas: o autor toca no tema ao falar de sua vizinhança, assim como ao analisar a obra do cineasta francês Jean Cocteau e do escritor João do Rio, além de comentar o provável relacionamento com um rapaz de nome Henrique.

O segundo excerto, *Diário de um negro atuante 1974-1975*<sup>21</sup>, chama a atenção pelas informações que o autor dispõe acerca do início de sua vida no Rio de Janeiro e sobre sua educação. Conta Ironides que estudara em dois colégios da elite carioca, detalhando as memórias sobre os diversos professores que teve (dentre os quais se destaca Manuel Bandeira), assim como o racismo presente nas altas rodas cariocas da época e as dificuldades em se manter ao entrar na faculdade de Direito. Outra questão relevante desse texto é a relação de amizade que Rodrigues afirma ter mantido com vultos da política e da literatura à época, o que denota que se encontrava inserido em uma ampla rede intelectual.

O último excerto, nomeado *Diário de um negro atuante 1º livro: 1974-1975 (2ª parte)*<sup>22</sup>, é o que contém mais informações no sentido de uma autobiografia propriamente dita. Nesse texto, embora se encontre uma vasta gama de referências eruditas, Rodrigues traz detalhes relativos à sua infância, à sua atuação no Teatro Experimental do Negro, à sua relação com Plínio Salgado e o jornal *A Marcha*, assim como sua amizade com intelectuais e seu trabalho como funcionário público.

<sup>19</sup> RODRIGUES, Ironides. *Diário de um negro atuante. THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes*, Brasília, v. 3, p. 133-160, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-3.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 157.

<sup>20</sup> Surgido na Polônia em 1980, o sindicato Solidariedade, lutando por representação através de sua política de autolimitação, foi fundamental para a democratização gradual do regime comunista polonês e seus métodos serviram de modelo para outros países do Bloco Soviético à época. Para mais informações, consultar Skórzyński (2010).

<sup>21</sup> *Id.* *Diário de um negro atuante (1974-1975). THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes*, Brasília, v. 4, p. 121-145, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-4.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>22</sup> *Id.* *Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes*, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

A intenção, ao analisar esses escritos, não é escrever uma biografia de Rodrigues. É, antes disso, uma tentativa de conhecer melhor o autor para compreender suas filiações intelectuais e suas relações, para que se tenha um retrato mais completo do crítico cinematográfico de *A Marcha*. Há de se ressaltar que os textos não serão analisados de forma separada, optando por fazer uma espécie de colagem para melhor dar sentido à trajetória do autor.

## 2.2 A TRAJETÓRIA DE IRONIDES RODRIGUES

Ironides Rodrigues nasceu no dia 7 de setembro de 1923, na cidade de São Pedro de Uberabinha (atual Uberlândia), Triângulo Mineiro. Filho de Augusto e Maria Rita, o autor que teve dois irmãos: Almiro e José, este último morto ainda em tenra idade. Após o abandono do lar por parte de seu pai, sua mãe criou os dois filhos trabalhando como doméstica e lavadeira. Como não conseguira se reerguer após a ausência do pai, encontrou consolo no álcool. Com certa dose de orgulho, lembra que seu pai fora motorista, profissão incomum na década de 1920. Apesar dos eventos traumáticos que cercam sua infância e sua família, Rodrigues lembra com alegria dos dias passados em Minas, tecendo comentários saudosos sobre as festas e os tipos da cidade, assim como das inúmeras cerimônias religiosas. Com um pouco de melancolia, afirma: “Todas essas figuras populares viveram, sofreram e sentiram, na época de minha infância e depois se despediram desta vida para uma outra que não temos uma ideia do que seja...”<sup>23</sup>

Em seguida, Rodrigues<sup>24</sup> afirma que sua educação começara cedo, no Grupo Escolar Bueno Brandão, para depois rememorar os eventos políticos turbulentos de sua infância, como a Revolução de 1930, e seus efeitos sobre sua cidade e comunidade. Embora manifeste simpatia pela revolução, suas lembranças vão mais no sentido da agitação que tomou conta da cidade, de canções políticas e dos soldados que ali permaneceram.

Ainda ao comentar eventos históricos transcorridos na década de 1920, Rodrigues<sup>25</sup> faz a primeira menção a Plínio Salgado em seu *Diário*, destacando sua obra literária: “Plínio Salgado, em *O cavaleiro de Itararé*, e Rosalina Coelho Lisboa, em *A seara de Caim*, comprovam o espírito autoritário dos presidentes civis Eptácio Pessoa, Artur Bernardes e

---

<sup>23</sup> RODRIGUES, Ironides. *Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975)*. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 199.

<sup>24</sup> *Ibid.*

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 206.

Washington Luís [...]”. A menção a Lisboa demonstra o conhecimento de Rodrigues acerca dos temas e personagens caros ao integralismo, pois a autora, além de romancista e militante pela igualdade de gênero, foi correspondente de longa data de Plínio Salgado, além de ter servido como uma espécie de mediadora entre este e Getúlio Vargas no período inicial do Estado Novo.<sup>26</sup>

É curioso notar que a militância antirracista de Rodrigues começa cedo, em sua infância. O autor informa sua relação com Chico Pinto, irmão de Grande Otelo, com quem havia montado um “jornalzinho” chamado *A Raça*, “em que debatíamos que a única esperança para tirar o negro da miséria econômica e cultural em que ele está mergulhado é a educação”.<sup>27</sup> Consta ainda que Chico Pinto havia montado um teatro negro na cidade, o que causou perplexidade na sociedade à época. Antônio Pereira, do jornal *Correio de Uberlândia*, em coluna datada de 10 de julho de 2016, também menciona o teatro montado por Chico Pinto na cidade em 1937.<sup>28</sup>

Rodrigues<sup>29</sup> faz alusão à Dona Sinhá de Abreu, provavelmente proprietária do Hotel do Comércio e quem ele afirma ter sido sua mãe de criação. Embora essa seja a única referência à senhora Abreu, há grande possibilidade que a presença de uma “mãe de criação”, provavelmente dona de um hotel na cidade, tenha dado melhores condições de subsistência para o rapaz.

Não se sabe com exatidão quando se deu a mudança de Uberlândia para o Rio de Janeiro. A informação que se tem é que ocorreu no início da década de 1940, e o motivo foi a intenção de Rodrigues de cursar o preparatório para o vestibular da faculdade de Direito. Sobre seus primeiros tempos no Rio de Janeiro, comenta:

Quando o dinheiro acabava e eu não podia pagar a pensão e a hospedaria, ia dormir nos barcos que ficavam guardados sob uma espécie de marquises do Pavilhão Mourisco. Eram locais indevassados da polícia que os malandros ou gatunos de Botafogo procuravam para descansar de suas peripécias diurnas. Quando a chuva caía inclemente sobre a cidade indiferente, o jeito era dormir no bonde até o ponto final, quando não tinha que disputar minha canoa-leito com algum marginal mal-encarado.<sup>30</sup>

<sup>26</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

<sup>27</sup> RODRIGUES, Ironides. **Diário de um negro atuante (1974-1975)**. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 4, p. 121-145, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-4.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 144.

<sup>28</sup> PEREIRA, Antônio. O teatro. **Correio de Uberlândia**, 10 jul. 2016.

<sup>29</sup> RODRIGUES, *op. cit.*

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 127.

Rodrigues conta que foi ali que iniciou suas atividades de educador: enquanto fazia suas atividades domésticas, observava a filha da dona da pensão, que realizava a tradução de um texto em francês como lição de casa. Com dificuldades, a menina perguntou à mãe o significado das palavras “bossu” e “lointan”, que a locatária desconhecia. Rodrigues<sup>31</sup> interveio: “respondi, ao tirar a poeira da mesa dos quadros e portas. *Bossu* se traduz corcunda e *lointain* é distante, longe, longínquo”. A senhora, espantada com o conhecimento do rapaz, o dispensou dos serviços domésticos, contratando-o como professor particular de sua filha e dos outros estudantes que moravam na pensão.

Nesse episódio, Rodrigues<sup>32</sup> traz alguns pontos relevantes sobre sua educação: cursara o ginásio em sua Uberlândia natal e estudava para prestar o vestibular no Colégio Universitário, “estabelecimento renomado que ficava na Praia Vermelha e que competia com o Colégio Pedro II no gabarito dos professores, no ensino esmerado e na afluência dos alunos das melhores famílias da cidade”. A situação de Rodrigues é algo paradoxal: mesmo tendo que realizar biscates para garantir a sua subsistência, estudou em uma instituição de ensino da elite à época, muito provavelmente com o auxílio de uma bolsa. O autor discorre longamente sobre seus mestres no Colégio Universitário, lembrando-se das aulas de literatura e latim. Um ano após o ingresso de Rodrigues na instituição, ela foi fechada, e os alunos foram transferidos para o Colégio Pedro II, outro colégio da elite e que continua em operação. No Colégio Pedro II, Rodrigues faz outra longa digressão acerca de seus professores e de seus métodos de ensino. Muitos desses professores são figuras intelectualmente notáveis, como Manuel Bandeira e Álvaro Lins, que lecionavam literatura, e Nelson Romero, filho de Sílvio Romero, que era professor de filosofia. Em seus tempos de estudante, Rodrigues<sup>33</sup> tem contato com o racismo:

Tenho o preconceito racial na carne. Lembro-me de que certa vez soube, já no fim de meu curso ginásio, que certo professor teve que imiscuir-se na eleição para orador da turma, impedindo-me que fosse eleito, para que a cidade, “com a minha eleição, não pensasse que só um negro tinha competência para falar em nome de seus colegas de turma”.

Após passar no vestibular para a Faculdade Nacional de Direito, Rodrigues lamenta que, em função dos horários das aulas, teve que se manter afastado do curso por longos

---

<sup>31</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 4, p. 121-145, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-4.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 127.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 127.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 144.

períodos, para que pudesse trabalhar. Ganhava seu sustento como professor, preparando alunos que, como ele, queriam entrar na faculdade de Direito. Graças aos cursos que frequentara nos colégios, lecionou várias disciplinas, como Francês, Literatura, História da Filosofia e Sociologia: “Estudei tanto essas disciplinas que acabei por lhes conhecer o mais íntimo conteúdo, pois os cursos que consegui fazer deram-me uma ampla visão de cultura geral que muito me ajudou no meu ganha-pão cotidiano”.<sup>34</sup> Com essas dificuldades, se formaria apenas em 1974, trinta anos depois de seu ingresso na Faculdade. O autor comenta que, nos tempos da Faculdade, colaborara com o jornal *O Combate*, do futuro deputado goiano Anísio Rocha, que lhe apresentou o médico e escritor católico Jorge de Lima. Quando de sua formatura, afirma:

O título de advogado e bacharel em Direito, que consegui em 1974, é um motivo de minha exultação, um fato grandioso e eloquente de minha existência apagada. Farei deste diploma um galardão para melhor defender os negros, o operariado espoliado pela máquina capitalista e burguesa, para estar ao lado de todas as minorias oprimidas, como os gays marginalizados e as prostitutas tão perseguidas, sem esquecer o índio brasileiro [...].<sup>35</sup>

Afora as questões propriamente estudantis, Rodrigues conta que o Rio de Janeiro do início da década de 1940 é um Rio “pleno de transformações cosmopolitas”. Destaca a atuação da União Nacional dos Estudantes na pressão que fez para que o Estado Novo rompesse com as potências do Eixo, principalmente por intermédio da revista *O Movimento*. A revista continuou uma campanha crítica do regime iniciada pelo advogado católico Sobral Pinto, que havia sido silenciado por Cassiano Ricardo, então diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e importante figura no modernismo literário à direita no espectro político, ao lado de Plínio Salgado e Menotti del Picchia, em torno do grupo *Verde-Amarelo*, fortemente influenciado pelo contexto de ascensão dos nacionalismos europeus.<sup>36</sup> Rodrigues afirma que colaborara com *O Movimento*, onde conheceu o compositor Bororó, que se tornaria um amigo próximo.<sup>37</sup>

<sup>34</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 4, p. 121-145, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-4.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 138.

<sup>35</sup> *Id.* Diário de um negro atuante. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 3, p. 133-160, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-3.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 135.

<sup>36</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

<sup>37</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

Bororó é Alberto de Castro Simões da Silva<sup>38</sup> (1898-1986), compositor, escritor e funcionário do Ministério da Justiça. Boêmio, teve canções gravadas por Elis Regina, Ney Matogrosso e João Gilberto, entre outros. A amizade com o compositor se mostra quando Rodrigues<sup>39</sup> afirma que “quase todos os livros de Bororó eu tive a honra de manuseá-los, antes deles serem mimeografados”. Em todos os excertos do *Diário* de Rodrigues, encontram-se referências a Bororó. A relevância da amizade dos dois pode ser atestada pelo fato de o compositor ter sido algo como um *mentor* de Rodrigues:

Minha vida está tão intimamente ligada à do Bororó que sempre que alguém me vê sozinho pergunta: “Como vai o Bororó?” O mesmo acontece com o grande chorão de “Da cor do pecado”. Muitos vultos notáveis com que travei conhecimento em minha vida atribulada, foi graças a Bororó que pude privar de sua convivência.<sup>40</sup>

Pode-se inferir que ao apresentar a Rodrigues diversas figuras do meio intelectual à época, o compositor acaba por inseri-lo em uma rede de sociabilidade intelectual. De acordo com Sirinelli<sup>41</sup>, as redes de sociabilidade intelectuais são importantes, pois nelas se entrecruzam o ideológico e o afetivo, criando um “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular. Entre os intelectuais que mantiveram relação com Rodrigues (nem todos por intermédio de Bororó), citam-se os escritores Jorge de Lima (a quem, como citado acima, tomou conhecimento por intermédio de Anísio Rocha), Octávio de Faria e Tasso da Silveira. Os três foram notáveis escritores católicos, sendo o penúltimo ligado à crítica cinematográfica, e o último, ao integralismo.

O início da década de 1940 é notável na trajetória do autor em função de seu engajamento no Teatro Experimental do Negro, fundado em 1944 por Abdias Nascimento e do qual Rodrigues participara desde seus primeiros estágios. Seu começo na militância negra organizada é lembrado nesta passagem:

Foi a minha pugna para a libertação social e econômica do negro, por assim dizer, feita lá na província, com uma turma de negros decididos e idealistas que sentiam, como um espinho picando-lhes a alma, toda a segregação do mundo dos brancos racistas. Não tinha ideia desse movimento em conjunto num plano de luta total pelo

<sup>38</sup> Para conhecer mais detalhes acerca de Bororó, há um verbete a ele dedicado no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, que está disponível em: <http://dicionariompb.com.br/bororo/dados-artisticos>.

<sup>39</sup> RODRIGUES, Ironides. *Diário de um negro atuante. THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes*, Brasília, v. 3, p. 133-160, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-3.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 154.

<sup>40</sup> *Id.* *Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes*, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 219.

<sup>41</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 2003.

Brasil afora. Só em contato com um negro de gênio como Aguinaldo Camargo é que tive a ventura de penetrar num reduto em que um pugilo de crioulos rebeldes e indomáveis mostrava o que era brigar de gato por uma ideia aliada a um forte contingente cultural e espiritual que era o Teatro Experimental do Negro.<sup>42</sup>

O Teatro Experimental do Negro será tratado com mais detalhamento na próxima seção. Entretanto, convém destacar seu envolvimento com a instituição como um dos eventos mais notáveis de sua trajetória, estando ligado a ela e a Abdias Nascimento praticamente durante toda a sua vida (não esquecendo que os excertos dos *Diários* foram publicados pelo gabinete do então senador Nascimento). Notadamente, Rodrigues ministrou um curso de alfabetização com vistas à preparação de atores, que se notabilizaria pelo sucesso. Além da alfabetização propriamente dita, Rodrigues ministrou “noções” de Aritmética, História do Teatro, História Universal e Educação Moral e Cívica, “tudo entremeado com lições sobre o folclore afro-brasileiro e as façanhas e lendas dos maiores vultos da nossa raça”.<sup>43</sup> Apesar das instalações rudimentares onde se ministravam esses cursos, Abdias Nascimento contabiliza que mais de 600 pessoas deles participaram.<sup>44</sup>

Ainda sobre o Teatro Experimental do Negro, o autor pontua que “O Brasil deve a Abdias Nascimento ter provado que o negro podia fazer, no teatro, qualquer papel com dignidade e talento, desde que o personagem não ofendesse a sua condição de negro decente e progressista diante da vida”.<sup>45</sup> Destaca a peça *Sortilégio*, de autoria de Abdias, que, segundo Rodrigues, teria sido o ápice do TEN. Quanto ao artista negro, Rodrigues faz uma reflexão sobre aqueles que não estiveram envolvidos em um projeto organizado, como o TEN, trazendo nomes como De Chocolate (a quem dedicaria uma coluna em *A Marcha* por ocasião de seu falecimento) e Grande Otelo. Relembra também a influência da Companhia Negra de Revistas, na década de 1920.

Cronologicamente, na vida de Ironides Rodrigues, o período posterior ao seu envolvimento com o TEN é aquele em que ingressa como crítico de cinema no jornal *A Marcha*, vinculado ao Partido de Representação Popular, conservador e herdeiro político da extinta Ação Integralista Brasileira. Em seu *Diário*, Rodrigues não alude explicitamente as suas ocupações antes da colaboração no periódico, de forma que se pode inferir que à época

<sup>42</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 207.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 208.

<sup>44</sup> NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 231.

trabalhava como professor. Em relação à sua atuação jornalística, foram encontradas algumas menções no seu *Diário*:

Por mais de quinze anos convivi com Plínio Salgado em *A Marcha*, jornal de espírito doutrinário e político que saía todas as quintas-feiras no Rio. Era impresso nas oficinas do *Diário Carioca*, na Avenida Rio Branco, e por isso eu tinha de levar minhas críticas literárias e de cinema às segundas-feiras. Indo até as oficinas do *Diário*, encontrava-me com Gumercindo Dórea, redator de *A Marcha* [...].<sup>46</sup>

Rodrigues<sup>47</sup> tece diversos elogios ao líder integralista e sua esposa, Carmela, lamentando, segundo ele, a injusta reputação do chefe dos camisas-verdes. Lembra de um episódio em que Salgado o havia defendido de críticas após ter criticado um livro sobre Monteiro Lobato:

Quando ataquei um padre baiano que escrevera um livro sectário sobre a literatura infantil de Monteiro Lobato, recebi cartas desaforadas, de várias partes do Brasil, em defesa do sacerdote atrabiliário. Plínio Salgado me defendeu, dizendo que os erros de visão estética de Monteiro Lobato eram bem de seu tempo [...].

Essa passagem demonstra que Rodrigues, mesmo tendo frequentado escolas de elite e a universidade, incorreu no risco de apropriação ilegítima de capital cultural, tendo que contar com o auxílio de Plínio Salgado para assegurar sua posição no campo cultural.

Ademais, menciona sua colaboração no *Correio da Manhã*, em que fazia cotações de filmes e conheceu vultos da literatura brasileira, como Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade. Sobre o *Correio da Manhã*, lembra do crítico Muniz Viana, a quem faz diversos elogios, e Van Jafa, crítico teatral que fora seu amigo de longa data.

Embora não revele como se deu seu contato com o integralismo ou Plínio Salgado, nota-se que diversas personalidades do movimento negro foram ligadas ao integralismo, notadamente Abdias Nascimento.<sup>48</sup> Além disso, a própria relação de amizade que existiu entre Rodrigues e Tasso da Silveira, poeta integralista, pode ter sido um elemento de aproximação entre o autor e *A Marcha*. Cabe destacar uma citação de um encontro entre os dois:

Relembrou Jackson de Figueiredo e aquela intransigência sua em face da atividade dos ateus e dos incrédulos. Eu o ouvia calado e pensativo, pensando na plenitude de, por acaso, ter conhecido Jackson, discutido com o pensador sergipano todo o seu

<sup>46</sup> NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 241.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 242.

<sup>48</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

catolicismo à Joseph de Maistre e Charles Maurras, com um discutível conceito de autoridade governamental que se parece, assim, com um Estado fascista, ou melhor, corporativo. Dessas ideias de Estado forte, partimos para o integralismo lusitano de Antonio Sardinha e para o integralismo tão nacionalista de Plínio Salgado, palpitante de brasilidade e heroísmo em *O estrangeiro, O cavaleiro de Itararé* e naquela cartilha de civismo que ele escreveu para a juventude pátria, *Geografia sentimental*.<sup>49</sup>

É de alta relevância o conhecimento do autor sobre temas como integralismo lusitano e os pensadores reacionários franceses, como Maistre e Maurras. Este último foi o idealizador da *Action Française*, movimento de extrema direita que teve grande influência sobre Francisco Rolão Preto, figura de grande destaque do Integralismo Lusitano.<sup>50</sup> Gonçalves<sup>51</sup> aponta a influência do movimento português no pensamento de Plínio Salgado. Rodrigues, através de suas leituras e relações pessoais, está inserido em redes de sociabilidade conservadoras em uma cultura política conservadora, o que pode indicar sua opção pelo integralismo, ainda que não filiado. Em relação à cultura política, convém situar o conceito como:

Conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro [...]. Dessa maneira, com base em enfoque em sentido amplo, representações que configuram um conjunto que inclui ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia, e mobilizam, portanto, mitos, símbolos, discursos, vocabulários e uma rica cultura visual (cartazes, emblemas, caricaturas, cinema, fotografia, bandeiras etc.).<sup>52</sup>

A primeira contribuição assinada de Rodrigues em *A Marcha* data de maio de 1954 (embora existam escritos anteriores e não assinados, que, ao julgar pelo estilo, podem ser frutos da pena de Rodrigues). O ano de 1954 é aquele em que o autor começa a trabalhar no Ministério do Trabalho, embora em seu *Diário* não explicita a função que exerceu. À época de sua morte, não se sabe se Rodrigues estava aposentado ou ainda na ativa. Embora esse emprego, provavelmente, lhe desse estabilidade e segurança financeira, definitivamente não lhe agradava o exercício do serviço público:

<sup>49</sup> RODRIGUES, Ironides. *Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975)*. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 240.

<sup>50</sup> PINTO, António Costa. **Os camisas azuis: Rolão Preto e o fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

<sup>51</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

<sup>52</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 21.

Ser funcionário público desde 1954 e por mais de vinte anos ver tantas injustiças, com tantas promoções imerecidas e afrontosas. Ser funcionário público e, após tantos sonhos desmoronados, não confiar nas promessas de quem quer que seja. Ser funcionário público e olhar tantos sobreiros anônimos esperando um salário melhor que não vem, afrontando a fome e os empréstimos onerosos, com agiotas sem almas, que lhe roubam o último ceítel de um ordenado que mal dá pra saciar a miséria rondante. Poderão citar o exemplo de Machado de Assis, que foi funcionário público exemplar, que amava tanto a sua repartição [...]. Mas isso já é um caso de doente congênito ou de doença patológica.<sup>53</sup>

Um detalhe na citação acima que merece destaque é a citação de Rodrigues a Machado de Assis, escritor negro e fundador da Academia Brasileira de Letras. A sua visão sobre Machado pode ser conferida na sua *Introdução à literatura afro-brasileira*<sup>54</sup>, em que tece cáustica crítica ao escritor carioca, afirmando que:

Exprimia-se como um escritor branco que não sentisse o mínimo de sangue negro correndo em seu coração. É o patrono da Academia Brasileira de Letras, numa prova de sua branquitude de inspiração, ficando à margem e pouco se preocupando com movimentos sociais do seu tempo, como a Abolição e a República.<sup>55</sup>

O ranço com o patrono da Academia é colocado em contraposição à obra de Lima Barreto, a quem Rodrigues muito admirava por sua opção temática de fundo social e popular, ao contrário de Machado, que, para Rodrigues, escrevia de maneira monotemática sobre a burguesia do Império.

Outras questões que parecem relevantes para a compreensão da trajetória de Rodrigues aparecem nos diários. A questão religiosa é latente em todos os excertos, embora seja tratada com menos fervor do que em suas colunas cinematográficas, como se verá adiante. Ao comentar a atuação de líderes negros norte-americanos, como Malcolm X e Martin Luther King, o católico Rodrigues aproveita o ensejo para criticar o protestantismo:

Sempre achei o protestantismo um meio poderoso para escravizar o negro e mantê-lo calado e apático, pois até dentro das igrejas evangélicas e presbiterianas há lugares segregados para brancos e negros, como se deu nos templos batistas ou protestantes dos nossos antigos colonizadores holandeses... Nesse ponto, o catolicismo foi mais benéfico entre nós, pois não destruiu o reduto de cultura africana de nossos negros, aceitando as religiões e cultos dos sudaneses e bantos,

<sup>53</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 244.

<sup>54</sup> *Id.* Introdução à literatura afro-brasileira. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 255-266, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 258.

havendo uma mescla dos santos da Igreja com os deuses africanos, na melhor e maior aglutinação cultural [...].<sup>56</sup>

A crítica ao protestantismo e seus efeitos sobre os negros norte-americanos é levada a cabo nas páginas seguintes, em que afirma que mesmo a poesia do negro brasileiro é superior à do negro norte-americano, cujos escritos estariam presos numa rigidez salmista de cunho protestante. Os elogios à Igreja Católica, embora com a ressalva do racismo presente em certas irmandades, não param por aí, exaltando Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil: “Aparecida é negra retinta, mas isso não a impediu de ser padroeira deste colosso sul-americano”.<sup>57</sup>

Além de Nossa Senhora Aparecida, Rodrigues concilia a questão racial e religiosa ao tratar do seu projeto de biografia de D. Silvério Gomes Pimenta, o arcebispo negro de Mariana, tecendo muitos elogios à figura do religioso. Para Rodrigues, a vida de D. Silvério é um exemplo cabal de que o negro pode atingir uma trajetória ascendente, apesar de todas as dificuldades. Por fim, termina essa reflexão sobre raça e religião afirmando que “O negro brasileiro é muito mais inteligente, criador e mais livre em suas expressões culturais que o negro americano, tolhido por uma estreita e bitolada filosofia protestante e luterana”.<sup>58</sup>

Além da questão religiosa, existem nos excertos analisados inúmeras referências, por vezes sutis, à homossexualidade, como aludido no início deste capítulo. Elas estão presentes na análise que Rodrigues<sup>59</sup> faz de diretores de cinema, como Jean Cocteau, quando afirma que “o Jean Cocteau que eu mais admiro é aquele que dedicou todo o seu amor a Jean Marais, sem ocultar do mundo esta sua faceta original”, bem como quando comenta o assassinato de um vizinho seu em um crime de ódio:

Mas está escrito que nunca haverá uma justiça satisfatória para vingar a morte de um gay ou de um marginalizado da vida... A sociedade, que tanto os repele quando eles estão vivos, volve-lhes as costas com desprezo quando um matador sádico resolve acabar com a raça daqueles seres humildes e pacatos, cujo único crime foi quererem assumir algo que nasceu com eles... Resolvem botar abaixo a hipocrisia do mundo e aceitarem o estigma nefasto de um amor maldito e proibido...<sup>60</sup>

<sup>56</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 215.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 215.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 216.

<sup>59</sup> *Id.* Diário de um negro atuante. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 3, p. 133-160, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-3.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 139.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 138.

Ao tratar da questão da violência e injustiça, também mostra-se indignado com aquela cometida contra os negros:

Já viram coisa mais paradoxal do que quando o carrão para e a polícia vai primeiro pedir os documentos das pessoas de cor negra que estão paradas, embora haja muitos elementos de cor branca em rodas próximas que a polícia finge não dar por elas? Isso é uma injustiça clamorosa de racismo e preconceito racial contra qual meu caderno protesta veementemente, embora eu saiba que meu grito de dor e desespero nem sequer pode abalar o brilho insensível das estrelas que brilham lá longe, no firmamento indiferente...<sup>61</sup>

A trajetória e as posições de Rodrigues ao longo de sua vida podem se mostrar por vezes ambíguas e até conflituosas: católico e conservador, ao mesmo tempo coloca-se como defensor intransigente dos homossexuais. Altamente erudito, valorizava o folclore e as tradições populares. Essas questões podem ser melhor apreendidas quando se considera a circulação de Rodrigues em sua trajetória: amigo e certamente influenciado por intelectuais conservadores, nunca saiu do subúrbio onde residia ou perdeu o contato com as camadas mais pobres da população; assim como nunca alcançou o prestígio que almejava possuir na intelectualidade carioca à época. Não conseguiu publicar seus livros, e seu *Diário* fora lançado em pedaços apenas após a sua morte. Sem dúvida, dadas as condições em que nascera e fora criado, parece ser um caso de trajetória ascendente, entretanto permeada de obstáculos que o impediram de ter uma realização mais completa em termos intelectuais, dentre os quais o racismo pode ser apontado como um dos mais proeminentes.

À luz do conceito de trajetória, percebe-se que a trajetória ascendente de Ironides Rodrigues não foi suficiente para lhe assegurar uma posição entre os legítimos detentores de capital cultural. Nota-se, entretanto, a permanência da marca do *habitus* durante toda sua vida, que o levou a militar desde a infância pela questão racial, o que ocasionou tanto vitórias, como sua atuação no Teatro Experimental do Negro, quanto desilusões, como o racismo, que sempre lhe dificultou a trajetória intelectual. Para chegar ao objetivo de analisar propriamente suas colunas de cinema, é necessário um olhar voltado para suas filiações intelectuais que parecem mais latentes: o movimento negro e o integralismo.

---

<sup>61</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 228.

### 2.3 O MOVIMENTO NEGRO

O engajamento de Ironides Rodrigues no movimento negro é, sem sombra de dúvidas, a atuação mais duradoura e relevante em sua vida. O título de suas memórias, *Diário de um negro atuante*, demonstra de forma explícita seu envolvimento com a questão racial no Brasil. Por isso, é de grande relevância que se esboce uma breve trajetória do movimento negro, com destaque para o Teatro Experimental do Negro, e os debates acerca da luta antirracista no Brasil, em que Rodrigues está inserido e que, por vezes, demonstrou ter uma atuação incisiva.

Como aponta Laiana de Oliveira<sup>62</sup>, a trajetória do movimento negro nas décadas de 1930 e 1940 é marcada muito mais por continuidades do que rupturas. Dessa forma, é relevante uma explanação desse percurso, a começar pela FNB e depois pelo Teatro Experimental do Negro, destacando ainda as trajetórias de seus líderes, Arlindo Veiga dos Santos e Abdias Nascimento, respectivamente, e suas ligações com a direita política.

De acordo com Domingues<sup>63</sup>, após a abolição da escravatura, a Proclamação da República em 1889 não trouxe benefícios significativos de cunho material e simbólico para a população negra. O historiador cita a preferência pelos imigrantes europeus na questão do trabalho, assim como as doutrinas do racismo científico e a teoria do branqueamento como fatores que auxiliaram a marginalizar os negros no novo sistema político. Observa-se, desde o princípio do século XX, o surgimento de inúmeras associações e grupos formados pela mobilização dos negros, principalmente em São Paulo, onde constam 123 associações negras no período entre 1907 e 1937; Porto Alegre, com 72 associações; e Pelotas, com 53.<sup>64</sup> Algumas dessas associações eram destinadas somente às mulheres, enquanto outras organizavam-se ao redor de determinada profissão, formando uma espécie de sindicato; e outras ainda possuíam caráter assistencialista e recreativo. Domingues<sup>65</sup> ressalta que nessa fase, que se estende desde a Proclamação da República até os anos 1930, o movimento negro se mostrava desprovido de um caráter explicitamente político e projeto ideológico amplo.

A situação muda de figura com a emergência da FNB, fundada em São Paulo em 1931. Entidade com elevado grau de organização, a FNB aglutinou milhares de militantes e

---

<sup>62</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

<sup>63</sup> DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*. **Tempo**, v. 12, p. 100-122, 2007. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>.

<sup>64</sup> *Ibid.*

<sup>65</sup> *Ibid.*

com delegações em vários estados, sendo caracterizada como um movimento de massas.<sup>66</sup> Ao tratar das formas de integração dos negros no projeto nacional, destacando os intelectuais, Guimarães<sup>67</sup> aponta o pioneirismo da FNB na valorização da identidade racial e da mobilização política. Para o autor, a principal forma de integração do negro como elemento formador do povo brasileiro data da campanha abolicionista, em fins do século XIX, em que intelectuais negros procuraram demonstrar que a única diferença entre brancos e negros seria tão somente o tom da pele. Assim, buscou-se uma integração passiva, em que estavam ausentes questões culturais ou morais.

De acordo com o sociólogo, existem dois fatores principais que levaram à emergência da FNB, sendo o primeiro um processo maior de identificação dos negros para com a sua raça, principalmente depois das levas de imigrantes europeus que chegaram no Brasil nas primeiras décadas do século XX. O segundo fator consiste no contexto internacional do período entreguerras, em que se acentuam a diferenciação étnica dos povos e a politização dessas identidades:

O que distingue esse modelo do anterior são duas coisas: primeiro; a busca de diálogo e solidariedade coletiva, nacional ou internacionalmente, por meio do pan-africanismo e do afrocentrismo francês e norte-americano; segundo, o fato de que politizam-se a cultura, os interesses materiais e a identidade racial, transformados em elementos a um só tempo de contestação, de integração e de mobilidade sociais.<sup>68</sup>

Como instituição fortemente nacionalista, a FNB não partilhava desse ideário de solidariedade internacional mencionado acima, que encontra espaço no Teatro Experimental do Negro. Entretanto, a busca pela valorização de *ser negro* era certamente presente na FNB.

Embora amplamente aceita entre pesquisadores e militantes, a identificação do pioneirismo da FNB, entretanto, é contestada por Laiana de Oliveira<sup>69</sup>, que afirma que colocar a FNB como primeiro momento do movimento negro brasileiro é desqualificar o que vinha acontecendo até então:

Se o Kosmos, por exemplo, já realizava bailes, possuía biblioteca, corpo cênico, publicava jornal, desenvolvia um rígido código moral e disciplinar e, além disso, já

<sup>66</sup> DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo. **Tempo**, v. 12, p. 100-122, 2007. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>.

<sup>67</sup> GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 271-284, 2004. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100023>.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 278.

<sup>69</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. p. 24.

buscava unificar as diversas associações negras, por que ele não é identificado como o precursor?

Para a historiadora, o que contribuiu para a imagem do pioneirismo da FNB é a sua dimensão, que atingiu vários estados, a publicação regular de seu periódico *A Voz da Raça* e a manutenção de uma intensa agenda de atividades, buscando ampliar seu projeto político-ideológico. Além disso, a própria FNB contribuiu para construir uma imagem de excepcionalidade e pioneirismo para consolidar seu lugar “fundador” na história do movimento negro.

Os membros da “elite negra” (sobretudo no sentido intelectual) paulista dos anos 1920 fundaram a FNB em 1931, aglutinando majoritariamente camadas populares em suas fileiras. Estruturada de forma hierárquica e com elevado grau de organização, tinha como objetivo principal promover a elevação moral do negro brasileiro. A instituição buscou afirmar-se como aquela que reunia os negros mais qualificados, exaltando suas conquistas e realizações. De acordo com Laiana de Oliveira<sup>70</sup>, a imagem de seriedade dos fretenegrinos ultrapassava o próprio meio negro, sendo citada na imprensa como uma instituição de grande seriedade.

Para alcançar seu objetivo de promover a elevação moral do negro, e reconhecendo na escravidão um fator crucial para a falta de instrução e desenvolvimento dos negros, a FNB encontrou na educação uma de suas maiores bandeiras. Por intermédio de seu Departamento de Instrução e Cultura, promoveu cursos para jovens e adultos e cobrou a responsabilidade dos pais pela educação dos filhos. Consta que os cursos oferecidos pela instituição não dependiam de critério racial, tendo entre seus alunos brasileiros e estrangeiros brancos.

Como instituição permeada por um forte sentimento nacionalista, muito presente no contexto histórico da década de 1930, a FNB reconhecia o mal e os entraves que a escravidão ocasionou à população negra. Entretanto, convém destacar que a discussão acerca do passado escravocrata brasileiro não era incentivada pela entidade, que buscava no presente e no futuro suas lutas e reivindicações. A exaltação de figuras como Luiz Gama e Zumbi dos Palmares se dava muito mais em termos da contribuição à nação do que propriamente à questão racial. Nesse sentido, a instituição buscava apresentar os negros como integrantes de um todo nacional, da *raça brasileira*, que compreende também o índio e o português.

---

<sup>70</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

Dessa forma, a discriminação contra o negro seria atentar contra a própria ideia da raça brasileira.<sup>71</sup> A principal forma de integração do negro ao projeto nacional promovida pela FNB era a valorização do trabalho negro para o desenvolvimento do Brasil. Essa forma de integração do negro pelo trabalho também é apontada por Guimarães<sup>72</sup>, que, entretanto, liga a ideia à obra do intelectual baiano Manuel Querino. A valorização do trabalho negro possuía uma questão prática: com as restrições à imigração implementadas por Vargas logo no início de seu mandato, as oportunidades de trabalho para as populações negras pareciam mais palpáveis:

O uso da palavra “nacional” para descrever os negros brasileiros reflete as maneiras como muitos escritores negros na década de 1920, particularmente Arlindo Veiga dos Santos, tinham utilizado o nativismo e as contribuições históricas da “raça negra” para reivindicar a sua precedência sobre os estrangeiros que predominavam na classe trabalhadora de São Paulo.<sup>73</sup>

Contudo, apesar de se colocar contrária às teorias eugenistas em voga nas primeiras décadas do século XX, que pregavam a inferioridade biológica do negro, as lideranças da FNB acolheram a ideia da superioridade cultural europeia. Como instituição nacionalista, rechaçavam uma aproximação com uma identidade africana do povo negro, considerando a África como um continente de cultura rudimentar e povos primitivos. O candomblé era preterido em favor do catolicismo, assim como as artes deviam seguir um padrão clássico. As lideranças da FNB afirmavam que um fator determinante da situação precária dos negros seria seus hábitos e comportamentos pouco civilizados.<sup>74</sup> Paulina Alberto<sup>75</sup> aponta que essa rejeição à cultura afro-brasileira não era exclusiva dos membros da FNB, mas, sim, comum a muitos ativistas negros de São Paulo de forma geral. Estes encontravam esteio no catolicismo, que apagaria as diferenças culturais e os mostraria como brasileiros autênticos. Esse posicionamento era uma demarcação da política paulista como essencialmente moderna, num movimento de rejeição à revalorização da cultura africana encontrada sobretudo no Nordeste, região considerada primitiva e atrasada por esses ativistas.

<sup>71</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

<sup>72</sup> GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 271-284, 2004. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100023>.

<sup>73</sup> ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 184.

<sup>74</sup> OLIVEIRA, *op. cit.*

<sup>75</sup> ALBERTO, *op. cit.*

A organização hierárquica e rígida e a doutrina nacionalista e conservadora aproximam a FNB da Ação Integralista Brasileira. Plínio Salgado escreveu artigos para *A Voz da Raça*, periódico da instituição que tinha como lema “Raça, Deus, Pátria e Família”, quase análogo ao “Deus, Pátria e Família” dos integralistas.<sup>76</sup>

Inquestionavelmente, a principal liderança da FNB foi Arlindo Veiga dos Santos, uma das mais importantes lideranças negras da primeira metade do século XX. Além do papel destacado na FNB, foi o fundador da Ação Imperial Patrionovista Brasileira (AIPB), movimento conservador sobre o qual serão tecidas breves considerações a seguir. Nascido em Itu, interior de São Paulo, em 1902, Veiga dos Santos frequentou escolas católicas e graduou-se na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo em 1926. Participante ativo da vida acadêmica nos tempos de estudante, Veiga dos Santos era ligado ao Centro D. Vital, de orientação católica conservadora que aglutinava intelectuais ao redor de Jackson de Figueiredo. Dotado de uma arraigada convicção monárquica e de uma visão de mundo organicista, considerava a família como a célula-mãe da sociedade. Em 1928, fundou o Centro Monarquista de Cultura Social e Política Pátria Nova, que em 1932 teve seus estatutos reformados e passou a se chamar Ação Imperial Patrionovista Brasileira. Em seu programa, privilegiava o catolicismo como a religião que deveria obrigatoriamente ser ensinada nas escolas públicas, a monarquia como sistema político ideal, a organização sindical das classes trabalhadores e a afirmação da citada *raça brasileira* em todos os seus elementos (incluídos aí os filhos de imigrantes). De acordo com Domingues<sup>77</sup>:

Arlindo Veiga dos Santos era, antes de mais nada, um negro reacionário, na medida em que buscava anular as forças progressivas da História e inverter a tendência de modernização da sociedade brasileira, lutando pelo reestabelecimento de uma ordem política e social obsoleta. Era nacionalista xenófobo e antisemita fervoroso. [...] Na sua concepção, a solução para as mazelas do país [...] só dependia de uma solução totalitária: a instauração de um Estado orgânico neomonarquista dotado de um governo forte.

Veiga dos Santos deixou a Presidência da entidade em 1934, provavelmente em razão do racismo que sofrera por parte dos dirigentes brancos. Entretanto, continuou influenciando os rumos do movimento até sua extinção em 1937, com a instauração do Estado Novo.

---

<sup>76</sup> MALATIAN, Teresa. **Império e missão: um novo monarquismo brasileiro**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

<sup>77</sup> DOMINGUES, Petrônio. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro II!”. **Varia História**, v. 22, p. 517-536, 2006. p. 523.

Tanto Domingues<sup>78</sup> quanto Malatian<sup>79</sup> ressaltam as afinidades entre a AIPB e a AIB: Veiga dos Santos e Plínio Salgado trocavam cartas, e este último tentou conseguir o apoio do primeiro para seu movimento, o que não aconteceu, principalmente em função da opção pelos integralistas pelo regime republicano, em claro desacordo com o ideário da Ação *Imperial*. Entretanto, comungavam da ideia de um Estado forte e nacionalista, sendo o integralismo, segundo o discurso patrimonista, uma proposta complementar à da Ação Imperial. Gonçalves<sup>80</sup> ainda destaca a importância da AIPB para o desenvolvimento da estrutura política da AIB, destacando a ligação do movimento patrimonista com os ideais do Integralismo Lusitano.

Em relação a sua atuação no patrimonismo e na FNB, Veiga dos Santos articulou uma aproximação entre a AIPB e a FNB, utilizando de seu prestígio na entidade negra para difundir os ideais patrimonistas. As afinidades entre as duas entidades podem ser encontradas na defesa do nacionalismo, no repúdio ao comunismo e no desprezo pelas democracias liberais. Além disso, a forma como a FNB foi organizada denota a influência do patrimonismo:

Ele implantou no movimento negro uma filosofia análoga a que imprimiu ao patrimonismo. Por exemplo, a estrutura organizacional da FNB era verticalizada, fundada em uma rígida hierarquia e no espírito quase espartano de disciplina, nos moldes que ele projetou na Ação Imperial Patrimonista Brasileira.<sup>81</sup>

No patrimonismo, é notável a defesa que Veiga dos Santos faz do regime nazista em voga na Alemanha. Para ele, a política racial nazista buscava a valorização racial da Alemanha, o que deveria ser implementado no Brasil, valorizando a “verdadeira raça brasileira”, composta pelo negro e pelo mestiço.

Para o líder frentenegrino e patrimonista, a monarquia corporativista de base familiar e municipalista era a solução para as mazelas do negro brasileiro, tendo sido a República proclamada em retaliação à abolição da escravatura pela monarquia no ano anterior. Defendia a ideia de uma “raça brasileira”, essencialmente mestiça e que deveria ser valorizada (fato notável em uma época em que imperavam as teorias do racismo científico que desqualificavam o mestiço brasileiro como uma raça inferior e que preconizavam o

<sup>78</sup> DOMINGUES, Petrônio. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro II!”. *Varia História*, v. 22, p. 517-536, 2006.

<sup>79</sup> MALATIAN, Teresa. *Império e missão: um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

<sup>80</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

<sup>81</sup> DOMINGUES, *op. cit.*, p. 527.

branqueamento da população como solução para os problemas nacionais). Veiga dos Santos defendia uma via integracionista de combate ao racismo, na qual, com a miscigenação inerente ao caráter nacional e o advento do projeto patrimonista, este diluiria progressivamente até acabar, por meio da afirmação dos valores autoritários, católicos e monárquicos. A ressalva que Domingues<sup>82</sup> aponta em relação ao pensamento racial de Veiga dos Santos é justamente a falta de um projeto explícito de *negritude* nesse intelectual, que, como dito, preconizava uma via integracionista como solução das mazelas do negro brasileiro.

Ainda de acordo com Domingues<sup>83</sup>, as atitudes discriminatórias levadas a cabo nos primeiros anos do regime republicano, como a repressão à prática da capoeira e às religiões de matriz africana, aliadas à política de branqueamento, geraram “sérios ressentimentos e, por que não dizer, o fetiche nostálgico da ordem anterior”. Soma-se a isso a admiração que muitos negros nutriam pela família imperial e, principalmente, pela princesa Isabel, considerada a redentora da raça negra, de forma que:

Quando Arlindo Veiga dos Santos entrou no cenário histórico e lançou publicamente suas ideias, na década de 1920, já havia, seja um sentimento difuso ou “caldo de cultura” antirrepublicano, seja uma sólida tradição de setores da população negra no cultivo de uma representação positiva do Império e, no limite, um fascínio pela restauração da monarquia no país.<sup>84</sup>

Após a redemocratização, Veiga dos Santos continuou na militância monarquista, refundando a AIPB em 1955. Entretanto, o número de adeptos caíra drasticamente. O líder da agremiação morreu em 1978, no ostracismo.

### 2.3.1 O Teatro Experimental do Negro

Assim como a figura de Plínio Salgado é incontornável quando o assunto é o integralismo, o mesmo aplica-se a Abdias do Nascimento em relação ao TEN, fundado por ele em 1944. Antes de partir propriamente para a análise da trajetória da instituição e o trabalho que Ironides Rodrigues ali desenvolveu, julga-se necessário se deter brevemente sobre a trajetória de Nascimento.

---

<sup>82</sup> DOMINGUES, Petrônio. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro II!”. *Varia História*, v. 22, p. 517-536, 2006.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p. 534.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p. 535.

Para falar da trajetória de Nascimento, utiliza-se a biografia escrita por sua esposa, a professora Elisa Larkin Nascimento.<sup>85</sup> Apesar de seu texto conter um caráter afetivo, tal obra mostra-se de grande utilidade nos subsídios biográficos que oferece para melhor delinear a atuação do fundador do TEN.

Abdias Nascimento nasceu em Franca, interior de São Paulo, em 1914. Filho de um sapateiro e de uma cozinheira, desde criança presenciou o racismo da sociedade em que vivia. No curso secundário, formou-se em contabilidade na Escola de Comércio da cidade natal. Aos 16 anos, deixou Franca rumo a São Paulo, onde conseguiu alistar-se no Exército graças a um documento adulterado. Serviu no exército entre 1930 e 1936. Em 1932, já promovido a cabo (promoção que se deveu em grande parte ao seu diploma em contabilidade), participou dos embates da Revolução Constitucionalista, em que foi ferido com um tiro. Nessa época, conheceu Sebastião Rodrigues Alves, outra importante liderança negra e membro do TEN. Apesar de ter sofrido discriminação racial durante toda sua vida, Larkin Nascimento<sup>86</sup> expõe que ainda não havia no jovem militar uma clara consciência racial, o que muda de figura quando Abdias toma conhecimento do Centro Cívico Campineiro, organização de jovens negros de Campinas, e principalmente da FNB. Como era militar, Nascimento não pôde participar formalmente da FNB, entretanto, participava de seus desfiles e atos públicos, tendo conhecimento de suas bandeiras.

Segundo Elisa Larkin Nascimento<sup>87</sup>, o primeiro contato que Abdias Nascimento teve com Plínio Salgado se deu com o *Manifesto* da Legião Revolucionária, redigido em 1931 pelo futuro líder integralista. A partir de 1934, Nascimento e Rodrigues Alves participaram de desfiles e atos públicos da AIB, tendo participado de iniciativas sociais promovidas pelo movimento, a que se ligaram, principalmente, devido ao nacionalismo que lhes era caro. Após seu desligamento do Exército em 1936, Nascimento partiu para o Rio de Janeiro e sobreviveu de trabalhos eventuais, como revisor no jornal *O Radical*, até engajar-se de forma regular no periódico integralista *A Offensiva*. Nesse jornal, entrevistou diversas personalidades intelectuais, com quem tirava fotos para ilustrar as matérias. Como as fotos nunca eram publicadas, Nascimento percebeu o racismo no integralismo e se desligou do movimento em fins de 1936. Oliveira<sup>88</sup> aponta que a militância integralista de Nascimento foi mais longa: condenado em 1938 por panfletagem com os integralistas, foi preso. Após sua libertação, em

<sup>85</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias Nascimento**. Brasília: Senado Federal, 2014. (Coleção Grandes Vultos que horaram o Senado).

<sup>86</sup> *Ibid.*

<sup>87</sup> *Ibid.*

<sup>88</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

abril desse ano, ainda chefiou a campanha de auxílio financeiro a Plínio Salgado após o *putsch* de 1938. Não se ressentiu de sua ligação com os *camisas-verdes*, afirmando que o integralismo foi:

Uma rica escola de vida onde comecei a entender realmente de arte, literatura, economia, educação, defesa nacional; a realidade social, econômica e política do país e as implicações internacionais que o envolviam. A juventude integralista estudava muito e com seriedade [...].<sup>89</sup>

Ainda em 1938, Nascimento foi a Campinas, onde organizou, com outros ativistas, o Congresso Afro-Campineiro, em que foram feitas palestras sobre poesia e literatura negra, além de questões relacionadas à desigualdade e discriminação. Ali conheceu Aguinaldo Camargo, outra importante liderança do TEN. O que chama a atenção nesse evento foi o juramento final dos participantes do Congresso em revalorizar a identidade africana, que era preterida em favor de uma identificação puramente nacional na FNB. Esse tema será aprofundado no TEN com relevante contribuição de Ironides Rodrigues.

De volta ao Rio de Janeiro, Nascimento reencontrou-se com dois amigos que foram militantes integralistas: os poetas Gerardo Mello Mourão e Napoleão Lopes Filho. Com a chegada de três argentinos, Efraín Tomás Bó, Juan Raúl Young e Godofredo Tito Iommi, formou-se um grupo que foi batizado de *Santa Hermandad de la Orquidea*, em que desenvolveram intensa convivência social e intelectual. Com espírito aventureiro, os amigos decidiram viajar pela Amazônia e pela América do Sul. Jornalistas e poetas, os *orquideanos* conseguiram sobreviver no Pará e no Amazonas, graças a sua “pose” intelectual, recebendo diversos convites para conferências e palestras. A certa altura, chegaram ao Peru.

O ano era 1941, e os *orquideanos* assistiram à peça *O Imperador Jones*, de autoria do dramaturgo norte-americano Eugene O’Neill, no Teatro Municipal de Lima. Para o espanto de Abdias, o protagonista da peça, um homem negro, era representado por um ator branco, pintado de negro:

Por que um branco brochado de negro? Pela inexistência de um intérprete dessa raça? Entretanto, lembrava que, em meu país, onde mais de vinte milhões de negros somavam quase a metade de sua população de sessenta milhões de habitantes, na época, jamais assistira a um espetáculo cujo papel principal tivesse sido

---

<sup>89</sup> NASCIMENTO *apud* NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias Nascimento**. Brasília: Senado Federal, 2014. (Coleção Grandes Vultos que horaram o Senado). p. 131.

representado por um artista da minha cor. Não seria, então, o Brasil, uma verdadeira democracia racial?<sup>90</sup>

Nascimento lamentava que aos negros eram destinados apenas papéis menores nas peças, sendo retratados quase sempre de forma caricatural e, muitas vezes, pejorativa. De regresso ao Brasil, fundou em 1944 o TEN, entidade aberta “ao protagonismo do negro, onde ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para a de sujeito e herói das histórias que representasse”<sup>91</sup>, tendo como fim trabalhar pela valorização estética, social e econômica dos negros, objetivo similar ao da FNB.

A trajetória de Nascimento, nascido em São Paulo, mas residente no Rio de Janeiro desde a década de 1930, levanta questões sobre o tipo de ativismo praticado nos dois estados. Enquanto em São Paulo, como foi salientado anteriormente, a cultura afro-brasileira era rejeitada por ser considerada primitiva, e o catolicismo servia como ponto de convergência para a integração do negro na nacionalidade brasileira, no Rio, tais práticas culturais, como o samba e o candomblé, eram consideradas formas de ativismo.<sup>92</sup> Como se verá adiante, essa questão será de alta relevância na trajetória do próprio TEN.

Guerreiro Ramos<sup>93</sup> critica a falta de elaboração teórica das fases anteriores do movimento negro e destaca os três principais objetivos do TEN, frisando a questão de não mais tratar o negro como algo exótico:

1) formular categorias, métodos e processos científicos destinados ao tratamento do problema racial no Brasil;

---

<sup>90</sup> NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 227. A citação é de um texto de 1997, em que Abdias Nascimento faz reflexões acerca da trajetória do TEN e está publicado na revista *Thoth*, a mesma que publicou os *Diários* de Ironides Rodrigues. Chama a atenção, entretanto, a última frase “Não seria, então, o Brasil, uma verdadeira democracia racial?”. Convém destacar que o TEN, desde sua fundação em 1944 até a realização do I Congresso do Negro Brasileiro em 1950, estava de acordo com a teoria da singularidade das relações raciais brasileiras, a dita *democracia racial*. Nesse sentido, o próprio Gilberto Freyre escreveu um artigo no primeiro número do jornal *O Quilombo*, organizado pela instituição, em uma coluna que se chamava justamente *democracia racial*. Entretanto, já é possível notar no TEN uma exaltação da negritude, além da luta por ações afirmativas. Essa ambiguidade no Teatro Negro é tratada por Oliveira (OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008), Barbosa (BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007) e Guimarães (GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Democracia racial: o ideal, o pacto, o mito*. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 61, p. 147-162, nov. 2001. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st20-3/4678-aguimaraes-democracia/file>. Acesso em: 20 nov. 2018). Ela será tratada com maior detalhamento mais adiante.

<sup>91</sup> NASCIMENTO, *op. cit.*, p. 228.

<sup>92</sup> ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

<sup>93</sup> *Apud* OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. p. 135.

- 2) reeducar os “brancos” brasileiros, libertando-os de critérios exógenos de comportamento;
- 3) “descomplexificar” os negros e os mulatos, adestrando-os em estilos superiores de comportamento, de modo que possam tirar vantagens das franquias democráticas em funcionamento no país.

Antes do trabalho teatral propriamente dito, entretanto, o TEN organizou aulas de alfabetização para adultos, a cargo de Ironides Rodrigues; de iniciação à cultura geral, ministrada por Aguinaldo Camargo; e de iniciação às noções de teatro e interpretação, que eram dadas por Abdias Nascimento.

A educação no TEN não se baseava somente na escolarização, buscando uma perspectiva emancipatória do negro no mercado de trabalho e na dimensão política, colocando em xeque a arraigada concepção da inferioridade intelectual dos negros. Romão<sup>94</sup> afirma que a educação no TEN possuía uma perspectiva que, embora não fosse *afrocentrista*, era *afrocentrada*. Dessa forma, não colocava a África como centro do modelo social, mas como uma instância possível, embora ainda não constituída, de um modelo social. Para Gilca Ribeiro dos Santos<sup>95</sup>, a ausência de um controle por parte do Estado em relação às práticas educacionais do TEN proporcionava maior liberdade para a prática pedagógica, aliando arte à educação e utilizando o teatro de fundo racial e humanístico como recursos didáticos para a alfabetização, constituindo uma iniciativa pioneira nesse campo:

Na sua práxis já é possível identificar o início de um diálogo pan-africano e uma valorização da cultura negra, paralelamente à cultura nacional. No Curso de Alfabetização do TEN, as aulas de Ironides já se tencionava para a reivindicação da diferença, o negro não procurava apenas inteirar-se à sociedade branca dominante, assumindo como sua aquela cultura europeia que se impunha como universal. Ao contrário, as peças teatrais tinham como proposta despertar nos alunos o reconhecimento do valor civilizatório da herança africana e da personalidade afro-brasileira.<sup>96</sup>

Além disso, Romão<sup>97</sup> e Nascimento<sup>98</sup> apontam o elevado número de interessados no curso, que contava, principalmente, com alunos oriundos das camadas mais baixas da população, entre eles operários, empregadas domésticas e funcionários públicos. Como sede, foi cedida uma das dependências da União Nacional dos Estudantes, onde não apenas se

<sup>94</sup> ROMÃO, Jeruse. Educação, instrução e alfabetização no Teatro Experimental do Negro. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

<sup>95</sup> SANTOS, Gilca Ribeiro dos. **O pensamento educacional de Francisco Lucrécio e Ironides Rodrigues**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 86.

<sup>97</sup> ROMÃO, *op. cit.*

<sup>98</sup> NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

realizava o curso de alfabetização como também os ensaios do grupo. Romão<sup>99</sup> destaca a repercussão da iniciativa nos jornais da época, mobilizando a população e os artistas brancos. Consta, segundo Nascimento<sup>100</sup>, que cerca de 600 pessoas se inscreveram no curso de alfabetização promovido pelo TEN, em que o principal coordenador da alfabetização propriamente dita era Ironides Rodrigues. Conforme explica Romão<sup>101</sup>, a dificuldade que Rodrigues teve com seus professores nos colégios de elite em que estudou, assim como com aqueles que encontrou na Faculdade de Direito, foi relevante em relação à sua própria postura enquanto educador, em que privilegiava ensaios, peças e leituras com forte conteúdo racial.

A participação das mulheres no TEN (assim como na FNB) era bastante expressiva. Além das atrizes que foram lançadas pelo grupo (dentre as quais destacam-se Léa Garcia e Ruth de Souza, que fizeram longa carreira nos palcos e na televisão brasileira), houve intensa mobilização no TEN, levada à cabo sobretudo pela então esposa de Abdias Nascimento, Maria, para a regulamentação da profissão de doméstica; além de abordar temas como a participação política e o direito ao voto das mulheres negras e a discriminação racial na infância.<sup>102</sup>

A primeira peça encenada pelo grupo foi *O Imperador Jones*, pois, de acordo com Nascimento<sup>103</sup>, a escassez de dramas brasileiros que propusessem uma reflexão mais séria em relação à questão racial era total. A peça de O'Neill foi escolhida porque "Jones resumia a experiência do negro no mundo branco, onde, depois de ter sido escravizado, libertam-no e o atiram nos mais baixos desvãos da sociedade".<sup>104</sup> Após solicitarem permissão ao autor, este não apenas incentivou a encenação da peça como também abriu mão de seus direitos, apontando o mesmo problema de falta de representação do negro no drama norte-americano.

A *première* ocorreu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 9 de maio de 1945, após intervenção direta de Getúlio Vargas, que cedeu o palco por uma noite apenas.<sup>105</sup> Embora com poucos recursos para sua realização, a montagem, que contava com Aguinaldo Camargo no papel do protagonista Brutus Jones, foi um grande sucesso de crítica, sendo comentada nos meios intelectuais à época.

---

<sup>99</sup> ROMÃO, Jeruse. Educação, instrução e alfabetização no Teatro Experimental do Negro. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

<sup>100</sup> NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>101</sup> ROMÃO, *op. cit.*

<sup>102</sup> *Ibid.*

<sup>103</sup> NASCIMENTO, *op. cit.*

<sup>104</sup> *Ibid.*, p. 233.

<sup>105</sup> *Ibid.*

Após sua bem-sucedida estreia, o TEN se mobilizou para a criação de uma literatura dramática afro-brasileira, encenando peças escritas especialmente para o grupo, como *O Filho Pródigo*, de Lúcio Cardoso, e *Aruanda*, de Joaquim Ribeiro. Esta última peça recebeu comentários elogiosos de Tasso da Silveira, poeta integralista próximo de Ironides Rodrigues e que era colaborador ocasional do periódico *A Marcha*. Também merecem destaque a peça *O Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues, encenada pelo grupo com várias partes censuradas, *Sinfonia da Favela*, de autoria de Ironides Rodrigues, encenada na década de 1950, e *Sortilégio*, de Abdias Nascimento, que foi alvo da censura da época.

Além da atividade teatral propriamente dita, o TEN empenhou-se em outras iniciativas dedicadas, fundamentalmente, a combater o racismo e elevar a autoestima da população negra. Dentre elas, cita-se a instauração do Comitê Democrático Afro-Brasileiro, que tinha como objetivo atuar no nível político (principalmente na libertação dos presos políticos), mas que acabou não se firmando. Nascimento<sup>106</sup> cita que a desarticulação do comitê ocorreu internamente em função de *pretensos* aliados que “invocaram o velho chavão de que o negro, lutando contra o racismo, viria a dividir a classe operária...”, referindo-se aos comunistas, preocupados com a ênfase na questão racial.

Em 1945, o TEN organizou a Convenção Nacional do Negro, que em sua declaração final enviou para a Assembleia Constituinte de 1946 o tema da discriminação racial como crime de lesa-pátria, encaminhada pelo senador Hamilton Nogueira, da União Democrática Nacional.<sup>107</sup> Embora com tônica moderada, a declaração final da Convenção foi o primeiro documento que reivindicou uma lei antirracista no Brasil (eventualmente rejeitada pela Assembleia Constituinte).

Para Paulina Alberto<sup>108</sup>, a redemocratização trouxe esperanças no sentido de se buscar, por mecanismos legais, os objetivos que o sentimento fraternal ou nacionalista dos anos anteriores não foi capaz de alcançar. O TEN realizou ainda o I Congresso do Negro Brasileiro (que será tratado com detalhamento mais adiante), ocorrido no Rio de Janeiro em 1950, e o Concurso do Cristo Negro, em 1955, organizado por Guerreiro Ramos e destinado a “atingir a

<sup>106</sup> NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 243.

<sup>107</sup> Gilberto Calil aponta que o senador Nogueira foi uma das lideranças católicas que mais destacadamente lutou contra a rearticulação do integralismo no pós-guerra (CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa**. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005).

<sup>108</sup> ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

alienação estética da sociedade convencional”.<sup>109</sup> Com o mesmo propósito, foram concebidos os concursos de beleza *Rainha das Mulatas* e *Boneca de Pixe*, para valorizar a beleza da mulher afro-brasileira.

Com a ênfase no teatro intelectualizado, organizando convenções e propondo iniciativas, como os concursos de beleza citados, apesar de ser um grupo pequeno e seletivo, o TEN foi alvo de críticas, sendo caracterizado como elitista:

[...] os estudiosos em grande parte têm considerado as organizações negras do pós-guerra no Rio e em São Paulo como elitistas, apolíticas ou fracas em comparação com a Frente Negra de anos anteriores, ou, mais especificamente, com o Movimento Negro mais adiante.<sup>110</sup>

Outra iniciativa de grande relevância foi o lançamento do jornal *O Quilombo: Vida, Problemas e Aspirações do Negro*, que circulou entre 1948 e 1951, alcançando doze edições. Esse periódico é de suma relevância para que se possa compreender a posição do TEN acerca do tema da *democracia racial* e a valorização da negritude. Em todas as suas edições estava presente o seu programa de cinco medidas, das quais a segunda parece bastante pertinente:

Esclarecer ao negro que a escravidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não devendo, por isso, constituir motivos para ódios ou ressentimentos e nem para inibições motivadas pela cor da epiderme que lhe recorda sempre o passado ignominioso.<sup>111</sup>

Essa medida do jornal insere-se num contexto de amplo debate sobre a “democracia racial” brasileira, tendo como objetivo evitar as acusações de “racismo às avessas” de que poderia sofrer. O próprio Gilberto Freyre escreveu um artigo no primeiro número de *O Quilombo* em que apelava para uma valorização do elemento negro enquanto constituinte da cultura brasileira.<sup>112</sup> Essa postura de não enfrentamento era acolhida por certos membros do TEN em contraposição àqueles que, graças às traduções e à divulgação das obras da *Négritude* por Ironides Rodrigues, acabavam por tomar posições mais radicais, que entrariam em conflito no I Congresso do Negro Brasileiro de 1950.

<sup>109</sup> NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 244.

<sup>110</sup> ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 234.

<sup>111</sup> *Apud* OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. p. 140.

<sup>112</sup> *Ibid.*

No *Quilombo*, Rodrigues foi responsável pela seção *Livros* em quatro edições, em que era chamado ora de escritor e ora de professor. Foi encarregado da tradução de textos em francês, tendo traduzido Blaise Cendrars e Georges Bataille, além do ensaio *Orfeu negro*, de Jean-Paul Sartre, cujo existencialismo o influenciaria, tendo papel de destaque na sua concepção da *Négritude*.<sup>113</sup>

O *Quilombo* foi palco de diversas manifestações de intelectuais negros em relação à educação. Romão<sup>114</sup> destaca no periódico os diversos artigos que tratam de contestar “obras sociais” promovidas pela Legião Brasileira de Assistência que eram destinadas exclusivamente aos brancos. O que espantava os articulistas do jornal era, principalmente, o fato de que as entidades ligadas à Legião Brasileira de Assistência que discriminavam os negros eram majoritariamente católicas.

Ao analisar o conceito de *democracia racial*, o sociólogo Antônio Sérgio Guimarães<sup>115</sup> auxilia a compreender a relação do TEN com o tema. Para o sociólogo, a valorização do conceito de cultura em detrimento do conceito biológico de raça representa a perda do caráter de imutabilidade da inferioridade moral e psicológica dos negros, o que passa a ser uma questão cultural, portanto, passageira e reversível. Embora a persistência dos estereótipos raciais, que pode ser documentada até nos dias de hoje, essa mudança representa a possibilidade de incorporação dos mestiços no espaço da nação. Segundo o sociólogo, o TEN teria como objetivo ampliar esse espaço para tornar possível aí a inclusão do negro.

De acordo com Guimarães<sup>116</sup>, nas décadas de 1940 e 1950, o espaço da nação que pensaram os líderes negros seria híbrido e mestiço, cedendo lugar, ao longo dos anos, para uma noção de “uma essência negra, culturalmente ‘africana’”.<sup>117</sup> Para o autor, é possível notar uma ambiguidade no discurso dos líderes do TEN, que, ao mesmo tempo em que buscavam a superação de certas práticas culturais ditas africanas, valorizavam uma tendência própria dos negros para a expressividade, que se fazia notar sobretudo nas artes.

Para o sociólogo, o TEN surgiu na voga nacionalista de crítica ao Estado Novo e na afirmação de uma ordem democrática mais inclusiva, advindo daí a afinidade entre a

<sup>113</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

<sup>114</sup> ROMÃO, Jeruse. Educação, instrução e alfabetização no Teatro Experimental do Negro. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

<sup>115</sup> GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto, o mito. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 61, p. 147-162, nov. 2001. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st20-3/4678-aguimaraes-democracia/file>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>116</sup> *Ibid.*

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 150.

instituição e certos pontos de vista de autores nacionalistas, como Gilberto Freyre. Entre essas afinidades, destaca-se a questão da “democracia racial”, ao menos como um ideal, partilhada por ambos. Como a Frente Negra Brasileira, nos anos 1930, e o Teatro Experimental do Negro, nos anos 1940 e 1950, apontam, a abolição da escravatura não significou a inclusão plena dos negros na ordem social e política da República, sendo necessária uma Segunda Abolição, para daí se chegar ao ideal de uma democracia racial:

É preciso que se note no emprego desse termo, especialmente por parte dos negros, a ambiguidade de um valor adjetivado: falar em democracia racial significava o direito pleno a algo não materializado. Por um lado, o valor declarado significava um direito que se poderia reivindicar a todo momento, e nisso residia seu lado progressista; por outro, o não estar materializado poderia ser interpretado como opinião subjetiva e não como fato, e nisso sempre esteve seu lado conservador.<sup>118</sup>

É importante fazer a ressalva de que o debate acerca do preconceito racial, como proposto pelo TEN, não comprometia o consenso sobre a democracia racial. Tais questões poderiam ser contraditórias e polarizadas, mas não necessariamente excludentes:

O uso por escritores negros de interpretações aparentemente “conservadoras” da democracia racial como forma harmoniosa de mestiçagem foi mais do que uma aliança tática fraca ou lamentável, como sugeriram posteriormente alguns estudiosos e ativistas. Em meados da década de 1940, a celebração acadêmica da mestiçagem no Brasil era parte central da rejeição do racismo biológico nas ciências sociais, fornecendo uma base de autoridade contra a qual os intelectuais negros podiam fazer suas demandas de inclusão.<sup>119</sup>

Ao analisar a recepção das ideias de intelectuais francófonos sobre o movimento negro brasileiro, Muryatan Barbosa<sup>120</sup> argumenta que a primeira referência feita a esses intelectuais e ao movimento que encabeçaram, a *Négritude*, apareceu no periódico *O Quilombo*, em uma referência sobre a revista lançada pelo grupo, *Presence Africaine*.

A influência das ideias da *Négritude* foi bastante expressiva em relação ao movimento negro brasileiro, em especial ao TEN. Nesse sentido, cabe apontar algumas das ideias-chave do movimento: uma visão diaspórica do negro; a necessidade de o negro se colocar como sujeito autêntico; a reivindicação da liberdade criadora do negro; e a volta às raízes africanas. Encabeçado por intelectuais e ativistas negros oriundos das então colônias francesas, como

<sup>118</sup> GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto, o mito. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 61, p. 147-162, nov. 2001. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st20-3/4678-aguimaraes-democracia/file>. Acesso em: 20 nov. 2018. p. 151.

<sup>119</sup> ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão**: intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 250.

<sup>120</sup> BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil (1900-2000). Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Aimé Césaire, da Martinica, e Léopold Sedar Senghor, que se tornaria o primeiro presidente do Senegal independente, o movimento buscava uma reação contra as formas de aculturação europeia às quais o negro estava sujeito em diversas partes do mundo, buscando a valorização das origens africanas em contraposição à cultura ocidental.

Nesse sentido, Kabengele Munanga<sup>121</sup> apresenta os dois sentidos básicos da noção de *Négritude*: o primeiro estaria na simples aceitação de *ser* negro, uma aceitação de sua história e cultura de uma forma positiva. O segundo sentido está ligado ao viés político do termo, que se aproxima do pan-africanismo e está representado na luta pela emancipação dos povos negros diante das potências coloniais.

Barbosa<sup>122</sup> aponta que as relações entre o TEN e a negritude francófona se estreitaram no ano de 1949, por ocasião da visita do escritor franco-argelino Albert Camus ao Rio de Janeiro. Apoiador do movimento e conselheiro da revista *Présence Africaine*, Camus interessou-se em conhecer a vida dos negros cariocas, visitando comunidades, terreiros e assistindo ensaios do TEN. Segundo o produtor cultural Haroldo Costa<sup>123</sup>, que fora um colaborador do TEN, quem mais tomou contato com a temática proposta pela negritude francófona foi Ironides Rodrigues, definida por este como “paladino da negritude”. Rodrigues possuía amplo domínio da língua francesa, tornando-se um importante divulgador do movimento. Para Paulina Alberto<sup>124</sup>, a visita de Camus foi fundamental para que o Brasil fosse incluído no campo transnacional de representações africanas valorizadas pela *Négritude*, além de estreitar os laços entre os intelectuais do movimento francófono e os líderes do TEN.

O papel de Ironides Rodrigues na divulgação da *Négritude* é perceptível, principalmente quando se considera sua tradução para *O Quilombo* de excertos do ensaio *Orfeu negro*, de Jean-Paul Sartre; bem como em um artigo sobre Cruz e Sousa, no qual destacou a africanidade do poeta catarinense.

É importante que se tenha em mente que, na virada da década de 1940, a tônica era o nacionalismo. Dessa forma, é possível observar algum conflito entre as ideias do TEN, que advogavam por um projeto integracionista nos anos pós-Estado Novo e os ideais mais diferencialistas do movimento da *Négritude*. Ou seja, não convinha para as lideranças do Teatro Negro pregar pela “africanidade”, o que poderia ser interpretado como antipatriótico.

<sup>121</sup> MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

<sup>122</sup> BARBOSA, Muryatan Santana. O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, p. 171-184, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000100011>.

<sup>123</sup> *Apud Ibid.*

<sup>124</sup> ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

Além disso, a ressalva por parte de diversos ativistas em relação às práticas culturais de origem afro-brasileira que foi encampada, sobretudo, por paulistas estava presente em alguns colaboradores do TEN, que as viam como entraves para a ascensão dos negros à modernidade. Outra questão que merece destaque são os estudos antropológico sobre tais práticas. Abdias Nascimento lamentava o fato de os sujeitos estudados por tais cientistas ornarem-se meros objetos de estudos, projetando uma visão dos negros como exóticos e presos ao passado.<sup>125</sup>

Guerreiro Ramos, importante liderança do TEN, buscou apresentar uma visão mais conciliadora da negritude, em que a subjetividade diferenciada do negro e seu pendor para o exercício das artes estaria inserido dentro da cultura *brasileira*, o que livraria do TEN a pecha de uma prática de “racismo às avessas”. De acordo com Barbosa<sup>126</sup>, essa visão de Guerreiro Ramos é concomitante à presença de Gilberto Freyre em eventos do TEN e aos debates em relação à luta pela aprovação da Lei Afonso Arinos contra o preconceito racial:

Neste contexto, ao trazer uma imagem freyriana da negritude, destacando-a como uma subjetividade nacional, humana, sincretizada pela índole democrática da cultura brasileira, Guerreiro revela sua disposição em aproximar os laços intelectuais entre a liderança do TEN e o famoso escritor e político recifense.

A ideia de Guerreiro Ramos de uma negritude mais conciliadora chocou-se frontalmente com a ideia mais “ortodoxa” da negritude proposta por Ironides Rodrigues por ocasião da realização do I Congresso do Negro Brasileiro, ocorrido em 1950 no Rio de Janeiro. Esse evento é apontado como “o maior evento público organizado sob auspícios do TEN”<sup>127</sup>, tendo participado dele as lideranças do TEN, apoiadores e colaboradores, como o deputado Hamilton Nogueira e uma vasta gama de intelectuais, dentre os quais destacam-se Luiz Costa Pinto, Édison Carneiro e Darcy Ribeiro e Roger Bastide.

A conferência de Ironides Rodrigues, *A estética da negritude*, apresentada no penúltimo dia do Congresso, promoveu a ideia de uma hipersensibilidade do negro, demonstrada, mormente, no seu pendor para as artes. Consta que Rodrigues encontrava-se influenciado pelo existencialismo de Sartre, principalmente devido ao ensaio *Orfeu negro*, que ele traduzira para *O Quilombo*. Como infelizmente as atas da sessão foram perdidas, é

<sup>125</sup> ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

<sup>126</sup> BARBOSA, Muryatan Santana. O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, p. 171-184, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000100011>. p. 176.

<sup>127</sup> *Ibid.*, p. 176.

difícil tecer considerações mais acuradas a respeito da conferência de Rodrigues, baseando-se as informações referentes à sua tese em depoimentos de pessoas que estiveram ali presentes.<sup>128</sup>

À conferência de Rodrigues seguiu-se um amplo debate no sentido de o autor estar promovendo um racismo às avessas, pois acabava por atacar as ideias vigentes de democracia racial e mestiçagem. Polarizou-se o debate em torno de uma vertente proveniente da esquerda nacionalista, que rechaçou a tese, na qual estavam incluídos Darcy Ribeiro e Édison Carneiro; e uma vertente ligada ao campo da centro-direita, em que se encontravam presentes as lideranças do TEN, como Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos, ambos ex-integralistas.

O resultado dessa querela foi a redação de um documento por parte dos intelectuais, que rechaçaram a tese de Ironides Rodrigues como “racista às avessas”. Os signatários da *Declaração dos Cientistas* se eximiam das consequências políticas do Congresso. Entre eles, citam-se os mencionados Darcy Ribeiro, Luiz Costa Pinto, Édison Carneiro e Guerreiro Ramos (que assinou, muito provavelmente, por defender uma visão mais integracionista da negritude). Assim sendo, enterrou-se a possibilidade de uma ligação mais próxima entre as lideranças do TEN e as elites culturais da época. Entre as consequências do Congresso para o movimento negro:

[...] o embate em torno da negritude trouxe consequências diretas para a formação de uma postura mais ativa do movimento negro nos anos 1950. Para os intelectuais do TEN, esta postura esteve associada, entre outras coisas, a uma inspiração política advinda dos ideais da negritude que, a partir de então, torna-se mais afirmativa e autônoma.<sup>129</sup>

O TEN continuou suas atividades ao longo das décadas de 1950 e 1960 de forma mais precária, até o exílio de Abdias Nascimento em 1968. O idealizador do grupo continuou com sua militância e seu trabalho teatral no exterior, principalmente nos Estados Unidos.

Concluindo essa breve trajetória do movimento negro, comunga-se do apontamento de Laiana Lannes de Oliveira<sup>130</sup> quando esta afirma que as continuidades estão ali muito mais presentes que as rupturas. É de se fazer notar que tanto a FNB quanto o TEN tenham tido objetivos semelhantes (a elevação social e moral do negro brasileiro), assim como a destacada presença de um componente nacionalista nas duas instituições. Chega-se à conclusão de que a

<sup>128</sup> BARBOSA, Muryatan Santana. O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, p. 171-184, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000100011>.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. 179.

<sup>130</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. *Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?* 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

grande mudança ocorrida nos anos 1930 para os anos 1950 seria justamente relacionada com a questão do nacionalismo: enquanto ele era pulsante e autoritário na FNB, no TEN observa-se uma aproximação e identificação maior do movimento negro para com a África.

Nesse sentido, a contribuição de Ironides Rodrigues é bastante significativa, como se tentou mostrar acima, principalmente pela divulgação dos autores de língua francesa do movimento da *Négritude*. Da mesma forma, passou-se de um ideal de *raça brasileira* mestiça e presente na FNB para um debate mais cauteloso, porém incisivo, na atuação do TEN, sobretudo nos fins da década de 1940.

## 2.4 O INTEGRALISMO

Apesar de todas as disputas de projetos, posições políticas e formas de atuação, um aspecto chama a atenção quando se trata do movimento negro na primeira metade do século XX: a aproximação de algumas de suas mais destacadas lideranças com o integralismo. Na breve discussão acima acerca da trajetória da Frente Negra Brasileira e do Teatro Experimental do Negro, apurou-se que Arlindo Veiga dos Santos manteve correspondência com Plínio Salgado e que, embora divergissem quanto ao modelo político a ser implementado no Brasil, o líder negro era simpático aos ideais integralistas.

Abdias Nascimento foi um ativo militante integralista, sendo até preso por seu envolvimento com o grupo. Ainda que conste que após o golpe de 1964 Nascimento tenha enveredado para a esquerda e que “o resquício de hostilidade em razão de ter sido integralista o perseguiu durante bem mais de meio século [...]”<sup>131</sup>, o criador do TEN não se arrependera da escolha de ter militado ao lado dos *camisas-verdes*. Não obstante a trajetória de Guerreiro Ramos não ter sido analisada, a outra grande liderança do TEN também participou do movimento, o que, de acordo com Oliveira<sup>132</sup>, lhe facilitou adentrar espaços majoritariamente reservados aos brancos e lhe possibilitou a nomeação a cargos estatais importantes, como sua indicação, pelo ex-integralista San Tiago Dantas, ao cargo de professor de Problemas Sociais e Econômicos do Brasil no Departamento Nacional da Criança. Quanto a Ironides Rodrigues, mesmo sendo jovem demais para militar no integralismo, manteve espaço destacado no principal periódico do herdeiro político da Ação Integralista Brasileira, o jornal *A Marcha*.

<sup>131</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias Nascimento**. Brasília: Senado Federal, 2014. (Coleção Grandes Vultos que horaram o Senado). p. 132.

<sup>132</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

Por essas razões, julga-se de expressiva relevância analisar os pontos-chave da doutrina que tanta influência exerceu nas lideranças negras da primeira metade do século XX. Há de se fazer a ressalva de que um trabalho de fôlego que trate das relações entre o integralismo e o movimento negro ainda está para ser feito, sendo um terreno de grandes possibilidades acadêmicas.

É impossível encontrar um trabalho que verse sobre o integralismo e não faça menção à figura de Plínio Salgado (1895-1975). Escritor, jornalista, militante político e fundador da Ação Integralista Brasileira, Salgado nasceu em São Bento do Sapucaí, oriundo de uma família católica e tradicional da região: o pai era coronel e farmacêutico e a mãe era professora. Leandro Pereira Gonçalves<sup>133</sup> refere que o nacionalismo autoritário tão presente no integralismo tem sua mais remota aparição na vida de Salgado pela influência de seu pai, a quem exaltava e de quem ficou órfão aos 16 anos. A profunda religiosidade é atribuída à influência da mãe, constituindo o nacionalismo e o espiritualismo os dois grandes pilares do movimento integralista. Aos 21 anos, fundou o jornal *Correio de São Bento* (que marca o início de sua atividade jornalística e onde aparecem seus primeiros escritos ficcionais) e, aos 23, participou da fundação do Partido Municipalista, de oposição ao Partido Republicano Paulista. Nessa idade se casou com Maria Amélia Pereira, de quem ficaria viúvo em 1919 logo após o nascimento de sua única filha.

Gonçalves<sup>134</sup> esclarece que houve um período na juventude de Salgado em que esteve inclinado a uma visão de mundo materialista. Após a morte da esposa, Salgado abraçou de vez a doutrina espiritualista que marcaria sua trajetória até o fim. Depois de ser preso em um comício do Partido Municipalista em 1920, Salgado partiu para São Paulo, onde conseguiu o emprego de revisor no *Correio Paulistano*, principal órgão do Partido Republicano Paulista. Embora em profundo desacordo com os ideais do Partido, consta que Salgado aproveitou sua posição para inserir-se em uma rede intelectual em que, aos poucos, começou a acumular prestígio. Entre seus contatos mais próximos, destacam-se Menotti del Picchia (chefe de redação do periódico) e Cassiano Ricardo. Em 1922, participou ativamente da Semana de Arte Moderna, imbuído de um forte caráter nacionalista. Héglio Trindade<sup>135</sup>, em sua seminal obra *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*, aponta a ambiguidade da trajetória

---

<sup>133</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

<sup>134</sup> *Ibid.*

<sup>135</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

de Salgado nessa época: mesmo estando no seio de um partido oligarca e conservador, participou da renovação estética modernista.

Leandro Gonçalves<sup>136</sup> faz uma ressalva em relação ao “modernismo” de Salgado, que para ele estaria mais próximo de uma ação “reformista”, tendo aderido “ao jogo” dos modernistas com ambições políticas. Entretanto, Gonçalves<sup>137</sup> destaca a importância da Semana de Arte Moderna para o autor:

O ano de 1922 pode ser identificado como um momento de extrema importância. A partir desse momento, deixou de ser um mero interiorano, assessor de redação do *Correio Paulistano* e escritor de pequenos contos e entrou de fato na organização política através de uma ótica cultural sobre o país com a defesa dos valores nacionalistas expressos na literatura sociopolítica.

Salgado aproximou-se das vertentes mais conservadoras do modernismo, ao lado de Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo, com quem atuava no movimento *Verde-Amarelo* e no grupo *Anta*. Em 1926, publicou *O Estrangeiro*. Esse romance talvez seja a obra literária de maior expressão na trajetória de Salgado, onde se encontram elementos que se tornariam basilares na constituição da Ação Integralista Brasileira, como a questão da miscigenação, dos imigrantes e do nacionalismo, assim como sua aversão ao comunismo e ao liberalismo. Com o sucesso da publicação da obra, Salgado elegeu-se deputado estadual (1928-1930) ao lado de Del Picchia. Como sua tentativa de renovação partidária foi frustrada, começou a procurar uma nova alternativa política para o Brasil.

Em 1930, viajou à Europa, como tutor do filho do banqueiro Alfredo Egydio de Souza Aranha, seu amigo e admirador. Na passagem pela Itália, encantou-se com o fascismo de Mussolini. Embora Salgado tenha diversas vezes mencionado uma longa reunião com o *Duce*, Gonçalves<sup>138</sup> afirma que o encontro não passou de uma breve audiência. De regresso ao Brasil, com a Revolução de 1930, Salgado alinhou-se às teses antiliberais promovidas pelos tenentes do Clube Três de Outubro. De importância notável por quase todos os estudiosos do integralismo foi o período em que foi editor do jornal *A Razão*. Em sua *Nota Política* diária, se encontram as bases ideológicas do integralismo.<sup>139</sup>

<sup>136</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

<sup>137</sup> *Ibid.*, p. 114.

<sup>138</sup> *Ibid.*

<sup>139</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

Ao lado de Salgado, na chefia do jornal, estava San Tiago Dantas, que viria a se constituir como um importante personagem no integralismo. Em fevereiro de 1932, criou a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que tentava cooptar um elevado número de intelectuais de tendências conservadoras no país inteiro. Além de intelectuais, Salgado manteve contato com lideranças de movimentos direitistas de âmbito regional. Dentre eles, destacam-se a Legião Cearense do Trabalho, criada pelo tenente Severino Sombra em 1931 e de amplo sucesso no Ceará, e o Partido Nacional Sindicalista, de Minas Gerais, comandado por Olbiano de Melo. Outro movimento com o qual Salgado manteve contato foi a Ação Imperial Patronovista Brasileira, agremiação de cunho católico e monarquista liderada pelo intelectual negro Arlindo Veiga dos Santos.<sup>140</sup>

Em abril de 1932, Plínio redigiu o *Manifesto da Ação Integralista Brasileira*, que se constituiria no ato fundacional da dita agremiação política. Com a turbulência política causada pela Revolução Constitucionalista, o lançamento foi adiado. No dia 17 de outubro de 1932, foi lançada a Ação Integralista Brasileira, com a leitura do *Manifesto* (conhecido como *Manifesto de outubro*) em sessão solene no Teatro Municipal de São Paulo<sup>141</sup>:

No *Manifesto de outubro de 1932*, Plínio Salgado expôs seus propósitos para o Brasil. O autor e político deixou explícita no manifesto sua proposta política para o Brasil: a defesa de um nacionalismo baseado no conservadorismo, tendo a manutenção da propriedade como forma de organização social, a aversão ao cosmopolitismo para uma sociedade forte e organizada dentro de um contexto tradicionalista.<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

<sup>141</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra**: a formação do PRP (1945-1950). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>142</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal**: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 87.

Não é pretensão desta pesquisa detalhar passo a passo a trajetória da AIB<sup>143</sup>, mas, sim, apontar suas principais características doutrinárias e os eventuais pontos de contato entre elas e as lideranças do movimento negro.

Como dito anteriormente, os dois pilares que sustentam o integralismo são o nacionalismo e o espiritualismo. De acordo com Trindade<sup>144</sup>, o nacionalismo é a principal ideia-força por trás do *Manifesto de outubro*, tendo um conteúdo mais cultural do que econômico, buscando uma tomada de consciência nacional traduzida pelo *slogan* “Despertemos a Nação”. Com o desenrolar do movimento, esse nacionalismo adquiriu um caráter anticosmopolita, principalmente na defesa dos interesses econômicos do Brasil em face do capitalismo financeiro internacional. Essa dimensão econômica aparece sobremaneira nos outros dois líderes do movimento, o antissemita Gustavo Barroso, que atribuía aos judeus nefasta influência no desenvolvimento econômico nacional, e Miguel Reale, que, oriundo do marxismo, possuía uma visão mais essencialmente econômica. O nacionalismo pliniano é mais ligado ao contexto dos anos 1920 e possui um traço romântico e lírico, muito presente em sua obra *Geografia sentimental*, exaltando o homem e a terra, uma nova raça em formação e a busca no passado dos fundamentos da civilização brasileira.

O espiritualismo aparece na concepção de sociedade almejada pelos integralistas. Buscava-se uma sociedade harmoniosa cujas raízes estão em uma visão idealizada da Idade Média. Essa harmonia social dependia de uma firme concepção hierárquica da sociedade derivada das diferenças naturais entre os homens.<sup>145</sup> Gonçalves<sup>146</sup> aponta essa visão como fruto da influência da encíclica *Rerum Novarum*, que inaugurou a doutrina social da Igreja e

---

<sup>143</sup> Na Academia Brasileira, coube às ciências sociais o protagonismo de elevar o integralismo a objeto de estudos na década de 1970. Na historiografia, nota-se nesse período o descrédito em relação à História Política em favor da História Social e Econômica. Nesse sentido, a primeira obra de fôlego que tratou do tema foi a tese do cientista político Hégio Trindade, defendida na França e publicada no Brasil em 1974 com o título *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Em 1977, José Chasin defendeu sua tese *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. Na obra, o autor contrapõe a ideia de que o integralismo seria uma forma de fascismo, pois a emergência deste só poderia ser possível em países desenvolvidos. No mesmo ano, Gilberto Vasconcellos defendeu sua tese *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*, onde faz a análise do movimento com base na ligação de Plínio Salgado com o movimento modernista. Por fim, Marilena Chauí, em 1978, escreveu o capítulo “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira” no livro *Ideologia e mobilização popular*. Neste, a autora, apoiada no marxismo, faz uma crítica do integralismo baseada no conceito de classe. Tais obras inserem-se na Sociologia e na Ciência Política. Apenas a partir dos anos 1980 o integralismo começou a ser objeto de pesquisa na historiografia brasileira, ainda que de forma tímida. Com a reavaliação da História Política, os trabalhos que versam sobre o integralismo começaram a surgir com mais força, principalmente após os anos 2000 (GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012).

<sup>144</sup> TRINDADE, Hégio. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

<sup>145</sup> *Id.* **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

<sup>146</sup> GONÇALVES, *op. cit.*

que influenciou movimentos como a *Action Française* e o Integralismo Lusitano. Essa visão organicista de mundo é percebida na Ação Imperial Patrionovista Brasileira e na Frente Negra Brasileira, em que havia uma rígida organização e hierarquia. Buscando uma concepção integral do homem, nação e sociedade, a dicotomia materialismo/espiritualismo possui elevada relevância na visão integralista da sociedade e da História:

Contudo, o ideal da harmonia social não é um fato permanente na evolução da história da humanidade. A filosofia da história integralista apoia-se, ao contrário, numa interpretação maniqueísta da evolução da humanidade, em que se defrontam continuamente o homem contra o homem, o bem contra o mal, o materialismo contra o espiritualismo.<sup>147</sup>

De acordo com a visão integralista, quando predomina o espiritualismo, a conciliação e a solidariedade imperam, contribuindo para uma sociedade unida. Já o materialismo é o principal fator da desagregação da sociedade, causando a ruína das nações e das civilizações.

Gilberto Vasconcellos<sup>148</sup> destaca o primado do espírito sobre a matéria no discurso integralista. Para o autor, a crítica ao socialismo promovida pelos integralistas não se baseava numa questão de eficiência ou de maior produtividade do sistema capitalista, e sim em subordinar o espírito à matéria. Essa crítica é dirigida inclusive ao sistema capitalista. Embora o anticomunismo seja a tônica no integralismo pós-Segunda Guerra Mundial, tanto Trindade<sup>149</sup> quanto Rodrigo Oliveira<sup>150</sup> ressaltam que o principal alvo dos ataques integralistas na década de 1930 era o liberalismo. De acordo com Oliveira<sup>151</sup>, isso se deve ao fato da experiência “liberal” oligárquica da Primeira República (1889-1930), de que Plínio Salgado era um opositor, enquanto o comunismo era visto como uma ameaça real, mas distante e que atingiria o Brasil apenas no médio ou longo prazos.

A organização integralista, rígida e hierárquica, pressupunha o Chefe Nacional, inspirado no modelo fascista. Essa posição foi ocupada, naturalmente, por Plínio Salgado. O poder do *Chefe* é absoluto, “mais do que uma pessoa, ele é a encarnação da ‘ideia’ integralista”.<sup>152</sup> Para entrar no movimento, era necessário um juramento de total obediência ao

<sup>147</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016. p. 233.

<sup>148</sup> VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira**: análise do discurso integralista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

<sup>149</sup> TRINDADE, *op. cit.*

<sup>150</sup> OLIVEIRA, Rodrigo. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

<sup>151</sup> *Ibid.*

<sup>152</sup> TRINDADE, Héglio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 79.

Chefe, e a consequência disso era o culto a sua personalidade. Trindade<sup>153</sup>, baseado no depoimento de diversos militantes e dirigentes integralistas, afirma que Salgado se tornara um personagem entre chefe político e religioso, tamanha a estima que tinham por ele.

O aspecto simbólico do integralismo possuía alta relevância e é um dos elementos que o aproximam mais explicitamente dos fascismos europeus. Como símbolo do movimento, foi escolhida a letra grega *sigma* ( $\Sigma$ ), que na matemática designa o cálculo *integral*, além de ser a forma como os primeiros cristãos da Grécia indicavam a palavra “Deus”. A saudação entre os militantes, como nos fascismos europeus, era feita com o braço direito levantado, acompanhado de uma palavra indígena, “anauê!”, que é uma forma de saudação na língua tupi que significa algo como “você é meu amigo”. Além disso, o uso da camisa-verde como uniforme integralista foi tão marcante que os integralistas começaram a ser chamados simplesmente de *camisas-verdes*.<sup>154</sup> Esses aspectos simbólicos encontrados no integralismo têm como objetivo proporcionar uma socialização ideológica entre os militantes, inspirados no fascismo.

Como na FNB, o integralismo contava com diversos departamentos em sua organização, criados no Congresso de Vitória, em 1934, e no Congresso de Petrópolis, em 1935, sendo todos naturalmente subordinados ao Chefe Nacional. Havia os departamentos de Organização Política, Doutrina, Propaganda, Cultura Artística, Milícia, Finanças e Justiça, criados em Vitória; e dois novos órgãos criados em Petrópolis: a Câmara dos Quarenta e o Conselho Supremo. Trindade<sup>155</sup> aponta no integralismo uma organização pré-estatal:

Nesta perspectiva, estava formado o Estado Integralista em potencial, que era muito mais do que um “contragoverno” ou gabinete de oposição. Ele funciona como um verdadeiro Estado totalitário que possui não somente uma ideologia de Estado, mas utiliza-se de meios estatais como de um aparelho burocrático interno, de Forças Armadas paralelas (a Milícia), de uma política de socialização e de reeducação dos militantes e de uma legislação própria (resoluções, regulamentos, medidas de censura, etc.), assim como de um tribunal e de um corpo de “magistrados” para julgar as ações de seus membros.

Como se pode perceber, a influência do ideário integralista no movimento negro se deu, principalmente, pelo nacionalismo (embora seja leviano apontar somente o integralismo como razão do nacionalismo no movimento negro, é possível dizer que pela influência que este exerceu em seus líderes a ideia tampouco é descartável) e pela organização rígida e

---

<sup>153</sup> TRINDADE, Hélió. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

<sup>154</sup> *Id.* **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

<sup>155</sup> TRINDADE, **A tentação fascista no Brasil**, *op. cit.*, p. 83.

hierárquica, no caso da Frente Negra Brasileira. Isso parece mais latente devido à própria trajetória de Arlindo Veiga dos Santos, muito influenciado pela intelectualidade católica ao redor do Centro D. Vital e correspondente de Plínio Salgado nos anos 1930. Em relação ao Teatro Experimental do Negro, as influências do integralismo não são tão claras, sendo mais explícita a vinculação de suas principais lideranças ao movimento. Tampouco percebe-se a desvinculação total das lideranças negras em relação ao integralismo no pós-guerra, como atesta a longa colaboração de Ironides Rodrigues como crítico cinematográfico no jornal *A Marcha* e uma longa entrevista concedida por Abdias Nascimento no segundo número desse jornal, datando de 27 de fevereiro de 1953.

### 3 O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR E O JORNAL *A MARCHA*

Neste capítulo, o foco da pesquisa será analisar o PRP, herdeiro político da Ação Integralista Brasileira. O jornal *A Marcha*, em que estão as colunas de Ironides Rodrigues, foi o órgão oficial do partido de 1953 até sua extinção, em 1965, devido ao Ato Institucional n. 2. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a redemocratização no Brasil, a rearticulação do movimento integralista não poderia ocorrer em moldes similares à AIB da década de 1930. Por essa razão, é de alta relevância que se analisem as diferenças entre as duas agremiações, visto que foi a reconfiguração do discurso e do passado da AIB que possibilitaram a criação do partido e a manutenção da intervenção política integralista no processo político brasileiro pelo período de duas décadas. Há que se ressaltar que muito embora a nova roupagem integralista tenha garantido a sobrevivência do movimento, a defesa intransigente da atuação do integralismo no período anterior ao Estado Novo denota a importância desse passado na configuração ideológica do PRP, consolidada pela figura de Plínio Salgado. Não seria possível, entretanto, empreender tal análise se não forem feitas considerações sobre o período de exílio de Salgado em Portugal, visto que é lá que o chefe integralista desenvolve as bases ideológicas do Partido de Representação Popular. Além disso, este capítulo também terá como foco de análise a posição da AIB e do PRP quanto à questão racial, para que se possa tentar compreender melhor a vinculação de Ironides Rodrigues ao integralismo do pós-guerra, assim como a própria existência de sua coluna no órgão oficial do partido.

#### 3.1 O FIM DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E O EXÍLIO DE PLÍNIO SALGADO

Como menciona Leandro Pereira Gonçalves<sup>156</sup>, desde a década de 1920, Plínio Salgado se mostrou hostil à existência dos partidos políticos, considerados por ele como vetores do poder político das velhas oligarquias brasileiras. Com a fundação da Ação Integralista Brasileira em 1932, esse pensamento se manteve, alicerçado na concepção de “Estado integral” defendida pelo movimento, com bases organicistas e fortemente influenciado pelo fascismo, rechaçando qualquer modelo de ação liberal. Dado o contexto da época, as duas maneiras possíveis de tomada de poder seriam a via insurrecional ou a via

---

<sup>156</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

eleitoral. Embora os textos políticos de Salgado privilegiassem a primeira dessas opções, seria um caminho demasiado longo para que se alcançasse tal objetivo, pois apesar da aceitação do integralismo em determinados meios, eram muito reduzidas as chances de sucesso. Nas eleições de 1934, mesmo não sendo um partido, a AIB participou do pleito. O razoavelmente expressivo número de votos e o rápido aumento no número de militantes no movimento fizeram com que Salgado abandonasse seu posicionamento anterior e registrasse o movimento como partido político. Tal alteração jurídica de estatuto foi realizada durante o Congresso de Petrópolis, em 1935, onde se delinearão com mais precisão os objetivos do movimento:

A transformação do movimento em partido político coincide com a passagem da fase “revolucionária” do Integralismo à sua fase “eleitoral”. A partir desse momento, a mensagem ideológica não se dirige somente a militantes consagrados à “revolução integral”, mas a eleitores potenciais.<sup>157</sup>

Em relação à incoerência dessa posição, dada a vigência do pensamento antipartidário até a alteração, observa-se que Salgado buscou frisar o aspecto *nacional* do partido, relacionando as críticas anteriores aos partidos regionais. Trindade<sup>158</sup> refere ainda a reformulação dos estatutos partidários ocorrida no documento *Protocolos e Rituais da Ação Integralista Brasileira*, de 1937, em que esta não é mais vista apenas como um centro de estudos e de educação moral e cívica, e sim como um partido político buscando *reformular* o Estado legalmente, e não implantar à força o Estado Integral. A partir da alteração, e com a concessão do registro eleitoral pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em setembro de 1937, a AIB passou a se preparar para o lançamento da candidatura de Plínio Salgado às eleições presidenciais de 1938.

Nesse contexto, é necessário que se dê atenção às relações entre a AIB e Vargas, para que se possa compreender melhor como se deu a sua extinção e o posterior período de exílio de Plínio Salgado:

A relação entre a AIB e Getúlio Vargas foi marcada por aproximações e aparente caminhos em comum e outros de profundas rupturas. A aproximação existente entre ambos era amplamente dinamizada devido a inimigos em comum, expresso pelo discurso antiliberal e anticomunista, assim como algumas reivindicações e plataformas próximas, repletas de um evidente discurso nacionalista, com a defesa da implantação de um Estado forte e centralizador e o grande apelo às classes populares, em especial os trabalhadores. Esta relação, ao que tudo indica, parece não ter sido vista com desconfiança e ressalvas pela elite integralista. De fato, o golpe de

---

<sup>157</sup> TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016. p. 197.

<sup>158</sup> *Ibid.*

Estado que instalou a ditadura do Estado Novo contou com o apoio em alguns momentos de membros da AIB.<sup>159</sup>

Entre essas aproximações e rupturas, Gonçalves<sup>160</sup> destaca que as relações entre Plínio Salgado e Getúlio Vargas eram complexas, visto que este último tinha conhecimento das ambições de Salgado em relação à tomada de poder. Calil<sup>161</sup> aponta que a convergência do ideário e da mobilização política integralista com o projeto centralizador de Vargas tornou-se patente no ano de 1937, com muitos integralistas acreditando na possibilidade de um protagonismo da AIB na eventualidade de um novo regime. A marcha integralista do dia 1º de novembro, na qual milhares de militantes foram até o Palácio do Catete manifestar apoio ao presidente, parece ser um exemplo claro desse aceno entusiasmado ao projeto getuliano, assim como foi uma espécie de emulação da Marcha sobre Roma levada a cabo pelos fascistas italianos em 1922, com o objetivo de mostrar para a população e para o presidente o poder dos integralistas.<sup>162</sup> Ciente desse apoio, Vargas demonstrou habilidade para jogar com Salgado de forma que fosse conveniente às suas próprias ambições políticas.

O plano Cohen, documento forjado em grande parte pelo chefe das milícias integralistas, o capitão do exército Olímpio Mourão Filho, que evocava um plano comunista com incitações a greve geral, saques e assassinatos de opositores, foi divulgado em 30 de setembro de 1937, sendo utilizado como justificativa para o golpe que implantou o Estado Novo no mês de novembro. Ferrenhos anticomunistas, Vargas e Salgado começaram a discutir uma possível aliança. Com a promessa de indicar Salgado ao cargo de ministro da Educação e Saúde, a AIB apoiou o golpe de Estado de 10 de novembro. Conforme expõe Calil<sup>163</sup>, a posição de destaque que vinha sendo prometida a Salgado o levou a oferecer as milícias integralistas a Vargas em caso de resistência. Gonçalves<sup>164</sup> observa que mesmo com o apoio dos integralistas, a protelação da indicação de Salgado ao ministério denota que Vargas se utilizou do peso dos militantes integralistas para auxiliar a consolidação do novo regime. Mesmo com a decretação da extinção de todos os partidos políticos (dentre os quais a

<sup>159</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. **Integralismo, neointegralismo e antisemitismo:** entre a relativização e o esquecimento. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. p. 36.

<sup>160</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal:** trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

<sup>161</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra:** a formação do PRP (1945-1950). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>162</sup> CALDEIRA NETO, *op. cit.*

<sup>163</sup> CALIL, *op. cit.*

<sup>164</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado:** um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

AIB) em dezembro de 1937, Salgado não rompeu de forma imediata com o Estado Novo, acreditando que o cargo de ministro acabaria por compensar tal ato.<sup>165</sup>

Nesse contexto, ainda em dezembro de 1937, Salgado cria a Associação Brasileira de Cultura (ABC), como forma de congregar os militantes integralistas em uma associação cívica com o objetivo de manter a propagação do ideário integralista de aprimoramento moral, cívico e espiritual, com acentuada tônica nacionalista, ainda que dentro da lei. A exclusão de pautas políticas no programa da ABC foi uma forma encontrada para que a associação fosse vista com complacência pelo recém-instaurado Estado Novo, visto que os objetivos a que se propôs (de elevação espiritual e moral da nação) eram caros ao novo regime e poderiam beneficiá-lo. Concomitantemente, Salgado ainda buscava algum entendimento com Vargas no sentido da participação do integralismo no governo.<sup>166</sup>

Como refere Gonçalves<sup>167</sup>, é notável a ambiguidade do chefe integralista nesse contexto. Com a grande insatisfação dos militantes pela extinção da AIB, Salgado oficialmente protestou e recusou o cargo de ministro em janeiro de 1938, apelando para o discurso de traição por parte de Vargas. Entretanto, ainda assim Salgado prosseguiu nos bastidores com alguma articulação para a indicação a ministro até fevereiro de 1938.

A tensão crescente marca as relações entre os integralistas e o Estado Novo nesse período. A ala de militantes que via em Vargas um potencial aliado no sentido da convergência de pontos entre o ideário integralista e as ações do novo regime no tocante à centralização e ao corporativismo de Estado se torna minoritária em relação àquela crítica do regime, que principalmente após a recusa de Salgado ao ministério, ganha força, consolidando a imagem de Vargas como um traidor. Embora neste período não houvesse repressão sistemática ao integralismo, alguns incidentes causavam preocupação e acirravam os ânimos:

Os ânimos exaltavam-se e os incidentes prosseguiram. Em 31 de janeiro daquele mesmo ano, foram apreendidas diversas armas em Niterói (RJ), na casa do integralista major Pedro Otaviano de Oliveira. Ainda em Niterói, três dias depois, a polícia prendeu o proprietário de uma padaria e, no local, foram encontrados uniformes e armas de integralistas. Embora os incidentes não estivessem ligados a um movimento maior e articulados da ação integralista contra o Estado Novo, o fato é que a cúpula dos camisas-verdes – entre estes o chefe nacional – já se articulava com outros setores antigetulistas, tramando um golpe.<sup>168</sup>

<sup>165</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

<sup>166</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. **Integralismo, neointegralismo e antissemitismo: entre a relativização e o esquecimento**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

<sup>167</sup> GONÇALVES, *op. cit.*

<sup>168</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. p. 56.

O ápice dessa tensão se dá quando da tentativa de golpe efetuada em maio de 1938, episódio que ficou conhecido como “Levante Integralista” ou “*Putsch* Integralista”. Há que se analisar esse acontecimento com atenção, pois há divergência dos historiadores em relação ao protagonismo dos integralistas. O grupo que levou a cabo a fracassada tentativa de golpe era composto por militares e civis antigetulistas, reunindo integralistas e liberais. Segundo Calil<sup>169</sup>, coube ao general Castro Júnior, um liberal que pretendia restaurar a constituição de 1934, a chefia militar da ação. A falta de organização no preparo do levante, a ausência de diversos militantes no dia da ação, além da provável covardia dos integralistas fizeram com que a ação fracassasse. Mesmo a tentativa de tomar o Palácio Guanabara foi repelida com certa facilidade.

Após o malsucedido levante, a repressão ao integralismo pela ditadura do Estado Novo tornou-se muito intensa, com a apreensão de materiais integralistas por todo o país e perseguição a militantes, além da prisão da maioria dos envolvidos no *putsch*, entre os quais os integralistas participantes e o general Castro Júnior. Além disso, o Estado Novo lançou uma vasta campanha difamatória contra o integralismo, amplamente divulgada pela imprensa, na qual seus membros eram caracterizados como extremistas, golpistas, quinta-coluna fascista, covardes e patéticos.<sup>170</sup>

Acuado, Plínio Salgado permaneceu foragido por vários meses após o levante. De acordo com sua esposa, Carmela Patti Salgado, foi um período de grandes dificuldades: “Nós não tínhamos uma casa fixa. Uma semana numa casa, uma semana em outra, uma semana na capital durante 2 anos. Até que ele foi preso numa madrugada”.<sup>171</sup> A prisão de Salgado ocorreu em 26 de janeiro de 1939 em São Paulo. Às autoridades, informou que não havia incitado atos e violência e que até aquela data encontrava-se em recolhimento espiritual. Sua liberação ocorreu três dias depois. Salgado permaneceu em liberdade até maio de 1939, sendo que nesse período orientou os militantes integralistas a colaborarem com o regime vigente. No mês de maio, foi preso mais uma vez e transferido para a Fortaleza de Santa Cruz, de onde embarcou para o exílio no dia 22 de junho desse ano. Durante o período de Salgado na clandestinidade, observa-se que sua verve religiosa foi ficando cada vez mais acentuada,

<sup>169</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>170</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

<sup>171</sup> SALGADO *apud* GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017. p. 110.

tendo partido para o exílio com os manuscritos da obra que o notabilizaria em Portugal, a *Vida de Jesus*.<sup>172</sup>

### 3.2 A AIB E A QUESTÃO RACIAL

Como a atuação da AIB durante a década de 1930 constitui o principal universo de referências em relação ao movimento integralista no pós-guerra, a análise de como o integralismo se colocava na questão racial é relevante para compreender como a questão era refletida no período do objeto da pesquisa, entre as décadas de 1940 e 1960, que culmina com a legalidade do Partido de Representação Popular e a atuação de Ironides Rodrigues no órgão oficial do partido.

A posição da Ação Integralista Brasileira diante da questão racial no Brasil é dúbia, pois não existiam documentos oficiais do partido que tratassem especificamente dessa questão. Além disso, apesar de os estudos sobre o integralismo, principalmente a partir da década de 1990, terem se dinamizado tematicamente, abordando questões de âmbito regional, a presença das mulheres no movimento, a imprensa e a juventude no integralismo, percebe-se que ainda são muito reduzidos os estudos que tratem da questão racial no pensamento integralista. Ao mesmo tempo, como foi salientado no capítulo anterior, é notável que diversas lideranças negras da primeira metade do século XX tenham sido militantes da AIB.

Em relação aos estudos sobre o movimento negro, os historiadores com frequência citam a vinculação de lideranças como Guerreiro Ramos, Abdias Nascimento e Sebastião Rodrigues Alves ao integralismo, embora a pesquisa não tenha localizado algum estudo que analise a questão com um grau maior de profundidade. As exceções são os estudos que tratam da Frente Negra Brasileira e de Arlindo Veiga dos Santos, cuja aproximação com o ideário integralista foi mais acentuada. Embora esses trabalhos acabem frequentemente por mostrar as convergências ideológicas dos movimentos e a relação de Veiga dos Santos com Plínio Salgado, não se encontram estudos de fôlego que tratem do negro no integralismo. Dada a vinculação de Ironides Rodrigues ao principal órgão da imprensa integralista no período do pós-guerra, o jornal *A Marcha*, por quase uma década, é de alta relevância que se esbocem brevemente algumas considerações acerca do integralismo e a questão racial.

Conforme Oliveira<sup>173</sup>, o racismo integralista foi estudado, principalmente, pelo antissemitismo. Gustavo Barroso, um dos principais ideólogos e o número dois da hierarquia

---

<sup>172</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

integralista, foi um virulento antissemita, tendo escrito obras de cunho histórico que apontavam os judeus como responsáveis pelas mazelas do Brasil.<sup>174</sup> O antissemitismo de Barroso não foi esposado de forma completa pelos demais ideólogos da AIB, como Plínio Salgado, que possuía uma visão mais moderada em relação a essa questão e que considerava o antissemitismo de Barroso como muito radical. Entretanto, Trindade<sup>175</sup> afirma que a dimensão antissemita está muito presente no universo ideológico da base de militantes da AIB, o que ocasiona que os líderes integralistas que criticavam as posições de Barroso não se colocavam neutros diante da questão, apenas rejeitavam seu radicalismo. Trindade<sup>176</sup> propõe como exemplo uma carta aberta sobre a questão judaica escrita por Plínio Salgado e publicada em 1934 na revista integralista *Panorama*, em que fez críticas ao nazismo alemão e observou que a perseguição aos judeus atentava contra o cristianismo, desejando a integração destes na sociedade, sobretudo pelo casamento com cristãos. O texto de Salgado é expressivo, pois essa visão humanista cristã e esse desejo de integração à sociedade são observados em relação aos negros:

O integralismo retirou a discussão sobre a questão racial do campo das ciências e da razão, e a transportou para o campo da moral e dos valores, dando-lhe um aspecto humanista. Essa operação ideológica possibilitou ao movimento combinar a defesa de princípios racistas e excludentes com a negação do racismo enquanto parte integrante de seu ideário. A negação do racismo foi, inclusive, utilizada como marco divisório entre o integralismo e o nazismo alemão, possibilitando às lideranças integralistas a elaboração de um discurso crítico ao nazismo e ao seu “imperialismo racista”.<sup>177</sup>

É de se destacar que uma das principais preocupações dos intelectuais na década de 1930 é em relação à “construção” da nação brasileira. Nesse sentido, os integralistas, como agentes políticos de expressão nesse cenário, que traziam consigo um projeto de reconstrução nacional, não poderiam se abster de uma discussão palpitante e cara ao debate da época: a questão racial. A posição da AIB em relação ao negro não é explicitada de forma direta, mas se pode depreender elementos para a compreensão do movimento em relação ao negro quando

---

<sup>173</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 36, p. 118-138, 2010.

<sup>174</sup> Em relação aos estudos focados no antissemitismo na AIB, ver: CYTRYNOWICS, Roney. **Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992; MAIO, Marcos Chor. **Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

<sup>175</sup> TRINDADE, Hélijo. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

<sup>176</sup> *Ibid.*

<sup>177</sup> CRUZ, Natália dos Reis. **O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio**. 2004. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004. p. 97.

se analisa o projeto de nação proposto pela AIB. Como assinala Trindade<sup>178</sup>, o objetivo integralista expresso no *Manifesto de outubro* era unir os brasileiros em um só espírito para a consolidação de uma Nação organizada, una, indivisível e forte, com a finalidade da criação de uma cultura, civilização e modo de vida genuinamente brasileiros. De acordo com essa proposição ambiciosa, não se poderia simplesmente descartar o grande contingente de população negra no Brasil, de forma que o integralismo não se apresentava abertamente como racista (com exceção do antissemitismo de Gustavo Barroso, como analisado acima).

De acordo com Natália Cruz<sup>179</sup>, apesar do discurso humanista de integração e do aspecto não racista oficial do movimento, a defesa dos integralistas em relação aos ideais de miscigenação visava, em sua finalidade, ao branqueamento da população. Nesse sentido, o projeto de uma nação integral, corporativista, sem conflitos, homogênea racial e culturalmente passava por essa defesa da miscigenação. Assim, o nacionalismo integralista combatia a manutenção de identidades culturais de comunidades de imigrantes, defendendo a nacionalização dessas comunidades com conotações racistas, pois acabavam por fomentar a ideia de uma raça única brasileira, branca. Para a consolidação desse projeto, Salgado, principalmente, utilizou do simbolismo tupi, que seria o fator étnico comum de todos os brasileiros. Em entrevista a Héglio Trindade<sup>180</sup>, Plínio Salgado desenvolve a ideia:

É bem possível, diz ele, que essa unidade racial [...] tenha origem no elemento tupi [...]. Todas as raças estrangeiras que para aqui vieram terão no tupi uma espécie de denominador comum...” [...] Noutra passagem, ele retoma a mesma ideia: “Tudo indica [...] que uma multiplicidade de fatores e ocorrências converge na formação uma da nacionalidade brasileira e que justamente os traços étnicos diferenciais, assim como as modalidades climatéricas variadas, antes de constituírem um empecilho, determinam uma possibilidade maior para que se plasme no Brasil um tipo humano futuro, que será, incontestavelmente, um dos mais superiores e inteligentes. Despertemos no coração dos brasileiros a consciência desse grande destino”.

De acordo com Natália Cruz<sup>181</sup>, o integralismo possuía uma visão idílica do indígena, na qual houve a predisposição por parte dos índios para a mistura racial com o branco colonizador. Nessa visão, cabe destacar que vários escritos integralistas mostram como o colonizador fora bem recebido no Brasil, desconsiderando as consequências muitas vezes

<sup>178</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

<sup>179</sup> CRUZ, Natália dos Reis. **O integralismo e a questão racial**: a intolerância como princípio. 2004. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

<sup>180</sup> TRINDADE, *op. cit.*, p. 84.

<sup>181</sup> CRUZ, *op. cit.*

trágicas para as populações indígenas, escravizadas e dizimadas por doenças trazidas pelo colonizador português.

O elemento tupi, enquanto “naturalmente” dotado da capacidade de se fundir com o branco, devido à sua alma cordial e benevolente, desapareceu enquanto raça, mas deixou a benevolência e a cordialidade na alma e na subjetividade das demais raças que se misturaram ao sangue tupi. Assim, a história aparece como fator explicativo da tradição brasileira de amálgama racial: o evento histórico do “encontro” entre o branco e o indígena teria propiciado a consolidação de uma “alma” e de uma “subjetividade” nacionais tendentes à harmonização e à solidariedade entre os diversos grupos sociais, sendo a miscigenação racial entendida como parte desse processo.<sup>182</sup>

Ainda de acordo com a autora, a valorização do elemento negro em nossa sociedade é pautada nos mesmos moldes: a tendência à miscigenação, o valor do trabalho negro na construção nacional e os feitos de negros heroicos para a defesa do Brasil. Nesse sentido, Cruz<sup>183</sup> destaca a figura de Henrique Dias, negro que lutou com os portugueses e os índios para repelir os invasores holandeses. Em textos de Plínio Salgado e Gustavo Barroso, Dias é louvado como um herói nacional, caracterizando o elemento negro como pacífico no trabalho e valente na guerra. Entretanto, apesar do reconhecimento das virtudes dos elementos negro e indígena, o discurso integralista acaba por dar primazia à contribuição e ao modo de vida branco, conciliador da vida nacional:

No entanto, a raça branca – representada pelos colonizadores portugueses – é extremamente exaltada pelo integralismo. O branco colonizador teria demonstrado profunda habilidade e capacidade de fomentar uma unidade de sentimentos, fazendo com que a integração cultural, cimentada pelo cristianismo, predominasse, a despeito da ampla variedade de povos que convivem em território brasileiro.<sup>184</sup>

Em relação à presença dos negros na AIB, historiadores como Kossling<sup>185</sup>, Alberto<sup>186</sup>, Domingues<sup>187</sup>, Malatian<sup>188</sup> e Sentinelo<sup>189</sup> apontam que esta se deu, principalmente, pela

<sup>182</sup> CRUZ, Natália dos Reis. **O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio**. 2004. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004. p. 105.

<sup>183</sup> *Ibid.*

<sup>184</sup> *Ibid.*, p. 105.

<sup>185</sup> KOSSLING, Karin Santana. Os afrodescendentes na Ação Integralista Brasileira. **Histórica**, São Paulo, v. 14, p. 19-24, 2004.

<sup>186</sup> ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

<sup>187</sup> DOMINGUES, Petrônio. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro II!”. **Varia História**, v. 22, p. 517-536, 2006.

<sup>188</sup> MALATIAN, Teresa. **Império e missão: um novo monarquismo brasileiro**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

convergência de ideários entre a Frente Negra Brasileira (com destaque para a liderança de Arlindo Veiga dos Santos) e a AIB, analisada no capítulo anterior. Naturalmente, esses estudos proporcionaram muitos avanços em relação a essa questão e não devem ser deixados de lado. Entretanto, parece talvez algo precipitado julgar que a presença de militantes negros no integralismo se deveu somente a isso. Bertonha<sup>190</sup> demonstra, em fotografias, a existência de negros integralistas mesmo em regiões fortemente influenciadas pela colonização alemã, como em Joinville, Santa Catarina. Infelizmente, esse ainda é um campo muito nebuloso, nem a tese de Natália Cruz<sup>191</sup>, sobre a questão racial no integralismo, trata desses aspectos. Como salienta Bertonha<sup>192</sup>:

Enfim, a rede de colaboração e do conflito entre as lideranças negras, os patrianovistas e os integralistas (e o fascismo em geral) ainda é algo a ser reconstruído com mais rigor, assim como as possíveis e quase certas tensões que opuseram brancos e negros, descendentes de imigrantes e de ex-escravos, dentro do integralismo. As visões de nacionalidade, de fascismo e do próprio integralismo que emergiam destes atores diversos podiam confluír e se chocar, conforme o momento e a situação, e uma reconstrução rigorosa dessa teia – ainda que avanços imensos tenham sido feitos nos últimos anos, como demonstram trabalhos como os de Petrônio Domingues e André Oliveira – é um filão de pesquisa a ser explorado.

Karin Kossling<sup>193</sup> afirma que o desejo de integração nacional fomentado pela AIB foi um grande atrativo para atrair a presença de negros ao movimento. Salientando a proximidade entre a FNB e o integralismo, a historiadora pontua que no jornal integralista provincial de São Paulo, *Acção*, constam fotografias de militantes da Frente ao lado de integralistas nas comemorações do dia 13 de maio, data da Abolição. A historiadora ainda traz uma declaração do deputado integralista João Carlos Fairbanks, de 1937, contida no mesmo jornal. A citação vale a pena para que se possa compreender melhor a visão da AIB sobre o negro, assim como mostrar que para os integralistas o preconceito racial era algo inexistente no Brasil:

Hoje, dia em que todos os núcleos integralistas do Brasil, por ordem do eminente Chefe Nacional, vai ser convidado um preto humilde, o mais modesto do seu município, para representar o próprio Chefe Nacional na mesa da Presidência, vem

<sup>189</sup> SENTINELO, Jaqueline Tondato. O negro e a Ação Integralista Brasileira: entre teoria e realidade. Uma análise historiográfica. In: SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA, IV; SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA: POLÍTICA E CULTURA & POLÍTICA E SOCIEDADE, I, Rio de Janeiro, 2009. *Anais...* Rio de Janeiro, 2009.

<sup>190</sup> BERTONHA, João Fábio. **Integralismo: problemas, perspectivas e questões historiográficas**. Maringá: Eduem, 2014.

<sup>191</sup> CRUZ, Natália dos Reis. **O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio**. 2004. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

<sup>192</sup> BERTONHA, *op. cit.*, p. 27.

<sup>193</sup> KOSSLING, Karin Santana. Os afrodescendentes na Ação Integralista Brasileira. **Histórica**, São Paulo, v. 14, p. 19-24, 2004.

mostrar que não existe um resquício desse preconceito, se é que possa existir esse preconceito no Brasil.<sup>194</sup>

Embora pudessem haver ressalvas à afirmação acima por parte de militantes negros, entende-se que o objetivo da FNB de lutar pela elevação moral e cultural do negro encontrava eco nas propostas integralistas, notando-se que ambos os movimentos acreditavam no ideal de uma “raça brasileira”:

O discurso integralista trabalhou assim como a *Frente Negra*, com a noção de “raça brasileira”, buscando um sentido de integração e confluência para o apaziguamento da população brasileira, negando o preconceito de raça. Sob esse clima discursivo o ideal de integração e de “brasilidade” seduz um segmento social que vivia à margem da sociedade, num período de hegemonia da visão negativa sobre ser negro. O discurso integralista apresenta-se exatamente de acordo com as expectativas de grande parte dos afrodescendentes: o ideal de integração.<sup>195</sup>

Apesar do discurso integralista de integração e valorização da contribuição de cada elemento étnico para a formação da nação brasileira, consta que os negros de forma geral não alcançaram posições de destaque na AIB. Uma exceção notável é o caso de Dario de Bittencourt, que foi chefe provincial da AIB no Rio Grande do Sul entre 1934 e 1936. Entre 1920 e 1930, Bittencourt foi o diretor do jornal *O Exemplo*, editado em Porto Alegre e dedicado às causas da população negra. Entretanto, como informa Maria José Lanziotti Barreras<sup>196</sup> em seu estudo sobre a trajetória de Bittencourt, sua ascensão se deu muito mais em função das ligações com a Igreja Católica e com a ideologia positivista, não levando em consideração sua identidade negra. Bertonha<sup>197</sup> refere que, assim como o caso de Bittencourt, outras motivações podem ter levado negros a militarem na AIB, destacando aí a presença feminina:

O mesmo, provavelmente, se repetiu com muitos outros negros, que se aproximaram do movimento não por sua origem étnica, mas por compartilharem os valores e perspectivas integralistas e por suas origens sociais ou culturais, no catolicismo ou nas classes médias. [...] muitas mulheres de origem índia ou negra podem ter optado pela militância na AIB por sua condição de gênero ou origem social e não simplesmente pela cor da pele. Mais provavelmente, houve uma combinação de elementos, difícil de avaliar a não ser em nível individual.<sup>198</sup>

<sup>194</sup> FAIRBANKS *apud* KOSSLING, Karin Santanna. Os afrodescendentes na Ação Integralista Brasileira. *Histórica*, São Paulo, v. 14, p. 19-24, 2004.

<sup>195</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>196</sup> BARRERAS, Maria José Lanziotti. **Dario de Bittencourt**: uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

<sup>197</sup> BERTONHA, João Fábio. **Integralismo**: problemas, perspectivas e questões historiográficas. Maringá: Eduem, 2014.

<sup>198</sup> *Ibid.*, p. 24.

O historiador ainda ressalta a participação de outras personalidades negras de destaque na AIB, como o caso de João Cândido, líder da Revolta da Chibata em 1910. Como salientado no capítulo anterior, Abdias Nascimento militou nas hostes do sigma, assim como Sebastião Rodrigues Alves e Guerreiro Ramos. Nota-se que desses três nomes citados, os dois primeiros eram paulistas e tiveram contato com a FNB. Guerreiro Ramos, por sua vez, era baiano, e parece que seu contato com o integralismo não ocorreu em função da FNB.<sup>199</sup>

Um episódio que permite que se compreenda melhor a posição ambígua da AIB em relação aos negros é a repercussão da Guerra Ítalo-Etíope (1935-1936) nas páginas do jornal integralista *A Offensiva*, um dos principais órgãos do movimento e de circulação nacional. Conforme Bertonha e Sentinelo<sup>200</sup>, o jornal por vezes trazia em suas páginas conteúdos de interesse da população negra:

Assim, em determinados períodos, o periódico divulgou e noticiou assuntos que interessavam à comunidade negra brasileira, o que nos permite pensar que esse se constituía como um público importante para a AIB. Fosse pela tentativa de afirmar a ideia de nação *integradora* defendida pelo movimento integralista, fosse pela necessidade do partido de conquistar todos os brasileiros para sua causa, o jornal *A Offensiva* publicou diversos assuntos que diziam respeito aos negros do Brasil.<sup>201</sup>

A invasão da Etiópia, à época o único país africano livre, pela Itália fascista foi um acontecimento de destaque no mundo todo. Com a vinculação do discurso integralista ao fascismo internacional, além da popularidade do regime fascista entre a base de militantes (principalmente entre os descendentes de italianos), percebe-se que as notícias da guerra publicadas em *A Offensiva* eram essencialmente pró-Itália. Contudo, havia o cuidado de não utilizar termos que pudessem ofender as populações negras, ressaltando que o racismo não era um elemento presente no conflito. Dessa forma, percebe-se que essa cautela em não vincular os negros à inferioridade racial era um meio não apenas de evitar problemas entre os integralistas negros, mas também de salvaguardar seu projeto de nação integradora. Nesse sentido, apesar de seu apoio declarado ao expansionismo fascista, o jornal integralista buscou ressaltar as qualidades dos povos africanos que se encontravam sob o jugo do colonialismo italiano, como os líbios, os eritreus e os somalis, além de frisar insistentemente que a maioria dos etíopes estava a favor da ocupação.

<sup>199</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização:** brasileiros negros ou negros brasileiros? 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

<sup>200</sup> BERTONHA, João Fábio; SENTINELO, Jaqueline Tondato. O conflito ítalo-etíope (1935-1936) no jornal *A Offensiva*: a solidariedade fascista, o valor dos “povos de cor” e a “civilização”. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes:** memórias da imprensa integralista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

<sup>201</sup> *Ibid.*, p. 100.

Nota-se que, ao julgar o povo etíope como constituído por tribos bárbaras, a defesa da colonização italiana era efetuada nos mesmos moldes da atuação dos portugueses em relação à colonização brasileira, ou seja, como missão civilizadora. Embora a menção aos etíopes como um povo bárbaro, nas páginas do periódico, a suposta ausência do racismo na invasão italiana era justificada pelo fato de os colonizadores italianos confraternizarem com os etíopes.<sup>202</sup>

O episódio do conflito ítalo-etíope ilustra de forma bastante representativa a relação da AIB com os negros: embora houvesse o esforço para atrair uma ampla gama de públicos para suas hostes, como italianos, fascistas, negros e militantes negros, fica clara a tensão que havia no interior do movimento para *balancear* todos esses interesses no seu projeto nacional. Ainda assim, há que se ressaltar que muitas das questões que envolvem a presença dos negros na AIB ainda é envolta em muitas dúvidas e questionamentos.

### 3.3 PLÍNIO SALGADO EM PORTUGAL: A INFLUÊNCIA DE SALAZAR E A GUINADA ESPIRITUALISTA

Como analisado acima, no que concerne à questão racial, percebe-se que a AIB defendia o ideal de integração nacional e o repúdio ao racismo calcado, principalmente, em uma visão humanista e majoritariamente católica dessa questão. O espiritualismo, ao lado do nacionalismo, é talvez o principal componente ideológico da atuação da AIB. Entretanto, no que toca à sobrevivência do integralismo nas décadas vindouras, percebem-se algumas mudanças em relação aos ideais defendidos pela AIB, por intermédio de uma reconfiguração ideológica que foi operada durante o período de exílio de Plínio Salgado em Portugal e que tem por característica mais marcante a acentuação dessa visão espiritualista e o contato com o regime autoritário de Salazar.

Salgado permaneceu em Portugal de 1939 até 1946. Quando de sua chegada em Lisboa, em julho de 1939, Salgado encontrou um clima político mais amistoso em relação às suas ideias, pois Portugal encontrava-se sob o jugo de uma ditadura de direita, corporativista, antiliberal e anticomunista, também chamada Estado Novo e chefiada por António de Oliveira Salazar. Nesse sentido:

---

<sup>202</sup> BERTONHA, João Fábio; SENTINELO, Jaqueline Tondato. O conflito ítalo-etíope (1935-1936) no jornal *A Offensiva*: a solidariedade fascista, o valor dos “povos de cor” e a “civilização”. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: memórias da imprensa integralista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

Plínio Salgado iniciou uma tática cujo objetivo era não estabelecer publicamente ações políticas, restringindo os primeiros momentos em Portugal na busca das velhas solidariedades, mas sem ações imediatas, uma vez que tanto em Portugal quanto no Brasil havia uma instabilidade e a sua posição num lado específico poderia gerar alterações na rota do almejado poder.<sup>203</sup>

*Oficialmente*, as ações políticas não foram tomadas às claras. Entretanto, nota-se que logo de sua chegada, Salgado realizou contatos com Rolão Preto, proeminente figura do Integralismo Lusitano com quem Salgado tinha diversas afinidades ideológicas. Aos poucos, Salgado estabeleceu uma série de relações com intelectuais conservadores, sendo que muitos deles tinham ligação com a política.<sup>204</sup>

O período que se estende desde o início do exílio pliniano até o ano de 1943 é apontado por Calil<sup>205</sup> como aquele em que Salgado tenta de inúmeras formas algum acordo com Vargas para retornar ao Brasil. Nesse sentido, o líder integralista orientou seus correligionários no Brasil a se manterem subordinados ao regime então vigente, para garantir a união nacional e rechaçando de todas as formas uma postura mais belicosa. No primeiro ano de exílio, quando Salgado julgou que o acordo seria próximo, chegou a aventar uma transferência para a Argentina, o que acabou não se concretizando. Em 1941, escolheu o proeminente membro da AIB Gustavo Barroso para representá-lo na negociação direta com Vargas: membro da Academia Brasileira de Letras e diretor do Museu Histórico Nacional, Barroso era um quadro com respeitabilidade para barganhar um retorno de Salgado ao Brasil e tinha aproximação com Vargas. Mesmo após consistentes manifestações de apoio ao Estado Novo brasileiro por parte de Salgado, pela divulgação de manifestos, as negociações fracassaram.

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados contra o nazifascismo do Eixo, em 1942, Salgado reiterou seu apoio a Vargas, sem receber a compensação esperada. Em novembro de 1943, lançou um último manifesto de apoio ao Estado Novo. Nesse documento, negava qualquer tipo de associação com o nazismo:

A sua persistência não fazia efeito algum. Enquanto isso, em Portugal, a saúde era recuperada e a rede de contatos cada vez mais ampliada. A imagem de representante do conservadorismo brasileiro, com base num discurso cristão, era rótulo central que construía no exílio e tentava, de todas as formas, impedir a divulgação de uma

<sup>203</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017. p. 129.

<sup>204</sup> *Ibid.*

<sup>205</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa**. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

imagem fascista, principalmente com o desenrolar da guerra e pela perseguição que os camisas-azuis sofriam constantemente pelo regime salazarista.<sup>206</sup>

O ano de 1943 foi aquele em que a derrota das potências do Eixo começou a se cristalizar. Diante de tal cenário, refere Calil<sup>207</sup> que houve a necessidade de adaptação do discurso integralista, visto que no Brasil a imagem que predominava em relação à atuação dos camisas-verdes era muito vinculada ao fascismo. Nesse sentido, percebe-se que a reconfiguração para um discurso de cunho fortemente espiritualista não ocorreu apenas após o término da Segunda Guerra Mundial: começou a ser gestado durante os últimos três anos de Salgado no exílio, com o objetivo de prosseguir a atuação política integralista quando de seu futuro retorno ao Brasil:

A nova fase de Plínio Salgado é marcada por atos políticos travestidos de religiosos. Com inúmeras conferências e publicações, teve uma grande atuação na imprensa em todo o país, transformando as suas ações em ferramentas para uma nova concepção política após o exílio, que coincidiu com o fim da Segunda Guerra Mundial e a consequente destruição dos regimes fascistas.<sup>208</sup>

De importância indiscutível para tal projeto é o lançamento em Portugal de sua obra *Vida de Jesus*, em 1942, com grande repercussão na imprensa e entre os intelectuais desse país, sendo elogiado até pelo líder máximo do catolicismo português, o Cardeal Patriarca Manuel Gonçalves Cerejeira. Observa-se que a confecção dessa obra data ainda do período anterior ao exílio de Salgado, tendo ele embarcado para Portugal com seus manuscritos, tendo finalizado o livro em Lisboa no ano de 1940. Gonçalves<sup>209</sup> mostra que, apesar da publicidade e notoriedade alcançadas com a publicação do livro, não era tão simples para um estrangeiro se firmar no ambiente intelectual português. Quem o auxiliou nessa tarefa foi o monsenhor Moreira das Neves, jornalista e poeta de destaque em Portugal, que se tornaria amigo de Salgado por décadas. Com o destaque do livro, Salgado buscou se desvencilhar de possíveis associações com o fascismo, assumindo a imagem de um pensador religioso.

No Brasil, onde o clima era ainda muito hostil ao integralismo, e a vinculação de Salgado ao totalitarismo fascista era quase como senso comum, não houve a mesma aceitação ao livro, que passou pela censura. Entretanto, consta que a publicação foi bem recebida em

<sup>206</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017. p. 146.

<sup>207</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa**. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>208</sup> GONÇALVES, *op. cit.*, p. 165.

<sup>209</sup> *Ibid.*

alguns setores, mais propriamente em função do tema do que pelo autor. Contudo, as esquerdas e alguns setores religiosos foram bastante críticos em relação à *Vida de Jesus*, denunciando oportunismo político e o autoritarismo latente na publicação de cunho religioso. Em relação às intenções de Salgado e a recepção de seu livro pelo clero brasileiro:

Havia uma nítida divergência em comparação com o clero português em relação à obra. Ao contrário do Brasil, elementos e disputas políticas não estavam presentes no contexto da obra e do autor, vê-se que tinha um único objetivo, atingir os grupos conservadores que o viam como uma imagem religiosa e, dessa forma, crescer politicamente.<sup>210</sup>

Com a reputação religiosa estabelecida em Portugal, Plínio Salgado proferiu um elevado número de conferências por todo o país, além de escrever outras obras, que dessa vez se destacaram pelo crescente envolvimento com questões políticas.

Um momento importante no tocante à proposição assinalada acima é a conferência proferida por ele no Centro Acadêmico da Democracia Cristã (CADC) em dezembro de 1944. O CADC pertencia à Universidade de Coimbra e foi fundado tendo por base a Doutrina Social da Igreja e as encíclicas papais, em especial a *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII. Essa encíclica foi uma orientação aos católicos no sentido de se buscar uma ideologia social cristã entre o socialismo e o liberalismo. Tanto Salazar quanto o Cardeal Cerejeira ocuparam posições de destaque no CADC. Tendo como proposta o corporativismo, o respeito à hierarquia religiosa e o apartidarismo de cunho nacionalista, as ideias promovidas pelo Centro convergiam com as de Plínio Salgado, que ciente do avanço bem-sucedido do esforço Aliado para a derrota das potências do Eixo, procurava uma nova forma de conceituar suas ideias e conceber um novo projeto político. Dessa forma, a conferência foi lançada em forma de livro no ano seguinte, tanto em Portugal como no Brasil, sendo de grande relevância no contexto da sobrevivência do pensamento integralista no Brasil durante as décadas seguintes. A conferência em si baseou-se na dicotomia espiritualismo x materialismo, que era um fundamento ideológico do integralismo desde a década de 1930. Para Salgado, a democracia cristã seria uma forma de assegurar um projeto político espiritualista contrário ao liberalismo materialista dos Estados Unidos e ao socialismo soviético.<sup>211</sup> No final de 1944, a democracia cristã contou com mais um defensor de peso: ninguém menos que o Papa Pio XII, que em sua mensagem natalina defendeu essa ideia em oposição à democracia liberal, tendo sido influenciado pelo trabalho do filósofo católico francês Jacques Maritain. Conforme expões

<sup>210</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017. p. 188.

<sup>211</sup> *Ibid.*

Calil<sup>212</sup>, Salazar também utilizou-se do conceito de democracia orgânica para garantir a sobrevivência de sua ditadura, esforço no qual foi bem-sucedido, pois o Estado Novo foi o regime vigente em Portugal até 1974, além de ter conseguido ingressar na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1949 e ter recebido ajuda financeira no valor de 50 milhões de dólares americanos durante o Plano Marshall.

Entretanto, como fica patente no caso da longa sobrevida da *ditadura* salazarista após o término da Segunda Guerra Mundial, o dito *conceito cristão de democracia* não tinha nada de democrático além do próprio nome: “[a democracia cristã] nada teria a ver com o conceito político de democracia, mas sim com um conceito social (orgânico, corporativista) da mesma, enquanto outros afirmavam ser a democracia cristã um estado de espírito”.<sup>213</sup> No caso do integralismo brasileiro, pode-se perceber como o conceito foi utilizado como forma de defesa da atuação política dos camisas-verdes nos anos 1930, que teria sido dotada de fundamentos supostamente democráticos:

A defesa de princípios “espiritualistas” era apresentada como garantia maior do alegado “caráter democrático” do integralismo, embora suas postulações “espiritualistas” dos anos 30 não conduzissem à defesa de posições democráticas nem implicassem na rejeição do fascismo. O livro *O conceito cristão de democracia* sistematizou esta tese, propondo um nexos indissolúvel entre “democracia” e “espiritualismo”, por um lado, e entre “materialismo” e “totalitarismo”, por outro.<sup>214</sup>

Além da questão da democracia cristã, Plínio Salgado foi influenciado de forma marcante pela ação prática do regime salazarista português. Embora existam divergências historiográficas em relação à caracterização do regime português enquanto fascista, ao salazarismo faltava a figura do líder carismático (Salazar não era considerado como tal), a existência de um partido único mobilizador das massas, o expansionismo resultante da guerra e o totalitarismo. Além disso, a relação próxima e oficial do regime salazarista com a Igreja Católica contribuiu para a não fascização do regime (Salazar e o Cardeal Cerejeira foram amigos próximos). Com base nesse modelo de Estado forte, porém não fascista, que Plínio Salgado buscou reorientar o discurso integralista.<sup>215</sup>

<sup>212</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>213</sup> BARRETO *apud* GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975).** Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017. p. 280.

<sup>214</sup> CALIL, *op. cit.*, p. 200.

<sup>215</sup> GONÇALVES, *op. cit.*

Gilberto Calil<sup>216</sup> diz que outra medida tomada foi a rejeição de símbolos que pudessem ser ligados ao fascismo, como a camisa verde, o sigma, a saudação “Anauê!”, que foram deixados de lado durante esse período. Além disso, houve a fundamental reavaliação da trajetória do integralismo na década de 1930:

A reorientação doutrinária completava-se com a produção de uma nova versão sobre a trajetória do integralismo nos anos 30. Seu objetivo era estabelecer uma distinção entre a doutrina integralista e a Ação Integralista Brasileira, que seria apenas a forma concreta assumida pela doutrina integralista em uma determinada conjuntura. Assim, seria possível que, em uma nova conjuntura, a doutrina integralista assumisse forma diversa, inclusive a forma partidária. A Ação Integralista Brasileira seria apenas o “órgão político-social” do Integralismo.<sup>217</sup>

Todos os esforços empreendidos na reavaliação do passado integralista, assim como na adoção de uma postura ainda mais espiritualista, além da defesa do discurso democrata cristão, foram fundamentais para a manutenção do integralismo na vida política brasileira das décadas posteriores. Assim, o integralismo encontrou seu lugar na constelação política nacional com a criação de um partido, o Partido de Representação Popular.

### 3.4 A FORMAÇÃO DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR

A reconfiguração do integralismo operada por Plínio Salgado no seu exílio se concretizou politicamente na fundação do PRP em 1945. Esse ano foi marcado por dois eventos de extrema importância: o fim da Segunda Guerra Mundial e o fim do Estado Novo getulista, seguido pela conseqüente redemocratização no Brasil. Em Portugal, embora Salgado se mostrasse politicamente neutro nas entrevistas que concedeu às agências internacionais durante a primeira metade do ano – sempre ressaltando sua renovada roupagem espiritualista –, articulava a criação do PRP.

No Brasil, desde o início do ano de 1945 se especulava sobre a rearticulação integralista. Entretanto, percebe-se que após os quase oito anos da ditadura do Estado Novo, mesmo a eventual possibilidade de um retorno do integralismo à política brasileira era vista com aversão:

---

<sup>216</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>217</sup> *Ibid.*, p. 202.

A ditadura definiu o que se tornou público e assim pôde estabelecer os vetores para a construção da memória social. Supomos que as repetitivas representações de algumas interpretações do passado foram capazes de destruir a diversidade do tempo vivido, já que os integralistas, derrotados, não dispunham de mecanismos para difundir suas memórias e garantir a permanência no espaço público de suas próprias e destoantes representações do passado.<sup>218</sup>

A ampla divulgação da campanha difamatória do governo contra o integralismo após o *putsch* de 1938 e a perseguição aos integralistas, além das ações promovidas pela grande imprensa durante todo o período de vigência do Estado Novo, associando o integralismo ao golpismo e ao fascismo, sem que houvesse a possibilidade de uma resposta dos camisas-verdes, resultaram num clima acentuadamente hostil para uma rearticulação integralista. Mesmo após a fundação do PRP, Rogério Lustosa Victor<sup>219</sup>, ao analisar jornais tradicionais da imprensa nacional, como *O Estado de São Paulo* e o *Correio da Manhã*, além da revista *O Cruzeiro*, auxilia na compreensão desse rechaço ao integralismo, além de levar em conta o veto da memória oficial em relação à atuação dos camisas-verdes. Em relação ao tradicional periódico paulista, ressalta: “Em todas as matérias do OESP, em que se retratavam as ações do PRP no pós-guerra, as acusações, críticas e chacotas estavam presentes, salvo quando se tratava de matéria paga pelos próprios integralistas”.<sup>220</sup> E sobre o *Correio da Manhã*, jornal de elevada tiragem diária que mostrou-se incisivamente crítico ao regime varguista, o historiador afirma que o veículo “[...] estava decidido a usar de sua força midiática para criar clima ainda mais hostil à reordenação de um partido integralista e, assim, conclamava a todos os brasileiros – conscientes de seus deveres – a apoiarem a causa anti-integralista”.<sup>221</sup>

Além da grande imprensa, Calil<sup>222</sup> refere que outros setores da sociedade brasileira se mostravam hostis ao integralismo. Com a participação do Brasil na campanha da Itália na Segunda Guerra Mundial, o rechaço ao nazifascismo tomou proporções gigantescas, conseguindo mobilizar intelectuais, movimentos sociais e até mesmo liberais, comunistas e socialistas em fervor patriótico. A mística criada em torno da Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi grande, tendo sido os veteranos de guerra reconhecidos como heróis nacionais. Nesse sentido, a ojeriza ao integralismo só aumentou, que passou a ser visto como o grande antagonista da FEB, tendo recebido críticas violentas dos próprios veteranos.

<sup>218</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. p. 80.

<sup>219</sup> *Ibid.*

<sup>220</sup> *Ibid.*, p. 102.

<sup>221</sup> *Ibid.*, p. 88.

<sup>222</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Entre outras críticas que a rearticulação integralista foi alvo, pode-se citar a mobilização por parte dos estudantes universitários em todo o país, por intermédio de notas oficiais de diretórios acadêmicos e denúncias do caráter autoritário da doutrina integralista. Calil<sup>223</sup> aponta que até mesmo eventos foram organizados, como a *Semana Anti-integralista* que aconteceu no Ceará em junho de 1945, reunindo lideranças estudantis e de movimentos operários e que promoveu desfiles em Fortaleza no sentido de conscientizar a população contra a rearticulação integralista.

Por fim, para encerrar essas considerações sobre a recepção a um possível retorno do integralismo no Brasil, não se pode deixar de citar o “fogo amigo” de Miguel Reale. Ele foi o número três da hierarquia da Ação Integralista Brasileira, tendo sido chefe do Departamento de Doutrina da extinta agremiação, além de ter sido um jurista destacado e respeitado. De acordo com Victor<sup>224</sup>, ainda em 1943, Reale, em entrevista aos *Diários Associados*, julgou que o integralismo teve seu momento histórico na década de 1930 e que, num contexto de guerra, não era conveniente seguir defendendo suas ideias. Posteriormente, Reale reafirmou sua posição e, em longa entrevista concedida ainda em 1945, manifestou sua veemente oposição à volta dos camisas-verdes. Embora Reale tivesse negado a associação do integralismo com o fascismo, sua oposição era marcada no sentido de um retorno integralista como potencialmente prejudicial à solução pacífica dos dilemas nacionais, destacando que o anticomunismo por si só não bastaria como elemento de convergência e agregação para um projeto político, além de conclamar seus antigos correligionários a renunciarem à militância integralista.<sup>225</sup>

Outro integralista de peso que se mostrou indisposto a continuar defendendo os ideais do movimento foi San Tiago Dantas, que ocupou a chefia da Secretaria Nacional de Imprensa da AIB. Dantas teve uma bem-sucedida trajetória política no pós-guerra, quando enveredou para a esquerda, chegando a ocupar o cargo de ministro das Relações Exteriores durante o governo João Goulart. Victor<sup>226</sup> afirma que, ainda em 1942, Dantas manifestou repúdio ao integralismo pelo contexto internacional e apelou para que os militantes integralistas abandonassem a doutrina em favor da união nacional:

---

<sup>223</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>224</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. p. 173.

<sup>225</sup> CALIL, *op. cit.*; GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

<sup>226</sup> VICTOR, *op. cit.*, p. 173.

O integralismo havia se despedaçado durante o Estado Novo. Sua identidade fora atingida de tal modo que muitos de seus ex-militantes aderiram às representações disponibilizadas na grande mídia quanto ao integralismo. Claro é que as deserções de suas fileiras deram-se pelos mais diversos motivos, mas para as suas lideranças e, em especial, para Salgado, estava evidente que uma questão era central: o integralismo havia sido sistematicamente difamado publicamente e, para que ele se reordenasse abertamente como partido político, seria preciso que a leitura que se fazia comumente do integralismo se modificasse.

Entretanto, mesmo com o clima pouco propício (para dizer o mínimo), o integralismo se rearticulou politicamente com a fundação do Partido de Representação Popular. Cientes da enxurrada de críticas a que o movimento era alvo, diversos ex-camisas-verdes de destaque lançaram em maio de 1945 um documento intitulado *Carta aberta à nação brasileira*, cujo objetivo foi realizar uma defesa da AIB, reavaliando o passado do movimento e reagindo às supostas calúnias de que o movimento era alvo constante na imprensa e na sociedade brasileira de forma mais ampla. Plínio Salgado, ainda em Portugal, não consta como signatário do documento, embora Calil<sup>227</sup> aponte a iniciativa como indicativo de rearticulação e como aceno de importantes ex-integralistas a Salgado, na expectativa de orientações para colocar em prática a retomada do movimento. Conforme Alexandre Luís de Oliveira<sup>228</sup>, o documento é relevante no que concerne ao principal interlocutor de Salgado no exílio: Raymundo Padilha. Na *Carta*, Padilha é assinalado como representante de Plínio Salgado, tendo autonomia para tomar ações sem consulta prévia ao líder integralista. Nesse sentido, cabe apontar a figura de Padilha como um dos principais articuladores do retorno do integralismo à política brasileira.

As instruções de Salgado vieram em setembro, no documento que serviu de base para a fundação do partido, o *Manifesto-diretiva*, escrito por Salgado em Portugal no mês de julho, mas que veio a lume na imprensa brasileira no mês de setembro. Nesse manifesto, está exposta a reorientação doutrinária do integralismo, destacando seu caráter espiritualista e mantendo como diretrizes *Deus, Pátria e Família*. No manifesto, um aspecto que chama a atenção é o acentuado anticomunismo e a reformulação da antiga dicotomia integralista *comunismo/liberalismo*, agora substituída por *comunismo/nazismo*, pois ambos estariam calcados em uma concepção materialista de mundo rechaçada pelos integralistas. Para Calil<sup>229</sup>, o anticomunismo presente no manifesto tem como objetivo a demarcação de um território político, visto que, nesse período, se observa a ascensão do comunismo e do Partido

<sup>227</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>228</sup> OLIVEIRA, Alexandre Luís de. **Do integralismo ao udenismo: a trajetória de Raymundo Padilha**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

<sup>229</sup> CALIL, *op. cit.*

Comunista Brasileiro (PCB). Além disso, percebe-se nas *Diretivas* o esforço empreendido para desvincular o integralismo do totalitarismo, reavaliando, na trajetória da AIB, ações que pudessem ser vistas como antidemocráticas. Mesmo a muito desejada e eventualmente não efetuada entrada do integralismo no Estado Novo, em 1937, foi reformulada de forma a afirmar o caráter democrático do movimento. O documento é relevante no sentido de consolidar a mudança da trajetória de Plínio Salgado:

Os anos de 1945 e 1946 foram estabelecidos pela continuidade do catolicismo pliniano, uma necessidade para a sua consolidação intelectual. A democracia-cristã como matriz central, principalmente após a conferência em Coimbra e mais notadamente com o *Manifesto-Diretiva*, além do estabelecimento de uma organização política para um retorno sólido e definitivo na política brasileira, passou a ser uma realidade em 1946.<sup>230</sup>

Quinze dias após a publicação do *Manifesto-Diretiva* na imprensa brasileira, fundou-se o Partido de Representação Popular, em setembro de 1945, a cinquenta dias das eleições. O almirante Fernando Cochrane, um dos envolvidos no *putsch* de 1938, foi eleito presidente nacional do partido. Apesar de a I Convenção Nacional do PRP ter ocorrido no início do mês de novembro no Rio de Janeiro, não se definiu um apoio a nenhum candidato presidencial. O apoio à candidatura do general Eurico Gaspar Dutra ocorreu apenas a quinze dias das eleições, embora o partido não tenha feito oposição veemente à candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, da União Democrática Nacional (UDN). Para Calil<sup>231</sup>, o que inviabilizou o apoio ao brigadeiro foi o apoio que este recebeu das esquerdas na eleição, fator decisivo no que concerne a um partido com tão pulsante discurso anticomunista. A opção pelo general Dutra baseou-se numa estratégia de obter seu apoio para a legalização do partido e facilitar sua inserção política. Entretanto, o apoio não deixa de ser algo paradoxal, pois Dutra foi o candidato apoiado por Getúlio Vargas e que era a continuação do legado do Estado Novo na política brasileira.

O resultado das eleições não foi expressivo para o PRP, tendo eleito apenas um deputado em São Paulo em coligação com o Partido Social Democrático (PSD). Entretanto, deve ser levado em conta o tempo exíguo entre a fundação do partido e a realização das eleições. Baseando a campanha em ataques aos comunistas, o partido fez acenos aos católicos e buscou se integrar no jogo político, participando de onze chapas em vinte e dois estados.

---

<sup>230</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017. p. 289.

<sup>231</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Com votação modesta, o partido conseguiu seus melhores resultados em São Paulo, no Paraná e Rio Grande do Sul, com cerca de 5% dos votos:

A importância maior da campanha eleitoral reside no fato de ter tornado possível a inserção dos integralistas nas discussões políticas nacionais, pois até então o partido só se tornava notícia em virtude do incômodo passado integralista. Com sua plataforma eleitoral, o PRP podia mobilizar-se, realizando comícios, distribuindo panfletos, promovendo programas radiofônicos e caravanas.<sup>232</sup>

Com a fundação do PRP e a realização das eleições, tem-se o momento oportuno para o retorno de Plínio Salgado ao Brasil. Embora o clima não fosse exatamente favorável ao integralismo e a aproximação de Salgado com o regime salazarista também não fosse vista com simpatia, os jornais brasileiros começaram a aventar a possibilidade de retorno do ex-chefe integralista desde o início do ano de 1946. Em agosto, Salgado, acompanhado de sua esposa, Carmela, chegou ao seu país de origem.<sup>233</sup> É notável a deferência no tratamento dado a Salgado quando de sua despedida das terras portuguesas, onde a notoriedade alcançada por ele como intelectual católico foi ampla. Recebeu diversas homenagens, e seu retorno foi motivo de lamentações. No Brasil, a recepção não poderia ter sido pior, com manifestações amplamente divulgadas na imprensa contra sua presença e contra as ideias e o projeto político que ele representava:

*Em memórias expressa a lembrança que trouxe do exílio foi de trabalho, amizades e principalmente reflexões cristãs. Voltou ao Brasil, no entanto, nunca mais foi o mesmo. O retorno foi de um homem marcado pelo sofrimento e pela angústia. O integralista fora uma liderança de um momento auge da década de 30. Após esse período de euforia nacionalista baseada no fascismo, o chefe não atingiu mais nenhum esplendor, transformando-se num simples político e muitas vezes solitário e esquecido pela sociedade.*<sup>234</sup>

Com o retorno de Plínio Salgado ao Brasil em agosto de 1946, realizou-se a II Convenção Nacional do PRP em outubro desse mesmo ano. Na Convenção, Salgado foi eleito presidente do partido, cargo que ocupou até sua extinção em 1965. Além disso, foi efetuada a reformulação do programa partidário, que em função do novo momento da política brasileira apoiava o governo federal e aprovava a manutenção das coligações (ponto impensável em relação à AIB), deixando de lado, pelo menos no nível do discurso, questões incômodas à nova ordem, como a defesa do corporativismo. Em relação aos documentos e às resoluções da

<sup>232</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 151.

<sup>233</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

<sup>234</sup> *Ibid.*, p. 291.

AIB, que se caracterizavam por apresentar de forma mais genérica as soluções para os problemas brasileiros, a reformulação do programa do PRP efetuada na Convenção detalhou as soluções para essas questões, no sentido de dar atenção aos temas cotidianos e pontos conjunturais. Nota-se que a Convenção buscou consolidar a estrutura interna do partido, baseada em rígida disciplina com vistas ao crescimento futuro da legenda.<sup>235</sup>

O caminho, entretanto, não foi percorrido sem dificuldades. O PRP teve seu registro eleitoral definitivo concedido pelo TSE em 1947, tendo seus estatutos considerados como democráticos pela Justiça Eleitoral. Entretanto, o retorno dos integralistas à cena política ainda era motivo de muita controvérsia, tanto que em 1948 o senador Villas Boas, da UDN de Mato Grosso, solicitou o cancelamento do registro do partido em função do seu caráter antidemocrático – mesmo argumento usado na cassação do registro do PCB no ano anterior. Os comunistas tentaram organizar um novo partido, chamado Partido Popular Progressista (PPP), mas este teve seu registro eleitoral indeferido por ser visto como uma continuação do PCB. De acordo com Villas Boas, a mesma lógica deveria ser aplicada ao PRP, continuação da antiga e não democrática AIB.<sup>236</sup> Na sua defesa, o partido argumentou que a prática de coligações na eleição anterior garantiria o estatuto democrático da agremiação. A ligação de Plínio Salgado ao partido, levantada por Villas Boas como forma de atestar a vinculação do PRP com a AIB, também foi questionada, tendo em vista que Salgado não se encontrava no Brasil quando da fundação do partido, se filiando apenas após seu retorno em 1946. Dessa forma, o TSE indeferiu por unanimidade a solicitação do senador mato-grossense, garantindo o registro do PRP, que se consolidava de vez como partido político.

### 3.5 A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR

A trajetória política do PRP, no período entre 1945 e 1965, deve ser analisada brevemente para que se possa compreender como Ironides Rodrigues vinculou seu nome e sua

---

<sup>235</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>236</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

produção intelectual por intermédio das colunas cinematográficas escritas para o periódico oficial da legenda.<sup>237</sup>

Ao longo de sua existência, o PRP apresentou resultados eleitorais modestos. Consideravelmente menor do que os grandes partidos nacionais à época, como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o PSD e a UDN, o PRP, muitas vezes, passou despercebido nos estudos da História Política nacional. Entretanto, não se pode julgar a trajetória do partido apenas por resultados eleitorais ou porte partidário, principalmente considerando que em alguns momentos o partido assumiu certo protagonismo no desenrolar do processo político brasileiro.

Caracterizado pelo forte componente espiritualista e levantando a bandeira anticomunista como grandes distintivos em relação aos outros partidos, o PRP ocupou um espaço destacado na cultura política conservadora brasileira. Segundo Gonçalves<sup>238</sup>, a influência do regime salazarista português foi marcante na atuação de Plínio Salgado no pós-guerra. Como presidente do partido e indiscutivelmente sua maior liderança, a influência pode ser notada na trajetória do PRP, tendo sido o partido um grande defensor dos assuntos portugueses e da reivindicação da soberania portuguesa sobre colônias na Ásia e na África no contexto da descolonização.

Para Rodrigo Christofolletti<sup>239</sup>, a atuação política do PRP no pós-guerra pode ser dividida em dois momentos: o primeiro, de sua fundação em 1945 até o ano de 1955, quando Plínio Salgado foi candidato à Presidência da República. Esse período é caracterizado pela amenização do discurso, com o partido se apresentando como possibilidade de uma

---

<sup>237</sup> Em relação à AIB, percebe-se que o número de estudos dedicados à trajetória do PRP é bastante reduzido. Constantemente delegado à coadjuvante político pouco expressivo em sua existência, de forma frequente o PRP é citado muito brevemente nos trabalhos de História Política do período entre a redemocratização e o golpe civil-militar (quando não é deixado de lado totalmente). Entretanto, desde o final da década de 1990, historiadores têm se debruçado com mais atenção à trajetória do partido. Além das teses de doutorado de Calil (CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005), Christofolletti (CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A enciclopédia do integralismo: lugar de memória e reinvenção do passado (1957-1961).** 2010. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010) e Victor (VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962).** 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012), pode-se citar também as dissertações de Ângela Flach (FLACH, Ângela. **“Os vanguardistas do anticomunismo”:** O PRP e os perreperistas no Rio Grande do Sul (1961-1964). 2003. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003) e Claudira Cardoso (CARDOSO, Claudira. **Partido de Representação Popular: política de alianças nos governos estaduais do RS de 1958 a 1962.** 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999).

<sup>238</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975).** Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

<sup>239</sup> CHRISTOFOLETTI, *op. cit.*

alternativa política viável. O segundo momento vai de 1955 até sua extinção, em 1965. Para o historiador, esse segundo período é caracterizado pelo resgate dos símbolos da antiga AIB.

Gilberto Calil<sup>240</sup>, entretanto, afirma que a trajetória do integralismo no pós-guerra deve ser compreendida com base em quatro fases distintas. A primeira vai de sua fundação em 1945 até 1952, caracterizando-se pelo esforço do partido em se mostrar como democrático, principalmente pela consolidação de sua política de alianças. A segunda fase perrepeista se estende de 1953 até 1957, período em que há a afirmação da autonomia partidária e que tem por resultado a retomada da simbologia integralista da década de 1930. O terceiro momento da trajetória partidária vai de 1958 até 1961, marcado pelo pragmatismo em suas alianças, apoiando o governo de Juscelino Kubitschek e se coligando até mesmo com o Partido Trabalhista Brasileiro de Leonel Brizola e João Goulart. A derradeira fase do partido é marcada pelo realinhamento conservador e participação nas articulações que levaram ao golpe de 1964.

Levando em consideração as duas abordagens citadas acima, julga-se mais apropriada a divisão efetuada por Gilberto Calil<sup>241</sup> para analisar a trajetória política do PRP, visto que sua compreensão permite observar a intervenção do partido com um nível maior de minúcias.

O clima hostil e as controvérsias ocasionadas pela reinserção do integralismo na política brasileira obrigaram o recém-fundado PRP a adotar uma estratégia que mostrasse o partido como efetivamente democrático e adaptado à nova ordem vigente. Os ataques sofridos apareciam com frequência na grande imprensa, e, como citado anteriormente, o partido chegou a ter seu registro eleitoral contestado devido ao seu caráter antidemocrático. Nesse sentido, a medida tomada para garantir o caráter democrático do PRP foi a constituição de uma política de alianças. Entretanto, como boa parte dos militantes era composta de ex-membros da AIB, que em sua doutrina rechaçava alianças com partidos (e durante seus primeiros anos de existência recusou a própria institucionalização partidária), convencer os membros de seu herdeiro político da necessidade de alianças não foi tarefa fácil:

A mudança de perspectiva, no caso, foi ao mesmo tempo concreta e simbólica. Por um lado, os integralistas efetivamente alteraram sua estratégia, abandonando a perspectiva de imediata construção de uma ordem radicalmente nova (tomada do poder nos moldes fascistas e instauração do “Estado Integral”), e aceitaram, ao menos provisória e formalmente, os limites impostos pelo regime democrático-liberal, nos termos em que fora instaurado em 1945. Por outro lado, em termos simbólicos, a efetivação das alianças representava a perda da “pureza doutrinária”,

<sup>240</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>241</sup> *Ibid.*

explicitando os laços estabelecidos entre os integralistas e os defensores do *status quo*, incluindo-se grupos que até então eram considerados “oligárquicos”, “burgueses” e até “esquerdistas”, ao mesmo tempo em que viabilizava a permanência dos integralistas no cenário político nacional. [...] Desta forma, era necessário um grande esforço retórico e propagandístico para justificar a concretização destas alianças e convencer a militância de que elas eram benéficas e não comprometiam a “pureza doutrinária” do integralismo.<sup>242</sup>

Para o historiador, a insistência no convencimento da política de alianças é um indicativo da percepção dos próprios dirigentes perrepistas de que seu partido não possuía mais a força que julgavam que o integralismo teve na década de 1930. Calil<sup>243</sup> destaca que, nesse sentido, a despeito do seu visceral anticomunismo, a posição adotada pelo PRP é de subordinação em relação aos grandes partidos nacionais da época, com a perspectiva de que estes é que deveriam ser os protagonistas da política no período. Essa posição não quer dizer que a atuação do PRP tenha sido desprezível ou insignificante, mas evidencia a posição da legenda como reforço de sustentação da ordem burguesa, que este auxiliou a consolidar.

O primeiro grande movimento orientado nessa direção foi o apoio à candidatura do general Dutra em 1945, embora Calil<sup>244</sup> aponte que, quando da posse do general como presidente da República, os integralistas ficaram decepcionados por não terem sido convidados a integrar o novo governo. Entretanto, a inserção na nova ordem era uma questão da maior relevância para a consolidação do partido no processo político institucional brasileiro. Além disso, a preocupação com as contestações ao seu registro eleitoral ainda era bastante palpável, aliada ao avanço do PCB, que à época ainda não tinha sido proibido. Dessa forma, nota-se que, a despeito da frustração, os perrepistas apoiaram as ações do governo militar.

A política de alianças foi notável, igualmente, no âmbito regional, uma vez que prevaleceu nas eleições estaduais de 1947, muito embora o partido tivesse suas próprias ambições. Dessa forma, não obstante o PRP fosse mais próximo ao PSD em nível federal, buscou alianças nos estados com candidatos dos mais diversos partidos (com exceção, é claro, daqueles considerados pelos integralistas como esquerdistas), visando à constituição de bancadas integralistas nas Assembleias Legislativas, assim como cargos nos governos

---

<sup>242</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. p. 380.

<sup>243</sup> *Ibid.*

<sup>244</sup> *Ibid.*

estaduais. Calil<sup>245</sup> destaca que nos estados onde o PRP teve um apoio mais elevado, como Paraná, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, o apoio dos integralistas foi decisivo para a eleição daqueles governadores, apesar de os convites esperados pelo partido para integrar esses governos não terem sido concretizados durante os mandatos. No Rio Grande do Sul, onde ao longo de sua trajetória política o PRP teve um papel relevante como “fiel da balança” para a eleição dos governadores, a recusa do governador eleito Walter Jobim (PSD) em chamar os integralistas para ocuparem cargos no governo gerou revolta dos membros do PRP, que romperam com o mandatário.

Nas eleições presidenciais de 1950, o partido optou pelo apoio ao candidato Eduardo Gomes, da UDN, o mesmo que havia sido preterido nas eleições de 1945 em favor do general Dutra. Como a UDN era um partido no qual se encontravam fortes resistências ao integralismo, destaca-se que:

O principal significado da coligação com Eduardo Gomes foi o estabelecimento de relações fraternas com muitos que haviam criticado a legalização perrepista nos primeiros anos do pós-guerra. Em um novo momento político, com o PCB na ilegalidade e o PSB em franco declínio, a aproximação com a UDN praticamente eliminava as resistências ao PRP dentre os principais agentes políticos.<sup>246</sup>

Nesse sentido, nota-se que o apoio à candidatura do brigadeiro foi uma espécie de coroação da estratégia de buscar a consolidação da legitimidade do PRP na nova ordem democrática. Como o candidato udenista foi derrotado por Getúlio Vargas (PTB), percebe-se o comportamento fisiológico da atuação política perrepista: entre 1945 e 1950, os integralistas foram extremamente críticos de Vargas, caracterizando o Estado Novo como uma ditadura totalitária e reinterpretando a atuação dos integralistas naquele contexto como vítimas do regime por suas credenciais democráticas.<sup>247</sup> Mesmo na campanha eleitoral, de acordo com os pronunciamentos dos dirigentes perrepistas, estava afastada qualquer possibilidade de aproximação com Vargas na eventualidade de sua vitória no pleito. Entretanto, nota-se que quando da vitória do ex-ditador, o PRP defendeu sua posse e fez acenos no sentido de um entendimento.

<sup>245</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>246</sup> *Id.* **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950).** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 374.

<sup>247</sup> CALIL, **O integralismo no processo político brasileiro, op. cit.**

Conforme expõe Gilberto Calil<sup>248</sup>, a ausência de um jornal partidário entre os anos de 1951 e 1953 é um fator que complica a análise da atuação do PRP durante o governo Vargas. Todavia, para o historiador, o partido agiu no sentido de se mostrar favorável ao governo, tendo como recompensa a indicação do perrepista Mário Penteadó à direção do Instituto Nacional do Café, que muito embora fosse uma posição de segundo escalão, demonstra que o apoio ao governo do antigo inimigo n. 1 dos integralistas proporcionou algum resultado.

Apesar de a política de alianças ter sido fundamental na consolidação do PRP como um partido político legítimo e bem integrado à nova ordem política vigente, essa estratégia trouxe prejuízos ao partido, em função do descontentamento de boa parte dos militantes. Não se deve esquecer que um grande número de membros do PRP eram ex-integralistas que haviam militado na AIB na década de 1930, período em que as alianças eram vistas, no mínimo, com elevada suspeição. Ao trabalhar com o conceito de *cultura política*, o historiador Serge Berstein<sup>249</sup> observa que determinadas culturas políticas são “obrigadas a transformar-se, mas que só podem fazê-lo confrontando-se com tradições de que retiram precisamente uma grande parte de sua força”.<sup>250</sup> Além disso, as ambiciosas expectativas de crescimento do partido não se concretizaram, como demonstra o resultado modesto nas campanhas eleitorais.

Calil<sup>251</sup> aponta que, no início da década de 1950, o PRP passou por uma grave crise financeira, o que obrigou o partido a extinguir seu jornal, *Idade Nova*, em 1951. De acordo com o historiador, as receitas brutas do partido no ano de 1952 eram cerca de 30% menores em comparação com o final da década de 1940. A estratégia buscada pela direção do partido para reverter esse quadro foi apostar num movimento de autonomia partidária, que foi marcado pelo lançamento do jornal *A Marcha*, em 1953, pela candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República, em 1955, e pela retomada de antigas simbologias integralistas no ano de 1957, que não por acaso marca os 25 anos do lançamento do *Manifesto de outubro*, que deu origem à Ação Integralista Brasileira em 1932.

O descontentamento dos militantes integralistas com a situação do partido ocorreu, primeiramente, no Rio Grande do Sul, estado em que havia certo ressentimento em relação à política de alianças do partido. Rapidamente, se espalhou por todo o Brasil, o que levou a

<sup>248</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>249</sup> BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). **Para uma história cultural.** Lisboa: Estampa, 1998.

<sup>250</sup> *Ibid.*, p. 359.

<sup>251</sup> CALIL, *op. cit.*

direção partidária a tomar uma posição mais enfática de crítica ao governo de Getúlio Vargas a partir de 1953. As críticas tornaram-se cada vez mais veementes, e após a crise que resultou no suicídio de Vargas, em agosto de 1954, o PRP apoiou o governo de Café Filho, embora dando início às articulações que resultariam na candidatura de Plínio Salgado à Presidência no ano seguinte.

Após o suicídio de Vargas, Calil<sup>252</sup> cita a estratégia promovida pela UDN para a consolidação de uma “candidatura única” no pleito seguinte. Essa articulação, além de inviabilizar a própria candidatura de Plínio Salgado, era prejudicial em relação a Juscelino Kubitschek, candidato do PSD. Dessa forma, o PRP se opôs a essa articulação, argumentando no sentido da fragilização do processo democrático brasileiro e reconhecendo a legitimidade de uma candidatura de Juscelino. Para o historiador, essa investida contra a possibilidade da “candidatura única” proposta pela UDN foi mais uma forma de consolidar as credenciais democráticas do partido, além de promover de antemão um entendimento com Kubitschek.

De acordo com Rogério Lustosa Victor<sup>253</sup>, a posição de destaque adquirida pelo PRP com a candidatura de Plínio Salgado ao cargo máximo da nação trouxe consigo os velhos fantasmas que, em realidade, nunca abandonaram o partido: a vinculação com o nazifascismo e a pecha de golpistas. Assim, percebe-se, mais uma vez entre os integralistas, o esforço empreendido para reavaliar sua trajetória e se consolidar como força política:

O discurso perrepista, em 1955, revelava o entrelaçamento entre memória e política. O PRP, ao ancorar-se em representações do passado, intentava reagrupar o capital político supostamente obtido nos anos de 1930. Nesse sentido, os perrepistas organizavam a memória como forma de orientação política no presente: arquivo, documento, testemunho e imprensa integralista recriavam os sentidos de intervenção política percebidos como dentro da órbita integralista ainda na década de 1950. [...] O jornal [*A Marcha*] articula uma vasta rede discursiva cujo desdobramento implica fixar o sentido das representações do passado como verdade.<sup>254</sup>

A campanha de Plínio Salgado, que foi lançado candidato por um PRP sem coligações e tendo como base o discurso democrata-cristão<sup>255</sup>, mostrou-se razoavelmente bem-sucedida,

<sup>252</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>253</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962).** 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

<sup>254</sup> *Ibid.*, p. 236.

<sup>255</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975).** Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

tendo o candidato do PRP alcançado 8,28% dos votos. Calil<sup>256</sup> afirma que, durante a campanha, a busca pelo eleitorado conservador acirrou os ânimos entre o PRP e a UDN, tendo a modesta, porém expressiva, votação de Salgado contribuído para a vitória de Juscelino Kubitschek, cujo mandato é apoiado pelo PRP.

Mesmo após a participação de Plínio Salgado nas eleições, percebe-se ainda um descontentamento dos militantes mais antigos em função da viva participação do partido nos arranjos da política institucional. Christofolletti<sup>257</sup> refere que para garantir mais uma vez a coesão entre sua militância, o partido se utilizou da efeméride de 25 anos do lançamento do *Manifesto de outubro* para retomar as simbologias integralistas que até então tinham sido deixadas de lado no PRP, como o uso do *sigma*, além da publicação de uma *Enciclopédia do Integralismo* (que será analisada com maior detalhamento mais adiante) como forma de manter a autonomia e a fidelidade partidária:

Com o intuito de promover atividades que ensejassem a partilha de sua cultura política, o partido avançou nas suas investidas, projetando estratégias e eventos que viabilizassem uma reviravolta na sua atuação político-partidária. Tais investidas foram marcadas pela realização de eventos especiais dos quais se destacam: as festividades dos 25 anos do Movimento Integralista – que ocorreram durante o mês de outubro de 1957; e a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, lançada simultaneamente à realização das festividades.<sup>258</sup>

Entretanto, o fôlego da retomada integralista durou pouco. O pragmatismo de alianças voltou no ano seguinte, sendo cristalizado pelo pouco previsível apoio do partido ao candidato do PTB Leonel Brizola ao governo gaúcho, nas eleições de 1958. Na barganha política que houve, o PRP conseguiu o apoio para o candidato ao senado Guido Mondim, que acabou se elegendando. Esse pleito marca a eleição de Plínio Salgado para a Câmara Federal pelo estado do Paraná. Calil<sup>259</sup> diz que Salgado agiu de forma a amenizar o descontentamento dos militantes, justificando a política de alianças como forma de tornar mais forte uma eventual candidatura sua à Presidência em 1960, o que acabou não se concretizando. Dessa forma, observa-se a ambígua relação entre a direção partidária, cada vez mais inserida no jogo político na base de apoio ao governo de Juscelino Kubitschek, e o descontentamento da militância.

---

<sup>256</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>257</sup> CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A enciclopédia do integralismo: lugar de memória e reinvenção do passado (1957-1961).** 2010. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

<sup>258</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>259</sup> CALIL, *op. cit.*

As eleições de 1960 marcaram a continuidade da inserção do PRP na esfera institucional. A indefinição em relação à escolha de uma candidatura no pleito foi longa, visto que dentre os nomes cotados para a disputa da Presidência nenhum era unanimidade entre os militantes do partido (apesar do envolvimento de dirigentes partidários em inúmeras articulações). Um mês antes das eleições, o partido oficialmente apoiou o marechal Lott (PSD), que perdeu a disputa para Jânio Quadros, do pequeno Partido Trabalhista Nacional (PTN). Mesmo sendo muito criticado pelo partido antes das eleições, o PRP, mais uma vez, demonstrou fisiologismo, apoiando o novo governo (exceção feita à sua política externa).

Após a renúncia de Jânio Quadros, o PRP defendeu a posse do vice-presidente João Goulart, ainda que tenha participado das articulações para o golpe parlamentarista. Com a antecipação do plebiscito que ocasionou o retorno do regime presidencialista, o PRP passou à oposição, tendo:

[...] participação ativa na campanha anticomunista e nas mobilizações favoráveis a um golpe militar. Cabe destacar que os parlamentares do PRP proferiram inúmeros discursos neste sentido nos meses que antecederam ao golpe militar, intervindo fortemente no debate político. O partido também participou diretamente das manifestações públicas contra Goulart, tendo Salgado participado da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” em São Paulo e em Belo Horizonte.<sup>260</sup>

Após o golpe de 1964, o PRP manteve-se ao lado dos militares, primeiramente com entusiasmo, depois com certo ressentimento em função da não participação de seus quadros no novo regime. A atuação do partido no início da Ditadura Civil-Militar foi marcada por denúncias a supostos comunistas e pelo incentivo a expurgos no serviço público, além do apelo à radicalização da nova ordem. Em 1965, o partido foi extinto por intermédio da promulgação do Ato Institucional n. 2, tendo seus membros, de forma geral, ingressado na Aliança Renovadora Nacional (ARENA).<sup>261</sup>

A trajetória política do PRP demonstra que a sobrevivência do integralismo nas duas décadas posteriores à redemocratização não foi conseguida sem dificuldades. Desde o início, muitos entraves se fizeram presentes para a rearticulação do integralismo naquela nova configuração política, como a constante vinculação dos integralistas ao golpismo e ao fascismo. A consolidação do seu caráter “democrático” não se fez sem prejuízos, consequência da resistência de parte de sua militância a aceitar a política de alianças,

---

<sup>260</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. p. 601.

<sup>261</sup> *Ibid.*

ocasionando descontentamento com os rumos tomados pela legenda. Mesmo com esforços para manter vivo o espírito integralista da década de 1930, percebe-se que o PRP acabou por sucumbir ao fisiologismo político, sempre auxiliando os grandes partidos na manutenção de uma ordem conservadora àquela época.

### 3.6 A IMPRENSA DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR

O papel que se deu à imprensa na trajetória do PRP merece destaque, pois, desde os primórdios do integralismo, a imprensa ocupou proeminência em relação à divulgação doutrinária e à difusão da propaganda integralista. O precoce envolvimento de Plínio Salgado com a imprensa, destacado por sua atuação nos periódicos paulistas da década de 1920, fez com que ele percebesse a força que a imprensa possuía para arregimentar militantes e propagar uma doutrina. O próprio pensamento político de Salgado foi se consolidando ao longo de sua atividade jornalística e devido ao seu envolvimento com o modernismo, em suas alas mais conservadoras e nacionalistas. Como salientado no capítulo anterior, é consenso entre os estudiosos do movimento a relevância do jornal *A Razão* para o surgimento do integralismo. Nesse periódico, fundado em 1931 sob os auspícios financeiros do banqueiro Alfredo Egydio de Souza Aranha, Plínio Salgado foi editorialista e manteve uma coluna chamada *Nota Política*, em que foram gestadas as bases doutrinárias do que viria a ser, no ano seguinte, a Ação Integralista Brasileira.<sup>262</sup> Rodrigo Oliveira<sup>263</sup> expõe acerca da relação íntima que o movimento da década de 1930 teve com a imprensa, utilizada sobretudo como forma de divulgação doutrinária e organizada de forma segmentada para diversos tipos de público. O historiador considera que o forte investimento integralista na criação de uma rede de jornais de circulação nacional, regional e nuclear, além da publicação de revistas, foi um dos mais importantes, senão o principal instrumento de inserção da ideologia do movimento na sociedade brasileira, sendo em grande medida responsável pelo elevado número de adeptos da doutrina integralista na década de 1930.

Rosa Cavallari<sup>264</sup> destaca que a centralização da imprensa integralista dos anos 1930 fez com que a transmissão doutrinária ocorresse de forma linear, de forma que os jornais de circulação regional não traziam em si as notícias de cunho regional, e sim uma reprodução do

<sup>262</sup> TRINDADE, Hélgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

<sup>263</sup> OLIVEIRA, Rodrigo. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

<sup>264</sup> CAVALLARI, Rosa Maria Feitero. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massas no Brasil (1932-1937)**. Bauru: Edusc, 1999.

conteúdo dos periódicos de maior circulação, garantindo a uniformidade da propagação doutrinária. Desse modo, nota-se que um militante do Nordeste acabava por receber a mesma orientação de um militante do Sul do país. Dentre os periódicos de circulação regional, há que se destacar o *Doutrina*, da Diretoria dos Estudantes da Província da Guanabara. Laiana Lannes de Oliveira<sup>265</sup> aponta que, a partir de 1937, a diretoria desse jornal esteve a cargo de Abdias Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro. Dadas essas razões, Rodrigo Oliveira<sup>266</sup> informa que a imprensa integralista, embora muitas vezes deixada de lado nos estudos sobre o movimento, se constituiu como a principal rede de imprensa político-partidária na história brasileira.

Naturalmente, a bem-sucedida experiência prévia do integralismo com a imprensa não poderia ser deixada de lado na constituição de um novo projeto político no pós-guerra. Ainda que sem a força política da década de 1930, os integralistas buscaram marcar presença por meio de uma imprensa partidária:

O típico militante do PRP seria um “desses que aceitam o nosso partido por motivo de duas ou três ideias centrais e, principalmente, pela confiança que depositam em minha pessoa [Plínio Salgado]” e não pela efetiva compreensão da doutrina integralista. Assim, mesmo os militantes do partido teriam que ser constantemente doutrinados para que se mantivessem fiéis, motivo pelo qual enfatizava uma vasta rede de propaganda, com destaque para a constituição de uma imprensa própria, a produção de programas radiofônicos e a publicação de livros e folhetos. Para esta tarefa os jornais partidários eram apontados como o instrumento fundamental.<sup>267</sup>

Com a institucionalização do integralismo na forma do PRP, a divulgação doutrinária e partidária ficou centralizada na Secretaria Nacional de Propaganda, que tinha por função controlar os mecanismos de divulgação, além de promover o exercício da censura em relação a livros, impressos e discursos. Consta que a fiscalização exercida pela Secretaria era tão intensa que as bibliotecas dos diretórios só poderiam comprar livros que fossem autorizados pelo Diretório Nacional do partido. Além disso, a Secretaria comercializava diversos objetos propagandísticos do partido, como lápis, canetas, retratos de Plínio Salgado, calendários, distintivos etc.<sup>268</sup> Dessa forma, observa-se uma continuidade em relação à atuação da AIB no tocante à centralização e ao rígido controle das atividades partidárias, assim como a

<sup>265</sup> OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

<sup>266</sup> OLIVEIRA, Rodrigo. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

<sup>267</sup> CALIL, Gilberto Grassi. A imprensa integralista no pós-guerra: os jornais *Reação Brasileira*, *Idade Nova* e *A Marcha*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: memórias da imprensa integralista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 379.

<sup>268</sup> *Ibid.*

exuberante gama de objetos de propaganda vinculados ao partido, constituindo um traço distintivo em relação à cultura política conservadora na qual o PRP estava inserido. Nesse sentido, verifica-se a mística que foi criada em torno do partido e de seu líder, cujo retrato era indispensável em todos os diretórios do partido, ao lado da bandeira nacional e do crucifixo. Ademais, a criação de novas cerimônias fortemente ritualizadas denota uma continuidade em relação à década de 1930, quando a AIB se utilizou de tais recursos simbólicos para fomentar a socialização ideológica dos militantes.<sup>269</sup>

A necessidade de tal controle e uniformização doutrinária era apontada como uma forma de fazer frente à atuação dos comunistas, elevados ao posto de “inimigos públicos n. 1” no partido e que, de acordo com Salgado, eram muito mais eficientes na divulgação e propaganda dos seus ideais. Assim, os escritos doutrinários de Salgado eram amplamente divulgados pelos jornais do partido, tanto que alguns artigos foram compilados e deram origem a livros; e livros foram sendo publicados capítulo a capítulo nos jornais.<sup>270</sup>

Na luta contra o comunismo, deve-se citar a Livraria Clássica Brasileira (LCB), editora criada em 1949 por Plínio Salgado para a divulgação de obras de Plínio Salgado e de cunho anticomunista, principalmente, além de romances, livros técnicos e religiosos, entre outros. Nota-se que ainda que fosse desde o princípio vinculada oficialmente aos integralistas, a iniciativa contou com o apoio financeiro de alguns banqueiros e industriais. Em 1957, em função do jubileu de prata do *Manifesto de outubro*, a editora empreendeu uma ambiciosa iniciativa de lançar uma *Enciclopédia do Integralismo*. Originalmente eram previstos vinte e cinco volumes, todavia, em função do alto custo do empreendimento, foram publicados apenas doze. De acordo com Rodrigo Christofolletti<sup>271</sup>, a *Enciclopédia do Integralismo* constitui um lugar de memória para os camisas-verdes, em que pretenderam reavaliar o passado e tornar perenes as versões ali colocadas a respeito desses eventos:

A pecha de provocadores de ressentimentos e a certeza inabalável de que não possuíam mais espaço de destaque foram decisivos para que o compêndio fosse encarado, simultaneamente, como tábua de salvação do discurso integralista e uma proposta de sobrevivência política. Esta foi a maneira adotada pelo integralismo/perrepista para expandir e perenizar suas memórias.

<sup>269</sup> TRINDADE, Hélijo. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

<sup>270</sup> CALIL, Gilberto Grassi. A imprensa integralista no pós-guerra: os jornais *Reação Brasileira*, *Idade Nova* e *A Marcha*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: memórias da imprensa integralista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

<sup>271</sup> CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A enciclopédia do integralismo**: lugar de memória e reinvenção do passado (1957-1961). 2010. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. p. 68.

Após inúmeras dificuldades financeiras, Calil<sup>272</sup> refere que a intenção de Plínio Salgado foi encerrar as atividades da LCB em 1962, visto que os livros estavam encalhados, além de que a editora não estava editando nenhum livro. Um incêndio no edifício onde se situava a LCB o ajudou na tarefa, no que Salgado agradeceu e atribuiu à providência divina.

Em relação aos jornais partidários, nota-se que estiveram presentes durante praticamente todo o período de atividade do PRP, entre 1945 e 1965. O primeiro veículo foi *Reação Brasileira*, editado no Rio de Janeiro e que circulou semanalmente entre maio de 1945 e fevereiro de 1946. Como salientado ao longo deste capítulo, o clima político em relação ao integralismo no ano de 1945 era extremamente hostil, por isso houve o cuidado em não atrelar oficialmente o periódico ao partido ou mesmo à doutrina integralista nos seus primeiros meses de circulação. Entretanto, consta que seus editores eram todos ex-militantes, além da linha editorial do jornal convergir com as bandeiras do PRP: Calil<sup>273</sup> afirma que 80% das matérias publicadas no jornal eram centradas no anticomunismo. Ao longo da campanha política de 1945, o jornal “saiu do armário” e se assumiu integralista, ainda que não tenha sido adotado oficialmente pelo PRP.

A necessidade de uma afirmação mais incisiva da doutrina integralista e de um jornal que fosse diretamente subordinado ao partido foi suprida com o lançamento do jornal *Idade Nova*, que circulou de forma semanal entre 1946 e 1951, atingindo 217 edições. Em relação à *Reação Brasileira*, observam-se continuidades, pois Pedro Lafayette foi mantido como editor. Calil<sup>274</sup> informa que o periódico passou por três fases. A primeira consistiu em um período de relativa autonomia em relação ao PRP, nos moldes do seu antecessor. A segunda fase, a partir de 1948, é aquela em que o partido passou a controlar diretamente o jornal, quando a direção do periódico ficou a cargo do vice-presidente do PRP, Raymundo Padilha, e as edições passaram a contar com um artigo de Plínio Salgado na capa. Essa fase caracteriza-se pela busca de ampliação no número de militantes do partido e por consolidar seus princípios doutrinários. A terceira fase marca a intenção de atingir outros segmentos que não apenas os de sua militância.

Com vinte mil assinantes espalhados por todo o Brasil no final da década de 1940, consta que a qualidade técnica do periódico era muito boa, além de não ser um jornal tão centrado no anticomunismo, apresentando uma gama maior de assuntos tratados, como

---

<sup>272</sup> CALIL, Gilberto Grassi. A imprensa integralista no pós-guerra: os jornais *Reação Brasileira*, *Idade Nova* e *A Marcha*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: memórias da imprensa integralista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

<sup>273</sup> *Ibid.*

<sup>274</sup> *Id.* **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

política, economia e cultura. Conforme apurado pela pesquisa, *Idade Nova* contou com uma seção cultural a partir do seu segundo número, assinada pelo colaborador José Eduardo. Apesar de, inicialmente, ser pouco expressiva, geralmente com um comentário de crítica literária, ao longo da trajetória do periódico, percebe-se que o espaço destinado à cultura aumentou, com colunas sobre música, cinema, rádio e teatro. Em relação ao teatro, nota-se a colaboração de Walter Fox e Renato Viana entre os colunistas. No jornal foi localizado um texto sobre Abdias Nascimento e o Teatro Experimental do Negro, de 1 de janeiro de 1948. Nessa coluna, chamada “O ator Abdias Nascimento lança novo certâmen”<sup>275</sup>, Nascimento é apresentado como diretor do TEN e fala sobre os concursos de beleza promovidos pela instituição, destinados a elevar a autoestima das mulheres negras:

Sim, porque é tarefa ingrata e perigosa querer dar um tom sério à conversa quando se fala em mulher de cor. Esta ainda é entre nós vítima de um preconceito feroz tendente a tirar-lhe toda a grandeza e sublimidade de alma para ver nelas apenas a fêmea, o instrumento de gozos pecaminosos. Não se trata, evidentemente, de uma cruzada de puritanismo, mas de corrigir o erro grave da nossa psicologia social de não querer respeitar a dignidade humana que também existe sob a escura pele de uma mulher de cor.

O espaço destinado à fala de Nascimento no periódico perrepista demonstra que embora o militante negro tenha se desvinculado do movimento integralista no final da década de 1930, ainda existia algum tipo de contato entre o líder negro e o integralismo, agora em sua fase pós-guerra. No que concerne ao fim da publicação do jornal, Calil<sup>276</sup> sugere que as dificuldades financeiras advindas após a eleição de 1950 foram responsáveis pelo encerramento do periódico.

Além disso, o partido empenhou-se no lançamento de revistas baseadas em antigas publicações da AIB. Essas revistas, entretanto, tiveram vida curta, o que denota que a força do integralismo no pós-guerra era consideravelmente menor do que na década de 1930. Por exemplo, à revista *Anauê!*, publicação ricamente ilustrada da AIB e de considerável sucesso que circulou entre 1935 e 1937<sup>277</sup>, seguiu-se a revista *Avante!*, lançada nos mesmos moldes pelo PRP em 1949, mas que durou apenas três edições. À revista *Panorama*, lançada pela

<sup>275</sup> EDUARDO, José. O ator Abdias Nascimento lança novo certâmen. *Idade Nova*, 1º jan. 1948.

<sup>276</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>277</sup> OLIVEIRA, Rodrigo. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

AIB cujo conteúdo consistia em debates teóricos mais sofisticados, seguiu-se *Seleções Populistas*, publicação do PRP que teve apenas um número lançado.<sup>278</sup>

### 3.7 O JORNAL *A MARCHA*

Com o fim de *Idade Nova*, o PRP ficou sem um jornal para a divulgação de suas atividades e propagação da doutrina integralista. Nesse sentido, segundo Calil<sup>279</sup>, durante o ano de 1952 houve uma campanha nacional buscando a constituição de um jornal partidário. Além dessa campanha, o historiador relata que Plínio Salgado buscou financiamento para a criação de um jornal no Serviço Social da Indústria (SESI) de São Paulo, argumentando que esse auxílio financeiro seria compensado pelo anticomunismo que estaria presente na publicação. A ajuda financeira não veio, entretanto a campanha entre os militantes parece ter sido bem-sucedida, visto que seu resultado foi o lançamento do jornal *A Marcha*, que circulou semanalmente entre fevereiro de 1953 e setembro de 1965, com exceção do ano de 1963, quando o jornal não circulou. Tendo atingido 473 edições, o periódico foi a principal voz do integralismo no período. Como veículo oficial do PRP, o jornal era distribuído em todo o país:

Uma vez que o jornal era semanal, a rede de distribuição d'*A Marcha* abrangia a maioria das grandes cidades do país, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. De acordo com Gumerindo R. Dórea, redator-chefe do jornal, até 1959: “mesmo que demorasse para chegar, com alguns dias de atraso, nossos leitores não ficavam sem o jornal... estivesse ele na Bahia, ou no Maranhão, em São Paulo ou no Rio, onde o jornal era pensado, diagramado e prensado”.<sup>280</sup>

Além do objetivo de propagar a doutrina integralista, o jornal era uma peça-chave para a propaganda partidária. Calil<sup>281</sup> afirma que, antes do seu lançamento oficial, fez-se uma lista de autoridades, como bispos, chefes de polícia, diretores de autarquias e militares graduados, que receberiam o jornal como cortesia. Essa prática foi mantida durante todo o período de circulação do jornal. Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas pelo PRP durante as décadas de 1950 e 1960, a proeminência do periódico enquanto voz do partido acarretou em

<sup>278</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>279</sup> *Id.* A imprensa integralista no pós-guerra: os jornais *Reação Brasileira*, *Idade Nova* e *A Marcha*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: memórias da imprensa integralista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

<sup>280</sup> CRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A enciclopédia do integralismo: lugar de memória e reinvenção do passado (1957-1961)**. 2010. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. p. 55.

<sup>281</sup> CALIL, A imprensa integralista no pós-guerra, *op. cit.*

inúmeras campanhas financeiras que visavam à manutenção de sua publicação. Em 1954, consta que militantes que conseguissem trazer cinquenta novos assinantes para o periódico eram recompensados com livros publicados pela Livraria Clássica Brasileira. Apesar dos esforços, as campanhas dificilmente obtinham o resultado esperado:

A despeito da grande divulgação dada pelo jornal às campanhas de contribuição – efetivamente relevantes para caracterizar o caráter “militante” do jornal – o resultado concreto delas é bastante modesto em comparação com os alegados custos do jornal.<sup>282</sup>

A principal fonte de recursos para a manutenção de sua publicação, durante toda a existência do jornal, foi a publicidade paga. Nesse sentido, observa-se que grandes empresas anunciavam em *A Marcha*, como companhias aéreas, bancos, indústrias farmacêuticas e alimentícias. Apesar dessas contribuições, dificuldades financeiras fizeram com que o jornal não circulasse durante o ano de 1963. O retorno do jornal às bancas ocorreu apenas em outubro de 1964. Além disso, o jornal retornou com periodicidade mensal, que logo tornou-se bimestral. Dessa forma, a primeira edição do ano de 1964 trouxe em sua capa um esclarecimento sobre a não circulação do jornal durante esse período de quase dois anos, reconhecendo os problemas financeiros como o grande motivo de sua interrupção e criticando os periódicos mantidos apenas pela publicidade, que empobreceriam intelectualmente os brasileiros:

A majoração dos preços em todos os produtos nacionais e sobretudo estrangeiros, conseqüente da desvalorização monetária, reflete-se de modo mais sensível na imprensa que se dedica a serviços informativos e culturais, sem se transformar em mera indústria de publicidade. Haja vista a suspensão dos privilégios para a importação do papel, a qual veio beneficiar aqueles jornais que, dando aos leitores, por exemplo, vinte páginas de texto, publicam oitenta ou cem páginas de anúncios.<sup>283</sup>

Para Calil<sup>284</sup>, pode-se resumir as condições de manutenção e financiamento do jornal nos seguintes termos:

a) a existência efetiva de grandes dificuldades de financiamento; b) o esforço na obtenção de recursos através de campanhas voltadas à militância integralista; c) os resultados modestos dessas campanhas; d) a recorrente tentativa de obtenção de recursos dos grandes grupos econômicos; e) o apoio efetivo desses grupos,

---

<sup>282</sup> CALIL, Gilberto Grassi. A imprensa integralista no pós-guerra: os jornais *Reação Brasileira*, *Idade Nova* e *A Marcha*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: memórias da imprensa integralista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 399.

<sup>283</sup> A MARCHA, n. 468, out. 1964.

<sup>284</sup> CALIL, *op. cit.*, p. 403.

viabilizando a publicação regular de um jornal semanal por mais de dez anos, ainda que possa ter sido insuficiente no contexto da alta do custo do papel, em 1962-64.

Questões financeiras à parte, percebem-se em *A Marcha* continuidades em relação aos seus dois antecessores: a presença constante de um virulento anticomunismo, a incontornável e quase religiosa reverência à figura de Plínio Salgado, a propagação da doutrina integralista, o registro das atividades partidárias e a defesa e reavaliação da atuação da Ação Integralista Brasileira nos anos 1930. Para Victor<sup>285</sup>, *A Marcha* operou no sentido de garantir uma certa coesão entre os militantes integralistas, pacificando-os em relação ao passado:

Com efeito, supomos que o jornal *A Marcha*, bem como os seus antecessores (*Reação Brasileira* e *Idade Nova*), cumpriu importante papel na atualização do integralismo no pós-guerra. No jogo político pós-1945, para aqueles que foram integralistas e continuavam agrupados em torno de uma sigla política integralista, ter o passado recomposto foi decisivo. Se os jornais integralistas não conseguiram fazer com que as representações do passado, oriundas dos integralistas, se tornassem as representações mais compartilhadas, ao menos entre os militantes estabeleceu-se um passado mais condizente com o tempo presente, permitindo aos integralistas certa pacificação na relação com o passado e a afirmação do PRP, a partir da década de 1950, enquanto partido integralista.

*A Marcha* foi um veículo de intransigente defesa do regime salazarista português. As influências do Estado Novo português que Plínio Salgado absorveu durante seu período de exílio não devem ser esquecidas, chegando a utilizar como modelo o autoritarismo de carregado acento católico, mas, sobretudo, não fascista de Salazar, para pautar sua atuação política no pós-guerra. Nesse sentido, em diversas ocasiões encontram-se posições pró-lusas nas páginas do periódico. Gonçalves<sup>286</sup> cita o caso da tensão que houve quando da ocupação de Goa (então colônia portuguesa localizada na costa da Índia) por forças militares indianas em agosto de 1954. Nessa ocasião, as páginas de *A Marcha* registraram apaixonada defesa dos interesses portugueses, destacando como manchete de primeira página: “O mundo lusíada protesta contra a agressão comunista de Nehru!”. Da mesma forma, o periódico trata da visita do então presidente português Craveiro Lopes ao Brasil em junho de 1957 com extrema deferência, estampando em sua capa a presença do chefe de Estado português:

A Nação Brasileira engalana-se hoje para receber, com emoção e regozijo, o Presidente da República Portuguesa, General Craveiro Lopes. [...] Não se homenageia apenas o Presidente visitante ou o Portugal de hoje; homenageia-se todo o Passado Comum das duas Pátrias, todas as glórias das “armas e dos barões

<sup>285</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. p. 122.

<sup>286</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

assinalados” que escreveram as epopeias da Reconquista Peninsular e da Conquista dos Oceanos. Homenageia-se o Poema Épico das Bandeiras, a dilatação do nosso território, o recuo do Meridiano de Tordesilhas, a formação da Pátria Brasileira, o alvorecer da nossa consciência de Nação, pois tudo está ligado ao mesmo Espírito que iluminou oito séculos de história em que Portugal e Brasil são condôminos.<sup>287</sup>

O excerto citado é relevante para demonstrar que, na visão do periódico e, por conseguinte, do PRP, a história do Brasil é inseparável da história portuguesa, datando mesmo de um período anterior à própria colonização do território brasileiro. Nesse sentido, percebe-se o componente espiritualista do partido, que faz questão de ressaltar que Portugal e Brasil, além da história comum, são ligados pelo mesmo espírito. Essa visão, extremamente benevolente no que concerne às relações luso-brasileiras, foi acentuada, como analisado anteriormente, durante o período de exílio de Plínio Salgado.

Entre as polêmicas envolvendo o integralismo, os ataques feitos pelo jornal ao intelectual católico Tristão de Ataíde merecem destaque. Ataíde era o pseudônimo de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), escritor e proeminente liderança do laicato católico brasileiro. Próximo ao integralismo durante a década de 1930, Amoroso Lima se tornou um dos mais notáveis divulgadores do pensamento do filósofo francês Jacques Maritain, que desenvolveu o conceito de democracia cristã que também era utilizado por Salgado. Amoroso Lima acabou por fundar o Partido Democrata Cristão (PDC) em alternativa ao PRP de Salgado, o que ocasionou rugas que reverberaram nas páginas de *A Marcha* na década de 1950, em que o autor era constantemente atacado, sendo ligado, sobretudo, ao comunismo e ao fascismo.<sup>288</sup> De acordo com Victor<sup>289</sup>, nesses ataques, o integralismo do pós-guerra, constituído como antifascista, recriava o passado do integralismo da década de 1930 como antifascista, paradoxalmente atacando um antigo simpatizante do movimento com a pecha de fascista.

Rodrigo Christofolletti<sup>290</sup> cita que, se por um lado, o jornal buscava demarcar um território no universo editorial brasileiro, sendo representante da doutrina integralista e sempre advogando por sua divulgação, por outro o periódico se caracterizava por certa sofisticação técnica no sentido de conferir ao semanário uma distinta imagem visual. A identidade das reportagens também se pautava nesse sentido, denotando a busca por essa sofisticação. De acordo com o historiador, o conteúdo do jornal se pautava pela segmentação

<sup>287</sup> A MARCHA, n. 208, 7 jul. 1957.

<sup>288</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

<sup>289</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

<sup>290</sup> CRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A enciclopédia do integralismo: lugar de memória e reinvenção do passado (1957-1961)**. 2010. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

de públicos, tendo conteúdo destinado às diversas faixas etárias e aos públicos feminino e infantil, embora seus leitores tenham sido em sua grande maioria correligionários do PRP e simpatizantes do integralismo. Naturalmente, esse anseio por parte do jornal em se mostrar como um veículo moderno não era uma característica específica da publicação. Nota-se que a década de 1950 tem sido apontada como aquela em que operou uma renovação do jornalismo brasileiro, sendo marcada pela introdução de diversas inovações técnicas, oriundas do jornalismo norte-americano e que eram ligadas à busca da neutralidade e da objetividade.

Como jornal partidário, o ideal da neutralidade naturalmente era algo que não interessava aos diretores do periódico, embora os avanços técnicos não tenham sido deixados de lado. Entre esses avanços destaca-se a introdução do *lead*, parágrafo de abertura em que constavam as informações essenciais da notícia, em substituição a uma antiga forma de relato jornalístico que, antes da notícia em si, apresentava um texto introdutório, frequentemente com tintas literárias. O *lead* tinha como função aprimorar o dinamismo do jornal, em um tempo em que as pessoas, muitas vezes, não tinham tempo para ler as notícias como eram escritas como outrora. Outra inovação que cabe salientar é a “pirâmide invertida”, que privilegiava a relevância dos fatos ao invés de sua ordem cronológica, trazendo o essencial da notícia logo nos primeiros parágrafos do texto.<sup>291</sup> Em relação ao jornal *A Marcha*, a qualidade técnica do periódico era motivo de orgulho, sendo observada até mesmo por outros periódicos não vinculados ao integralismo. Como exemplo, a capa do jornal *O Diário*, de Belo Horizonte, na edição de 19 de maio de 1955<sup>292</sup>, apresenta uma nota em que o editor do jornal elogia a montagem e os aspectos técnicos do periódico integralista. Nessa mesma nota está escrito que o jornal mineiro é injustamente crítico da obra e da atuação de Plínio Salgado, demonstrando o reconhecimento da qualidade técnica do periódico perrepista inclusive entre seus críticos.

Uma característica marcante de *A Marcha* em relação aos demais periódicos perrepistas é o destacado espaço conferido à cultura. Apesar de a configuração do jornal ter mudado por vezes em função da diagramação, a presença da seção “A Marcha das Artes e das Letras” é constante no periódico, ocupando a página central (portanto, duas páginas) até 1959, quando o jornal passou do formato tabloide para o formato *standard*. Considerando que o número de páginas variava entre oito e doze, tem-se a percepção de que a cultura era um tema caro ao PRP. Voltando ao contexto das inovações jornalísticas da década de 1950,

---

<sup>291</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 147-160, 2003.

<sup>292</sup> O DIÁRIO, n. 155, 19 maio 1955.

percebe-se que é nesse momento que o jornalismo cultural começa a ganhar destaque nos grandes jornais. Segundo Ivana Barreto<sup>293</sup>:

Capazes de estabelecer um vínculo afetivo com o leitor, que passa a dialogar com os colunistas, os suplementos e cadernos culturais dos veículos impressos sempre representaram o espaço da ousadia gráfica e da experimentação da linguagem. Embora nas duas últimas décadas tenham se afastado destas características, considerando-se que a cultura está cada vez mais inserida na sociedade do espetáculo, do consumo imediato, da superficialidade das abordagens, os cadernos culturais, na maioria das vezes, estiveram ligados à difusão da cultura consagrada e em processo de consagração.

Para Rachel Barreto<sup>294</sup>, a difusão do jornalismo cultural, na década de 1950, teve como paradigma a criação do “Caderno B”, do *Jornal do Brasil*, em 1956. Outros jornais seguiram na mesma linha, visto que ao longo dessa década e da década seguinte surgiram cadernos culturais em vários jornais da grande imprensa brasileira. O jornal *A Marcha* não ficou de fora dessa questão, entretanto, observa-se que, apesar da circulação nacional, *A Marcha* era um jornal de periodicidade semanal e, como visto anteriormente, sua trajetória foi marcada por inúmeras dificuldades financeiras. Dessa forma, entende-se que a despeito de o jornal não possuir um caderno cultural próprio, dedicava-se um espaço especial para a cultura dentro do periódico.

Nessa seção, observam-se numerosos textos de crítica literária, poemas, além de textos marcados por conotações filosóficas e religiosas. Os colaboradores da seção cultural do jornal variavam com frequência, embora se possa destacar a presença do poeta Tasso da Silveira, ligado ao integralismo desde a década de 1930. A crítica teatral também se fez presente no periódico ao longo de toda sua existência, sendo assinada, primeiramente, por Sérgio Kautzmann e depois pelo misterioso Sarcast, cuja identidade verdadeira não foi encontrada. Além disso, havia uma coluna em que se debatia o rádio, assinada por Milton Rangel, e que foi constante no jornal ao longo de sua trajetória. Nos últimos anos de circulação do periódico, a coluna de artes plásticas foi de autoria de Walmir Ayala, escritor gaúcho cuja notoriedade ultrapassou as fronteiras dos círculos integralistas. O colaborador cultural mais constante, contudo, foi Ironides Rodrigues, cujas colunas cinematográficas serão o foco da análise do próximo capítulo, embora por vezes tenha contribuído com artigos de crítica literária.

<sup>293</sup> BARRETO, Ivana. As realidades do jornalismo cultural no Brasil. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 65-73, 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17579/12955>. Acesso em: 20 nov. 2018. p. 66.

<sup>294</sup> BARRETO, Rachel Cardoso. *Crítica ordinária: a crítica de cinema na imprensa brasileira*. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

### 3.8 A QUESTÃO RACIAL NO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR VERIFICADA NAS PÁGINAS DO JORNAL *A MARCHA*

Se o tema da questão racial na AIB é permeado por muitas dúvidas e lacunas, nota-se que a análise em relação à questão racial no PRP é ainda mais nebulosa. Não foram encontradas referências de nenhuma espécie nos estudos sobre o partido quanto à questão racial ou à presença de militantes integralistas negros no pós-guerra. Entretanto, como as colunas de Ironides Rodrigues atestam, esse era um tema que não passou despercebido pelas lideranças partidárias. Deve-se fazer a ressalva, portanto, de que a presença de Rodrigues como um dos mais eminentes colaboradores do periódico perrepista pode ser uma justificativa da suposta ausência de racismo no integralismo do pós-guerra. Quando se analisam as colunas de Rodrigues, percebe-se que, por vezes, o tema era tratado nas páginas do periódico. Nesses escritos pode-se encontrar uma pista de como o partido lidava com a questão.

A edição de 12 de agosto de 1955 traz na capa a manchete “Protesto contra a discriminação racial”.<sup>295</sup> Embora não trate do preconceito em relação ao negro, a matéria apresenta um discurso do deputado gaúcho perrepista Luiz Compagnoni, que, no contexto das eleições de 1955, em que Plínio Salgado foi candidato à Presidência da República, rebate a acusação de um jornalista que afirmou que o líder integralista se sagraria vencedor nas zonas de colonização italiana e alemã no estado do Rio Grande do Sul por serem os habitantes dessas regiões simpáticos ao regime fascista:

Protesto, em primeiro lugar, contra a distinção que se pretende fazer entre brasileiros. Os que nascem no Brasil, sejam eles teutos, ítalos, lusos, judeus, sírios ou de qualquer outra procedência de origem, todos eles são brasileiros. Já se errou muito, demais, no passado, insistindo nesta distinção, que só serve para os inimigos do Brasil e só aproveita aos que trabalham contra os interesses da Pátria.<sup>296</sup>

O discurso do deputado integralista, marcado por forte acento nacionalista, é ilustrativo da manutenção de um ideal de nação integradora, como proposto pela AIB, ainda que deixe de lado questões caras ao movimento durante a década de 1930, como a miscigenação.

Outras matérias permitem observar a questão racial do ponto de vista do PRP. Na edição do dia 27 de setembro de 1957<sup>297</sup>, por exemplo, em que o jornal estampa em sua capa os preparativos para a comemoração do jubileu de 25 anos do integralismo, há uma manchete

<sup>295</sup> PROTESTO contra a discriminação racial, *A Marcha*, n. 127, 12 ago. 1955.

<sup>296</sup> *Ibid.*

<sup>297</sup> OS AMERICANOS do Norte são tão racistas quanto era o nazismo. *A Marcha*, n. 224, 27 set. 1957.

em destaque que diz: “Os americanos do norte são tão racistas quanto era o nazismo”; com o subtítulo: “Fizeram uma guerra contra o racismo e lincham os negros com a maior crueldade”. Apesar do destaque na capa do jornal, a matéria é curta e não está assinada, porém é elucidativa em relação à posição do PRP sobre o racismo. Nela, há uma veemente condenação dos linchamentos de negros nos Estados Unidos, calcada em bases humanistas e espiritualistas. Dessa forma, entende-se que a posição do partido em relação à questão racial tem muitas continuidades no que diz respeito àquela defendida pela AIB: a discriminação racial não pode ser tolerada por ser anticristã:

O Povo Americano fez uma guerra contra a Alemanha sob o pretexto de que Hitler era racista e urgia combater o racismo. Pois bem. São agora os norte-americanos que dão este triste espetáculo ao mundo civilizado, ferindo, matando negros que pretendem, com garantia dada pela Lei, frequentar as Universidades do país. [...] É uma vergonha. Até quando esses hipócritas que entregaram metade do mundo à Rússia abusarão da nossa paciência? Apesar de se dizerem uns católicos e outros protestantes, o fato é que o materialismo constitui a força dominante nesse povo de fariseus. Mas de uma coisa podem ficar certos esses que até hoje têm iludido a boafé dos povos: Deus existe. E Deus tomará conta de tamanhas iniquidades.<sup>298</sup>

Nota-se que ao criticar a violência contra os negros nos Estados Unidos, a matéria aproveita o ensejo e expressa um pensamento anticomunista, que como salientado anteriormente, era um dos elementos mais característicos e distintivos do periódico. Nesse sentido, no excerto acima citado verifica-se a presença dos três grandes inimigos do integralismo no pós-guerra – o liberalismo americano, o nazismo e o comunismo soviético –, os três erigidos, de acordo com a visão do PRP, em uma visão materialista de mundo.

Provavelmente, a posição humanista cristã do jornal é melhor ilustrada em uma matéria não assinada de 15 de abril de 1960, intitulada “Negros e brancos sul-africanos só encontrarão um denominador comum no espírito cristão”.<sup>299</sup> Nessa matéria, o jornal critica veementemente o racismo na África do Sul: “Nossa formação cristã se revolta, e não podemos compreender esta onda racista que, ao invés de amainar, recrudesce na África do Sul!”. No texto, aparece ainda uma crítica à Inglaterra, nos mesmos moldes da crítica feita aos Estados Unidos, com um toque de ironia: “os britânicos que lutaram tão bravamente contra o nazismo racista agora estão às voltas com este problema em uma de suas colônias”. Para *A Marcha*, o racismo é decorrente da falta de instrução cristã, salientando o exemplo da Igreja Católica na criação de um cardeal negro:

<sup>298</sup> A MARCHA, n. 224, 29 jul. 1957.

<sup>299</sup> NEGROS e brancos sul-africanos só encontrarão um denominador comum no espírito cristão. *A Marcha*, n. 349, 15 abr. 1960.

Por mais explicações que se queira encontrar para tais ódios racistas, temos de convir que, em última análise, o que ocorre é a ausência ou o esquecimento dos princípios evangélicos. Fora de tais bases cristãs, não será jamais possível encontrar um denominador comum para a pacificação dos espíritos, para a harmonia e a paz. A Igreja, como representante de Cristo, acaba de dar seu exemplo forte, eloquente, visível aos olhos de todos os que sabem ver e interpretar os fatos. Foi a elevação ao Cardinalato de um Bispo negro, fato ainda recente, e que tanto comoveu a opinião pública mundial.<sup>300</sup>

A visão sobre a questão racial nos Estados Unidos se fez presente nas páginas do jornal, dessa vez em uma acepção mais positiva, na contracapa da edição de 12 de outubro de 1961<sup>301</sup>, em que há duas grandes fotografias de estudantes negros e brancos com a legenda “CONTRA A DISCRIMINAÇÃO”. Nessa nota, o jornal elogia os avanços na integração de estudantes, destacando que “A integração racial no Sul dos Estados Unidos vem fazendo grandes progressos, que encham de otimismo os que esperam ver desaparecer dentro em breve o problema da discriminação”.<sup>302</sup> Dessa forma, percebe-se, ao menos no nível do discurso, a posição do partido contra a discriminação racial e a favor da integração.

Ainda que as matérias que tratem da questão racial sejam escassas, não é exagero afirmar que as colunas de Ironides Rodrigues sejam o conteúdo do jornal que mais veementemente combateu o racismo e buscou a valorização dos negros na sociedade brasileira. Ressalta-se que as colunas de Rodrigues eram responsabilidade do colunista, e não refletiam necessariamente a opinião do jornal. Nas colunas, que serão analisadas no próximo capítulo, Rodrigues, por diversas vezes, ressaltou a posição antirracista do integralismo, agradecendo o espaço concedido no jornal para que ele pudesse tratar desses temas. Verifica-se isso em uma de suas colunas mais notáveis, “Carta de apelo a Vinicius de Moraes”<sup>303</sup>, de 2 de dezembro de 1955, em que Rodrigues faz um apelo para que Vinicius recrute atores do TEN para o elenco do filme *Orfeu negro*, à época em fase de produção e que era baseado em uma peça do autor do *Soneto da fidelidade*. Ali, Rodrigues<sup>304</sup> faz uma defesa do periódico e do integralismo, ressaltando seu aspecto antirracista:

Há muitos anos, poeta, que venho lutando junto do Teatro Experimental do Negro, no sentido de dar maiores possibilidades ao artista de cor, invés de se pintar branco de preto ou dar os papéis mais ridículos para o artista “colored”. Nossa luta tem encontrado incompreensões de vários lados, mas deixa estar, poeta, que para jogar

<sup>300</sup> NEGROS e brancos sul-africanos só encontrarão um denominador comum no espírito cristão. **A Marcha**, n. 349, 15 abr. 1960.

<sup>301</sup> A MARCHA, n. 418, 12 out. 1961.

<sup>302</sup> *Ibid.*

<sup>303</sup> RODRIGUES, Ironides. Carta de apelo a Vinicius de Moraes. **A Marcha**, n. 142, 2 dez. 1955.

<sup>304</sup> *Ibid.*

o racismo que está infiltrado no Brasil, temos esperança de sairmos vitoriosos. A MARCHA, coerente à sua doutrina antirracista, que vem do manifesto de “Anta” de Plínio Salgado, me tem apoiado, grandemente, neste afã.

Dessa forma, entende-se que a presença de Rodrigues como colunista do semanário encontra razão de ser pela denúncia do racismo que ele engendrava em seus textos e que, por convicção ou por conveniência, eram temas que foram caros para o PRP.

Há que se destacar que embora o jornal não tenha sido prolífico na denúncia do racismo ou em textos sobre a questão racial (com exceção, é claro, das colunas de Rodrigues), *A Marcha* noticiou e deu certo destaque às atividades do Teatro Experimental do Negro. Logo na segunda edição do jornal, datando de 27 fevereiro de 1953<sup>305</sup>, há o registro de uma reportagem e uma entrevista com Abdias Nascimento, intitulada “Teatro Experimental do Negro” com o subtítulo *uma realidade que honra a arte brasileira*. Nessa matéria, o jornal defende a atuação do TEN, principalmente, com uma visão nacionalista:

Já com uma posição determinada nos quadros artísticos brasileiros, vem o grupo de Abdias Nascimento, incansavelmente, e debaixo de sacrifícios inúmeros, levando às plateias cariocas e paulistas temas de caráter profundamente nacionalista, sobretudo aqueles que se enraízam nas tradições culturais africanas, para o Brasil transladadas pelos homens livres da África, transformados em escravos pela usura que inspirava o nascimento do industrialismo e que dominava as nações mais poderosas daquela época. Primando por conservar, em sua pureza original, o folclore do continente negro e suas variações brasileiras, originadas do contato com o índio e o branco, o Teatro Experimental se constitui, presentemente, ao lado da Orquestra Afro-Brasileira, num relicário vivo do que há de belo dos costumes, danças, ritos de antanho, e que a imitação artificial dos costumes estrangeiros vem aniquilando inexoravelmente.<sup>306</sup>

Apesar da longa extensão da citação, ela é relevante, uma vez que a visão do PRP aparece em consonância com a da AIB: o teatro negro é valorizado por seus temas profundamente nacionalistas de origem africana, que se tornam brasileiros quando em contato com o índio e o branco. Entretanto, percebe-se que, ao contrário da AIB, que lutava pela implantação de uma nação integral com uma cultura e uma raça homogêneas, no PRP ocorre a valorização da manutenção do folclore de origem afro-brasileira, principalmente em contraposição aos costumes estrangeiros, estes, sim, danosos para o povo brasileiro. Mais adiante, observa-se que era caro ao PRP o objetivo do TEN de elevação cultural e moral da população negra no Brasil. Há que se lembrar que esta, igualmente, era uma preocupação da Frente Negra Brasileira e da AIB. Nesse sentido, quando *A Marcha* denuncia a falta de

<sup>305</sup> TEATRO Experimental do Negro”. *A Marcha*, n. 2, 27 fev. 1953.

<sup>306</sup> *Ibid.*

incentivos financeiros para a manutenção das atividades do TEN, é sobretudo por acreditar que este busca objetivos que, de certa forma, são de interesse do PRP:

[...] bem poderia o TEN ser agraciado pelos cofres públicos, com verbas amplas, para que possa a agremiação de Abdias Nascimento conseguir o seu objetivo: o de elevar as massas de cor a um nível de educação e cultura, que as torne, assim, mais dinâmicas, na formidável luta de construção que o Brasil está encetando para afirmar a si próprio no conselho das nações. Poderia, dispondo de auxílio eficiente, levar a equipe do TEN a todos os recantos do Brasil, a sua mensagem profundamente brasileira, revivendo as tradições vivas de nossos antepassados, mostrando ao povo brasileiro o tremendo erro em que vem incidindo ao abandonar a fonte cristalina que constitui o verdadeiro espírito nacional [...].<sup>307</sup>

Nessa tônica é que se tem a visão do partido sobre o TEN, nas matérias em que a instituição foi tema, ao longo da trajetória de *A Marcha*. Salienta-se, entretanto, que Ironides Rodrigues não foi o único vínculo que ligava o jornal à instituição, uma vez que outro nome também deve ser levado em consideração: o do editor do jornal, Gumercindo Rocha Dórea.

Dórea nasceu em Ilhéus, Bahia, e entrou na Ação Integralista Brasileira aos oito anos de idade. Formou-se advogado no Rio de Janeiro na década de 1940 e colaborou com o jornal *Idade Nova*. Após esse período, foi o editor do jornal *A Marcha* até o ano de 1959. Dórea fundou as Edições GRD em 1956, editora notável por motivos que ultrapassam o estudo do integralismo: foi a pioneiro na divulgação do gênero de ficção científica no Brasil. O interesse de Dórea por ficção científica pode ser percebido em *A Marcha*, pois o jornal integralista por vezes continha artigos que especulavam sobre assuntos caros aos amantes do gênero, como discos voadores (no que toca a essa questão, pode-se citar uma das manchetes da capa do jornal, datando de 7 de junho de 1957: “Continuam aparecendo os discos voadores”<sup>308</sup>).

O editor teve papel de destaque por ter lançado autores que se tornariam proeminentes na literatura nacional, como Nélide Piñon, Rubem Fonseca, Fausto Cunha e Gerardo Mello Mourão.<sup>309</sup> Entretanto, o que chama a atenção é que foi pela editora GRD que Abdias Nascimento lançou seus trabalhos durante a década de 1960: *O negro revoltado*, de 1968, e *Teatro Experimental do Negro: testemunhos*, de 1966. Certamente não escapava a Nascimento que Dórea era militante integralista, o que indica que as relações entre o integralismo e o movimento negro ainda estavam presentes, ao menos no nível da sociabilidade.

<sup>307</sup> TEATRO Experimental do Negro”. *A Marcha*, n. 2, 27 fev. 1953.

<sup>308</sup> CONTINUAM aparecendo os discos voadores. *A Marcha*, n. 208, 7 jun. 1957.

<sup>309</sup> CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. Gumercindo Rocha Dórea: guardião controverso da memória integralista no pós-guerra. *Revista Ágora*, Vitória, v. 7, p. 1-26, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/5042/3808>. Acesso em: 20 nov. 2018.

A manutenção da sociabilidade entre militantes integralistas e militantes do movimento negro pode ser atestada em uma coluna de Rodrigues de 13 de setembro de 1962, intitulada “Abdias e arte negra”<sup>310</sup>, que faz um apanhado da trajetória do TEN, destacando a contribuição do próprio Ironides Rodrigues e de muitos colaboradores da instituição. Nesse sentido, quando Rodrigues<sup>311</sup> fala da peça *Sortilégio*, escrita por Nascimento para o TEN, destaca a recepção negativa da peça por parte da crítica teatral: “Enquanto a crítica centaura, tendo à frente Paulo Francis, arrasou ‘Sortilégio’, Nelson Rodrigues, Guerreiro Ramos, Roland Corbisier, Melo Mourão e outros autênticos valores das letras brasileiras acharam ‘Sortilégio’ um dos cumes da nossa literatura teatral”.

Nota-se que, dos nomes citados, com exceção de Nelson Rodrigues, todos haviam sido militantes integralistas. Tendo sido a peça escrita na primeira metade da década de 1950, percebe-se que, apesar de Nascimento estar afastado do integralismo à época (assim como os outros três nomes citados acima), a sociabilidade, ao menos no nível intelectual, se manteve. É notável ainda a publicação de uma obra organizada por Nascimento, *Dramas para negros e prólogo para brancos*, em que se encontram peças com motivos afro-brasileiros e que foram encenadas pelo TEN. Dentre essas peças, há *O Emparedado*, de autoria de Tasso da Silveira, que foi um poeta católico e militante integralista desde a década de 1930, tendo colaborado ativamente para *A Marcha*, com ensaios e colunas culturais. O poeta era extremamente benquisto nas páginas do jornal, principalmente por ter destaque além dos círculos integralistas. A presença de uma peça sua em uma obra de Abdias Nascimento aponta que a sociabilidade se fazia presente ainda na década de 1950.

Como na AIB durante a década de 1930 e salientado no início deste capítulo, o conflito ítalo-etíope foi tratado nas páginas do jornal *A Offensiva* com cautela, pois entendia-se que, embora com firmes posições pró-italianas, a AIB não poderia simplesmente abrir mão do apoio dos negros ao movimento. Algo semelhante ocorreu com o PRP e está retratado nas páginas de *A Marcha*: as tensões entre o governo português e as colônias africanas no início da década de 1960. Ainda que esse não seja o foco da pesquisa, nota-se que, nos artigos que tratavam dessas tensões, a posição do jornal era indiscutivelmente pró-lusa, mas sempre com o cuidado de não cometer ofensas racistas, colocando a culpa, naturalmente, nos comunistas. Apenas a título de ilustração, a matéria “Angola é terra de Portugal”, de 22 agosto de 1961, n. 413<sup>312</sup>, segue essa linha, visto que defende a “missão civilizadora” portuguesa naquela região,

<sup>310</sup> RODRIGUES, Ironides. Abdias e arte negra. *A Marcha*, n. 459, 13 set. 1962.

<sup>311</sup> *Ibid.*

<sup>312</sup> ANGOLA é terra de Portugal. *A Marcha*, n. 413, 22 ago. 1961.

destacando que se trata de uma ocupação secular e que muitos benefícios levou para Angola. Dessa forma, a matéria apresenta Portugal como país agredido “por agentes de imperialismos estranhos e de racismos anti-humanos”<sup>313</sup>, se referindo à União Soviética. Curiosamente, não foram encontrados registros de Ironides Rodrigues fazendo menção a tais assuntos no periódico, mantendo como de costume sua coluna cinematográfica.

As relações entre o integralismo e o movimento negro, como afirmado diversas vezes ao longo deste capítulo, são ainda repletas de questões a serem estudadas e desvendadas. A intenção, ao esboçar esta seção sobre a relação do PRP com o negro e a questão racial, foi tão somente apresentar alguns indícios que auxiliem na compreensão desse tema ainda tão pouco explorado pela historiografia.

---

<sup>313</sup> ANGOLA é terra de Portugal. **A Marcha**, n. 413, 22 ago. 1961.

## 4 AS COLUNAS CINEMATográfICAS DE IRONIDES RODRIGUES PARA *A MARCHA*

Neste capítulo, a pesquisa terá como foco a investigação e a análise das colunas de Ironides Rodrigues para o jornal *A Marcha*, colaboração que se estendeu desde o ano de 1954 até 1962. Primeiramente, busca-se compreender aspectos históricos da crítica de cinema, assim como traçar um panorama do contexto da crítica cinematográfica na década 1950, sua consolidação, seus debates e suas polêmicas. Além disso, realizam-se breves apontamentos sobre o fazer crítico, para que se tenha a compreensão do campo em que Rodrigues estava inserido, que ultrapassa os limites do integralismo e do movimento negro. A partir daí, por intermédio da metodologia de *análise de conteúdo*, a pesquisa parte para a análise das colunas propriamente ditas, buscando ressaltar elementos presentes na trajetória de Rodrigues, assim como analisar a inserção do colunista entre os demais críticos da época.

### 4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA CINEMATográfica

Fatimarlei Lunardelli<sup>314</sup> afirma que o ponto de partida para a crítica cinematográfica enquanto especialização profissional remonta a um período anterior à existência do próprio cinema. De acordo com a autora, o início da publicação de romances em formato de folhetim, em notas de rodapé, inaugurado pelo jornal francês *La Presse* em 1836, abriu o caminho para a configuração de um espaço jornalístico para comentários sobre temas culturais, em que estavam presentes crônicas sobre costumes, romances, teatro e artes de forma mais ampla. Em relação ao cinema, a autora aponta que o período entre a primeira exibição audiovisual, ocorrida em 1895 na França, e os primeiros comentários publicados na imprensa foi de apenas dois dias.

Em relação à atividade crítica propriamente dita, Lunardelli<sup>315</sup> opera uma distinção entre o crítico e o resenhista. O resenhista se caracteriza pela divulgação nos meios de comunicação das informações acerca dos filmes que são lançados, estando suscetível às pressões do mercado, notadamente o norte-americano, que, ao lançar suas produções, disponibiliza farto material informativo e ilustrativo para a imprensa. O crítico, por sua vez, se caracteriza pelo acúmulo de conhecimento especializado e pela atividade exclusiva de assistir

---

<sup>314</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

<sup>315</sup> *Ibid.*

filmes, emitindo opiniões baseadas em critérios estéticos, históricos e de linguagem próprios ao cinema. É dessa forma que a crítica cinematográfica consolida seu espaço e sua função, principalmente na França da década de 1920. Essa consolidação da atividade crítica é paralela ao firmamento do cinema enquanto arte e alimentada pela produção de textos teóricos que o tenham como foco.

Paula Neto<sup>316</sup> refere que consoante ao desenvolvimento das possibilidades estéticas do cinema, sobretudo após sua crescente aceitação como forma de arte, houve o surgimento de conceitos específicos com que os analistas pudessem refletir sobre as produções cinematográficas, não dependendo mais de conceitos e categorias tomados de outras artes. Nesse sentido, há que se destacar a figura do italiano Ricciotto Canudo (1877-1923), que viveu boa parte de sua vida na França. Roberto Segundo Capparelli Figurelli<sup>317</sup>, no início da década de 1900, o cinema gozava de popularidade e apelo, embora fosse desconsiderado por boa parte da intelectualidade francesa de então, que o viam como teatro filmado. O mérito de Canudo, devido à sofisticada teorização, foi advogar pelo estatuto do cinema enquanto arte que conjuga o espaço e o tempo, criando a expressão conhecida até os dias de hoje: *Sétima Arte*. Outro nome incontornável, em função da defesa do cinema enquanto arte, assim como pelos avanços em termos de crítica, é Louis Delluc (1890-1924), considerado como continuador do trabalho de Canudo e que na década de 1920 escreveu em diversas revistas e jornais franceses. Foi considerado, a despeito de sua morte prematura, como “o pai da crítica cinematográfica” pelo pioneiro cineasta Victorin Jasset, além de ter sido uma grande influência para o cineasta e crítico René Clair (que, aliás, foi um dos cineastas de predileção de Ironides Rodrigues).

A atividade crítica é marcada pelas pressões que a ela são impostas: tendo seu sentido, significado e legitimidade demarcados pelo espaço que ocupa na imprensa, os críticos cinematográficos conjugam os interesses dos jornais, cuja orientação ideológica pode acabar por interferir na atividade; do público, receptor das ideias dos críticos e que pode se comunicar com estes; e dos produtores de cinema, que têm interesse que seus novos produtos sejam comentados na imprensa.<sup>318</sup>

---

<sup>316</sup> PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>.

<sup>317</sup> FIGURELLI, Roberto Capparelli. Cinema, a sétima arte. **Extensio**, v. 10, n. 15, 2013. doi: <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2013v10n15p110>.

<sup>318</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

#### 4.1.1 A crítica cinematográfica no Brasil da década de 1950

Apesar de os debates a respeito do cinema estarem presentes no Brasil desde o início do século XX, Paula Neto<sup>319</sup> aponta que é a partir da década de 1940 que há o fortalecimento dos parâmetros próprios para a análise de obras cinematográficas, auxiliando o discernimento do público em relação ao tema. Dessa forma, percebe-se que os debates convergiam no sentido de uma reflexão mais ampla sobre o cinema, deixando de lado discussões preocupadas, principalmente, com aspectos técnicos, como questões de luz e sombra ou em relação ao desempenho dos atores. Na década de 1950, percebe-se o desenvolvimento da crítica:

[...] numa ação que conjugava ao mesmo tempo a solidificação, autonomização e renovação do ato crítico e da cultura cinematográfica. Muitas destas ações buscavam refletir não só o caráter artístico do cinema, que naquele momento já estava solidificado, mas adentrar questões mais abrangentes que englobavam a possibilidade de modernização da cultura brasileira, assim como posicionamentos políticos e reflexões gerais sobre a sociedade.<sup>320</sup>

O apelo popular do cinema foi uma forma de consolidar a atividade da crítica *cinematográfica*, que naquele momento, no Brasil, ainda era ligada especialmente com o aspecto literário.

[...] podemos interpretar os debates cinematográficos anteriores à década de 1950 ainda como o prolongamento do debate literário, pois a crítica e o campo cinematográficos no Brasil eram dependentes conceitual e intelectualmente, principalmente da crítica literária, campo autônomo e de contornos bastante nítidos em comparação ao cinema brasileiro.<sup>321</sup>

Para o jornalista e crítico Ruy Castro<sup>322</sup>, na introdução de uma compilação de críticas cinematográficas de Moniz Viana, o momento vivido pela crítica de cinema nas décadas de 1950 e 1960 foi de consolidação, florescimento e debates. Dessa forma, o período foi de particular relevância:

É impossível a um cinéfilo brasileiro de última geração avaliar o peso da crítica de cinema nos anos 50 e 60. Era enorme, e não apenas no Brasil. O cinema se tornara o grande afrodisíaco intelectual de dois ou três continentes. Os filmes eram agora

<sup>319</sup> PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>.

<sup>320</sup> *Ibid.*, p. 154.

<sup>321</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>322</sup> CASTRO, Ruy. Trailer – Moniz, Wagonmaster. In: VIANNA, Anonio Moniz. **Um filme por dia**: crítica de choque (1946-73). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

discutidos à luz da história, da psicanálise, da antropologia, do estruturalismo e do cinema mesmo. Quando discutidos à sombra da ideologia, podiam provocar rachas culturais, arruinar amizades e até desfazer namoros.<sup>323</sup>

Assim, buscava-se a criação de uma *consciência cinematográfica brasileira*, nos mais diversos meios de difusão da análise cinematográfica, como a grande imprensa e o surgimento de publicações especializadas. Há que se ressaltar, entretanto, que a formação de tal *consciência cinematográfica brasileira* não era uma iniciativa surgida somente na década de 1950. Paula Neto<sup>324</sup> aponta os esforços realizados desde as décadas de 1920 e 1930 no fomento dessa consciência, destacando a publicação de revistas como *Para Todos*, *Cinearte* e *Scena Muda*, que se notabilizaram por promover uma campanha de estímulo às produções nacionais, propondo leis que promovessem o incentivo financeiro para tais realizações e zelassem por sua proteção, atribuindo ao Estado um papel primordial no desenvolvimento do cinema no Brasil. De acordo com Jean-Claude Bernardet<sup>325</sup>, as reivindicações surtiram efeito, pois Getúlio Vargas, em 1932, assinou um decreto no qual cada exibição de longa-metragem deveria ser acompanhada da projeção compulsória de um curta-metragem, o que acabou por criar uma reserva de mercado que desse vazão às produções nacionais. Ainda há que se destacar que tais periódicos, entretanto, eram vistos como meios de divulgação das grandes obras do cinema internacional (principalmente as produções hollywoodianas), o que os tornava menos abertos aos debates estéticos mais complexos e às discussões acerca do ato crítico e cinematográfico.<sup>326</sup>

Voltando à década de 1950, há que se destacar que a busca pela *consciência cinematográfica brasileira*, além de estar presente na imprensa e em publicações especializadas, contou com o protagonismo dos cineclubes. Embora os cineclubes se fizessem presentes desde o início do desenvolvimento do cinema, principalmente na França, seu número cresceu de forma expressiva durante a década de 1950. Além de fomentar o debate acerca dos filmes, os cineclubes tiveram papel de destaque na formação de diversos cineastas e movimentos. Como explica Lunardelli<sup>327</sup>, François Truffaut, um dos maiores cineastas do século XX e um dos fundadores do movimento *Nouvelle Vague* no final da década de 1950, destacou o estímulo promovido pelas sessões exibidas nos cineclubes para a gestação do

<sup>323</sup> CASTRO, Ruy. Trailer – Moniz, Wagonmaster. In: VIANNA, Anonio Moniz. **Um filme por dia: crítica de choque (1946-73)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 12.

<sup>324</sup> PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>.

<sup>325</sup> BERNARDET, Jean-Claude. **O cinema segundo a crítica paulista**. São Paulo: Nova Estella Editorial, 1986.

<sup>326</sup> PAULA NETO, *op. cit.*

<sup>327</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

movimento. A historiadora ainda destaca que o cineclubismo se configura em reação à condição popular e industrial do cinema, opondo-se ao cinema como entretenimento e à recepção ligeira e descartável dos filmes. Nesse sentido, os cineclubes são espaços privilegiados para a discussão do cinema enquanto história, cultura e pensamento crítico:

A forma coletiva de recepção é um dos aspectos mais interessantes do cineclubismo e está em concomitância com o princípio da era da indústria cultural: diferenciar-se dos milhares de espectadores de filmes e ao mesmo tempo afirmar que o cinema só pode ser fruído enquanto espetáculo coletivo, compartilhado.<sup>328</sup>

No Brasil, a ascensão no número de cineclubes durante a década de 1950 proporcionou a expansão da cultura cinematográfica nacional que vinha se desenvolvendo até então. Ademais, foram fundamentais para a circulação de filmes antigos e raros cuja exibição não era contemplada no circuito comercial, focado, àquela época, nas produções norte-americanas. Dessa forma, percebe-se a elevação no número de mostras e festivais dedicados às cinematografias menos convencionais promovidos, principalmente, por iniciativa da Cinemateca Brasileira, fundada em São Paulo em 1952, e da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, cujas atividades iniciaram-se em 1955. Na divulgação do cinema, pode-se resumir que foi a rede de cineclubes “que permitiu, em nosso país de dimensões continentais, a circulação pelas regiões periféricas dos eventos cinematográficos gerenciados a partir do eixo central pelas cinematecas”.<sup>329</sup>

Em relação à circulação de ideias e debates cinematográficos, Autran<sup>330</sup> argumenta que o centro de irradiação era o eixo Rio-São Paulo, mas que a atuação de críticos nos demais estados brasileiros foi fundamental para a expansão da cultura cinematográfica. Assim, os debates centrais chegavam às províncias pelos grandes jornais e pelas revistas de circulação nacional. O contrário, entretanto, era mais complicado, pois os órgãos de imprensa estaduais dificilmente ultrapassavam as fronteiras de seus estados. Uma exceção é o caso de Minas Gerais, pois em Belo Horizonte foi lançada em 1954 a *Revista de Cinema*, publicação que obteve projeção nacional, o que fez com que os críticos mineiros fossem lidos em todo o país. Em relação aos outros estados, a difusão das ideias dava-se por meio de correspondências, o que auxiliava na formação de uma ampla rede intelectual cinematográfica. Autran<sup>331</sup>, ao estudar o caso do crítico e cineasta Alex Vianny, encontrou em sua correspondência cartas de

<sup>328</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 42.

<sup>329</sup> *Ibid.*, p. 42.

<sup>330</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Vianny: crítico e historiador**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>331</sup> *Ibid.*

críticos de todo o Brasil. Além disso, as palestras dos críticos de São Paulo e do Rio, promovidas, principalmente, por iniciativa dos cineclubes das demais capitais, eram eventos onde os oradores expunham seus debates e tomavam conhecimento das discussões locais. Ainda citando o caso de Alex Viany, Autran<sup>332</sup> conta que o crítico proferiu, ao longo da década de 1950, palestras no Clube de Cinema de Porto Alegre, no Centro de Estudos Cinematográficos de Belo Horizonte e no Clube de Cinema da Bahia, localizado em Salvador.

Os esforços empreendidos pela crítica cinematográfica na década de 1950, com sua presença mais marcada na imprensa, além das novas sociabilidades cinéfilas promovidas pela ação dos cineclubes, buscavam a divulgação das ideias e dos debates que vinham ocorrendo nos meios cinéfilos mais restritos para o grande público.<sup>333</sup> Como consequência, percebe-se o surgimento de novas caras, que rompendo com certa marginalidade intelectual, passaram a ocupar espaços na imprensa para difundir suas concepções a públicos mais amplos. Nesse sentido, julga-se que o crítico Ironides Rodrigues, que começou com essa atividade no jornal *A Marcha* no ano de 1954, é um exemplo desses debates e da presença mais acentuada do cinema nos veículos da época. A preocupação geral era orientada no sentido de educar o público brasileiro, considerado pelos críticos da época como alienado em função de sua predileção por chanchadas e pelo cinema americano comercial, visando à difusão de uma concepção estética mais sofisticada entre o espectador comum. Pela exposição mais ampla de seus escritos e apontamentos, era cara aos críticos da época a possibilidade de uma transformação qualitativa do cinema nacional, em benefício de melhoras técnicas e artísticas:

Era o momento de transformar a cultura brasileira atrasada, segundo esses intelectuais, em algo moderno, através da pregação do cinema enquanto cultura, como meio ativo de ultrapassar o subdesenvolvimento e a ignorância. Era o momento de superar os insucessos das experiências cinematográficas colocadas em prática até aquele momento e construir um cinema mais condizente com suas necessidades cinéfilas. Desse modo, os críticos buscavam conectar a indústria cinematográfica brasileira com as inovações que estavam a transformar a sétima arte em outras cinematografias mais avançadas.<sup>334</sup>

Não se pode, evidentemente, desvincular o papel e as ações da crítica cinematográfica sem que se leve em consideração o contexto mais amplo vivido no Brasil durante a década de 1950. Os críticos não passaram incólumes pela emergência do pensamento nacionalista e desenvolvimentista, que foi um dos aspectos que marcou aquele período. Dessa forma, os

---

<sup>332</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>333</sup> PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>.

<sup>334</sup> *Ibid.*, p. 158.

debates no âmbito cultural eram marcados pela questão da superação da condição colonial responsável pelo atraso da cultura brasileira. A crítica de cinema, agora mais desvinculada do aspecto literário e entendida como uma forma de ensaio, constituía-se como um privilegiado canal de expressão das inquietações intelectuais da época. O cinema, como apresentava de forma mais direta as culturas de todos os lugares, oferecia ao espectador diversas visões de mundo que eram mais difíceis de serem apreendidas por outras artes. O cinema constituía um espaço destacado para afirmação da cultura nacional:

No I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, em São Paulo, no ano 1952, Nelson Pereira dos Santos defendeu a tese “O Problema do Conteúdo no Cinema Brasileiro”, onde discorre acerca da falsa ideia de que a questão do conteúdo, por ser relativa à ordem cultural e estética, é menos urgente que a questão econômico-financeira; e afirma que os filmes brasileiros necessitam de conteúdos brasileiros para adquirirem independência econômica, pois esta depende da autonomia cultural.<sup>335</sup>

Embora essas questões fossem levantadas majoritariamente por críticos de esquerda, não passou despercebida por analistas de orientações ideológicas diversas, visto que o nacionalismo cultural era algo que marcava o meio intelectual à época.<sup>336</sup>

Além das questões nacionais, ao analisar o panorama brasileiro da crítica cinematográfica na década de 1950, Arthur Autran<sup>337</sup> assinala que são encontradas diversas formas para estabelecer uma categorização: partidários do cinema hollywoodiano, de um lado, e admiradores do cinema europeu, de outro; defensores do conteúdo contra formalistas de direita ou esquerda. Para o autor, entretanto, a categorização mais precisa para definir a atuação dos críticos na década de 1950 foi formulada ainda no período por Fábio Lucas<sup>338</sup>, que divide o campo entre “críticos-históricos” e “esteticistas”:

É o que temos na crítica cinematográfica de hoje: de um lado permanece a atitude daqueles que consideram o cinema como realidade artística regida por leis que lhe são singularmente peculiares [os “esteticistas”]. Para estes, deve-se extirpar qualquer fio que ligue a arte do cinema a concepções sociopolíticas ou a conceitos estéticos que sirvam a outros gêneros artísticos; de outro lado ficam aqueles para quem o que interessa no filme exibido é a mensagem que traz implícita ou explícita [os “crítico-históricos”], contentando-se aqui o crítico com isolar os elementos discursivos que, alimentando a opinião pública, possam ou não influir nos destinos humanos.

<sup>335</sup> MALUSÁ, Vivian. **Católicos e cinema na capital paulista**: o cineclube do Centro D. Vital e a Escola Superior de Cinema São Luís (1958-1972). 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Campinas: UNICAMP, 2007. p. 14.

<sup>336</sup> PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>.

<sup>337</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>338</sup> *Apud Ibid.*, p. 106.

Autran<sup>339</sup>, entretanto, julga que a divisão operada por Fábio Lucas não é capaz de abarcar toda o meio da época, sendo necessária a inclusão de mais três categorias para que se possa compreender melhor o panorama da crítica à época. De um lado, há o grupo cujas referências eram pautadas pelo cinema mudo, em que os membros eram veteranos da crítica e escreviam de forma esparsa nos jornais da década. Nesse grupo, encontram-se figuras como Pedro Lima e Octávio de Faria, que embora não tivessem a repercussão de outrora, eram muito respeitados por críticos mais jovens (Faria, especificamente, teve grande influência sobre Ironides Rodrigues, que, muitas vezes, o reverenciava em suas colunas em *A Marcha*). O segundo grupo é constituído pelos católicos (que serão analisados com mais detalhamento em seguida). Os católicos foram grandes mobilizadores da cultura cinematográfica, com a criação de cineclubes, publicação de livros e revistas especializadas, com destaque para o padre Guido Logger, que foi diretor do Centro de Orientação Cinematográfica ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O último grupo é formado por aqueles que não eram críticos cinematográficos propriamente, apenas escreviam por encomendas das distribuidoras ou dos circuitos de exibição. Entretanto, não se deve menosprezar seu papel, pois estes eram muito numerosos, chegando à diretoria da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos. Percebe-se assim como a crítica brasileira à época encontrava-se segmentada em diversas correntes. Nesse sentido, Ruy Castro<sup>340</sup> observa que seus colegas da época detinham uma influência que não se viu mais após a década de 1960:

Alguns gozavam de impressionante prestígio. Talvez não tivessem poder para destruir a carreira de um filme, mas, a médio prazo, podiam mover o cinema, fazendo vergar a balança para o lado de suas convicções políticas ou estéticas. Uma simples crítica publicada num jornal ou revista não tinha nada de simples, nem era só uma crítica – era quase uma declaração de princípios.<sup>341</sup>

A citação acima permite apreender um pouco da efervescência e da relevância da crítica nas décadas de 1950 e 1960. As posições defendidas pelos analistas não ficavam restritas apenas aos leitores, mas influenciavam outros críticos num contexto mais amplo, acarretando toda a sorte de debates estéticos e polêmicas.

---

<sup>339</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>340</sup> CASTRO, Ruy. Trailer – Moniz, Wagonmaster. In: VIANNA, Anonio Moniz. **Um filme por dia**: crítica de choque (1946-73). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>341</sup> *Ibid.*, p. 12.

#### 4.1.2 A Igreja Católica e o cinema

As possibilidades do cinema não passaram despercebidas pela Igreja Católica, que buscando estabelecer uma ação coordenada de dimensão global, criou em 1928 o *Office International du Cinema* (OCIC). Aprofundando as diretrizes de orientação na relação entre os católicos e o cinema, em 1936, a Encíclica *Vigilanti Cura*, do Papa Pio XI, instituiu a classificação moral dos filmes. Em 1938, foi criado no Rio de Janeiro o Serviço de Informações Cinematográficas, com o objetivo de promover cursos para a formação de espectadores, assim como estabelecer a cotação moral dos filmes.<sup>342</sup>

Na década de 1950, a atuação da Igreja em relação ao cinema se intensificou, tendo como foco a questão dos jovens. Assim, as orientações eclesiais foram propagadas pelo *Institute de Hautes Études Cinematographiques*, que, assim como o OCIC, era localizado na Bélgica. Lunardelli<sup>343</sup> aponta que o instituto surgiu com o nome de Juventude Operária Católica, cujo objetivo inicial era demarcar uma posição da Igreja em face do comunismo. No Brasil, em 1953, foi criado o Centro de Orientação Cinematográfica, ligado à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Tendo como diretor o crítico e padre Guido Logger, o centro trabalhou no incentivo à criação de cineclubes católicos em todo o país. É de grande relevância o papel desenvolvido pela ação dos cineclubes na formação de espectadores e difusão do cinema no Brasil e no mundo.

Nesse sentido, os cineclubes católicos tiveram um papel importante no desenvolvimento do cineclubismo brasileiro, utilizando a estrutura da Igreja – como paróquias, colégios e universidades – para o fomento de suas atividades e orientações. Dessa maneira, a organização católica em relação ao cinema adquiriu uma notável dimensão, incomparável com a atuação de entidades leigas. A organização católica seguia a linha de uma segunda Encíclica, a *Miranda Prorsus*, lançada pelo Papa Pio XII em 1957. Esse documento, além de atualizar a preocupação com a fiscalização moral dos filmes, aprofunda a questão da formação de público. Para Vivian Malusá<sup>344</sup>, na Encíclica, o cinema era apreendido como meio em que estavam presentes a verdade e a beleza divinas, sendo a educação para a formação de público algo essencial para que os católicos pudessem assistir aos filmes de forma não passiva, visando à elevação espiritual. Em resumo:

---

<sup>342</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

<sup>343</sup> *Ibid.*

<sup>344</sup> MALUSÁ, Vivian. **Católicos e cinema na capital paulista: o cineclube do Centro D. Vital e a Escola Superior de Cinema São Luís (1958-1972)**. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Campinas: UNICAMP, 2007.

Para a aquisição dessa cultura cinematográfica, a militância católica se baseava na atuação em duas frentes de ação: cotação moral e formação de público (cineclubes, cine-fóruns, debates, cursos, publicações sobre cinema e afins) – a princípio mais tendente a uma posição de apoio a fiscalização, depois, para a preocupação com a formação, que teve seu ápice entre meados das décadas de 50 e 60 no Brasil.<sup>345</sup>

Conforme expõe Lunardelli<sup>346</sup>, há diferença entre os espectadores católicos e os leigos. As entidades laicas, organizadas por setores mobilizados da sociedade civil, surgiam de forma geral pelo prazer e pela emoção da arte cinematográfica. Os católicos, entretanto, se organizavam de acordo com orientações externas, no sentido da utilização do cinema enquanto um programa institucional educativo. Para os cineclubes católicos, o principal objetivo a ser realizado era a formação de uma consciência individual do espectador, para que este buscasse assistir aos filmes não por hábito ou simplesmente por prazer, o que, principalmente entre a juventude, poderia ser visto como uma ameaça. Dessa forma, os católicos se consideravam como *apóstolos cinematográficos* e visavam à elevação moral do espectador, mesmo que isso custasse a fruição da cinefilia.

Visto, primordialmente, como recurso pedagógico e de elevação moral, os católicos organizaram círculos de estudos e de debates, cujo conteúdo era pautado pelas orientações do SIC. O órgão publicou um documento intitulado *Catálogo geral das cotações morais*, em que elencava diversas categorias indicativas em relação aos filmes. Essas categorias iam desde “para todos”, até “prejudicial” (que era desaconselhado mesmo entre adultos) e “condenável” (que não deveria ser visto por ninguém), sendo que os filmes destas duas últimas categorias não poderiam ser exibidos nos cineclubes católicos. De acordo com Lunardelli<sup>347</sup>, as relações entre os grupos religiosos e leigos era marcada por diversas tensões, como no caso em que o jornal oficial do Vaticano, *L’Osservatore Romano*, fez, ao longo de quinze dias, duríssimas críticas ao filme *La Dolce Vita*, de Federico Fellini. Os debates que se seguiram extrapolaram os limites do cineclubismo e acirraram os ânimos entre religiosos e leigos. Apesar das inúmeras restrições aos filmes, muitas vezes marcadas pela censura, e da orientação visando apenas ao aprimoramento moral do espectador, a relação do catolicismo com o cinema proporcionou para muitas pessoas o primeiro contato com a *Sétima Arte*, o que levou uma parte dessas pessoas a terem concepções de cinema mais amplas, e não necessariamente

<sup>345</sup> MALUSÁ, Vivian. **Católicos e cinema na capital paulista: o cineclube do Centro D. Vital e a Escola Superior de Cinema São Luís (1958-1972)**. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Campinas: UNICAMP, 2007. p. 5.

<sup>346</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

<sup>347</sup> *Ibid.*

vinculadas às orientações da Igreja.<sup>348</sup> Para Lunardelli<sup>349</sup>, o golpe de 1964 marcou o início do declínio do cineclubismo de forma geral, com o afastamento ou a radicalização das lideranças mais à esquerda, embora os debates e as tensões ainda perdurassem após a ruptura institucional.

Naturalmente, os debates e as polêmicas da crítica cinematográfica da década de 1950 não passaram despercebidas pelos católicos. Nesse sentido, para compreender a posição dos críticos católicos, há de se ressaltar a polêmica envolvendo o revisionismo crítico em 1954. Segundo Paula Neto<sup>350</sup>, essa polêmica baseou-se no impacto do realismo socialista e do movimento neorrealista italiano, que privilegiavam o conteúdo em vez da forma, favorecendo a função social do cinema. O padre Guido Logger envolveu-se na polêmica, descartando a necessidade de revisão do método crítico. Para o padre, que defendia uma abordagem formalista do cinema, a estética contava com princípios perenes e imutáveis, que estariam acima das eventuais inovações, fórmulas ou meios técnicos para a expressão da arte. Nota-se que, apesar de a divergência estética estar presente, questões de cunho ideológico acabavam por marcar o pano de fundo dessa polêmica. Nesse sentido:

[...] Logger aponta que menos atenção para os assuntos ligados à revisão seria crucial, principalmente por causa de sua defesa ser resultado da “profunda influência” que vinham sendo exercidas e propagadas as ideias marxistas e comunistas no Brasil, que intentavam transformar “a obra de arte num ridículo instrumento social”. Posicionando-se contrariamente aos postulados do realismo socialista, o padre clamava por “uma arte cinematográfica, livre e independente de escolas e fórmulas, psicológicas, dramáticas, realistas ou realistas-socialistas”, atingindo uma condição “universal e humaníssima”.<sup>351</sup>

A posição do padre Logger é representativa da acepção que os católicos tinham do cinema à época: instrumento para a elevação moral. Dessa forma, somente após a orientação católica os fiéis poderiam escolher os filmes de forma sensata e sem as prejudiciais influências de ideologias contrárias, como no caso o socialismo. Como será analisado mais adiante, nota-se que o catolicismo é um elemento muito presente nas colunas de Ironides Rodrigues. O colunista teve contato com o padre Logger, assim como com diversas organizações católicas que atuaram na promoção do cinema. Entretanto, a posição de

<sup>348</sup> MALUSÁ, Vivian. **Católicos e cinema na capital paulista: o cineclube do Centro D. Vital e a Escola Superior de Cinema São Luís (1958-1972)**. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Campinas: UNICAMP, 2007.

<sup>349</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

<sup>350</sup> PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>.

<sup>351</sup> *Ibid.*, p. 166.

Rodrigues é menos ortodoxa em relação às preocupações levantadas pelos católicos organizados, o que, por vezes, acarretou em divergências com esses grupos.

#### 4.1.3 A função do crítico

Para Lunardelli<sup>352</sup>, convém a utilização do conceito de mediação para analisar a atividade do crítico de cinema no contexto das sociedades onde atua. No senso comum, essa mediação se coloca entre o filme e os espectadores, em que o crítico, munido de conhecimentos específicos e distante objetivamente da obra, seria responsável por complementar a visão que se tem dos filmes. Nessa concepção, a recepção dos espectadores torna-se completa com os comentários do crítico. A autora cita o caso do crítico espanhol Mariano Del Pozo, atuante na década de 1960, que escreve um manual para futuros críticos, em que ressalta que:

O trabalho do crítico é, primordialmente, o de conselheiro ou assessor do espectador. Sem entrar a fundo no conteúdo do filme, porque isso acabaria com o elemento de surpresa ou pelo menos de novidade que constitui um de seus atrativos, dirige a atenção do futuro espectador para determinados aspectos do filme, tanto positivos quanto negativos, a fim de proporcionar uma vivência cinematográfica mais completa.<sup>353</sup>

A ideia, portanto, do crítico como decifrador de conteúdos simbólicos inacessíveis para os espectadores ganhou força, principalmente, após a emergência de movimentos cinematográficos de vanguarda que quebraram os padrões clássicos de linguagem ao longo da década de 1960. Nesse sentido, o crítico encontra sua legitimação e sua credibilidade no fato de tornar o que para muitas pessoas não passa de um *hobby* em profissão, além de se esperar que ele tenha um conhecimento especial relacionado à estética, à história ou à linguagem do cinema.<sup>354</sup>

Em oposição às ideias do crítico como guia e mediador legítimo para a compreensão de determinado filme, Lunardelli<sup>355</sup> aponta que o crítico não está “entre as partes”, mas que ele efetivamente “faz parte”, pois ele, assim como o cinema, está inserido em um sistema de comunicação mais amplo, cujas significações emergem do sistema maior da cultura

---

<sup>352</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

<sup>353</sup> DEL POZO *apud Ibid.*, p. 94.

<sup>354</sup> *Ibid.*

<sup>355</sup> *Ibid.*

compartilhada. As palavras do crítico e acadêmico Jean-Claude Bernardet<sup>356</sup> são bastante elucidativas a esse respeito:

A crítica é como uma sonda explorando a múltipla potencialidade de um filme. Nesse sentido, a crítica é um exercício de imaginação que beira a ficção. É a hipótese ficcional que descobre significações latentes, ao limite, que faz surgir significações potenciais. Ao limite, a crítica extrapola significações apenas embrionárias na obra: obra e crítica descobrindo e inventando junto. A crítica como um exercício de limites e de tensões. Exploração das tensões da obra, e das tensões entre a obra e o texto. A obra pode se rebelar e rejeitar a hipótese.<sup>357</sup>

Para Bernardet<sup>358</sup>, o texto crítico é um discurso paralelo à obra e não se identifica com ela, havendo uma série de aproximações e distanciamentos entre ambos. Para o crítico, o texto não necessariamente nasce da obra, sendo o próprio texto, muitas vezes, o responsável pela escolha de determinada obra ou de determinados elementos dentro dela, para aí se produzir. Uma das características fundamentais do texto crítico, segundo o autor, é a relação constante de dependência/independência das obras, à qual o crítico se submete e procura seus objetivos na multiplicidade de obras.

Para Bernardet<sup>359</sup>, o texto crítico é uma prática de compreensão, ainda que esta não esteja baseada em captar o que o filme anuncia de forma explícita, mas, sim, em procurar os aspectos latentes do filme, o que está aquém ou além do dito: “Ao limite, é considerar o explícito, imediato, oferecido, como um sintoma do não dito. Quando começa a se tocar no não dito, a obra começa a desabrochar”.<sup>360</sup> Paula Neto<sup>361</sup>, no entanto, considera a crítica essencial para os filmes, pois os críticos são uns dentre os responsáveis pela *invenção do olhar* e das práticas que delimitam as formas de ver, compreender e apreender um filme ou cineasta:

Assim, a crítica torna-se essencial para os filmes, pois é a criadora das palavras que os definem, dos relatos que os narram e das discussões que os revivem. O ato de crítica traz em seu bojo o caráter de reflexão, em que todas as suas práticas se destinam a dar profundidade à visão do filme. Também tem como reflexo, principalmente para os historiadores, a revelação de um dos seus principais

<sup>356</sup> BERNARDET, Jean-Claude. **O cinema segundo a crítica paulista**. São Paulo: Nova Estella Editorial, 1986.

<sup>357</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>358</sup> *Ibid.*

<sup>359</sup> *Ibid.*

<sup>360</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>361</sup> PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>.

interesses: o acesso a um cabedal de representações do mundo, a partir das imagens em movimento e dos escritos de que as analisa.<sup>362</sup>

Em suas colunas, Ironides Rodrigues, por vezes, refletiu a respeito do ofício de crítico cinematográfico. Há que se destacar que o colunista escreveu suas análises durante a década de 1950 e no início da década de 1960, por isso, para compreender o tipo de análise que Rodrigues fazia, é necessário ter em mente quais eram as preocupações dos críticos durante o período:

Podemos destacar, portanto, ao longo dos anos 50, algumas direções básicas que marcam a crítica: com relação ao público, uma função didática; com relação à própria crítica, uma preocupação de organização, de formação de critérios e métodos de análise, bem como uma reflexão sobre sua função social; com relação ao cinema, uma função analítica, para interpretar e entender as novas formas cinematográficas, ou então normativa, estabelecendo critérios e parâmetros para a transformação (criação) do “verdadeiro” cinema brasileiro. Vemos embutida em todas elas a ideia de ação e não apenas de reflexão, dando à crítica, e a seus produtores, um papel ativo nas modificações do cinema nacional e da consciência do público.<sup>363</sup>

Como será analisado adiante, Rodrigues não se encontrava ilhado nesse contexto, e muitos dos pontos acima assinalados eram caros ao colunista de *A Marcha*. Por exemplo, a função didática da crítica é uma questão de grande relevância para Rodrigues, a ponto do analista a considerar como o principal objetivo de seu ofício. Na coluna intitulada *Filmes das mais variadas características*<sup>364</sup>, publicada no dia 17 de junho de 1960 em *A Marcha*, Rodrigues afirma que: “A missão do crítico é mostrar as belezas e essências de uma obra, que passam despercebidas ao público. É difícil um leitor, expectador ou ouvinte, apreenderem logo o imo de uma obra de arte, que é sempre complexa e plena de mistério”. Da mesma forma, em *Há público para o cinema de arte?*<sup>365</sup>, publicada no dia 5 de agosto de 1960, de *A Marcha*, Rodrigues contenta-se com a crescente popularidade dos filmes europeus entre o público brasileiro:

Cabe à crítica orientar o público para os melhores, mais profundos e artísticos espetáculos. [...] Mas o fato é que o nosso público já melhorou bastante em sua rigorosa escolha. Hoje o cinema europeu já goza de preferência das plateias. Foi um filme inglês, “Quando o coração floresce” de David Lean, que ficou umas trintas semanas no Império. Isto é uma prova de que o gosto da plateia comum tem

<sup>362</sup> PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>. p. 154.

<sup>363</sup> BARRETO, Rachel Cardoso. *Crítica ordinária: a crítica de cinema na imprensa brasileira*. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. p. 25.

<sup>364</sup> RODRIGUES, Ironides. Filmes das mais variadas características. *A Marcha*, n. 357, 17 jun. 1960.

<sup>365</sup> *Id.* Há público para o cinema de arte? *A Marcha*, n. 364, 5 ago. 1960.

evoluído sensivelmente. [...] Certamente que as proliferações dos cineclubes na cidade e a leitura crescente das críticas dos filmes têm mudado o gosto e a cultura da plateia carioca. Aos poucos, o povo estará mais instruído, para não aceitar os oitenta por cento das fitas com que Hollywood emburrece a plateia universal.

Nessa citação, percebe-se o papel ativo do crítico de cinema para a transformação do público, além da menção ao papel prestado pelos cineclubes na formação desse público, cada vez mais intelectualizado. Nesses dois excertos, é patente que a acepção que Rodrigues tem de seu ofício vai ao encontro àquela que Lunardelli<sup>366</sup> propõe: o crítico como decifrador de conteúdos simbólicos inacessíveis ao público, própria à década de 1960. Isso não quer dizer, entretanto, que o papel que o crítico se atribui é de fato o papel que ele representa. Nesse sentido, Rodrigues não está isolado, irradiando seus conhecimentos cinematográficos. As discussões entre os pares, assim como a recepção do público em relação às suas colunas, também influenciam a forma e o conteúdo de suas análises.

Outro aspecto que chama a atenção quando da reflexão de Rodrigues em relação a seu ofício é sua visão de que o cinema é uma arte social por excelência, que deve sem dúvida tratar desses problemas, mas sem a presença de um componente ideológico. Na coluna intitulada *O sentido profundo do cinema*<sup>367</sup>, de 31 de dezembro de 1954, de *A Marcha*, essa visão é explicitada:

O cinema sendo uma arte social por excelência, tem de debater os problemas mais prementes da humanidade. Acima de um demagógico partidário político, ele deve ter antes de tudo, um sentido essencialmente humano. Um diretor não deve pegar a câmera para fazer cinema comunista, nazista, fascista ou propaganda americana, pois do contrário cairá num efêmero panfleto político. Leni Riefesthal tentou louvar o regime de Hitler em “Olimpíadas”, assim como Pudovikin em “O general Suvorov” fez a apologia de uma personalidade grada ao comunismo. Resultado: dois filmes sem nenhuma expressão artística, que só tiveram voga no seu tempo. [...] Se o cinema aborda os assuntos de mais atualidade no mundo, deve fazê-lo com profundidade e com sentido superior de expressão.

Como analisado anteriormente, a crítica de cinema da década de 1950 foi palco de grandes debates estéticos e políticos. A posição humanista e aparentemente apolítica defendida por Rodrigues na citação acima é recorrente em seus escritos, no que parece ser um traço da influência do catolicismo sobre o crítico, que escrevia em um jornal vinculado a um partido de forte caráter espiritualista.

<sup>366</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

<sup>367</sup> RODRIGUES, Ironides. O sentido profundo do cinema. *A Marcha*, n. 96, 31 dez. 1954.

## 4.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Ironides Rodrigues escreveu suas colunas cinematográficas para o jornal *A Marcha* pelo período de oito anos ininterruptos. Sua primeira contribuição, *O cinema americano e uma tentativa de renovação*<sup>368</sup>, data de 21 de maio de 1954. Sua última coluna, *Cinco vezes favela*<sup>369</sup>, foi publicada em 20 de dezembro de 1962. Apesar da periodicidade semanal, esta pesquisa busca analisar um elevado número de textos.

Inúmeras questões surgiram no decorrer da pesquisa. Inicialmente, quando foi desenvolvida a monografia de conclusão de curso de graduação sobre as colunas de Rodrigues, o foco foram as colunas que tratavam da questão racial e do catolicismo. Ressalta-se que, nesse trabalho inicial, foram analisados apenas dois dos oito anos de publicações de Rodrigues. Nesta dissertação, além do recorte temporal ter sido ampliado, outras questões, além do racismo e do catolicismo, chamaram a atenção, como o posicionamento político de Rodrigues, sua relação com o integralismo, sua inserção no campo mais amplo da crítica cinematográfica e a relação com os demais críticos, as visões de Rodrigues sobre a função da crítica e questões que envolvessem aspectos de gênero.

Em função do elevado número de fontes, além da extensão considerável de cada coluna, buscou-se uma metodologia que fosse capaz de proporcionar uma visão panorâmica e quantitativa dos elementos que interessam à pesquisa, para que daí pudesse ser feita uma análise mais minuciosa e qualitativa a partir desses resultados. Dessa forma, optou-se pelo uso da metodologia da *análise de conteúdo*, como proposta por Laurence Bardin<sup>370</sup> em sua clássica obra homônima.

Como ressalta a autora, a análise de conteúdo surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, no contexto das ciências da comunicação. No início, aplicada majoritariamente a pesquisas com jornais, a análise de conteúdo passou a ser utilizada para pesquisas em relação à propaganda, sobretudo no tocante às guerras mundiais. Nota-se que, a princípio, a metodologia era eminentemente quantitativa e objetiva, buscando elencar medidas de verificação aos textos como legitimadores do rigor científico das pesquisas. A partir da década de 1950, a análise de conteúdo se expandiu para além das fronteiras estritas das ciências da comunicação, e pesquisadores de outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a ciência política, a linguística e a história, começam a ter contato com o método.

---

<sup>368</sup> RODRIGUES, Ironides. O cinema americano e uma tentativa de renovação. **A Marcha**, n. 54, 21 maio 1954.

<sup>369</sup> *Id.* Cinco vezes favela. **A Marcha**, n. 467, 20 dez. 1962.

<sup>370</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

Desde então, a exigência da objetividade torna-se menos rígida, perdendo sua característica fundamentalmente descritiva:

A discussão abordagem quantitativa *versus* abordagem qualitativa marcou um volta-face na concepção da análise de conteúdo. Na primeira metade do século XX, o que marcava a especificidade deste tipo de análise era o *rigor* e, portanto, a *quantificação*. Depois, compreendeu-se que a característica da análise de conteúdo é a *inferência* (variáveis inferidas a partir de variáveis de inferência ao nível da mensagem), quer as modalidades de inferência se baseiem ou não em indicadores quantitativos.<sup>371</sup>

Para Bardin<sup>372</sup>, a análise de conteúdo pode ser dividida em três partes: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. O método, para autora, tem o objetivo de produzir inferências. A inferência é “a operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras”<sup>373</sup>, constituindo-se como a operação intermediária entre a *descrição* e a *interpretação*, permitindo a passagem controlada de uma para a outra. Como mencionado anteriormente, observa-se que o método possui uma abordagem quantitativa, fundamentada na frequência de aparição de determinados elementos em uma mensagem. Já a abordagem qualitativa é baseada em indicadores não frequenciais que possam levar à produção de inferências. Bardin<sup>374</sup> ressalta que as duas abordagens não têm o mesmo campo de ação. Dessa forma, a abordagem quantitativa “obtem dados descritivos por meio de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais bem controlada”.<sup>375</sup> A análise qualitativa, por sua vez, embora não seja tão rigorosa em relação à questão da precisão dos resultados obtidos:

É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. [...] Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, visto que seleciona esses índices sem tratar exaustivamente todo o conteúdo [...].<sup>376</sup>

De qualquer forma, as duas abordagens não são excludentes, podendo o pesquisador realizar uma análise qualitativa de determinado elemento no texto para depois compará-lo quantitativamente com o restante do material a ser analisado. Como aponta Bardin<sup>377</sup>, o que

<sup>371</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. p. 146.

<sup>372</sup> *Ibid.*

<sup>373</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>374</sup> *Ibid.*

<sup>375</sup> *Ibid.*, p. 145.

<sup>376</sup> *Ibid.*, p. 145.

<sup>377</sup> *Ibid.*

caracteriza a análise qualitativa é o fato de a inferência produzida estar ligada a um índice (como um tema ou palavra), e não sobre a frequência de sua aparição.

Ao analisar as possibilidades do método para os historiadores, Núncia Santoro de Constantino<sup>378</sup> ressalta que, contemporaneamente, os avanços da abordagem interdisciplinar na pesquisa histórica torna possível e mesmo pertinente ao historiador a utilização do método de análise de conteúdo para o trabalho com documentação escrita. Nesse sentido, aponta-se que:

*Análise de Conteúdo* pode vir a ser, para o historiador, um eficiente conjunto de técnicas de pesquisa, em abordagem interdisciplinar, muito desenvolvido pelos recentes avanços no campo da comunicação. Tem como primeiro objetivo buscar sentido ou sentidos no texto e fundamenta-se nos pressupostos da concepção dinâmica da linguagem, entendida como construção real de cada sociedade e como expressão da existência humana; elaborando e desenvolvendo representações, em todos os momentos históricos.<sup>379</sup>

Ao realizar a análise de conteúdo sobre as colunas de Ironides Rodrigues, opta-se pela realização das duas abordagens propostas por Bardin.<sup>380</sup> Primeiramente, um olhar quantitativo sobre as colunas para buscar a frequência de aparição de elementos que são caros à pesquisa, como o racismo, o catolicismo e a inserção do colunista no campo intelectual. Assim, pode-se compreender de forma ampla suas principais preocupações enquanto colaborador de *A Marcha*. Após essa etapa, busca-se realizar uma análise qualitativa das colunas para interpretar seus posicionamentos e suas escolhas enquanto colunista do jornal.

A primeira etapa para o desenvolvimento da metodologia, entretanto, é a pré-análise, fase de organização propriamente dita da análise. Ela se constitui pela leitura inicial do material a ser analisado, operação denominada por Bardin<sup>381</sup> como *leitura flutuante*. A leitura flutuante é feita de forma mais livre, o que leva o pesquisador a ter impressões e orientações em relação ao texto, e à medida que o contato com o material a ser analisado aumenta, a leitura torna-se mais precisa. Outra etapa fundamental da pré-análise é a formação de um *corpus* documental a ser analisado.

Como a proposta da pesquisa é analisar as colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues para o jornal *A Marcha*, essa etapa foi realizada sem maiores dificuldades. O periódico circulou entre 1953 e 1965, alcançando 473 edições. Rodrigues começou a escrever

---

<sup>378</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. **Estudo Ibero-Americanos**, v. XXVIII, n. 1, p. 183-194, 2002.

<sup>379</sup> *Ibid.*, p. 188.

<sup>380</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

<sup>381</sup> *Ibid.*

para o jornal em 1954, na edição de n. 65, e sua última coluna data do final do ano de 1962, na edição de n. 467. Dessa forma, observa-se que o *corpus* a ser analisado se constituiria de 402 colunas. Entretanto, embora sua colaboração seja de forma geral constante, nota-se que em diversas edições do periódico não constava sua coluna. Assim, o *corpus* da pesquisa se constitui de 240 colunas cinematográficas.

A segunda fase do método, a exploração, é marcada pela codificação do material. Para Bardin<sup>382</sup>, a codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto, que pode permitir uma representação ou expressão do conteúdo, servindo para esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices para a análise. Nesse sentido, aparece a necessidade de se buscar *unidades de registro* no texto. Como aponta Bardin<sup>383</sup>,

É a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e contagem frequencial. A unidade de registro pode ser de natureza e de dimensões muito variáveis. Reina certa ambiguidade no que diz respeito aos critérios de distinção das unidades de registro. Efetivamente, executam-se certos cortes a nível semântico, por exemplo, o “tema”, enquanto que outros são feitos a um nível aparentemente linguístico, como a “palavra” ou a “frase”.

Na escolha das unidades de registro nas colunas de Rodrigues, buscaram-se algumas questões que chamaram a atenção em função dos objetivos da pesquisa. Dessa forma, a análise de conteúdo a que se propõe este estudo é sobretudo temática, pois, por exemplo, em determinada coluna pode não haver explicitamente a palavra “racismo”, embora o contexto leve a contabilizar essa determinada coluna nessa unidade de registro. De acordo com Bardin<sup>384</sup>: “Fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência da aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. A autora ainda ressalta a pertinência do tema enquanto unidade de registro para o estudo da motivação de opiniões, de atitudes, de crenças, de valores e de tendências, no que converge para o objetivo desta análise.

As unidades de registro levadas em consideração nesta pesquisa foram escolhidas de acordo com o que pareceu mais pertinente em relação à trajetória de Ironides Rodrigues, sua colaboração enquanto colunista do jornal oficial do PRP, e no que diz respeito a sua inserção e seu conhecimento dos demais críticos e publicações cinematográficas da época. Assim, no

---

<sup>382</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

<sup>383</sup> *Ibid.*, p. 134.

<sup>384</sup> *Ibid.*, p. 135.

tocante a sua trajetória, destacam-se o *racismo* e a *homossexualidade*. No que concerne ao Rodrigues colunista de *A Marcha*, encontram-se *catolicismo*, *comunismo*, *capitalismo*, *nazismo*, *fascismo* e *integralismo* como unidades de registro. Em relação ao Rodrigues inserido no contexto mais amplo da crítica de cinema, notam-se: *críticos*, *publicações*, *ofício* e *cinelube*. O Quadro 1, a seguir, sintetiza essas unidades de registro, visando a um melhor entendimento.

Quadro 1 – Distribuição temática nas colunas de Ironides Rodrigues (1954-1962)

<b>Unidade de registro</b>	<b>Ocorrências</b>
Catolicismo	59
Críticos	56
Racismo	43
Capitalismo	34
Comunismo	25
Publicações	23
Integralismo	12
Cinelube	12
Ofício	11
Nazismo	6
Homossexualidade	5
Fascismo	2

Fonte: O autor (2018).

Como foi realizada uma análise temática do conteúdo das colunas, deve-se ressaltar que, muitas vezes, em alguma determinada coluna, foram encontrados temas que correspondiam a mais de uma unidade de registro. Da mesma forma, observa-se que muitas colunas não preencheram nenhum desses índices. Além disso, nota-se que o elevado número de ocorrências em *catolicismo*, por exemplo, não indica que a coluna trate exclusivamente da questão, embora o assunto seja suficientemente tratado para se enquadrar nessa unidade.

A análise quantitativa das colunas permite que se produzam algumas inferências relevantes em relação à atuação de Rodrigues enquanto colunista de *A Marcha*. Primeiramente, não se pode esquecer que este foi o jornal oficial do PRP, partido herdeiro da AIB e que tinha no anticomunismo uma de suas bandeiras mais destacadas. Nota-se, com base na análise quantitativa das colunas de Rodrigues, que embora esse aspecto esteja presente com certa frequência em seus textos, não era uma de suas maiores preocupações.

Naturalmente, quando existem menções ao comunismo nas colunas, elas são todas muito críticas em relação ao regime soviético e seu aspecto materialista; críticas estas presentes quando das ocorrências em relação ao fascismo e ao nazismo. Também deve-se ressaltar que, no tocante ao comunismo, Rodrigues era muito receoso dos supostos avanços da ideologia na cultura brasileira, principalmente no meio da crítica cinematográfica, que, segundo o colonista, estaria cada vez mais envolvida com questões partidárias, o que prejudicaria a boa análise de um filme. Essas questões serão analisadas detalhadamente mais adiante.

Assim como o comunismo aparece com um número *relativamente* menor nas colunas, percebe-se que o número de ocorrências da unidade de registro *capitalismo* é razoavelmente superior. Em relação a essa questão, nota-se que Rodrigues percebia no capitalismo o mesmo materialismo presente no comunismo, por isso em várias colunas o autor é incisivamente crítico ao sistema capitalista, à burguesia e à desigualdade social. Nesse sentido, a análise da trajetória do autor, efetuada no primeiro capítulo deste trabalho, é elucidativa: Rodrigues teve uma infância marcada pela pobreza e pela desestruturação familiar, e mesmo quando foi morar no Rio de Janeiro para concluir seus estudos em instituições de ensino tradicionais da elite, sua subsistência material foi extremamente precária. O autor, em seu *Diário*, conta que quando habitante da então capital federal, por muitas vezes, dormiu na rua por não conseguir pagar um quarto de pensão, tendo que exercer uma ampla gama de funções precárias para se manter.

Bourdieu<sup>385</sup> auxilia a compreender essa questão, principalmente, com seu conceito de *habitus*, que exprime um sistema de disposições duráveis, porém não imutáveis, aberto às novas experiências e permanentemente afrontado por elas. O *habitus* permite que extrapole o limite das abordagens deterministas, pois, segundo o conceito, o agente possui uma capacidade criadora e embora sua percepção de mundo seja baseada em um *habitus* primário, da infância, “Os agentes certamente têm uma apreensão ativa do mundo. Certamente constroem sua visão de mundo. Mas essa construção é operada sob coações estruturais”.<sup>386</sup> Dessa forma, percebe-se que a sensibilidade de Rodrigues às questões sociais é um traço preponderante em sua atuação em *A Marcha*. Além disso, nota-se que as críticas que o autor faz à burguesia contêm frequentemente um traço de ordem moral, que Rodrigues aponta principalmente na religiosidade burguesa, que, de acordo com o crítico, seria hipócrita por sua falta de sensibilidade ao sofrimento das camadas menos favorecidas.

---

<sup>385</sup> BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

<sup>386</sup> *Ibid.*, p. 157.

É relevante frisar que *A Marcha* era o periódico oficial do PRP, partido cuja retórica doutrinária continha traços de crítica ao liberalismo, mas que em sua trajetória, como bem explicita Gilberto Calil<sup>387</sup>, atuou como defensor da manutenção da ordem burguesa em seu período de existência. Isso certamente não escapou a Rodrigues, que, muitas vezes, para justificar suas críticas ao capitalismo e à burguesia, apoiava-se na obra do presidente do partido, Plínio Salgado, citando seu livro *Espírito da burguesia*. Sua posição contrária ao capitalismo pode ser apreendida nas inúmeras críticas que o colunista faz aos filmes de Hollywood, assim como à indústria cinematográfica de forma mais ampla, em que denuncia que a abundância de recursos a que dispõe o cinema americano raramente se traduz em filmes de relevância artística.

A análise quantitativa das colunas esclarece que o assunto mais abordado por Rodrigues ao longo de sua trajetória no jornal era o catolicismo. A reconfiguração da doutrina integralista, gestada, principalmente, no período de exílio de Plínio Salgado, elevava ainda mais o aspecto religioso do PRP, que já era proeminente desde a fundação da AIB. Convém destacar que o espiritualismo, ao lado do anticomunismo, era outro aspecto fundamental da doutrina partidária. Dessa forma, o jornal *A Marcha* sempre se posicionou de forma contundente na defesa da espiritualidade cristã. Embora oficialmente o PRP se apresentasse como cristão sem uma denominação específica, visto a quantidade significativa de militantes do partido de origem alemã, boa parte deles ligados à Igreja Evangélica Luterana, nota-se que, no tocante ao aspecto religioso, *A Marcha* foi um jornal majoritariamente católico. No periódico, além da eventual colaboração de padres em diversos textos, percebe-se a extensiva cobertura de temas ligados ao catolicismo, como a cobertura de eventos e congressos ligados à Igreja e aos debates eclesiais. A vinculação do jornal ao catolicismo é melhor visualizada nas edições comemorativas de feriados religiosos, especialmente o Natal e a Páscoa, quando as capas do período apresentavam rebuscadas ilustrações ocupando a página inteira, sempre vinculadas ao tema. Da mesma forma, o conteúdo do jornal nessas ocasiões é focado na relevância de tais datas e seus significados. Assim, não surpreende que o catolicismo tenha sido o tema mais frequente das colunas de Rodrigues, que sempre fazia questão de destacar o aspecto religioso e simbólico de filmes em que, aparentemente, a religiosidade não era o tema central, além de muitas vezes ressaltar a religiosidade do diretor ou do roteirista.

---

<sup>387</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

Outro aspecto notável da análise quantitativa acerca das colunas de Rodrigues é o número muito mais elevado de ocorrências da unidade de registro *catolicismo* em relação ao *integralismo*, que não é um tema frequente em suas análises. Apesar da longa colaboração de Rodrigues para o órgão oficial do PRP, seu envolvimento com as questões partidárias é ainda algo nebuloso. Não fica claro se o colunista foi um militante do partido ou se apenas escrevia para seu jornal oficial. A segunda hipótese, entretanto, é mais plausível, pois mesmo períodos de grande relevância para o PRP, como a candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República, em 1955, ou as comemorações do jubileu de prata do *Manifesto de outubro*, em 1957, não encontram ressonância nas colunas de Rodrigues, que se manteve neutro a tais questões. De qualquer forma, em suas colunas o autor sempre demonstrou gratidão pelo espaço concedido para sua coluna e, como demonstra em seu *Diário*, nutria grande admiração por Plínio Salgado mesmo após o encerramento de sua colaboração no periódico. Dessa forma, percebe-se que as ocorrências do *integralismo* nas colunas de Rodrigues são compostas, sobretudo, por elogios às obras de Plínio Salgado, elogios ao jornal *A Marcha* e menções, ainda que breves, do aspecto antirracista da doutrina integralista, que segundo o colunista tem sua origem no envolvimento de Salgado com o movimento modernista da década de 1920.

O *racismo* também conta com um elevado número de ocorrências na análise realizada e será detalhado mais adiante, embora deva-se frisar aqui que esse era um conteúdo pouco presente nas páginas de *A Marcha*. A trajetória de Rodrigues é marcada, principalmente, por seu envolvimento com a questão racial, tendo sido ativo colaborador do Teatro Experimental do Negro na década de 1940 e contribuído de forma proeminente no desenvolvimento dos debates teóricos quanto à questão racial, sobretudo por seu envolvimento com os ideais da *Négritude*. Em *A Marcha*, apesar da sua latente preocupação com a questão do negro, o grande número de ocorrências do *racismo* em suas colunas se deve ao fato de o colunista por vezes destacar filmes dotados de aspectos antirracistas e advogar pela valorização dos artistas negros, em especial no que toca às produções nacionais. Entretanto, há que se destacar que em diversas colunas a questão racial é protagonista, sendo que esses textos são marcados pelas referências do autor à própria trajetória enquanto militante e por posições mais críticas ao preconceito racial.

Como analisado no início deste capítulo, nota-se que a década de 1950 significou para a crítica cinematográfica brasileira um período de efervescência, legitimação e amplos debates e polêmicas. Além da crítica propriamente dita, o surgimento de publicações especializadas, como revistas e livros, e a atuação dos cineclubes no período foram

fundamentais para a circulação dos debates e a socialização dos cinéfilos a nível nacional. Dessa forma, uma questão que se colocou à pesquisa foi a participação de Rodrigues no campo mais amplo da crítica cinematográfica brasileira. O elevado número de ocorrências das unidades de registro *críticos*, *publicações*, *cinelube* e *ofício* demonstra que o colunista não passou incólume por essas questões mais amplas, que serão discutidas posteriormente.

Por fim, outro aspecto presente nas colunas de Rodrigues, ainda que raramente mencionado, é a *homossexualidade*. Compreensivelmente, este era um assunto que não convinha abordar de forma explícita, estando sua coluna cinematográfica vinculada ao jornal oficial de um partido muito conservador e fortemente religioso. Embora tais questões não sejam o foco desta pesquisa, chamou a atenção a presença latente da homoafetividade nos *Diários* de Rodrigues. Mesmo nesses escritos posteriores, o autor não se identifica de forma explícita como homossexual, embora ali estejam presentes uma ampla série de indícios que corroboram essa suspeita. Nas colunas, percebe-se que o tema era colocado nas entrelinhas, por expressões como “íntima amizade” quando analisava filmes que tratassem do tema. Há, no entanto, que se ressaltar uma coluna datada de 29 de abril de 1960, intitulada *Alguns filmes de temas perigosos e delicados*.<sup>388</sup> Essa é a única coluna em que o tema da homossexualidade é discutido de forma mais vigorosa, o que ocasionou um debate com outro crítico do jornal, o que será analisado mais adiante.

Como aponta Bardin<sup>389</sup>, a análise quantitativa de conteúdo, baseada na frequência de aparição de determinados elementos do texto, apresenta como vantagem o maior rigor descritivo, por apresentar dados objetivos. Esse tipo de abordagem é propício para a formulação de hipóteses e auxilia na compreensão panorâmica do conteúdo a ser analisado. Em relação às colunas de Rodrigues, percebe-se que o levantamento quantitativo proporcionou a visualização objetiva dos temas por ele tratados, acarretando uma compreensão mais ampla de suas preocupações e percepções. Entretanto, para que se obtenha um entendimento mais minucioso de tais preocupações, a abordagem quantitativa mostra-se insuficiente. Nesse sentido, há a necessidade de analisar qualitativamente as colunas, para que as questões suscitadas pelo levantamento quantitativo sejam investigadas com maior nível de profundidade.

---

<sup>388</sup> RODRIGUES, Ironides. Alguns filmes de temas perigosos e delicados. *A Marcha*, n. 351, 29 abr. 1960.

<sup>389</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

### 4.3 A INSERÇÃO DE IRONIDES RODRIGUES NO CAMPO DA CRÍTICA CINEMATOGRAFICA

Uma das indagações suscitadas durante o desenrolar da pesquisa foi a questão da inserção de Rodrigues no campo mais amplo da crítica cinematográfica da década de 1950 e 1960. Como se observou no início deste capítulo, o período em questão foi muito rico para a crítica cinematográfica, que garantiu seu espaço e sua legitimação, se desvinculando da crítica de teor literário. Com presença assegurada na grande imprensa, a atuação dos cineclubes e o surgimento de publicações especializadas ajudaram a consolidar a crítica de cinema no quadro mais amplo do jornalismo cultural, que também conheceu grandes avanços no período.

Em relação a Ironides Rodrigues, algumas questões foram objeto de dúvidas durante a realização da pesquisa, suscitadas pela leitura dos textos de Pierre Bourdieu: Rodrigues era lido pelos demais críticos de cinema? Qual era sua relação com eles? Houve o envolvimento do colunista com o cineclubismo e com publicações especializadas? Ele estava envolvido nos debates e nas polêmicas da época?

Deve-se lembrar que, para Bourdieu<sup>390</sup>, a noção de trajetória está baseada em uma série de posições sucessivamente ocupadas por determinado agente em um campo submetido a incessantes transformações. De acordo com o sociólogo francês, não é possível compreender o que ocorre em determinado campo sem que se situe a posição de cada agente ou cada instituição nele inserido, analisando suas relações objetivas com todos os outros. Nesse sentido, o campo é um espaço de luta em que cada agente tem como objetivo impor sua visão para conservar ou transformar o estágio em que esse se encontra.<sup>391</sup> Dessa forma, as tomadas de posição dos agentes inseridos em determinado campo são originadas pelas possibilidades que cada um possui para se afirmar no campo:

Vemos que a relação que se estabelece entre as posições e as tomadas de posição nada tem de uma determinação mecânica: cada produtor, escritor, artista, sábio constrói seu próprio objeto criador em função de sua percepção das possibilidades disponíveis, oferecidas pelas categorias de percepção e de apreciação, inscritas em seu *habitus* por uma certa trajetória e também em função da propensão a acolher ou recusar tal ou qual desses possíveis, que os interesses associados a sua posição no jogo lhe inspiram.<sup>392</sup>

---

<sup>390</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>391</sup> *Ibid.*

<sup>392</sup> *Ibid.*, p. 64.

Assim, percebe-se que analisar as colunas de Rodrigues implica em analisar o campo da crítica cinematográfica, com seus agentes lutando para assegurar suas visões e análises como legítimas. Em relação a Rodrigues, a questão da instituição de onde partiram seus escritos foi objeto de dúvidas: Rodrigues foi colunista do jornal *A Marcha*, órgão de imprensa oficial do PRP, que foi um semanário de circulação nacional, com conteúdo pautado, principalmente, pelas principais bandeiras do partido a que era vinculado: o anticomunismo e o espiritualismo. Como analisado anteriormente, a reconfiguração do integralismo que esteve na origem da criação do PRP foi mal recebida no Brasil. Desde os primeiros boatos de um retorno do integralismo à vida política brasileira, houve uma péssima recepção e muita contestação, inclusive jurídica, ao registro eleitoral do PRP. Há de se ressaltar que a vinculação sempre pejorativa com o passado integralista foi um aspecto que jamais abandonou o partido.

O PRP lidou como pôde para reconfigurar a trajetória política da AIB e assegurar seu estatuto de partido inserido na nova ordem democrática, sobretudo a partir de uma política de alianças. Mesmo assim, isso não bastou para que o partido parasse de ser associado ao golpismo (em função do *putsch* de 1938) e ao fascismo. No ano de 1957, o partido celebrou, e isso está muito presente nas páginas de *A Marcha*, o jubileu de prata do *Manifesto de outubro*, que deu origem à AIB. Com essa celebração, o PRP retomou alguns elementos da simbologia integralista da década de 1930, como o uso do sigma como símbolo do partido. Embora sua participação na política brasileira não tenha tido a mesma expressão de outros partidos, como o PTB e o PSD, o PRP manteve um eleitorado fiel e conseguiu eleger deputados e senadores.

Com base nesse contexto – jornal oficial de um partido sem grande expressão e que possuía uma imagem negativa na opinião pública, que sempre teve que se defender de acusações que o vinculavam ao fascismo e ao golpismo –, questiona-se: qual seria a posição de Rodrigues no campo da crítica, escrevendo ele em um periódico tão marcado por uma imagem negativa? No início da pesquisa, pareceu que o jornal ficava restrito aos militantes integralistas, não havendo circulação do periódico fora desses círculos. Como Rodrigues era colunista desse jornal, inicialmente, parecia que seus escritos ficavam restritos aos círculos integralistas, com o crítico não alcançando repercussão expressiva. A completa ausência de seu nome em todos os trabalhos consultados sobre o cinema e a crítica ajudaram a fortalecer essa percepção inicial.

No entanto, a leitura dos textos demonstrou o equívoco dessas primeiras impressões. Na análise quantitativa de suas colunas, percebe-se que a unidade de registro *críticos* é a segunda mais frequente das doze que foram selecionadas, com 56 ocorrências. Embora o

número seja ligeiramente menor que o *catolicismo*, é superior a todas as outras, inclusive o *racismo*, que, como analisado anteriormente, foi a causa a que Rodrigues se dedicou com mais vigor durante sua trajetória. Nesse sentido, observa-se que Rodrigues manteve contato com os demais críticos e com os debates da década.

#### 4.3.1 A relação de Rodrigues com os demais críticos

Cabe, portanto, que se tenha um breve quadro dos principais críticos com que Rodrigues manteve contato durante sua atuação em *A Marcha*, ou seja, os demais agentes do campo em que ele esteve inserido. Há que se ressaltar que são escassas as fontes de informação sobre a trajetória e posição de alguns desses críticos.

Primeiramente, um nome incontornável é o do crítico Antônio Moniz Viana, que escrevia para o *Correio da Manhã* desde 1946. Médico de formação, Moniz Viana teve grande expressão na consolidação da crítica cinematográfica na década de 1950, e suas críticas influenciaram não apenas outros críticos, mas também os cineastas em formação da época, como Glauber Rocha.<sup>393</sup>

Alex Viany nasceu no Rio de Janeiro, em 1918. Em 1945 se tornou correspondente da revista *O Cruzeiro* em Hollywood, onde ficou próximo de Vinicius de Moraes. Retornou ao Brasil em 1948, colaborando com diversos órgãos de imprensa, como a *Revista do Globo* e o *Correio da Manhã*. Já gozando de popularidade enquanto crítico cinematográfico, Viany foi um cineasta respeitado a partir da década de 1950, período marcado por sua adesão ao Partido Comunista Brasileiro.<sup>394</sup>

Salvyano Cavalcanti de Paiva foi outro crítico influente da época, ligado ao PCB. Paiva colaborou com a revista *Manchete*, com o *Correio da Manhã* e com *O Globo*, além de ter escrito diversos livros sobre cinema.

Cyro Siqueira foi o criador da *Revista de Cinema* de Belo Horizonte, no ano de 1954. A publicação gozou de amplo prestígio nos meios cinéfilos, sendo considerada como uma das mais influentes do país. A revista foi palco de polêmicas, como a questão da revisão do método crítico.<sup>395</sup>

<sup>393</sup> CASTRO, Ruy. Trailer – Moniz, Wagonmaster. In: VIANNA, Anonio Moniz. **Um filme por dia**: crítica de choque (1946-73). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>394</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>395</sup> PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>.

O padre Guido Logger foi o principal nome do “apostolado cinematográfico” católico, tendo sido diretor do Centro de Orientação Cinematográfica ligado à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil. Além disso, o padre lecionou sobre cinema em Belo Horizonte e lançou a *Revista de Cultura Cinematográfica*, em 1957.

Nesse quadro, Otávio de Faria (1908-1980) merece um lugar à parte, visto que era constantemente reverenciado por Ironides Rodrigues, que o considerava seu mestre e o melhor crítico do Brasil. Além de crítico cinematográfico, Faria foi romancista e ensaísta, tendo sido eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1972. Antes de partir para a análise da relação que mantinha com o escritor, cabe investigar a origem da sociabilidade intelectual que Rodrigues manteve com Faria e outros escritores espiritualistas.

Ao analisar a gênese da revista *A Ordem*, Fernando Antonio Pinheiro Filho<sup>396</sup> ressalta que em função da herança colonial que tornou o catolicismo a religião dominante no Brasil, diversos intelectuais, em todos os períodos históricos brasileiros, colocaram a religiosidade como aspecto marcante em suas produções simbólicas. Nesse sentido, afirma o sociólogo que:

Muitos situam suas obras nessa zona de influência e assumem a filiação religiosa como aspecto importante de sua identidade intelectual e artística; outros vão além – convertendo o catolicismo no princípio gerador de seus trabalhos, em nome do qual intervêm nas disputas estéticas e políticas.<sup>397</sup>

Assim, nota-se que o segundo grupo destacado na citação é dotado de um carisma coletivo que permite o reconhecimento recíproco e que atua baseado em um conjunto de valores que acabam por constituir um consenso. É dessa forma que surgiu a revista *A Ordem*, fundada em 1921 e formada por intelectuais católicos e ligada ao centro D. Vital, que seria fundado no ano seguinte. Nome incontornável em relação à criação da revista é o de Jackson de Figueiredo (1891-1928), que após sua conversão ao catolicismo, em 1916, capitaneou a reação conservadora católica que marcou as décadas de 1920, 1930 e 1940. Esse intelectual sergipano foi muito influenciado pelas obras de escritores reacionários católicos do século XIX. Sua morte precoce, em fins da década de 1920, fez com que o autor não tivesse contato com o movimento integralista, embora sua influência sobre o movimento tenha sido notável em toda sua trajetória, tanto na AIB quanto no PRP. Muitos textos de *A Marcha* reverenciam a figura de Figueiredo, e em São Paulo existiu um Grêmio Cultural Jackson de Figueiredo ligado ao partido. Dessa forma, percebe-se que havia estreita proximidade de ideais entre o

<sup>396</sup> PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**, v. 19, p. 33-51, 2007.

<sup>397</sup> *Ibid.*

movimento integralista e o pensamento de Figueiredo, que propunha o fomento de uma elite espiritual:

A plataforma política de Jackson de Figueiredo consiste então em organizar essa elite espiritual que deveria por direito (teo)lógico conduzir a vida nacional. Sua tarefa é expressamente a de criar instituições que formem, a partir do culto da ordem (e da hierarquia e autoridade, seus correlatos), novos quadros capazes de intervir, em nome do catolicismo e em consonância estrita com as diretrizes da Igreja, em todas as dimensões da realidade brasileira.<sup>398</sup>

É digno de nota que, em seus escritos, Jackson de Figueiredo apresente ideias que podem ser associadas ao pensamento integralista, como a importância da hierarquia e da autoridade, uma nostalgia de uma Idade Média idealizada, o valor da família como célula da sociedade e a predileção pela vida em comunidade, afastada do caráter urbano e cosmopolita, que continha em si um aspecto prejudicial. Leandro Gonçalves<sup>399</sup> refere que os militantes integralistas reconheciam e reivindicavam a herança intelectual de Figueiredo. O vereador perrepista Jayme da Silva Telles, em discurso de 1947 na Câmara do Distrito, no Rio de Janeiro, aponta Figueiredo como legítimo precursor do integralismo.

Em se tratando de manifestações artísticas, Jackson de Figueiredo rejeitou o modernismo literário capitaneado pela Semana de Arte Moderna de 1922, pois, em sua visão, à renovação modernista faltava a questão da hierarquia e da autoridade, constituindo-se em uma anarquia artística inconsequente e desnecessária. Após sua morte, quem assumiu a direção da revista *A Ordem* foi o crítico literário e destacada liderança católica Alceu Amoroso Lima (que escrevia sob o pseudônimo de Tristão de Ataíde). Como analisado anteriormente, Lima fora próximo ao integralismo na década de 1930, além de ter sido um teórico que, influenciado pelas ideias de Jacques Maritain, ajudou a difundir o conceito de *democracia cristã* no pós-guerra. Na década de 1920, Lima possuía a visão de que a arte deveria ser instrumentalizada para a elevação moral das pessoas, do contrário, esta acabaria por tornar-se apenas diversão frívola. Entretanto, ao contrário de Jackson de Figueiredo, Lima não rechaçou completamente o modernismo literário, tendo se aproximado de suas vertentes mais espiritualistas:

---

<sup>398</sup> PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**, v. 19, p. 33-51, 2007. p. 38.

<sup>399</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

A “arte pela arte” pode servir aos homens em situação de disponibilidade, mas carece de legitimação religiosa, e essa é a única que importa, a ponto de tornar-se critério da qualidade literária e princípio de seleção dos autores que passam a merecer sua atenção, o que esclarece a ligação de Lima com o grupo espiritualista em poesia, que se reúne ao longo dos anos de 1930 em torno das revistas *Terra do Sol* e *Festa*, tendo à frente os nomes de **Tasso da Silveira**, Augusto Frederico Schmidt e Cecília Meireles, praticantes de um modernismo atenuado no que diz respeito à invenção linguística, mas com forte presença da temática religiosa; ou, ainda, a consideração que reserva ao romance católico de **Octávio de Faria**, Lúcio Cardoso e Cornélio Pena – autores com tráfego pelo Centro Dom Vital e presença na discussão literária promovida pela revista *A Ordem*.<sup>400</sup> (grifos nossos)

Na citação acima, nota-se uma série de nomes ligados ao modernismo literário de vertente católica, entre os quais Tasso da Silveira e Otávio de Faria. Os dois escritores foram notadamente próximos da AIB na década de 1930, e Tasso da Silveira colaborou extensivamente com a seção cultural do jornal *A Marcha*, tendo sido amigo de Ironides Rodrigues, que o considerava como um dos mais destacados poetas brasileiros. Otávio de Faria, por sua vez, foi talvez a maior influência de Ironides Rodrigues em relação à crítica cinematográfica, pois ele foi um crítico de destaque. Gilberto Vasconcellos<sup>401</sup>, ao analisar o panorama literário brasileiro e o discurso integralista, aponta a convergência de ideias de intelectuais como Tasso da Silveira, Alceu Amoroso Lima, Afonso Arinos de Mello Franco e Otávio de Faria e o movimento integralista. Para Vasconcellos<sup>402</sup>, o elitismo presente na obra desses escritores e a ideia de que as mazelas do Brasil se resolveriam pelo caminho espiritual os aproximou do movimento liderado por Plínio Salgado, lançando mão do termo *arielismo* para caracterizá-los:

Esses intelectuais e os líderes da Ação Integralista Brasileira enquadram-se perfeitamente na categoria sociológica do “arielismo”, a qual designa o comportamento alienado e tradicional do intelectual latino americano. De origem burguesa, esse tem do saber uma visão estetizante, “humanista” e contemplativa, sendo refratário a qualquer transformação da estrutura social, apesar de se achar verdadeiro intérprete ou reformador do país.<sup>403</sup>

Nesse sentido, as considerações feitas sobre a revista *A Ordem* encontram sua razão de ser porque Ironides Rodrigues, mesmo tendo escrito décadas depois, foi altamente influenciado por escritores que fizeram parte não só da revista como de uma ação mais ampla de uma cultura política católica militante nas décadas de 1920 e 1930. No próprio *Diário* de

<sup>400</sup> PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**, v. 19, p. 33-51, 2007. p. 42.

<sup>401</sup> VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira: análise do discurso integralista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

<sup>402</sup> *Ibid.*

<sup>403</sup> *Ibid.*, p. 35.

Rodrigues são inúmeras as menções feitas aos escritores com que teve contato, ao pensamento de Jackson de Figueiredo e ao catolicismo militante da época, que assumiu diversas formas políticas, entre as quais a AIB:

Tasso da Silveira, almoçando comigo num certo dia de tempo remoto, num restaurante popular da Rua São José. Eu levava comigo, por acaso, o volume de Farias de Brito Mundo interior, quando o grande poeta místico do idioma se pôs a falar sobre a pureza ascética da vida do grande filósofo e as ideias transcendentais que ressumam do pensamento cristalino do Mestre. Relembrou Jackson de Figueiredo e aquela intransigência sua em face da atividade dos ateus e dos incrédulos. Eu o ouvia calado e pensativo, pensando na plenitude de, por acaso, ter conhecido Jackson, discutido com o pensador sergipano todo o seu catolicismo à Joseph de Maistre e Charles Mauras, com um discutível conceito de autoridade governamental que se parece, assim, com um Estado fascista, ou melhor, corporativo. Dessas ideias de Estado forte, partimos para o integralismo lusitano de Antônio Sardinha e para o integralismo tão nacionalista do Plínio Salgado [...].<sup>404</sup>

A sociabilidade intelectual que Rodrigues manteve com tais escritores o influenciaram no contato com o movimento integralista, além de ajudar a formar sua visão sobre política, literatura e cinema, no caso de Otávio de Faria. Deve-se notar que a sociabilidade que Rodrigues manteve com intelectuais católicos ultrapassou os limites daqueles reunidos em torno da influência da revista *A Ordem*, como, por exemplo, sua amizade com o poeta e médico Jorge de Lima, outra figura de destaque da literatura brasileira e de quem foi próximo na década de 1940.

A relação de Rodrigues com Otávio de Faria é de grande reverência e admiração. Nota-se, como mostrou o levantamento quantitativo das colunas de Rodrigues, que este manteve contato com os mais diversos críticos de cinema da época. Entretanto, percebe-se que Rodrigues, muitas vezes, criticava sem muita cerimônia os juízos dos demais analistas sobre filmes que ele tinha em alta consideração. Em relação a Otávio de Faria, sua postura foi sempre muito respeitosa, mesmo nas raras ocasiões em que discordavam, como, por exemplo, na coluna intitulada *O mundo sóbrio de Graham Greene e dois filmes brasileiros*<sup>405</sup>, publicada no dia 18 de novembro de 1955 em *A Marcha*. Nesse texto, Rodrigues elogia o filme de temática católica *O pão da vida*, de Claude Mauriac, que Faria não havia gostado. Nesse sentido, nota-se a reverência que o crítico de *A Marcha* teve para discordar de uma opinião de Faria:

---

<sup>404</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 240.

<sup>405</sup> *Id.* O mundo sóbrio de Graham Greene e dois filmes brasileiros. **A Marcha**, n. 140, 18 nov. 1955.

Otávio de Faria, em conversa comigo, numa triste noite de inverno, criticou acerbamente a fita de Mauriac. Com os devidos respeitos ao mestre, romancista de “A tragédia burguesa”, ao ensaísta notável de Léon Bloy, do tradutor de Jacob Wasserman (“Processo Maurizius”) e ao autor de “Cristo e César”, “Maquiavel e o Brasil” e o penetrante e tão admirável combate ao materialismo moderno: “Destino do Socialismo”, ousou dizer que acredito ser “Pão da Vida” um bom filme.<sup>406</sup>

Nessa citação, percebe-se que além da divergência em relação à qualidade do filme em questão, a relação próxima dos dois é evidenciada. Em outras ocasiões, Rodrigues dá mais detalhes sobre a amizade entre os dois, que tinha como local de encontro privilegiado o Café Lamas. Em *Carta de apelo a Vinicius de Moraes*<sup>407</sup>, datada de 2 de dezembro de 1955, Rodrigues detalha um pouco mais essa relação:

Até então, caro poeta, quantas vezes meu amigo Otávio de Faria não rompia a madrugada brumosa no Café Lamas, declamando para a noite imensa lá fora aquele seu poema que fala: “Às cinco da manhã a angústia se veste de branco e sem treva, morrem as últimas sombras”. O solitário Otávio, absorto, falava-me do poeta ausente, perdido numa embaixada longínqua do universo [...]

Em outras ocasiões, Rodrigues faz referência aos encontros do Café Lamas, como em *Ano centenário de Cruz e Sousa*, de 5 de outubro de 1961<sup>408</sup>: “Otávio de Faria, meu mestre de muitos anos neste setor, através de trocas de ideias e discussões calorosas que mantínhamos, pelas madrugadas inesquecíveis do Café Lamas”. Nota-se que apesar da distância temporal entre as duas colunas, a primeira de 1955 e a segunda de 1961, permanece em Rodrigues a admiração pelo veterano crítico de cinema.

Talvez a coluna mais representativa da relação entre os dois seja a entrevista que Rodrigues realizou com Otávio de Faria, publicada em 16 de dezembro de 1955.<sup>409</sup> Na introdução da entrevista, Rodrigues fez diversos elogios a Faria, não apenas ao seu trabalho enquanto analista cinematográfico, no que o considera como o mais autorizado da crítica brasileira, mas também como romancista e ensaísta de forte viés espiritualista. A entrevista, realizada no apartamento de Otávio de Faria, denota a relação de amizade que existia entre os dois, o que muito orgulhava Rodrigues. Essa entrevista é relevante para evidenciar os laços e a convergência de pensamento que havia entre Faria e o catolicismo da década de 1920, quando relaciona a obra deste com demais escritores do período, entre os quais Plínio Salgado:

<sup>406</sup> RODRIGUES, Ironides. O mundo sóbrio de Graham Greene e dois filmes brasileiros. **A Marcha**, n. 140, 18 nov. 1955.

<sup>407</sup> *Id.* Carta de apelo a Vinicius de Moraes. **A Marcha**, n. 142, 2 dez. 1955.

<sup>408</sup> *Id.* Ano centenário de Cruz e Sousa. **A Marcha**, n. 417, 5 out. 1961.

<sup>409</sup> *Id.* **A Marcha**, n. 144, 16 dez. 1955.

Já entre Jackson de Figueiredo de “Pascal e a Inquietação Moderna”, Tasso da Silveira em “Tendências do Pensamento Contemporâneo” e “Os Três Caminhos do Espírito” ou as páginas de Plínio Salgado: “Vida de Jesus, “Conceito Cristão de Democracia”, “Rei dos Reis”, “A Imagem Daquela Noite”, “São Judas Tadeu” e “A Tua Cruz, Senhor” há uma grande e fina coerência doutrinária, na mesma filiação de “Mundo Interior” de Farias Brito. Seria um grande ensaio de exegese, o confronto entre estas diferentes estéticas católicas do momento brasileiro.<sup>410</sup>

Na entrevista, o veterano crítico destaca que há excelentes analistas cinematográficos, mas que as disputas partidárias acabam por comprometer a qualidade da crítica feita no Brasil. Faria considera a *Revista de Cinema* de Belo Horizonte e criada por iniciativa do crítico Cyro Siqueira como a mais completa publicação nacional sobre a sétima arte. A preocupação com a questão ideológica na análise dos filmes é um aspecto que é caro a Rodrigues, que a desaprovava veementemente, por empobrecer a análise dos filmes.

Arthur Autran<sup>411</sup>, em sua categorização acerca das vertentes da crítica cinematográfica da década de 1950, expõe que Otávio de Faria era considerado um dos veteranos do ofício e que, embora fosse muito respeitado pelos demais críticos da época, suas análises não mais possuíam o vigor mobilizador de outras épocas. Nesse sentido, cabe ressaltar que Otávio de Faria foi membro do Chaplin Club, cineclub formado por admiradores de Charles Chaplin, que atuou entre 1928 e 1930. O Chaplin Club lançou um jornal, *O Fan*, para noticiar suas atividades e promover debates sobre o cinema, mas teve existência efêmera, circulando entre os anos de 1928 e 1930. Otávio de Faria, nas páginas desse jornal, envolveu-se numa polêmica por ser totalmente contrário aos filmes falados. Sua recusa ao cinema falado, de acordo com Fabrício Felice<sup>412</sup>, foi baseada na percepção que Faria tinha sobre a arte, em que prevalece o caráter de elevação espiritual:

Octavio de Faria, em diversas oportunidades nas páginas de *O Fan*, defendia que o cinema exigia uma concentração profunda e a total anulação do espectador diante do diretor e do filme. Ver uma imagem cinematográfica era uma atitude de contemplação que se relacionava a uma experiência tanto estética quanto espiritual. Para Octavio, a anulação do espectador e sua entrega completa ao diretor seria uma experiência viável apenas diante das imagens silenciosas. Na sua perspectiva de ruptura, era impossível cogitar a incorporação do som como um elemento que contribuísse positivamente nessa dimensão estética, espiritual e social que o cinema havia adquirido.

<sup>410</sup> RODRIGUES, Ironides. *A Marcha*, n. 144, 16 dez. 1955.

<sup>411</sup> AUTRAN, Arthur. *Alex Viany*: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>412</sup> FELICE, Fabrício. Contra a palavra: manifestações do antitalkismo no Chaplin-Club. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH 50 ANOS, XXVI, São Paulo, 2011. *Anais...*, São Paulo, 2011. p. 15.

Apesar de ter abandonado essas convicções posteriormente, Rodrigues cita essa polêmica, que marcou a nascente crítica da época. Em *Carta de apelo a Vinicius de Moraes*<sup>413</sup>, datada de 2 de dezembro de 1955, faz menção a esse episódio, em que Otávio de Faria e o autor de *Garota de Ipanema* eram defensores da mesma posição:

[...] E relembra, ao acaso deste verão carioca, olhando as acácias amareladas lá fora, o Vinicius que fazia belas críticas de cinema em “Rumo”, na revista “Filmes”, na “Última Hora” e mesmo em “A Vanguarda”, ou do brilhante polemista que terçou armas com Otávio de Faria, quando demonstrava a superioridade expressional do cinema mudo sobre o falado.

Consta que Otávio de Faria, durante a década de 1950, não publicava mais críticas cinematográficas com frequência na imprensa. Embora continuasse atuante, suas contribuições eram ocasionais.

Outro crítico citado com frequência por Rodrigues é Moniz Viana, que escrevia para o *Correio da Manhã*. Embora Rodrigues, por muitas vezes, tenha discordado das posições e avaliações adotadas por Moniz Viana, cabe ressaltar que este era um crítico de grande prestígio, o que era reconhecido por Rodrigues. De acordo com Arthur Autran<sup>414</sup>, Moniz Viana pertencia à vertente “esteticista” da crítica de cinema, ou seja, para esses críticos, o cinema é uma arte regida por leis que lhe são particulares e deve excluir qualquer concepção sociopolítica ou estética que esteja ligada a outro gênero artístico. Arthur Autran<sup>415</sup> ainda aponta que o crítico possuía uma profissão de destaque (no caso, era médico), escrevia em um influente órgão da imprensa nacional da época, o *Correio da Manhã*, tinha posições de direita e elevado capital social em comparação com os demais críticos da época. Moniz Viana ainda teve destacada atuação na criação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, organizou célebres festivais de cinema americano (1958), francês (1959) e italiano (1960) e foi secretário-executivo do Instituto Nacional de Cinema. Embora tenham tido divergências, nas páginas do seu *Diário*, Rodrigues<sup>416</sup> se expressa com muito carinho sobre sua amizade com o crítico:

Moniz Viana, em sua máquina de escrever, dando-nos aqueles clássicos painéis cinematográficos sobre Marcel Carné, Abel Gance, John Ford, William Wyler e Orson Welles. É analista que tem ideias e estilo correto e elegante. É um mestre da

<sup>413</sup> RODRIGUES, Ironides. Carta de apelo a Vinicius de Moraes. *A Marcha*, n. 142, 2 dez. 1955.

<sup>414</sup> AUTRAN, Arthur. *Alex Viany: crítico e historiador*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>415</sup> *Ibid.*

<sup>416</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). *THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes*, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 243.

arte que professa com paixão e ternura. Os seus detratores não conseguem tirá-lo de sua supremacia exegética, pois, independentemente de sua fobia duvidosa pelo cinema americano, quando Moniz, imparcialmente, fala de uma fita, com erudição, beleza de conceitos e conhecimento de causa, mostra-se um grande crítico universal. Já tivemos turras colossais em debates estéticos de quase se chegar às vias de fato, mas depois nos abraçávamos arrependidos de nossos ímpetos sem sentido. O amor pelo cinema é mais forte do que nossas intransigências e pontos de vista.

Na coluna intitulada *Revista de cultura cinematográfica*<sup>417</sup>, publicada em 16 de agosto de 1957, Rodrigues celebra o lançamento da dita revista, de Belo Horizonte. De orientação católica, a publicação foi dirigida pelo padre Guido Logger, um dos grandes mobilizadores de grupos católicos em relação ao cinema. Mesmo tendo sido a publicação muito elogiada pelo colunista de *A Marcha*, uma prova da seriedade da revista eram as críticas de Moniz Viana ali contidas:

A gente precisa olhar com respeito para esta rapaziada de Belo Horizonte, que nos dá, assim, uma publicação cinematográfica digna do Brasil. As críticas de Moniz Viana insertas no volume provam a rigorosa seleção de uma revista que vem marcar nova época em nossas publicações fundamentais de cinema-arte.<sup>418</sup>

Além disso, percebe-se certa afinidade ideológica entre os dois analistas, críticos do socialismo. Na coluna *O sentido profundo do cinema*<sup>419</sup>, publicada em 31 de dezembro de 1954, Rodrigues analisa o filme *A um passo da eternidade*, do diretor Fred Zinnemann, crítico ao exército americano. Nesse sentido, concorda com Moniz Viana quando este faz uma crítica ao regime soviético: “A propósito deste filme, lembramo-nos de Moniz Viana a perguntar se a Rússia produziria um filme com tamanho teor de crítica ao seu exército, como Zinnemann, apesar de tudo, fez com o exército americano...”

Salvyano Cavalcanti de Paiva foi outro crítico de destaque que era mencionado com frequência por Rodrigues em suas colunas. Crítico da revista *Manchete*, escreveu também para o *Correio da Manhã*. Ligado ao PCB, Autran<sup>420</sup> o enquadra na categoria de críticos históricos em relação às linhas de crítica da década de 1950. Os críticos históricos caracterizam-se por uma visão mais política do cinema, cujo interesse reside em buscar as mensagens implícitas ou explícitas dos filmes, isolando elementos discursivos nos filmes que possam influenciar na opinião pública. Autran<sup>421</sup> destaca que o crítico chegou a ocupar a posição de diretor do Departamento de Fomento do Filme Nacional do Instituto Nacional de

<sup>417</sup> RODRIGUES, Ironides. Revista de Cultura Cinematográfica. **A Marcha**, n. 218, 16 ago. 1957.

<sup>418</sup> *Ibid.*

<sup>419</sup> *Id.* O sentido profundo do cinema. **A Marcha**, n. 96, 31 dez. 1954.

<sup>420</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>421</sup> *Ibid.*

Cinema, além de ter publicado livros como *O gangster no cinema* e *Aspectos do cinema americano* ainda na década de 1950. Rodrigues admirava Paiva, embora tivesse ressalvas às suas posições políticas, como, por exemplo, em *Uma temporada de início de ano*<sup>422</sup>, de 11 de fevereiro de 1955, em que comenta o recebimento do livro de Paiva:

Recebi também o volume “O gangster no cinema”, que Salvyano Cavalcanti, nosso confrade de “A Manchete”, nos enviou, e que analisaremos com toda atenção que merece um crítico da visão estética e da autoridade crítica deste nosso colega de “Shopping News”, a despeito de profunda discordância política existente entre nós.

A citação é relevante no sentido de mostrar que Rodrigues estava inserido no campo da crítica cinematográfica à época, pois mesmo um crítico de destaque como Paiva enviava suas publicações para o crítico de *A Marcha*. Além disso, seu nome aparece no *Diário*. Além de atuado em *A Marcha*, na década de 1960, Rodrigues colaborou com cotação de filmes para o *Correio da Manhã*. Quando se refere às figuras de destaque que conheceu no periódico, lembra-se com carinho de Paiva: “Mas, de toda essa galeria tão circunspecta e de atitude fidalga só gostava da convivência do Salvyano Cavalcanti de Paiva, irreverente, de ideias e estilo originais, escrevendo conceitos nas críticas de cinema que chocavam o leitor menos avisado”.<sup>423</sup>

A irreverência de Paiva pode ser percebida nas menções que o crítico faz a Rodrigues, em sua coluna no *Correio da Manhã*. No espaço, intitulado *Cartazes*, Paiva brinca com a admiração de Rodrigues pelos filmes franceses: “Na 3ª feira, 1 de março, também no auditório do Museu de Arte Moderna, *Les Dames de Bois de Boulogne*, de Robert Bresson – filme que fará o Ironides Rodrigues dar pulos e berros exaltando a civilização francesa. No mais, todos à praia!”.<sup>424</sup> Essa feição do colunista pode ser vista na sua coluna de 7 de julho de 1968<sup>425</sup> do *Correio da Manhã*:

CINEMATECA DO MUSEU DE ARTE MODERNA – Amanhã, dia 8, às 18h15min, na Maison de France, *Les Amoureux de France*, de François Reichenbach e Pierre Grimblat, prod. 1963. Sábado, dia 13, no auditório do MAM, *La Roue/A Roda*, de Abel Gance, prod. 1922, com Ironides Rodrigues, o notável crítico, dando pulos de alegria, explicando a importância de Gance para as crianças da Geração Paissandu etc, etc.

<sup>422</sup> RODRIGUES, Ironides. *Uma temporada de início de ano*. *A Marcha*, n. 102, 11 fev. 1955.

<sup>423</sup> *Id.* *Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975)*. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 243.

<sup>424</sup> PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. *Cartazes*. *Correio da Manhã*, n. 22360, 27 fev. 1966.

<sup>425</sup> *Id.* *Cinemateca do Museu de Arte Moderna*. *Correio da Manhã*, n. 23080, 7 jul. 1968.

Nota-se que as duas menções a Rodrigues são posteriores à atuação do colunista em *A Marcha* e correspondem ao período em que ele colaborou com a cotação de filmes para o *Correio da Manhã*.

Alex Viany foi outro crítico expressivo da década de 1950, além de ter sido cineasta de destaque. Ligado ao PCB, Autran<sup>426</sup> o coloca na categorização de crítico histórico. Viany foi presidente da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos no período 1950-1951. Além disso, Autran<sup>427</sup> destaca que apesar da linha stalinista que seguia (o que segundo o autor teria empobrecido suas análises fílmicas), Viany foi pioneiro na realização da crítica de cinema marxista, o que lhe permitiu ampliar a reflexão econômica sobre o cinema brasileiro:

Apesar dos pesares, por intermédio do stalinismo, Viany passou a realizar uma análise materialista, e isso constituiu uma novidade fundamental para o pensamento cinematográfico industrial brasileiro. Não se partia da inspiração distante do cinema americano, buscava-se uma base concreta observando o mercado brasileiro.

Por sua firme posição à esquerda, não surpreende que Ironides Rodrigues, por muitas vezes, tivesse discordado dos pontos de vista defendidos por Viany. Entretanto, nota-se que o crítico de *A Marcha* o respeitava e o admirava, principalmente, enquanto cineasta. Na coluna *Conversando com meus leitores*<sup>428</sup>, de 27 de maio de 1960, Rodrigues fez observações sobre o recém-lançado exemplar da *Revista de Cultura Cinematográfica* de Belo Horizonte, destacando o artigo de Viany: “Alex Viany, que quando deixa suas birras pessoais e seus parti-pris antipáticos, é um grande e incedível crítico, ali assina, das pgs. 31 a 37, ‘O estranho caso de Pabst’, ensaio profundo e substancioso do gênio de ‘As confissões de Ina Kahr’”. É relevante observar que a *Revista de Cultura Cinematográfica* era um órgão de orientação católica, dirigida pelo padre Guido Logger, e ligada à CNBB. Nesse sentido, nota-se que, apesar de ser uma publicação de viés religioso, publicou um artigo de um declarado comunista. Foge ao escopo desta pesquisa a análise das publicações especializadas da época, entretanto, parece um fértil terreno para a compreensão do campo e das relações dos agentes nele envolvidos.

Em *Cultura e crítica de cinema*<sup>429</sup>, de 25 de maio de 1961, Rodrigues comenta o filme *Diálogo das carmelitas*, dos diretores Philippe Agostini e R. L. Bruckberger, que trata de um acontecimento da época do terror da Revolução Francesa, em que 21 freiras carmelitas foram assassinadas. Católico, Rodrigues não gostou da opinião de Viany sobre o filme, que de

<sup>426</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>427</sup> *Ibid.*, p. 67.

<sup>428</sup> RODRIGUES, Ironides. Conversando com meus leitores. **A Marcha**, n. 354, 27 maio 1960.

<sup>429</sup> *Id.* Cultura e crítica de cinema. **A Marcha**, n. 400, 25 maio 1961.

qualquer forma, segundo ele, não teria como entendê-lo: “Alex Vianny arrasou, sectariamente, esta beleza de filme espiritual, porque sendo ‘materialista dialético’, não pode pairar nestas alturas, que exigem sensibilidade e conhecimento profundo da Teologia Católica”.<sup>430</sup>

Por fim, dentre os críticos mais citados nas colunas de Rodrigues, há o padre Guido Logger. Como analisado no início deste capítulo, a Igreja Católica mostrou-se atenta às possibilidades do cinema enquanto arte instrumentalizada para elevar o espírito e promover o avanço moral dos crentes. Nesse sentido, o padre Logger enquadra-se, segundo a categorização de Arthur Autran<sup>431</sup>, nos grupos católicos organizados que, como afirma Lunardelli<sup>432</sup> e Malusá<sup>433</sup>, foram muito relevantes na difusão do cinema no Brasil à época, por sua atuação na criação de cineclubes e por sua presença na imprensa católica. No levantamento quantitativo realizado, percebe-se que o *catolicismo* ocupa o primeiro lugar dentre as unidades de registro em número de ocorrências. A própria trajetória de Rodrigues denota que a fé católica o acompanhou durante toda sua vida. Dessa forma, não surpreende que o padre Logger tenha sido mencionado por diversas vezes nas análises do colunista de *A Marcha*. Essas menções vão, sobretudo, no sentido de elogiar os artigos e as publicações do padre, a *Revista de Cultura Cinematográfica* e o livro *Elementos de cinestética*. Por exemplo, em *Um grande livro de estética do cinema*, de 27 de setembro de 1957<sup>434</sup>, sobre o livro logo acima citado, Rodrigues elogia os conceitos morais e filosóficos com que o padre analisa o cinema, em consonância com as encíclicas papais e a doutrina católica:

O livro do padre Guido Logger revela um conhecimento muito profundo do autor, com as maiores fitas da sétima arte e uma grande cultura filosófica e artística que a nossa crítica incipiente não pode ostentar, pois que ninguém mais estuda e só se analisa do modo mais artificial e condenável.

Além disso, não surpreende o fato de Rodrigues demonstrar preocupação em relação à organização de grupos católicos atuantes no tocante ao cinema. Nesse sentido, o colunista saúda o livro do padre por elevar a cultura católica e “marcar um território” para esses grupos organizados no campo da crítica:

<sup>430</sup> RODRIGUES, Ironides. Cultura e crítica de cinema. *A Marcha*, n. 400, 25 maio 1961.

<sup>431</sup> AUTRAN, Arthur. *Alex Vianny*: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>432</sup> LUNARDELLI, Fatimarlei. *A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

<sup>433</sup> MALUSÁ, Vivian. *Católicos e cinema na capital paulista*: o cineclube do Centro D. Vital e a Escola Superior de Cinema São Luís (1958-1972). 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Campinas: UNICAMP, 2007.

<sup>434</sup> RODRIGUES, Ironides. Um grande livro de estética do cinema. *A Marcha*, n. 224, de 27 set. 1957.

*Elementos de Cinestética* prova que a crítica brasileira atingiu o nível da melhor crítica mundial. O Padre Guido Logger escreveu um livro que honra a cultura católica do Brasil. Em outra edição, o ilustre crítico deve estender mais certos capítulos, tornando sua obra mais densa e profunda. *Elementos de Cinestética* é um grande livro sobre cinema, o melhor que se escreveu no Brasil sobre a sétima arte. Um livro digno do grande analista que nos deu o estudo que li sobre Robert Bresson.<sup>435</sup>

Mais adiante, quando será analisado especificamente o catolicismo presente nas colunas de Rodrigues, mais considerações serão feitas a respeito do padre Logger.

### 4.3.2 Os cineclubes e as publicações especializadas

Como visto no início do capítulo, não se pode subestimar o papel exercido pelos cineclubes na difusão do cinema e dos debates acerca dele. Ressalta-se que os cineclubes foram espaços privilegiados de fomento de uma cultura cinematográfica mais ampla, pois exibiam filmes fora do circuito, além de filmes raros e de diversas nacionalidades, o que não era tão comum no circuito comercial. Dessa forma, surgiu a indagação a respeito da relação de Rodrigues com os cineclubes. No levantamento quantitativo, observou-se que a unidade de registro *cineclube* contava com 12 ocorrências.

Rodrigues, por intermédio de suas colunas, teve conhecimentos sobre a atuação dos cineclubes e foi um grande incentivador da prática. Percebe-se assim que os cineclubes de todo o Brasil enviavam materiais para Rodrigues, o que denota que, além do campo mais estrito da crítica cinematográfica, o público cinéfilo do país tinha conhecimento do crítico. Por exemplo, em *Sobre vários temas de cinema*<sup>436</sup>, publicada em 28 de junho de 1957, Rodrigues fala sobre o Cineclube de Marília e sua publicação, a revista *Curumim*, que foi enviada para ele. Rodrigues parece ter sido próximo desse cineclube, pois essa não é a única vez que o crítico o menciona em suas colunas. Em *Problemas atuais*<sup>437</sup>, de 21 de outubro de 1960, e *Panorâmicas do cinema*<sup>438</sup>, de 25 de novembro de 1960, o crítico elogia o cineclube da cidade do interior paulista. Em *Sobre vários temas de cinema*<sup>439</sup>, Rodrigues agradece o recebimento de críticas do Cineclube de Porto Alegre: “informações que recebi do Cine Clube de Porto Alegre, com as belas publicações sobre filmes do crítico Didonet, que honram a

<sup>435</sup> RODRIGUES, Ironides. Um grande livro de estética do cinema. **A Marcha**, n. 224, de 27 set. 1957.

<sup>436</sup> *Id.* Sobre vários temas de cinema. **A Marcha**, n. 211, 28 jun. 1957.

<sup>437</sup> *Id.* Problemas atuais. **A Marcha**, n. 375, 21 out. 1960.

<sup>438</sup> *Id.* Panorâmicas do cinema. **A Marcha**, n. 379, 25 nov. 1960.

<sup>439</sup> *Id.* Sobre vários temas de cinema. **A Marcha**, n. 211, 28 jun. 1957.

crítica de cinema do Brasil e do mundo, pela seriedade e cultura, apesar do seu conceito moral discutível”.

Ainda em *Panorâmicas do cinema*, Rodrigues<sup>440</sup> destaca o convite que recebeu da embaixada holandesa para prestigiar a “Semana do Filme Holandês”, além de noticiar o surgimento de uma nova publicação, *Cine-Clube*. A revista, ligada à Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro, contou com artigos dos críticos mais destacados, para Rodrigues, como Otávio de Faria, Vinicius de Moraes e Plínio Sussekind.

Em relação às publicações especializadas, nota-se o elevado número de ocorrências dessa unidade de registro no levantamento quantitativo realizado. Cabe ressaltar, portanto, que Rodrigues era um leitor atento não só daquelas que eram editadas no Brasil, como também recebia inúmeras publicações estrangeiras. Nesse sentido, na coluna *A Igreja e o cinema*<sup>441</sup>, de 10 de agosto de 1956, Rodrigues explicita sua relação com as publicações cinematográficas:

Quando exclamei, num dos meus últimos artigos de A MARCHA: “mas que diabo, no Brasil é só comunista que publica livros?”, não ignorava que há críticos católicos militando com muita dignidade na imprensa diária do País. Conheço os vinte e tantos números da *Revista de Cinema* de Belo Horizonte e considero-a não só a mais informativa e autorizada do Brasil, mas também de toda a América, pois recebo quase todos os órgãos de difusão cinematográfica de Montevideú e Buenos Aires, até a muito bem-feita *Sequência*, de São Paulo [...]

As duas principais publicações que o analista cita em suas colunas são duas revistas editadas em Belo Horizonte: a *Revista de Cinema*, dirigida pelo crítico Cyro Siqueira e considerada por Autran<sup>442</sup> como uma das mais influentes da época; e a *Revista de Cultura Cinematográfica*, de orientação católica, dirigida pelo padre Guido Logger. Entretanto, Rodrigues cita diversas outras publicações, como a revista *Filmagem*, da Paraíba, as portuguesas *Filme e Imagem*, a *Revista Popular Universal de Cinema*, publicação capitaneada pelo crítico Elísio Valverde, a *Cinearte*, criticada por Rodrigues por sua predileção aos filmes americanos, a revista *Padrão*, de Armindo Blanco, o *Jornal de Cinema*, entre outras.

Os livros especializados também marcaram presença na coluna de Ironides Rodrigues, que escreveu resenhas sobre livros nacionais e estrangeiros. Entre eles, as publicações francesas *Le Cinema et Sacré*, do crítico católico Henri Agel, que influenciou a forma com que Rodrigues encarava o cinema; além de *Regards Neufs Sur Le Cinema*, obra com prefácio

<sup>440</sup> RODRIGUES, Ironides. *Panorâmicas do cinema*. **A Marcha**, n. 379, 25 nov. 1960.

<sup>441</sup> *Id.* *A Igreja e o cinema*. **A Marcha**, n. 167, 10 ago. 1956.

<sup>442</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

do destacado crítico francês André Bazin, cujas orientações influenciaram decididamente o movimento *Nouvelle Vague* em fins da década de 1950. Em relação às publicações brasileiras, Rodrigues fez resenhas sobre as seguintes obras: *O gangster no cinema* e *Aspectos do cinema americano*, de Salvyano Cavalcanti de Paiva; *O mundo cinematográfico*, de Sílvio Túlio Cardoso; *O cinema americano e a nova geração de cineastas* e *A literatura no cinema*, de Roberto Bandeira; e *Mercado e cinema no Brasil*, de F. Silva Nobre.

Além de ter conhecimento das publicações e escrever resenhas, consta que Rodrigues publicou artigos nessas publicações, notadamente na *Revista de Cultura Cinematográfica*, católica, em que colaborou inclusive na edição de lançamento com um artigo sobre o filme *La Strada*, de Federico Fellini. Nessa revista, publicou um artigo sobre o diretor americano Orson Welles, embora o crítico não explicita o número da revista em que sua colaboração saiu; e um artigo sobre Alfred Hitchcock, que saiu no número vinte da publicação. Sobre a revista, Rodrigues afirma, na coluna intitulada *Revista de cultura cinematográfica*<sup>443</sup>, de 16 de agosto de 1957, ser a melhor publicação do Brasil, agradecendo a oportunidade de colaborar com um artigo:

Se gastei toda esta análise só para falar da *Revista de Cultura Cinematográfica* de Belo Horizonte é porque vi nela o que há entre nós de mais profundo e sério em assunto de cinema. É a revista de âmbito internacional que eu sempre esperei dos católicos e que, felizmente, Minas Gerais, o estado mais intelectual do Brasil hodierno, nos deu. A cultura católica tem em Belo Horizonte seu centro mais avançado e criador. Esta revista deve pedir a colaboração dos críticos católicos como Otávio de Faria, Hugo Barcelos, Clóvis Ramon e José Francisco Coelho. Sinto-me honrado desta revista mineira incluir em seu primeiro número o meu artigo que publiquei em A MARCHA, sobre “La Strada” de Fellini, embora ache que em vez desta análise poderiam ter escolhido meu ensaio sobre “Le Defroqué”, de Leo Jeannon.

Em relação a outros veículos, no *Jornal de Cinema*, ao lado de artigos de Alex Viany, Salvyano Cavalcanti de Paiva e Van Jafa, Rodrigues escreveu *O fenômeno do gangster no cinema americano*. Na revista *Padrão*, Rodrigues escreveu uma resenha sobre o livro *Tempo de Cinema*, de Armindo Blanco. Escreveu também, ao lado de Moniz Viana e Ely Azeredo, para o *Boletim da Cinemateca*, em 1962. Em *Sobre vários temas de cinema*<sup>444</sup>, de 28 de junho de 1957, Rodrigues comenta a transcrição de um artigo seu para o jornal *O Estado de Minas*:

Uma carta do amigo Dídimo Paiva é uma desta de sinceridade e cultura. Manda-me Dídimo uns recortes do “Estado de Minas”, de Belo Horizonte, onde o crítico Cyro Siqueira, da “Revista de Cinema” melhor do Brasil, transcreve no número de 27 de

<sup>443</sup> RODRIGUES, Ironides. *Revista de Cultura Cinematográfica*. **A Marcha**, n. 218, 16 ago. 1957.

<sup>444</sup> *Id.* Sobre vários temas de cinema. **A Marcha**, n. 211, 28 jun. 1957.

dezembro de 1956, a minha pobre análise do filme de Georg Wilhelm PABST – “A Voz do Silêncio”, o que revela a repercussão, embora imerecida, desta coluna.

Nota-se que, para Rodrigues, tanto a *Revista de Cinema* quanto a *Revista de Cultura Cinematográfica* enquadram-se na categoria “as melhores do Brasil”. Deve-se destacar que o uso de expressões superlativas é bastante recorrente nas colunas do crítico, não apenas em relação às publicações como também aos filmes.

Rodrigues menciona, com certo orgulho, a carta que recebeu do crítico paulista Paulo Emílio Salles Gomes, em que este pede para que o colunista de *A Marcha* lhe envie escritos seus. De acordo com Arthur Aufran<sup>445</sup>, Gomes foi um crítico da vertente esteticista, que gozou de grande prestígio e atuou na Cinemateca Brasileira:

Tive a honra de receber da Cinemateca de São Paulo uma carta do grande crítico P. E. Salles Gomes dizendo que recebeu meu artigo “Os melhores filmes que vi em minha vida”, pedindo-me que lhe mandasse outros ensaios meus. Atenderei o pedido do mestre ensaísta de cinema, como vou completar, agora, as possíveis falhas desta minha incompleta seção.

Digna de nota é a coluna *Jornal de cinema*<sup>446</sup>, publicada em 26 de abril de 1962. Nesse texto, Rodrigues relata que Glauber Rocha, por estar resfriado, não pôde realizar uma conferência no Cineclube Lumière, ficando assim encarregado de substituí-lo. Rodrigues aproveita a oportunidade e faz um elogio ao então crítico, que se tornaria um dos maiores cineastas do cinema brasileiro:

Glauber é um entusiasta da sétima arte. É crítico de cinema, e um desses frequentadores incorrigíveis dos cineclubes. Tem pronto um alentado ensaio sobre o desconcertante “Os Cafajestes” de Ruy Guerra. Walmir Ayala já leu o trabalho de Glauber e me garantiu que ele é pleno de inteligência e ideias originais.<sup>447</sup>

Essas informações mostram que Rodrigues teve atuação destacada no fomento aos cineclubes e às publicações especializadas, estando o crítico de *A Marcha*, ao contrário do que se pensava inicialmente, inserido e atuante no campo mais amplo da crítica de cinema no Brasil.

---

<sup>445</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>446</sup> RODRIGUES, Ironides. *Jornal de cinema*. **A Marcha**, n. 442, 26 abr. 1962.

<sup>447</sup> *Ibid.*

### 4.3.3 Ironides Rodrigues em outros jornais

Conforme assinalado por Bourdieu<sup>448</sup> a respeito do conceito de trajetória e de campo, para que se compreenda a trajetória do agente em questão, não se deve apenas analisar os outros agentes inseridos no campo, mas também as instituições das quais eles faziam parte. Dessa forma, foi realizada, em consulta à Hemeroteca Digital Brasileira, uma busca pelo nome de Rodrigues em alguns jornais cariocas da década de 1950. Nesse sentido, foram selecionados quatro jornais: *Correio da Manhã*, *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa* e *Jornal do Commercio*, escolhidos em função de sua representatividade na imprensa do Rio de Janeiro à época, além de serem veículos de diversas orientações ideológicas e onde a crítica de cinema esteve presente de forma expressiva. Não serão analisadas todas as menções ao nome de Rodrigues em cada um dos jornais, e sim em matérias em que o cronista de *A Marcha* tenha aparecido com destaque. A análise, portanto, será centrada em dois veículos: o *Correio da Manhã* e a *Última Hora*.

Nessa consulta, o que surpreendeu foi o nome de Rodrigues ter aparecido, principalmente, em função do seu trabalho como dramaturgo. O colunista de *A Marcha* escreveu algumas peças durante a década de 1950, que foram encenadas por grupos como o Teatro Brasileiro de Arte e o Teatro Universitário Brasileiro. Desse modo, nos jornais acima citados, o que se encontra de forma preponderante são notas nas seções de crítica teatral de cada um desses periódicos sobre as estreias das peças de Rodrigues. Foram encenadas *Agonia do sol*, *Sinfonia da favela*, *O auto de Constância Lena* e *O crepúsculo da alma*. Nesse sentido, o jornal que mais noticiou o trabalho teatral de Rodrigues foi o *Correio da Manhã*. Nota-se que o crítico teatral desse periódico foi Van Jafa, sobre quem não foram encontradas referências significativas, provavelmente em função de sua morte precoce. Rodrigues, em seu *Diário*, demonstra que manteve uma relação muito próxima com o crítico, que foi seu amigo íntimo e cuja morte o abalou profundamente:

Mas quem me levava sempre a essa redação de tanto gabarito era um baiano de palestra fascinante, poeta original de beleza esquisita na inspiração provocante: Van Jafa. Muitos anos de nossa convivência não me tiraram do espanto que os gestos e as atividades wildeanas do poeta de Solau me provocaram. Jafa, depois de encantar o mestre Agripino Grieco em sua vivenda da Rua Aristides Caire, lá no Méier, veio trazer um pouco de beleza a legiões de jovens que sempre ouvem os seus conceitos estéticos como os de um oráculo sagrado. Boníssimo, com um coração com que ele queria ser capaz de suprir todas as dores do Universo, sempre auxiliando um rapaz pobre que o procura, ajudando literariamente um poeta que lhe mostra os primeiros

<sup>448</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

versos ou dando um impulso ao artista que tateia, no prelúdio de sua carreira teatral.<sup>449</sup>

De acordo com Luís Martins<sup>450</sup>, o *Correio da Manhã* era considerado o jornal mais prestigiado do Rio de Janeiro na década de 1950. O público do jornal era composto pela elite e pela classe média alta da década de 1950, além de ter sido um dos jornais com maior tiragem da época, com setenta mil exemplares por dia. Martins<sup>451</sup> assinala que a notoriedade alcançada pelo jornal se deveu à qualidade dos textos e dos profissionais da redação, além da independência política do periódico:

Desde sua fundação, em 1901, por Lúcio Bittencourt, ficou marcado por ser um periódico de extrema combatividade na arena de debate, sustentando campanhas públicas, como o boicote à vacinação obrigatória em 1904, mas sem se vincular ou se subordinar a partidos ou grupos políticos. Ao contrário, em uma época em que a imprensa brasileira era acusada de adesismo ao governo, trilhou, muitas vezes solitariamente, o caminho da oposição aos presidentes da Velha República.

Em relação ao período democrático, Martins<sup>452</sup> assinala que:

O *Correio* apoiou as candidaturas de Eduardo Gomes à Presidência da República, mas nunca teve vínculos diretos com a UDN. Ao contrário, o então proprietário do jornal, Paulo Bittencourt, rompeu com Gomes, seu amigo pessoal, quando este tentou fazer do jornal um órgão udenista em apoio às atitudes do partido no jogo político. Conforme o verbete do DHBB [Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro], durante este episódio: “O jornal insistia no que denominava “ortografia da casa”, ou seja, em sua linha política sem compromissos com quaisquer partidos e orientada por uma nítida inspiração liberal”.

Nesse sentido, Arthur Autran<sup>453</sup> destaca que o prestígio do crítico Moniz Viana se devia em parte por este escrever no *Correio da Manhã*.

Em relação às ocorrências do nome de Rodrigues nesse jornal, deve-se destacar duas matérias que ressaltam a produção teatral do autor: a primeira é do dia 24 de abril de 1957, intitulada *Ironides Rodrigues, o novo autor teatral*.<sup>454</sup> Nessa matéria, que ocupa um espaço

<sup>449</sup> RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 243.

<sup>450</sup> MARTINS, Luís Carlos dos Passos. **A grande imprensa “liberal” da Capital Federal (RJ) e a política econômica do segundo governo Vargas (1951-1954): conflito entre projetos de desenvolvimento nacional**. 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

<sup>451</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>452</sup> *Ibid.*, p. 72.

<sup>453</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany: crítico e historiador**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>454</sup> IRONIDES Rodrigues, o novo autor teatral. **Correio da Manhã**, n. 19655, 24 abr. 1957.

destacado na página, o jornal trata da estreia da peça *Sinfonia da favela*, dirigida por Yety Albuquerque, no Teatro Universitário do Rio de Janeiro:

O Teatro Universitário do Rio de Janeiro apresentará, sob a direção de Yety Albuquerque, na noite de 27 próximo, um novo autor teatral. Trata-se do poeta Ironides Rodrigues. Vem para a liça com muito elogio em torno do seu talento e da sua cultura literária. Escreveu “Sinfonia da Favela”, cujo tema é baseado no verso “Há um urucungo gemendo no morro”. Para estreia desse elenco, o prefeito Negrão de Lima cedeu o “Teatro Armando Gonzaga”, em Marechal Hermes. A primeira récita é dedicada ao cronista teatral do *Correio da Manhã*. E o Ministério da Marinha, num gesto muito simpático com esses moços que fazem teatro, colocou à disposição do TURJ um de seus ônibus para transportar os críticos teatrais a Marechal Hermes.<sup>455</sup>

Embora a matéria não seja assinada, os elogios feitos a Rodrigues, além da indicação de que a primeira récita é dedicada ao crítico do jornal, levam a crer que tenha sido Van Jafa o autor do texto. Além disso, no trecho acima percebe-se que a peça de Rodrigues estreou em função da cessão do teatro Armando Gonzaga pelo prefeito do Rio à época.

A outra matéria é uma entrevista realizada com o autor, datada de 27 de abril de 1957, coincidentemente o dia da estreia da peça de Rodrigues, intitulada *A fonte dos assuntos está em nossas próprias raízes populares*, afirma Ironides Rodrigues.<sup>456</sup> Nessa entrevista, observa-se a preocupação do autor em tratar de temas como a questão racial e a desigualdade social, que ocupam espaço destacado no enredo:

Confessa-nos que “gostei sempre de fazer coisa artística, sem descer à chanchada e ao mau teatro, pelo respeito que o público merece. Quero da crítica apenas compreensão. Teatro para mim é coisa séria e profunda. Devemos buscar assuntos em nossas próprias raízes populares, sem cair no estreito regionalismo. Deve minha peça ser vista com o olhar atento, porque nela há o reflexo da alma negra do morro da Mangueira que chora e sofre, como qualquer negro infeliz do mundo”.<sup>457</sup>

Em relação ao cinema, embora o número de menções ao nome de Rodrigues seja menor em comparação a sua produção teatral, uma matéria merece destaque, pois evidencia a inserção de Rodrigues no campo da crítica. Essa é intitulada *Ironides renuncia*<sup>458</sup>, datada de 27 de abril de 1955, no *Correio da Manhã*. A matéria trata de um episódio um tanto anedótico que teve repercussão em diversos órgãos da imprensa carioca da época: a provável fraude nas eleições para a Presidência e o conselho da Associação Brasileira dos Cronistas

<sup>455</sup> IRONIDES Rodrigues, o novo autor teatral. *Correio da Manhã*, n. 19655, 24 abr. 1957.

<sup>456</sup> A FONTE dos assuntos está em nossas próprias raízes populares, afirma Ironides Rodrigues. *Correio da Manhã*, n. 19658, 27 abr. 1957.

<sup>457</sup> *Ibid.*

<sup>458</sup> IRONIDES renuncia. *Correio da Manhã*, n. 19060, 27 maio 1955.

Cinematográficos (ABCC). Nessa eleição, a crítica cinematográfica dividiu-se em duas alas, os que aceitaram a eleição de Joaquim Menezes para a Presidência da associação e aqueles que não reconheceram o resultado dessa eleição. No tocante a Ironides Rodrigues, nota-se que foi eleito membro do conselho deliberativo da associação, renunciando após as suspeitas de ilegalidade em relação ao pleito:

Depois da sra. Zenaide Andréa, redatora e cronista da revista *Cinelândia*, já renunciou também a um lugar na diretoria fantasma do sr. Joaquim Menezes o escritor Ironides Rodrigues, crítico cinematográfico de *A Marcha*. Ironides renunciou pelo mesmo motivo de Zenaide: Menezes & cúmplices exploraram a sua boa-fé, fazendo-o assinar a ata e aceitar um cargo no conselho deliberativo. Vinte e quatro horas depois, ao tomar conhecimento, através dos jornais, do protesto assinado pela quase totalidade da crítica cinematográfica carioca, Ironides Rodrigues entrou em contato com os críticos Ely Azeredo e Décio Vieira Otoni, pedindo-lhes a publicação de seu desligamento da “diretoria Menezes”, que ele passa a não reconhecer como legítima – e, ao mesmo tempo, deu a sua adesão ao movimento reestruturador da ABCC [...].<sup>459</sup>

A matéria, embora não tenha sido assinada, muito provavelmente tenha sido escrita pelo crítico Moniz Viana, que na edição anterior do jornal havia repercutido as controvérsias da eleição, aventando a possibilidade da renúncia de Rodrigues em relação a seu cargo no conselho deliberativo. Além disso, consta que a ala de oposição a Joaquim Menezes era liderada pelo próprio Moniz Viana, portanto interessado na repercussão do episódio.

Rodrigues, em *A Marcha*, se posicionou sobre o assunto, em *Palavras a uma classe dividida*<sup>460</sup>, publicada em 10 de junho de 1955. O tom com que começa sua coluna é uma característica recorrente nos textos do autor, que faz questão de ressaltar sua cultura e erudição, ressaltando sua identificação como um crítico *católico*:

O ideal seria permanecermos longe das quizílias humanas, junto de nossos autores mais amados: Mauriac, Thomas Mann, Otávio de Faria, Cruz e Sousa, sentindo apenas a plenitude da vida, através desta multidão desesperada e sofredora das ruas tristonhas. Infelizmente mesmo um católico solitário como este humilde crítico de *A MARCHA*, que não gosta de criar desafetos, se vê envolvido, de um momento para outro, em acontecimentos imprevistos.<sup>461</sup>

Apesar de ter renunciado, Rodrigues não toma a parte da ala de oposição na associação, como sugere Moniz Viana. Em tom conciliador, o crítico de *A Marcha* roga para que se acalmem os ânimos para o benefício da ABCC, embora faça uma crítica ao tom mais exaltado de Moniz Viana:

<sup>459</sup> IRONIDES renuncia. *Correio da Manhã*, n. 19060, 27 maio 1955.

<sup>460</sup> RODRIGUES, Ironides. *Palavras a uma classe dividida*. *A Marcha*, n. 118, 10 jun. 1955.

<sup>461</sup> *Ibid.*

[...] Em todo o caso, que se façam as eleições e a paz reine, novamente, entre os analistas da sétima arte. O que não fica bem, é um amigo que muito quero, Moniz Viana, ficar chamando o prezado Valdenir Paiva de “aquele indivíduo”, e este, revidar o “gracejo” com certas frases intencionais, que não ficam bem num católico tão distinto como o Paiva.<sup>462</sup>

Mais adiante, Rodrigues explicita o motivo da sua renúncia, aproveitando mais uma vez para criticar Moniz Viana:

Nada tenho contra o Joaquim Menezes, que me tem tratado com tanta deferência e atenção. Mas o certo é que, enquanto os dois lados não entrarem num acordo, fico desde já, por escrito, desligado da diretoria do Joaquim Menezes. [...] Nada de exclusivismo, meu caro Moniz Viana. Tanto tem direito de ser um presidente da ABCC um moço digno como o Eli Azeredo, ou um católico decente como o Hugo Barcelos, uma inteligência singular como o Van Jafa, um crítico sério como Décio Otoni e mesmo um intelectual da polpa do Dalmo Jeunon (*Jornal do Comércio*). [...] Estimo imensamente o Moniz e conheço a sua fervorosa paixão pela sétima arte, dedicação esta que às vezes o faz cometer enganos inconcebíveis. Mas se por acaso o Moniz Viana for eleito, será uma grande honra para a ABCC, assim como a escolha de um José Francisco Coelho, poeta e crítico notável. Também Joaquim Menezes se for reeleito, devemos acatar com respeito o seu sufrágio.<sup>463</sup>

De acordo com a categorização das vertentes de crítica cinematográfica da década de 1950 proposta por Autran<sup>464</sup>, nota-se que Joaquim Menezes fazia parte de um ala de cronistas que não eram propriamente críticos de cinema, mas que escreviam a soldo de distribuidoras ou dos circuitos de exibição, quando não apenas transcreviam *realeses*. Entretanto, o autor destaca que esse grupo era muito numeroso e ocupou durante vários anos a presidência da ABCC.

Por fim, é importante observar que Rodrigues, já desligado de *A Marcha*, colaborou com a cotação de filmes do *Correio da Manhã*, entre os anos de 1966 e 1968. À primeira vista, dar notas a filmes não parece ser um tipo de representatividade que detenha muita influência, entretanto, como destaca Ruy Castro<sup>465</sup>, as cotações do *Correio* eram semanais e eram exercidas por dez críticos, que formavam o *Conselho de Cinema* do jornal, alcançando grande repercussão:

Todos os sábados, o quadro com as cotações distribuídas por dez críticos (entre os quais Ely Azeredo, Cony, Perdigão, Sérgio Augusto, Valério e o crítico teatral Van Jafa) era esmiuçado por outra novíssima geração de leitores – a minha –, que se

<sup>462</sup> RODRIGUES, Ironides. Palavras a uma classe dividida. *A Marcha*, n. 118, 10 jun. 1955.

<sup>463</sup> *Ibid.*

<sup>464</sup> AUTRAN, Arthur. *Alex Viany*: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>465</sup> CASTRO, Ruy. Trailer – Moniz, Wagonmaster. In: VIANNA, Anonio Moniz. *Um filme por dia*: crítica de choque (1946-73). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 19.

divertia na véspera, tentando adivinhar o julgamento dos críticos sobre os filmes em cartaz.

Na época em que Rodrigues fazia parte do *Conselho*, os outros críticos eram Moniz Viana, Carlos Fonseca, Fernando Ferreira, Flávio M. Vieira, José Lino Grunewald, Paulo Perdigão, Ronald F. Monteiro, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Valério M. Andrade e Van Jafa.

Em relação à *Última Hora*, percebe-se que o nome de Rodrigues no jornal apareceu somente em função de seu trabalho teatral. Entretanto, o motivo pelo qual a menção a esse periódico foi feita é o fato de este ser o único, entre os jornais selecionados na consulta, que ressaltava a identidade de Rodrigues enquanto um “autor negro”.

Em relação ao periódico, Marialva Barbosa<sup>466</sup> destaca que o jornal gozava de ampla popularidade em seu tempo de circulação, tendo sido fundado em 1951 pelo jornalista Samuel Wainer. O jornal implantou diversas técnicas administrativas e editoriais inovadoras para seu tempo, embora a autora faça a ressalva de que o pioneirismo do periódico em relação às inovações (muito apregoado pelos jornalistas) não seja verdadeiro, pois essas inovações vinham sendo realizadas por outros jornais anteriormente. Nesse sentido, Martins<sup>467</sup> destaca que o jornal se diferenciava de outros órgãos de imprensa da época por seu apelo mais popular, dando destaque para a página policial e para os esportes, que eram assuntos que atraíam muitos leitores. Nota-se que, politicamente, o jornal foi muito próximo de Getúlio Vargas, sendo inclusive motivo de controvérsias em relação a favores ilegais:

O sucesso do jornal que atingiu recordes de tiragem e se expandiu em uma rede de sete periódicos tornou Wainer, contudo, não apenas um instrumento político de Getúlio, mas também uma ameaça à posição dos barões da imprensa brasileira. Esses barões, geralmente hostis a Vargas, viam-se agora frente a um ousado jornalista cujos periódicos, além de apoiarem o presidente, arrebataavam leitores, abocanhavam anunciantes e, suspeitava-se, haviam-se tornado o objeto preferencial dos favores oficiais.<sup>468</sup>

Nesse periódico, a produção teatral de Rodrigues é noticiada destacando-o como autor negro. A matéria *Ironides Rodrigues, um jovem autor negro*<sup>469</sup>, de 25 de agosto de 1952, por exemplo, além de ressaltar a peça *Agonia do sol*, de autoria de Rodrigues, destaca aspectos da trajetória de Rodrigues e de sua luta contra o preconceito racial:

<sup>466</sup> BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

<sup>467</sup> MARTINS, Luís Carlos dos Passos. Os caminhos do profeta: a autobiografia de Samuel Wainer em Minha Razão de Viver. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 14, n. 26, p. 111-126, dez. 2007.

<sup>468</sup> *Ibid.*, p. 111.

<sup>469</sup> IRONIDES Rodrigues, um jovem autor negro. **Última Hora**, n. 369, 25 ago. 1952.

Chama-se Ironides Rodrigues o jovem poeta. Nasceu em Uberlândia. Pobre, lutando contra o preconceito de cor, veio para o Rio estudar direito, devendo diplomar-se este ano pela Universidade do Brasil. Já sofreu muito, e certamente continuará sofrendo, pelo crime de querer ser alguém... [...] E, nos corredores da Faculdade, sob um lampião, lia atentamente um manual qualquer de jurisprudência, quando um professor o adverte:

- Por que estudas? O negro só serve para o trabalho duro... [...]

O jornal *Última Hora* também foi o único dentre os selecionados que publicou um texto semelhante à *Carta de apelo a Vinicius de Moraes*, publicada em *A Marcha*, texto no qual Rodrigues faz um apelo para que Vinicius de Moraes recrute atores do Teatro Experimental do Negro para o filme *Orfeu da Conceição*. Nesse sentido, o texto publicado em 24 de novembro de 1955, intitulado *Para Vinicius ler...*<sup>470</sup>, deixa transparecer os laços que ligavam Rodrigues ao colunista cultural do jornal, que não está identificado.

O conhecimento de Rodrigues sobre as principais publicações referentes ao campo da crítica cinematográfica, além de suas contribuições em diversos veículos, atesta que o crítico de *A Marcha* não se encontrava isolado, como inicialmente era pensado, sobretudo em função de estar vinculado a um periódico integralista. Rodrigues demonstrou ter contato e relações próximas com críticos das mais variadas posições ideológicas e visões cinematográficas. Embora a repercussão de seu nome em outros periódicos tenha sido mais centrada em sua produção teatral, Rodrigues, em *Ano centenário de Cruz e Sousa*<sup>471</sup>, publicada em 5 de outubro de 1961, faz um interessante balanço de sua atuação enquanto crítico:

Há mais de oito anos, ininterruptamente, que venho fazendo meus ensaios de cinema nesta página, sentindo-me honrado pela acolhida com que A MARCHA me tem distinguido por estes anos a fio. Consegui angariar respeito, no Brasil e no exterior, comprovada por inúmeras retranscrições de meus artigos, nas mais conceituadas revistas de cinema. Sem pertencer a qualquer crítica de corrilhos, analisando a arte do cinema com profundez e seriedade, logo me liguei aos maiores analistas jovens da 7ª arte como Dejean Pelegrin, Dalmo Jeunon, Iolandino Maia, Salvyano Cavalcanti de Paiva e Elísio Valverde, sem contar Otávio de Faria, meu mestre de muitos anos neste setor, através de trocas de ideias e discussões calorosas que mantínhamos, pelas madrugadas inesquecíveis do Café Lamas.

Dentro da categorização de Autran<sup>472</sup>, acredita-se que Rodrigues poderia estar vinculado à vertente esteticista, além de fazer parte do grupo de católicos. Como se tentou mostrar, Rodrigues foi uma figura bastante inserida e atuante no campo da crítica cinematográfica da década de 1950, muito embora não se tenha encontrado referências ao crítico em nenhum dos trabalhos consultados sobre o cinema da época.

<sup>470</sup> PARA Vinicius ler... *Última Hora*, n. 1357, 24 nov. 1955.

<sup>471</sup> RODRIGUES, Ironides. Ano centenário de Cruz e Sousa. *A Marcha*, n. 417, 5 out. 1961.

<sup>472</sup> AUTRAN, Arthur. *Alex Viany*: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

#### 4.4 O PENSAMENTO POLÍTICO DE IRONIDES RODRIGUES

Embora à primeira vista possa parecer que Rodrigues, por escrever para o jornal *A Marcha*, fosse um militante integralista, a questão parece ser mais complexa. Não há dúvidas que o crítico era um admirador de Plínio Salgado, como fica patente nas páginas do seu *Diário*. Também deve-se ressaltar, como analisado no tópico anterior, que a relação de amizade que existiu entre Rodrigues e escritores católicos e conservadores, como Tasso da Silveira e Otávio de Faria, contribuiu para a formação intelectual e quiçá religiosa do colunista cinematográfico. Embora pareça que Rodrigues tenha sempre mantido uma posição de direita, ao mesmo tempo era muito sensível à questão da desigualdade social. Ao mesmo tempo em que era um católico convicto, era um admirador das expressões da religiosidade afro-brasileira. Mesmo tendo sido um relevante divulgador e teórico de um movimento que pensava a questão racial além das fronteiras estritamente nacionais, a *Négritude*, escreveu para um periódico cujo nacionalismo era um dos aspectos mais preponderantes. Com base nesse contexto, observa-se a complexidade em que consiste apreender as suas visões de mundo e seu pensamento político.

No levantamento quantitativo realizado, como frisado anteriormente, chamou a atenção o fato de o número de ocorrências relacionadas ao *capitalismo* ser superior ao *comunismo* em suas colunas. Essa constatação surpreende por ter sido o PRP um partido virulentamente anticomunista, tendo a crítica ao comunismo encontrado espaço na grande maioria das edições do jornal *A Marcha*. Rodrigues era um crítico ferrenho dos dois sistemas, que segundo ele eram ambos ligados a uma visão materialista de mundo que ele combatia. Talvez aí esteja uma pista para que se possa compreender a posição política de Rodrigues: o espiritualismo de bases humanistas.

Em *Análise de alguns filmes*<sup>473</sup>, de 6 de maio de 1955, encontra-se uma espécie de síntese desse pensamento. Nessa coluna, Rodrigues analisa o filme *Amantes secretos* (*The Young Lovers*) de Anthony Asquith, que para o crítico é um dos mais belos filmes da história de toda a história do cinema. O filme, que se passa na Inglaterra, narra uma história de amor entre um funcionário da embaixada americana e a filha do embaixador russo. Nesse sentido, Rodrigues mais uma vez faz a crítica política tanto do comunismo russo quanto do liberalismo americano:

---

<sup>473</sup> RODRIGUES, Ironides. *Análise de alguns filmes*. **A Marcha**, n. 113, 6 maio 1955.

Mas o amor está acima de sectarismo americano e russista, quanto mais de outras convenções que os homens criaram para sua comodidade. [...] “Amantes Secretos” é cinema imagem que se impõe e que só pode causar mal-estar àqueles que colocam fanaticamente suas ideologias duvidosas acima do sofrimento humano.<sup>474</sup>

Essas críticas podem ser encontradas em diversas colunas, como em *O salário do medo*<sup>475</sup>, de 26 de novembro de 1954. Nessa coluna, que analisa o filme homônimo do cineasta francês Henri-Georges Clouzot, Rodrigues destaca a crítica ao capitalismo contida no filme. Entretanto, faz a ressalva de que o diretor francês não trata do tema com lentes ideológicas, o que garante a qualidade do filme:

Um personagem pergunta a outro numa sequência: “Aqui um americano?” ao que o interpelado responde: “Onde há petróleo eles aparecem”. O filme tem muita carapuça para os americanos que pensam ser donos do mundo, querendo comprar tudo a ouro, enquanto o resto do mundo fica trabalhando para eles. Mas Clouzot fica sempre no terreno do protesto veemente sem cair na dialética marxistas dos Pudovikini, dos Chaplin e dos Luchino Visconti.<sup>476</sup>

Em *Antes do dilúvio (Avant le Deluge)*<sup>477</sup>, publicada em 29 de julho de 1955, Rodrigues analisa o filme homônimo de André Cayatte. O filme, que havia sido censurado como subversivo pelo governo francês, foi liberado para exibição. Nessa coluna, Ironides, mais uma vez, faz uma crítica ao comunismo e ao capitalismo. A posição política de Rodrigues na coluna é de um certo humanismo universalista, influenciado por sua forte ligação com o catolicismo. Nesse sentido, percebe-se que o crítico, ao fazer a crítica tanto da União Soviética quanto dos Estados Unidos, coloca questões como “fé e bondade” acima de tais discussões. Nessa coluna, ainda há uma referência à homossexualidade – provavelmente o motivo da censura do governo francês ao filme: “Há uma estranha e perigosa afeição entre dois adolescentes (Roger Coggio e Jacques Chebassol) que Cayatte soube contornar bem o conteúdo homossexual”. Embora muito breve, esse tipo de comentário era extremamente incomum num jornal como *A Marcha*, marcado por intenso conservadorismo de costumes.

As críticas ao capitalismo, além de conter um protesto contra a desigualdade social e as misérias das camadas mais baixas da população, são feitas em relação aos malefícios que este causaria no próprio fazer cinematográfico. Dessa forma, Rodrigues é em geral bastante crítico aos filmes de Hollywood, embora não deixe de admirar e analisar filmes de cineastas

<sup>474</sup> RODRIGUES, Ironides. Análise de alguns filmes. *A Marcha*, n. 113, 6 maio 1955.

<sup>475</sup> *Id.* O salário do medo. *A Marcha*, n. 90, 26 nov. 1954.

<sup>476</sup> *Ibid.*

<sup>477</sup> *Id.* Antes do dilúvio (*avant le deluge*). *A Marcha*, n. 125, 29 jul. 1955.

americanos durante toda sua trajetória em *A Marcha*. Em *Hollywood e os temas da vida cotidiana*<sup>478</sup>, de 22 de março de 1957, Rodrigues esclarece um pouco essa questão:

Eis aí os filmes americanos artísticos, de problemas e ideias, que minha modesta coluna respeita e aplaude. Somos muito exigentes com o cinema americano, porque, devido seus fortes recursos técnicos e humanos, deveria ser melhor do que é, atualmente. [...] Sou muito exigente em arte, para aceitar os oitenta por cento de tolices, com que Hollywood emburrece a humanidade com temas superficiais e analisados sem profundidade.

Em *O cinema e as misérias do mundo capitalista*<sup>479</sup>, de 29 de março de 1957, coluna esta dedicada a Gumercindo Rocha Dórea, editor de *A Marcha*, Rodrigues explicita suas ressalvas ao sistema. Para o crítico, a ganância dos grandes capitalistas acaba por prejudicar o cinema:

Até agora, o cinema não aprofundou o fenômeno do capitalismo no mundo moderno, com as estreitas competições dos leões das indústrias, a louca ambição pelos maiores lucros, mesmo que os altos dividendos sacrifiquem o produtor médio e o operário também, que sempre leva a pior nos prélios, com os grandes tubarões da indústria e das finanças.<sup>480</sup>

Rodrigues tinha conhecimento que as críticas sobre o capitalismo poderiam levar a algum tipo de repercussão negativa entre os membros do PRP. Nesse sentido, o colunista procurava justificar suas críticas lançando mão de obras de escritores católicos e consoantes com as doutrinas do partido. Em especial, nota-se que Rodrigues traz por diversas vezes a obra de Plínio Salgado como uma espécie de “salvo-conduto” para tais críticas:

[...] assim como Plínio Salgado, com “Espírito da Burguesia” e “Reconstrução do Homem” para não esquecermos Tristão de Ataíde, através de “Problemas da Burguesia”, abordaram com muita visão filosófica o materialismo capitalista, que é tão nefasto como o materialismo comunista, posto que são dois sistemas extremados que sobrepõem o bem-estar material do homem à sua evolução espiritual.<sup>481</sup>

Em relação ao Brasil, Rodrigues faz críticas à indústria do cinema e sobre o próprio circuito de cinemas brasileiros. Em uma coluna intitulada *Análise de alguns filmes*<sup>482</sup>, de 18 de fevereiro de 1955, o colunista critica os donos dos cinemas, que não pensariam na elevação cultural dos espectadores:

<sup>478</sup> RODRIGUES, Ironides. Hollywood e os temas da vida cotidiana. **A Marcha**, n. 197, 22 mar. 1957.

<sup>479</sup> *Id.* O cinema e as misérias do mundo capitalista (ao sr. Gumercindo Rocha Dórea). **A Marcha**, n. 198, 29 mar. 1957.

<sup>480</sup> *Ibid.*

<sup>481</sup> *Ibid.*

<sup>482</sup> *Id.* Análise de alguns filmes. **A Marcha**, n. 103, 18 fev. 1955.

Longe de mim dizer que 1955 começou com o esplendor artístico do ano findo. Atribui-se esta mediocridade dos filmes em exibição, à fuga dos espectadores dos cinemas sem refrigeração. Dizem à socaipa, que os donos dos cinemas somente esperam que venha o aumento dos ingressos, a fim de que “seus grandes filmes” possam ser exibidos “condignamente”... como não conhecêssemos a lábia destes comerciantes sem escrúpulos, que só visam ao lucro das empresas e não a elevação intelectual dos espectadores.

Embora sua crítica ao capitalismo seja veemente e constante ao longo da trajetória do colunista em *A Marcha*, não se deve esquecer que ele foi um ferrenho anticomunista. Em *Julgamento em Nuremberg*<sup>483</sup>, de 15 de março de 1962, o crítico vê o comunismo como o sucessor do nazismo, culpando os intelectuais e a burguesia pela ascensão do comunismo:

Se culpam os alemães como responsáveis por tal morticínio de povos, como inocentar, então, os americanos, por crimes não menos ilustres, praticados pelas bombas atômicas em Nagasaki e Hiroshima? E se mantivermos apáticos e covardes, como o mundo em 1933, veremos dominar, agora, o Comunismo, como antigamente o Nazismo. [...] As concessões do Presidente Roosevelt à Rússia, na Conferência de Yalta, não fortaleceram o ateu e imperialista comunismo de agora? Os burgueses acomodados, os ricos ostensivos, os católicos pusilânimes, os intelectuais de linha justa, não são os que mais concorrem para a ascensão bolchevista no mundo moderno?

Observa-se sua preocupação aos avanços do comunismo em *Os melhores filmes de 1955*<sup>484</sup>, de 20 de janeiro de 1956. No caso em questão, as eleições na França são motivo de preocupação pelo avanço dos comunistas naquele país:

Assistimos à covardia lamentável dos católicos e dos pseudodemocratas do mundo todo, que insensíveis aos sofrimentos e às misérias da turba, deixam os comunistas vencerem, vergonhosamente, na França. Se cruzarmos os braços, num silêncio comprometedor e conivente, as hordas do mal acabarão por dominar o universo.<sup>485</sup>

Para Rodrigues, como se pode notar nas duas últimas colunas citadas, a difusão e os avanços do comunismo no mundo se dão pela falta de reação do resto da sociedade. Sendo caracterizados como “hordas do mal”, a presença do adjetivo “bolchevista” também é presente no intuito de atacar os comunistas. Esse tipo de caracterização é bastante recorrente nas páginas de *A Marcha*. Para Gilberto Vasconcellos<sup>486</sup>, o uso de tais expressões é revestido de um intuito mistificador:

<sup>483</sup> RODRIGUES, Ironides. *Julgamento em Nuremberg*. *A Marcha*, n. 437, 15 mar. 1962.

<sup>484</sup> *Id.* Os melhores filmes de 1955. *A Marcha*, n. 148, 20 jan. 1956.

<sup>485</sup> *Ibid.*

<sup>486</sup> VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 27.

Um rápido levantamento de seu léxico atesta que o adjetivo “bolchevista” (e outras expressões correlatas) ganham um significado mítico; trata-se mais de um “espírito”, “ethos”, do que uma determinada maneira política de se posicionar na sociedade. Esse procedimento estilístico esvazia, social e politicamente, as expressões “materialismo burguês”, “materialismo marxista”, “luta de classes” etc. O capitalismo recebe um tratamento personificador: o signo “bolchevizante” um tratamento mistificador.

Embora o trabalho de Vasconcellos trate do integralismo na década de 1930, sua premissa permanece válida para a década de 1950, pois o anticomunismo presente no integralismo do pós-guerra não só permanece como é acentuado. Para o sociólogo, deve-se compreender que no movimento integralista o moral está acima do material, e a emoção está acima da razão. Entretanto, essa visão não é nascida a partir da fundação do movimento em 1932, mas tem raízes anteriores, principalmente na ideologia dos intelectuais católicos ligados à influência de Jackson de Figueiredo ou às vertentes espiritualistas do modernismo da década de 1920. Como se tentou mostrar anteriormente, Rodrigues foi influenciado por esse pensamento, sobretudo quanto à convivência fraterna e à sociabilidade intelectual que mantinha com escritores como Tasso da Silveira e Otávio de Faria. Dessa forma, percebe-se que em suas colunas aparece, apesar da erudição e do intelectualismo, o primado da moral sobre o material (com ressalvas que serão analisadas mais adiante) e da emoção sobre a razão. Nesse sentido, em *O corvo amarelo*<sup>487</sup>, de 1º de março de 1962, Rodrigues esclarece suas preferências cinematográficas:

A crítica centauro não aprecia o cinema simples, despojado de ornatos excessivos. Sempre detestei rebuscamentos de imagens e arte feita com estilo complexo e cabalístico, para poucos iniciados. Claro que prefiro “Luzes da Cidade” de Charles Chaplin, ao confucionismo expressionista do “Cidadão Kane” de Orson Welles, gosto mais do cinema singelo e tocante do “Sétimo Céu” de Frank Borzage, ao cerebralismo de Murnau em “Aurora”. Um Robert Bresson no cerebralismo de suas fitas, em muita mensagem de fé esperança no amor dos homens, assim como Federico Fellini, Roberto Rossellini, René Clair e Jacques Tati.

Em *Teóricos e estetas da Sétima Arte*<sup>488</sup>, de 12 de junho de 1959, o crítico expõe opinião semelhante:

Tenho uma certa preferência pelos filmes profundamente humanos e poéticos, com narrativas simples, sem elocubrações de câmeras, em loucos travellings [...] O cinema um tanto abstrato, com fusões herméticas das imagens, [...] eu posso

<sup>487</sup> RODRIGUES, Ironides. O corvo amarelo. **A Marcha**, n. 436, 1 mar. 1962.

<sup>488</sup> *Id.* Teóricos e estetas da Sétima Arte. **A Marcha**, n. 308, 12 jun. 1959.

respeitar dentro de um ecletismo estético de analista, mas que jamais me tocará a sensibilidade ou o coração e sim, apenas minha inteligência.

Essa influência dos intelectuais “arielistas”, como proposto por Vasconcellos<sup>489</sup>, que acreditam que as mazelas da sociedade brasileira podem ser eliminadas pela ação espiritual, também é presente nas colunas de Rodrigues. Para o colunista, é o cristianismo que poderá salvar o mundo da miséria, como fica claro em diversos de seus escritos. Assim, percebe-se que, em muitas de suas colunas, Rodrigues aponta a responsabilidade de “católicos hipócritas e burgueses” na persistência das desigualdades sociais. Na coluna *Desespero d’Alma IV*<sup>490</sup>, de 21 de junho de 1957, Rodrigues, além de criticar os escritores católicos “acomodados”, reivindica o catolicismo conservador de Jackson de Figueiredo:

O escritor católico do nosso tempo é um burguês apático e conformista, que se refestela numa cômoda indiferença pelos problemas universais e julga que basta frequentar missa e praticar, superficialmente, os mandamentos da Igreja, para ser um cristão convicto e salvar a sua alma. De primeiro, um líder católico da têmpera de Jackson de Figueiredo era de respeitável envergadura moral, que combatia todos os graves erros dos pseudocatólicos e dos incréus, como se pode ler em sua “Crítica Doutrinária” e “Correspondência”.

Nesse sentido, é por intermédio da ação espiritual, majoritariamente católica, que Rodrigues vislumbra a superação das desigualdades sociais. Como o colunista está atento que essa é uma preocupação geralmente ligada às esquerdas, ele invoca o aspecto religioso para incentivar essa agenda entre os conservadores. Em *Cinco vezes favela*<sup>491</sup>, sua última coluna, datada de 20 de dezembro de 1962, o colunista esclarece essa posição:

Puro engano quem pensar que só o artista de esquerda pode abordar em suas obras os problemas sociais mais angustiantes do nosso mundo. O próprio Papa João XXIII, no presente Concílio Ecumênico, conclamou vários pastores da nossa Igreja, que se unissem numa fortaleza única contra a miséria dos povos subdesenvolvidos, já que esta lacuna em nossa “democracia cristã”, é uma arma perigosa para a dialética demagógica dos comunistas. A miséria dos proletários nas grandes cidades, a promiscuidade das favelas, o racismo disfarçado em várias de nossas instituições, tudo isso é um tema apaixonante para um católico tratar, já que Tristão de Ataíde escreveu não há muito, que o operário com fome e sem casa não tem tempo para pensar em religião.

---

<sup>489</sup> VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira: análise do discurso integralista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

<sup>490</sup> RODRIGUES, Ironides. Desespero d’Alma IV. **A Marcha**, n. 210, 21 jun. 1957.

<sup>491</sup> *Id.* Cinco vezes favela. **A Marcha**, n. 467, 20 dez. 1962.

Em *Rio, 40 graus*<sup>492</sup>, de 7 de outubro de 1955, o colunista segue na mesma linha, tratando, entre outras questões, da ocorrência de assaltos praticados por menores de idade:

Problema social dos mais graves da cidade, é retratado no filme, sem a resignação habitual de nossos outros filmes conformistas. [...] Engano de quem pensar que tais problemas são apenas da alçada comunista. Tanto não é assim que a Igreja entre nós, está vivamente empenhada num esforço gigantesco para extinguir nossas favelas, no prazo de dois a três anos. O problema das lutas de classe e da desigualdade social deve interessar a todos os que desejam um mundo cristão, sem as desigualdades vergonhosas do capitalismo moderno.

Como se vê atualmente, Rodrigues errou em sua previsão em relação à extinção das favelas. Entretanto, nota-se como o colunista baseia sua visão social em bases profundamente católicas, traço preponderante em sua visão de mundo. Nesse sentido, embora ainda persistam as dúvidas em relação ao seu pensamento político, em suas colunas pode-se perceber que, ao menos enquanto colunista de *A Marcha*, Rodrigues está alinhado ao espiritualismo católico e conservador que era tão caro ao PRP.

#### 4.5 AS COLUNAS E O CATOLICISMO

Embora o levantamento quantitativo tenha proporcionado um dado rigoroso em relação à preponderância do aspecto católico nas colunas de Rodrigues, essa era uma certeza que havia desde a *leitura flutuante* das colunas do crítico. Com o expressivo número de 59 ocorrências, é a unidade de registro mais frequente no levantamento realizado. De qualquer forma, não é à toa que o catolicismo ocupe um lugar especial em suas análises cinematográficas. Como se não bastasse a convicção religiosa do autor (deve-se ressaltar que o altamente influente crítico francês André Bazin também era católico, embora esse traço não esteja tão presente em suas análises), Rodrigues estava ligado ao jornal *A Marcha*, órgão oficial do PRP, partido herdeiro do movimento integralista. O integralismo, como se viu ao longo deste trabalho, foi um movimento alicerçado no espiritualismo. Como se tal aspecto fosse insuficiente, no período pós-guerra, o espiritualismo apresenta um papel ainda mais destacado na doutrina do PRP. Nesse sentido, parece claro que a presença de Rodrigues enquanto colunista do jornal oficial do partido se deveu, principalmente, em relação ao seu catolicismo. O próprio Rodrigues, em *Ano centenário de Cruz e Sousa*<sup>493</sup>, de 5 de outubro de

<sup>492</sup> RODRIGUES, Ironides. *Rio, 40 graus*. *A Marcha*, n. 135, 7 out. 1955.

<sup>493</sup> *Id.* *Ano centenário de Cruz e Sousa*. *A Marcha*, n. 417, 5 out. 1961.

1961, esclarece essa questão, fornecendo uma pista em relação aos seus primeiros contatos com o integralismo:

[...] sem esquecer que sou de formação espiritualista e cristã, educado numa casa em Uberlândia, Minas, onde os livros e os ensinamentos de mestre Plínio Salgado eram venerados com unção por Valter de Abreu, o inesquecível Bebé, que morreu muito jovem ainda, idealista louco e incorrigível. Talvez por conhecer tão bem minhas raízes cristãs foi que Gumercindo Dórea me trouxe para A MARCHA.

Dessa forma, percebe-se que o catolicismo foi o fator de maior peso na vinculação do colunista com o periódico integralista. Em suas colunas, Rodrigues, quando fazia menção a si mesmo, sempre se identificava como “humilde” e “católico”, tendo o aspecto religioso muitas vezes se sobressaído em suas análises. Como analisado no início do capítulo, a Igreja Católica foi muito atuante em relação ao cinema no período em que Rodrigues contribuía para *A Marcha*. Os católicos organizados viam no cinema um instrumento de elevação moral e espiritual, havendo uma rígida fiscalização em relação aos filmes recomendados, de acordo com diversas faixas etárias. Nesse sentido, observa-se a classificação “condenável”, em que o filme não deveria ser assistido em hipótese alguma, nem ser exibido em cineclubes católicos.

Rodrigues, além de católico, reivindicava o conservadorismo de intelectuais como Jackson de Figueiredo e Tasso da Silveira, muito rígidos em suas concepções morais e espirituais. Entretanto, o que se nota em suas colunas é que, apesar de sua fé arraigada, Rodrigues era um grande defensor da liberdade de criação artística, discordando, muitas vezes, das posições católicas em relação a diversos filmes. Dessa forma, em *Eu, Otávio de Faria e Alfredo Leite*<sup>494</sup>, de 16 de novembro de 1956, Rodrigues afirma:

Desde que iniciei esta modesta coluna cinematográfica, há mais de dois anos, com “Shane” de George Stevens e depois “Jour de Fête” de Jacques Tati, sempre procurei dar a meus trabalhos de filmes selecionados, um caráter de ensaio doutrinário e profundo. [...] Não me esqueço de que sou católico apostólico romano, mas este privilégio de servo fiel da Santa Madre Igreja não me pode empanar a visão das variadas criações estéticas.

Essa ressalva, no que toca à relação catolicismo e cinema, demonstra que Rodrigues teve uma posição menos ortodoxa do que dos grupos católicos organizados, principalmente ao redor do padre Guido Logger. O aspecto moral das obras era uma preocupação de Rodrigues, embora ele defendesse constantemente a liberdade de criação. Em *Filmes das mais variadas*

<sup>494</sup> RODRIGUES, Ironides. Eu, Otávio de Faria e Alfredo Leite. **A Marcha**, n. 181, 16 nov. 1956.

*características*<sup>495</sup>, de 17 de junho de 1960, explicita essa posição, defendendo o direito dos artistas a tratarem de assuntos delicados:

Se o artista recuasse diante de um tema proibido, Gustave Flaubert não teria escrito “Madame Bovary” e nem Charles Baudelaire, as suas belíssimas “Les Fleurs du Mal”. Os intolerantes que processaram estes autores já estão bem mortos e esquecidos, enquanto as obras mestras de Flaubert e Baudelaire são eternas. Ai do artista se não tiver a liberdade estética necessária para criar a obra de arte. [...] Se alguma obra moral de valor existiu, é porque refletia a serenidade espiritual do seu autor, mas que para atravessar séculos, antes de tudo, teve que ser escrita de modo sentido, profundo, com estilo imperecível. [...] No Vaticano, centro universal da Igreja, estão quadros de Rafael, Ticiano, Tintoreto e Leonardo Da Vinci, que nem sempre primam pela moral, mas que são joias eternas da arte da pintura.

Na coluna *Revista de Cultura Cinematográfica*<sup>496</sup>, de 16 de agosto de 1957, Rodrigues, ao analisar o primeiro número da revista homônima dirigida pelo padre Guido Logger, elogia a coerência da publicação em relação às orientações católicas promovidas pelas encíclicas e pelos demais documentos eclesiásticos. Entretanto, o colunista faz ressalvas em relação à visão estrita promovida pela publicação:

Está certo que o fim da revista seja contra a imoralidade e a pornografia que tanto grassaram em vários filmes, mas acho um pouco discutível atacar uma sátira de arte como “Clochemerie” (Primavera de Escândalos), de Pierre Chenal, como nefasta à moral pública. Neste teor, teríamos que condenar muitas passagens de “O Cântico dos Cânticos”, da Bíblia, os poemas de amor sádico de Renata Vivien e mesmo certos capítulos belos mas de flagrante realidade social de “O Bom Crioulo”, de Adolfo Caminha e do maior monumento literário do Brasil moderno: “A Tragédia Burguesa”, de Otávio de Faria.<sup>497</sup>

Da mesma forma, Rodrigues demonstrou ser contra a censura em suas colunas. Na coluna *Glórias do cinema brasileiro*<sup>498</sup>, de 5 de abril de 1962, o colunista analisou o filme *Os cafajestes* de Ruy Guerra, fazendo diversos elogios à produção e destacando o catolicismo ali presente:

Pode-se até discutir o tom agressivo e polêmico de seus diálogos, criticando todas as instituições humanas, inclusive a Igreja, no que se refere aos padres relapsos e fanáticos que colocam suas convicções pessoais acima dos ensinamentos tolerantes e misericordiosos das Sagradas Escrituras.

<sup>495</sup> RODRIGUES, Ironides. Filmes das mais variadas características. **A Marcha**, n. 357, 17 jun. 1960.

<sup>496</sup> *Id.* Revista de Cultura Cinematográfica. **A Marcha**, n. 218, 16 ago. 1957.

<sup>497</sup> *Ibid.*

<sup>498</sup> *Id.* Glórias do cinema brasileiro. **A Marcha**, n. 440, 5 abr. 1962.

Algumas edições depois, de 26 de abril de 1962, na coluna intitulada *Jornal de cinema*<sup>499</sup>, Rodrigues ataca a censura contra o filme de Ruy Guerra:

O Chefe de Polícia, em conivência vergonhosa com a Censura, proibiu “Os Cafajestes”, taxando a fita de “imoral e subversiva”. E onde está o Chefe de Polícia, que não vê o nudismo desenfreado nos piores filmes franceses como “Noite do Tabarin”? [...] Quando o filme foi exibido à Censura, dizem que o padre Guido Logger assistiu à “Os Cafajestes”. Por que só agora, em “O Globo”, este sacerdote vem fazer declarações, que o filme de Ruy Guerra é imoral? O papel do padre Guido Logger, depois que assistiu ao filme, era apontar seus erros, e não agora, acompanhar esta onda, interessada em sustar o progresso do bom e artístico cinema. Dá-me a impressão de que as palavras do Padre Guido Logger foram insufladas por pressões desconhecidas...

A defesa de Rodrigues ao filme não parou por aí, pois na coluna do dia 12 de julho de 1962, intitulada *Jornal de um fã de cinema*<sup>500</sup>, o colunista defendeu o filme mais uma vez, em função de uma carta enviada para o jornal em que o autor, Pedro Silveira, condena o filme:

Pedro Silveira escreveu uma carta para a direção de A MARCHA, a 12 de abril de 1962, afirmando que no número 440 deste matutino, eu elogiando o lado artístico de “Os Cafajestes” de Ruy Guerra, estava servindo “aos homens intelectualmente licenciosos e abrindo as portas aos cruéis destruidores da ordem social”. Pedro Silveira é destes leitores superficiais, que lê tudo às carreiras, passando por cima dos pontos essenciais de minhas crônicas.

Rodrigues, na mesma coluna, relata ataques sofridos por ele por parte do Padre Guido Logger, que a Rodrigues passou a se referir, de forma irônica, como “cronista do semanário verde”. Em sua defesa, o colunista fez uma comparação do seu caso com Plínio Salgado, que em *O espírito da burguesia* teria analisado o nu na obra de arte, recebendo críticas por isso:

Assim como este mestre da literatura católica foi vítima da trama astuciosa e desleal de uma publicista insequente, imagina o Ironides Rodrigues, inexperiente ainda, no tocante à malícia e safadeza humana. [...] Sempre pautei meus escritos dentro da moral cristã, não no fanatismo ético de Pedro Silveira [...].<sup>501</sup>

Em relação a sua postura menos ortodoxa no tocante à visão moralizante defendida pelos católicos organizados, Rodrigues se envolveu em mais uma polêmica nas páginas de *A Marcha*, em sua única coluna em que trata, mesmo que nas entrelinhas, de filmes com

<sup>499</sup> RODRIGUES, Ironides. *Jornal de cinema*. **A Marcha**, n. 442, 26 abr. 1962.

<sup>500</sup> *Id.* *Jornal de um fã de cinema*. **A Marcha**, n. 452, 12 jul. 1962.

<sup>501</sup> *Ibid.*

conteúdo homossexual. Em *Alguns filmes de temas perigosos e delicados*<sup>502</sup>, de 29 de abril de 1960, Rodrigues afirma que o cinema ainda não atingira a maturidade cronológica para tratar de temas “aparentemente delicados e escabrosos” que a literatura tratava em obras como *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, *O diário de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, ou *Le Journal d’un Voleur*, de Jean Genet, entre outras obras. Percebe-se que os três livros citados abordam temáticas homossexuais. O crítico esclarece que em relação à literatura a censura não é tão ferrenha quanto ao cinema:

O artista, geralmente, é livre para escrever o que bem lhe aprouver, não contando a sua pena com a coerção incômoda da censura que conta o cinema, a não ser uma sanção ética e religiosa, mais de caráter individual e interior. De vez em quando os maiores cineastas enganam as censuras de seus países e produzem seus filmes, onde **os problemas mais delicados da alma humana** são pintados com muita expressão criadora.<sup>503</sup> (grifos nossos)

Rodrigues discorre sobre uma longa lista de filmes que tratam de temas homossexuais, destacando que “Não há assunto imoral e inabordável. Qualquer argumento pode ser tratado pelo artista, dependendo do estilo elevado com que ele o descreva”. Em seguida, afirma: “O romance, o teatro e o cinema são o reflexo fiel da vida de que fazemos parte. O artista não tem culpa se o modelo escolhido saiu real e sem as deformações de um espelho abstracionista”.<sup>504</sup>

Na mesma edição do jornal, o cronista teatral Ivo Compagnoni escreveu um texto intitulado *Conversa de janela com meu vizinho Ironides...*<sup>505</sup>, em que afirma que leu a coluna de Rodrigues antes de sua publicação, elogiando assim o colunista cinematográfico:

Como sempre, Ironides se mostra neste seu trabalho como um autêntico Catedrático em Cinema. Não há assunto da Sétima Arte que Ironides não saiba tratar, com abundância de informações, com profundidade e com bastante equilíbrio de julgamento. [...] Não vou polemizar. Apenas contraporei minha opinião à sua. O leitor julgará. (E sei que, ao final, nos entenderemos muito bem...)<sup>506</sup>

A seguir, Compagnoni<sup>507</sup> afirma sua visão mais restritiva em relação à liberdade artística. O cronista teatral destaca a impossibilidade da neutralidade do artista, pois há sempre uma tomada de posição moral, consciente ou inconsciente.:

<sup>502</sup> RODRIGUES, Ironides. Alguns filmes de temas perigosos e delicados. *A Marcha*, n. 351, 29 abr. 1960.

<sup>503</sup> *Ibid.*

<sup>504</sup> *Ibid.*

<sup>505</sup> COMPAGNONI, Ivo. Conversa de janela com meu vizinho Ironides... *A Marcha*, n. 351, 29 abr. 1960.

<sup>506</sup> *Ibid.*

<sup>507</sup> *Ibid.*

[...] Ética e Estética são inseparáveis e mesmo complementares entre si. Um filme imoral jamais poderá ser integralmente belo. Pois o Belo, como o Bem, só podem ser considerados como tais em sua totalidade. Qualquer falha implica em negação das duas realidades do Ser. [...] O imoral nunca será belo, por mais perfeito que seja o seu tratamento artístico. O sapo jamais deixará de ser um animal feio, embora seja objeto de um poema...

A posição moralizante de Compagnoni parece ser, a princípio, mais coerente com a doutrina do PRP. Nesse sentido, percebe-se que as colunas de Rodrigues se destacam no jornal por suas visões mais flexíveis em relação ao fazer artístico. Apesar das polêmicas e de suas posições menos ortodoxas, não se deve pensar que Rodrigues não estava em sintonia com os grupos católicos e as orientações religiosas em relação ao cinema. Em *Prisioneiro do remorso*<sup>508</sup>, publicada em 24 de agosto de 1956, o crítico esclareceu seus conhecimentos a respeito das orientações católicas no que diz respeito ao cinema, além de ressaltar o trabalho de Tasso da Silveira:

Agora que a mais alta expressão da nossa poesia, Tasso da Silveira, publicou, como um belo salmo de David, o “Canto Puro”, e os católicos do mundo, com o Office Catholique International Du Cinema, estão comemorando o vigésimo aniversário da encíclica Vigilanti Cura, onde Sua Santidade Pio XI foi o pontífice que primeiro assinalou o cinema como “um instrumento fundamentalmente honesto, de manifestação artística e espiritual”, podendo “ser usado de modo péssimo”, é que é oportuna a exibição de uma fita como Prisioneiro do Remorso.

O crítico, mais uma vez, reivindica a opção pelo catolicismo conservador em *Desespero d’alma III*<sup>509</sup>, publicada em 14 de junho de 1957. Em relação ao filme, destaca a pertinência de seu conteúdo religioso, que poderia ser aproveitado para discussão por escritores conservadores:

Filmes deste teor são para se discutir em debates estéticos ou filosóficos, onde os maiores pensadores católicos como Plínio Salgado (“O Rei dos Reis”, “A Vida de Jesus”), Tristão de Ataíde, Tasso da Silveira (“Silêncio”, “Só Tu Voltaste”), Otávio de Faria (“Cristo e César”, “Três Tragédias”, “À Sombra de uma Cruz”) tirariam aí farto material para discussão dogmática e estética, assim como o inteligente Padre Guido Logger bem que poderia analisar esta fita com a séria penetração doutrinária de suas aulas de Estética do Cinema ou Cinestética, na Faculdade Católica.

Rodrigues, como analisado no tópico anterior, encontrou no catolicismo o alicerce para sua visão política e de mundo. Nesse sentido, o colunista era muito crítico com os católicos “acomodados” e que, apenas por frequentarem a missa, acreditavam que eram bons fiéis. Para Rodrigues, ser católico é lutar contra a desigualdade social e combater a “hipocrisia

<sup>508</sup> RODRIGUES, Ironides. Prisioneiro do Remorso (The prisoner). **A Marcha**, n. 169, 24 ago. 1956.

<sup>509</sup> *Id.* Desespero d’Alma III. **A Marcha**, n. 209, 14 jun. 1957.

burguesa”. Dessa forma, em *Desespero d'alma I*<sup>510</sup>, publicada em 31 de maio de 1957, o colunista critica escritores católicos que, segundo ele, por serem acomodados, acabavam por atentar contra a própria mensagem cristã:

Um católico como Paul Claudel era intolerante e até colaboracionista com os alemães. Um François Mauriac é refinado burguês, tendo propriedades de vinhas, que se somem de vista. Jacques Maritain, com toda a grandeza de sua obra, não tem a pureza e a harmonia de um Charles Peguy e nem de um “Psichari”, quanto mais de Santa Elisabeth Leseur. Estes burgueses comodistas que só não vendem Cristo de novo porque não podem lançar mão n'Ele, bem que merecem a apóstrofe fulminante de Maurice Morand: “Vocês estão intoxicados de hipocrisia, depois de milhares de mentiras acumuladas em Seu nome, desde Paulo de Tarso até Paul Claudel”.

O forte catolicismo de Rodrigues tem uma feição antiprotestante, manifestada, principalmente, em seu *Diário*. Segundo Rodrigues, a rigidez do protestantismo teve um efeito negativo, sobretudo, sobre os negros norte-americanos, que seriam menos livres e criadores que os brasileiros, em função da influência católica do Brasil. Em suas colunas, Rodrigues faz críticas ao protestantismo, como em *O cinema e os limites do sagrado*<sup>511</sup>, publicada em 22 de julho de 1955. Nessa coluna, Rodrigues faz uma resenha do livro *Le Cinema et le Sacré*, do crítico católico francês Henri Agel, uma de suas grandes referências em seu ofício de crítico cinematográfico. Em seguida, ao analisar alguns filmes escandinavos com motivos religiosos, faz uma crítica do protestantismo: “Mas aí culmina um protestantismo rígido e frio, embebido totalmente em textos *áigidos* da Bíblia, como o ‘Dies Irae’ de Carl Dreyer”.

Na coluna *O vento será tua herança*<sup>512</sup>, de 29 de junho de 1961, Rodrigues é mais incisivo em sua crítica às denominações cristãs protestantes. Ao analisar o filme homônimo, de Stanley Kramer, em que um professor é perseguido e processado por apresentar a teoria evolucionista para seus alunos, Rodrigues critica os protestantes como “seguidores intransigentes dos textos da Bíblia”, sem nenhuma interpretação ou hermenêutica. A coluna se mostra relevante porque Rodrigues apresenta sua opinião favorável à teoria darwinista, acreditando que ela não é de forma alguma contrária ao cristianismo. A coluna apresenta uma visão positiva dos Estados Unidos, o que não é muito frequente nos textos de Rodrigues<sup>513</sup>:

Stanley Kramer mostrou-se corajoso em trazer este caso verídico da América, em uma fita que critica ou mostra os erros de uma camada apática da América, em

<sup>510</sup> RODRIGUES, Ironides. *Desespero d'Alma I* (para Alfredo Leite). **A Marcha**, n. 207, 31 maio 1957.

<sup>511</sup> *Id.* *O cinema e os limites do sagrado*. **A Marcha**, n. 124, 22 jul. 1955.

<sup>512</sup> *Id.* *O vento será tua herança*. **A Marcha**, n. 405, 29 jun. 1961.

<sup>513</sup> *Ibid.*

contraposição que é democrata, e esclarecida e que aceita todas as ideias científicas renovadoras do progresso humano.

Em relação ao catolicismo, Rodrigues apresenta matizes que podem passar despercebidos à primeira vista: apesar de leitor e próximo de escritores altamente conservadores, sua visão de arte é menos ortodoxa do que outros leitores e cronistas de *A Marcha* e dos grupos católicos organizados atuantes no cinema. Percebe-se que o caráter católico de sua coluna foi o que o levou a manter a coluna no jornal por oito anos seguidos. Nesse sentido, entende-se que, além das convergências ideológicas parciais que havia entre o crítico e os militantes integralistas, o catolicismo foi o principal responsável pela manutenção de seus escritos no jornal.

Além disso, não se deve esquecer o contexto da época em que as colunas eram publicadas em *A Marcha*. O jornal foi lançado em 1953, em um momento que, de acordo com Calil<sup>514</sup>, o partido buscava se “autonomizar”, aumentar a militância e se projetar no cenário político nacional, ações que, como discutido no capítulo anterior, culminaram com a candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República em 1955. Deve-se ressaltar ainda que, como afirma Christofolletti<sup>515</sup>, *A Marcha* foi um jornal caracterizado pela modernidade e sofisticação técnicas, com conteúdos destinados a uma ampla gama da população. A década de 1950 foi um período de florescimento para o jornalismo cultural, em especial a crítica de cinema, que ocupou espaço na maioria dos jornais da época e promoveu debates e polêmicas. Dessa forma, compreende-se que o destacado espaço reservado à discussão cultural, por intermédio de crítica teatral, literária e cinematográfica, demonstra o esforço empreendido pelos editores do jornal para atingir públicos não tradicionalmente ligados ao integralismo, sobretudo entre as camadas conservadoras mais educadas da população. Assim, entende-se que a presença das colunas de Rodrigues em *A Marcha*, marcadas, principalmente, pelo seu caráter católico, faça parte desse esforço de ampliação de público leitor do periódico.

#### 4.6 AS COLUNAS E A QUESTÃO RACIAL

Rodrigues teve sua trajetória marcada por seu envolvimento com o movimento negro. Até mesmo o título de seus escritos memorialísticos, *Diário de um negro atuante*, demonstra

---

<sup>514</sup> CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>515</sup> CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A enciclopédia do integralismo: lugar de memória e reinvenção do passado (1957-1961).** 2010. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

a preocupação de Rodrigues com a militância em prol das causas da população negra. Nesse sentido, cabe recordar que essa militância começou em sua infância, no interior de Minas Gérias, onde fundou, ao lado do irmão do ator Grande Otelo, Chico Pinto, um jornal com o nome de *A Raça*. No Rio de Janeiro, se ligou a Abdias Nascimento e seu Teatro Experimental do Negro, onde ministrou um notável curso de alfabetização. Na instituição, graças a seu conhecimento da língua francesa, foi divulgador das ideias do movimento francófono *Négritude*, tendo traduzido o ensaio *Orfeu negro*, de Jean-Paul Sartre, para o jornal do TEN, *Quilombo*. Teve atuação destacada e polêmica na realização do I Congresso do Negro Brasileiro, com sua tese *A estética da negritude*. Embora as informações acerca de seu envolvimento posterior sejam escassas, Rodrigues continuou participando de eventos e congressos ligados à causa, tendo sido sempre um defensor dos negros no Brasil.

Dessa forma, não surpreende que o *racismo* seja um tema tratado com frequência em suas colunas cinematográficas. No levantamento quantitativo, foram encontradas 43 ocorrências dessa unidade de registro, número inferior apenas a *catolicismo* e a *críticos*. Como analisado no capítulo anterior, a questão racial não aparecia com frequência nas páginas do jornal *A Marcha*, que manteve uma orientação “humanista cristã” em relação ao tema, condenando o racismo por ele atentar contra a religião. Nesse sentido, é nas colunas de Rodrigues em que estão presentes os textos mais contundentes em relação à questão racial nas páginas do periódico.

No jornal, pode-se perceber que quando Rodrigues tratava da questão racial, tinha algumas preocupações: a valorização do artista negro, a análise de filmes antirracistas e as colunas mais explícitas sobre o racismo, em que estão presentes informações a respeito do movimento negro, em especial sobre a atuação de Abdias Nascimento e do Teatro Experimental do Negro. Embora o foco principal seja a questão do negro, Rodrigues em menor grau denunciou em seus escritos o racismo contra outras etnias, como os judeus e os asiáticos.

Uma de suas mais emblemáticas colunas é a *Carta de apelo a Vinicius de Moraes*<sup>516</sup>, de 2 de dezembro de 1955. É notável que o colunista tenha conhecido o poeta quando afirma que: “Nosso primeiro encontro se deve a mero acaso do destino, quando o compositor Bororó nos pôs um diante do outro, tendo ao nosso lado, se não me engano, o sambista Ismael Silva de ‘Se Você Jurar’ e o cronista musical de ‘O Globo’ – Sílvio Túlio Cardoso”. Nesse trecho, percebe-se o papel do músico Bororó como responsável pela introdução de Rodrigues a

---

<sup>516</sup> RODRIGUES, Ironides. Carta de apelo a Vinicius de Moraes. *A Marcha*, n. 142, 2 dez. 1955.

muitos intelectuais. Rodrigues, após digressões em linguagem poética, faz um apelo a Vinicius para que este interceda ao produtor francês Sacha Gordine para que ele escolha atores do Teatro Experimental do Negro para o filme “Orfeu negro”:

Trata-se da filmagem de sua peça de tão grande conteúdo poético e humano: “Orfeu da Conceição”, revivendo o eterno mito grego da vitória do poeta sobre a morte. Ora, se Vinicius quer que sua peça tenha atores à altura da responsabilidade de tão grande empreendimento, nada mais oportuno que citar ao poeta uns nomes que ele deve aproveitar no elenco de sua fita. Há muitos anos, poeta, que venho lutando junto do Teatro Experimental do Negro, no sentido de dar maiores possibilidades ao artista de cor, invés de se pintar branco de preto ou dar os papéis mais ridículos para o artista “colored”. Nossa luta tem encontrado incompreensões de vários lados, mas deixa estar, poeta, que para jugular o racismo que está infiltrado no Brasil, temos esperança de sairmos vitoriosos. A MARCHA, coerente à sua doutrina antirracista, que vem do manifesto de “Anta” de Plínio Salgado, me tem apoiado, grandemente, neste afã.<sup>517</sup>

Na citação acima, percebe-se a preocupação do autor em relação à valorização do artista negro, além de ressaltar o aspecto antirracista de *A Marcha* e do integralismo, algo que ocorre diversas vezes em suas colunas sobre o tema. Cabe ressaltar que Vinicius de Moraes foi muito próximo do mestre de Rodrigues em relação ao cinema, Otávio de Faria, na década de 1920 e 1930, além de ter sido amigo de militantes integralistas como San Tiago Dantas e Lauro Escorel. De acordo com Catani<sup>518</sup>, o círculo de amigos de Vinicius à época, composto majoritariamente por intelectuais de tendências conservadoras, foi o que o introduziu às rodas literárias e boêmias do período, com destaque para Otávio de Faria:

Octávio de Faria, líder intelectual católico, se tornaria grande amigo de Vinicius e iria influenciar o começo de sua carreira literária, pois graças a ele publicou em outubro de 1932 seu primeiro poema – “A transfiguração da montanha” –, na revista “A Ordem”, editada por Tristão de Athayde (cunhado de Octávio). Foi também graças a Octávio que publicou seu primeiro livro de poesias, “O Caminho para a Distância”.

Dessa forma, pode-se interpretar que não soaria estranho a Vinicius de Moraes um apelo vindo de um colunista de um jornal vinculado ao integralismo, pois o próprio poeta, em sua juventude, se não foi próximo da AIB, o foi em relação aos seus militantes. Não se sabe se Vinicius chegou a ter conhecimento do texto de Rodrigues. Apesar de o texto ter sido escrito no final do ano de 1955, o filme foi lançado apenas em 1959, tendo vencido o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, representando a França (a produção, franco-brasileira, fora dirigida

<sup>517</sup> RODRIGUES, Ironides. Carta de apelo a Vinicius de Moraes. *A Marcha*, n. 142, 2 dez. 1955.

<sup>518</sup> CATANI, Afrânio Mendes. Vinicius de Moraes, crítico de cinema. *Perspectivas*, São Paulo, v. 7, p. 127-147, 1984.

pelo cineasta francês Marcel Camus). Entretanto, é digno de nota que o filme tenha contado com atores do TEN, com destaque para a atriz Léa Garcia, mencionada no texto de Rodrigues.

Em relação à valorização do artista negro, outra coluna relevante é *O artista negro no cinema e no teatro*<sup>519</sup>, publicada em 12 de julho de 1957. O ensejo para esse texto é a ocasião da morte do ator negro De Chocolat. Rodrigues destaca o pioneirismo do ator, compositor e poeta, que fundou a Companhia de Revistas Negras em 1926. Segundo o autor, a iniciativa de De Chocolat<sup>520</sup> teve repercussões artísticas na França, atuando em prol da valorização do negro:

À maneira de José do Patrocínio, Vicente Ferreira, José Correia Leite e Abdias do Nascimento, De Chocolat era um negro que procurou elevar o negro artisticamente, assim como Santa Rosa, sem participar do movimento de elevação cultural do negro, o levou até seus quadros de funda brasilidade. Até então, como bem afirmou Rachel de Queiroz, em “Linha de Cor”, o negro só entrava nos filmes para fazer papel ridículo e receber cascudo como moleque de recado.<sup>521</sup>

Destaca-se, na citação acima, que a militância de De Chocolat não era ligada ao movimento negro organizado. Além disso, percebe-se a preocupação em ressaltar a brasilidade do negro, no caso do pintor Santa Rosa. Rodrigues continua o texto fazendo uma retrospectiva do movimento negro brasileiro, citando o Congresso Afro-Campineiro de 1937, que teve em Abdias Nascimento um de seus organizadores e que “denunciou ao país uma onda nascente de racismo e dando um brado de alerta para a liberação econômica e cultural do negro brasileiro”.<sup>522</sup> O colunista, mais uma vez, reclama o aspecto antirracista do movimento integralista, assim como faz uma crítica à Frente Negra Brasileira:

Eram todos negros conscientes do seu papel, coerentes com o grito de alarme dado por Plínio Salgado contra o racismo no Brasil, no célebre manifesto da “Anta”. A Frente Negra de São Paulo se transformou na mais funda politicagem, mas negros conscientes de sua missão redentora continuaram a lutar denodadamente.<sup>523</sup>

<sup>519</sup> RODRIGUES, Ironides. O artista negro no cinema e no teatro. **A Marcha**, n. 213, 12 jul. 1957.

<sup>520</sup> De acordo com o *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*, “A Companhia Negra de Revistas, experiência pioneira, estreou no dia 31 de julho de 1926 com a revista ‘Tudo preto’, de sua autoria, no Teatro Rialto. A direção era sua e de Alexandre Montenegro. Trabalhou também no elenco, fazendo o papel de compère, ou seja, o papel principal, no elenco estavam também Jandira Aimoré (futura esposa de Pixinguinha), Rosa Negra, Osvaldo Viana, Dalva Espínola (irmã de Aracy Cortes), Mingote e Guilherme Flores. Até a orquestra do espetáculo era composta de negros”. Mais informações podem ser encontradas no endereço <<http://dicionariompb.com.br/de-chocolat/dados-artisticos>>.

<sup>521</sup> RODRIGUES, Ironides. O artista negro no cinema e no teatro. **A Marcha**, n. 213, 12 jul. 1957.

<sup>522</sup> *Ibid.*

<sup>523</sup> *Ibid.*

É notável que, nas diversas colunas em que Rodrigues trata da questão racial, ele faça menção à obra de Plínio Salgado, afirmando o antirracismo presente no movimento integralista. Esse procedimento é utilizado quando Rodrigues faz críticas à burguesia e ao capitalismo, como analisado anteriormente. Sendo o PRP um partido altamente conservador, percebe-se que as duas questões possam causar estranheza aos leitores de *A Marcha*, motivo pelo qual, provavelmente, Rodrigues se apoie nos textos do chefe integralista ao abordar tais assuntos.

Na continuação dessa coluna, Rodrigues faz uma longa lista de artistas negros que estrearam peças e filmes, destacando o papel fundamental exercido pelo TEN na formação desses atores. O colunista menciona o dramaturgo Nelson Rodrigues, que teve um papel relevante no apoio à iniciativa:

Quando Abdias do Nascimento pregou a tomada de posição do negro na vida cultural do país, Nelson Rodrigues foi um dos primeiros a apoiá-lo. Escreveu para a minha raça “O Anjo Negro” tão polêmico como o atual “Perdoa-me Por Me Traíres”, em que Nelson Rodrigues deu ao negro Abdias um papel extraordinário, assim como à talentosa Léa Garcia, de “Rapsódia Negra”.<sup>524</sup>

Sua militância em favor da valorização do artista negro é percebida em diversas colunas e está em consonância com as ideias da *Negritude*, movimento no qual Rodrigues teve destacado papel de divulgação e teorização. A sua polêmica tese *A estética da negritude*, apresentada no I Congresso do Negro Brasileiro de 1950, se notabilizou por defender a ideia de uma hipersensibilidade do negro, que em função disso teria um pendor para as artes. Dessa forma, não é surpreendente que Rodrigues tenha especial apreço por filmes que retratem o negro de forma sincera e sem estereótipos. Em relação ao cinema americano, sua posição é explicitada em *Problemas do negro e o cinema*<sup>525</sup>, publicada em 16 de setembro de 1960, quando afirma que:

O autor de cinema só olha o negrão pelo lado exótico e bizarro e daí surgir filmes belos pelo seu lado plástico e humano, mas sem nada sobre os problemas da discriminação racial que oprime o preto, sem qualquer alusão às misérias do Harlem aos linchamentos do Sul [...].

<sup>524</sup> RODRIGUES, Ironides. O artista negro no cinema e no teatro. **A Marcha**, n. 213, 12 jul. 1957.

<sup>525</sup> *Id.* Problemas do negro e o cinema. **A Marcha**, n. 370, 16 set. 1960.

Essa posição é reafirmada em *Rio, 40 graus*<sup>526</sup>, publicada em 7 de outubro de 1955, em que Rodrigues analisa o filme homônimo de Nelson Pereira dos Santos, destacando a forma positiva e humana com que o cineasta retratou os negros:

Nunca o elemento negro foi posto com tanta simpatia humana entre nós. Vejam a cadência, o soturno gemido do atabaque e da cuíca dos crioulos de sapatos bicos finos da Portela, gritando desesperados para o Universo inteiro que “uma voz do Norte a Sul se ouvia, que a escravidão no Brasil acabou”.

Rodrigues ressalta ainda a participação da atriz Arinda Serafim, de grande destaque no filme, afirmando a origem dramática da atriz no TEN. Os aspectos sociais do filme também são trazidos à tona pelo colunista, que aproveita para alertar que a persistência das desigualdades sociais no país poderia acarretar em “surpresas”, o que, dado seu contexto, pode ser interpretado como a ameaça comunista:

Claro que não sendo fita *só para turistas ver*, “*Rio, 40 graus*” reflete um aspecto de nossa miserável condição social. Tem forte conteúdo humano e mostra um dado problema sem nenhum subterfúgio. Acho que tais assuntos, ao invés de serem ventilados pelo Chefe de Polícia ou pela Censura, deveriam ser sanados, urgentemente, sob pena de um dia o povo brasileiro se revoltar e termos de assistir a algumas inevitáveis *surpresas*...<sup>527</sup>

A referência à censura não é gratuita. De acordo com Autran<sup>528</sup>, o filme havia sido censurado pelo Departamento Federal de Segurança Pública, o que acarretou em uma ampla campanha pela sua liberação. A relevância do filme consiste na relativamente bem-sucedida transposição dos ideais estéticos do movimento neorrealista italiano para o Brasil, o que o torna um marco na história do cinema nacional.<sup>529</sup> O cineasta Nelson Pereira dos Santos, à época, era ligado ao PCB, fato que não era despercebido por Rodrigues, embora essa coluna não mencione o assunto.

Em *Considerações sobre vários assuntos*<sup>530</sup>, publicada em 13 de julho de 1956, Rodrigues deixa clara sua posição contra a censura do filme:

Agradeço a missiva do jovem cineasta Nelson Pereira dos Santos, e devo adverti-lo que, embora sendo francamente contra todas as ideias esquerdistas, devido a minha profunda convicção católica, defendo amplamente o direito de o artista usar de sua liberdade de expressão. Atrás da cortina de ferro, principalmente na Rússia, isto não acontece, é lógico. Foi então por isto, reconhecendo embora seu forte conteúdo de

<sup>526</sup> RODRIGUES, Ironides. Rio, 40 graus. **A Marcha**, n. 135, 7 out. 1955.

<sup>527</sup> *Ibid.*

<sup>528</sup> AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>529</sup> *Ibid.*

<sup>530</sup> RODRIGUES, Ironides. Prisioneiro do Remorso (*The prisoner*). **A Marcha**, n. 169, 24 ago. 1956.

panfleto sectário, que eu defendi o belo *Rio, 40 Graus*, contra a sanha de uma censura que não tinha gosto estético e nada entendia da arte do cinema.

Além de reafirmar a sua identidade enquanto um crítico católico, e da “alfinetada” no cineasta devido a sua militância de esquerda, é notável o conhecimento do cineasta em relação às colunas de Rodrigues, o que demonstra a repercussão de seus textos para além dos círculos integralistas. Em *Rio, Zona Norte*<sup>531</sup>, de 29 de novembro de 1957, Rodrigues, mais uma vez, critica o aspecto ideológico dos filmes de Nelson Pereira dos Santos e se refere a ele como “amigo”:

Amigo Nelson Pereira dos Santos: se lhe faço sérias restrições é porque no “Rio, 40 Graus” V. sacrificou muitas belas cenas em prol de um marxismo suspeito e duvidoso... Num cinema de ideias e de fundo social, basta sugerir esta mensagem por meio dos símbolos, das imagens! Também Pudovkin, Carlitos e Giuseppe de Santis erraram por confundirem cinema com política...

Nota-se que, embora Rodrigues o critique nessa coluna, quando tratou de *Rio, 40 graus*, esse aspecto não estava presente. Entretanto, no desenrolar de sua análise de *Rio, Zona Norte*, Rodrigues é muito elogioso em relação ao filme: ao ressaltar o destaque dos negros nos filmes de Pereira dos Santos, fica claro que a questão racial, para Rodrigues, está acima das ideologias:

Muito lhe devem os negros, por haver dado papel condigno ao artista negro, que, até então, só fazia palhaçadas na tela! A grande caracterização que deu a Arinda Serafim como a tísica do morro, em “Rio, 40 Graus” é uma prova da consideração que lhe dispensa, dando-lhe papéis de funda realidade humana, fazendo-o lutar e reagir contra o meio adverso e hostil.<sup>532</sup>

Em *Assalto ao trem pagador*<sup>533</sup>, de 5 de julho de 1962, Rodrigues, ao analisar o filme homônimo de Roberto Farias, elogia o tratamento conferido no filme aos artistas negros, ressaltando que: “Mais admirável ainda é a dignidade, verossimilhança e respeito, com que Roberto Farias colocou os artistas negros no filme, dando-lhes uma humanidade e grandeza, que nenhum filme antirracista no cinema atingiu até agora”.

Como se mostrou no capítulo anterior, o período de exílio de Plínio Salgado em Portugal foi fundamental para a reconfiguração do integralismo e a fundação do PRP. Nesse país, além de aprofundar o aspecto espiritualista do integralismo, Salgado observou o funcionamento do regime salazarista, tendo tomado o exemplo do Estado Novo português

<sup>531</sup> RODRIGUES, Ironides. *Rio, Zona Norte*. **A Marcha**, n. 233, 29 nov. 1957.

<sup>532</sup> *Ibid.*

<sup>533</sup> *Id.* *Assalto ao trem pagador*. **A Marcha**, n. 451, 5 jul. 1962.

para sua posterior atuação política. Dessa forma, o PRP adotou constantemente posições pró-lusas em assuntos de política externa, pois, para Salgado, a presença de Portugal nas colônias da África e da Ásia, além de um direito, era uma necessidade no contexto bipolar da Guerra Fria: estando o regime português comprometido com o anticomunismo, o domínio luso neutralizaria o “perigo vermelho” nas regiões coloniais.<sup>534</sup> Assim, percebe-se no jornal a defesa da manutenção do colonialismo português em Goa, em 1954. Com as tensões na África, no início da década de 1960, a defesa do colonialismo se fez mais presente nas páginas de *A Marcha*, tendo o sido o assunto constantemente debatido no jornal nesse período. Em relação às tensões na África, Rodrigues não se pronunciou sobre o assunto. Entretanto, em *O racismo inglês num filme de Robert Rossen*<sup>535</sup>, de 13 de setembro de 1957, o colunista aborda a questão da descolonização da África e da Ásia e a influência do movimento da *Négritude*:

Já se disse que é chegado o momento do artista de cor exprimir sua própria dor, sem a falsidade e o tom de bizarria que o escritor branco escreve em relação ao negro. Que a literatura negra é a única coisa revolucionária no mundo de hoje, já que a literatura ocidental na mais triste inexpressividade. E que a expressão – **Négritude** – é uma tomada de posição do negro atual, em face de sua secular modorra pelos séculos afora, de que o maior estudioso do negro no momento – Guerreiro Ramos, deixou bem explícito no seu belíssimo “Caderno de um aprendiz de sociologia”.

Mais adiante, o autor menciona a descolonização na África e na Ásia. Também é digno de nota que, embora seja incisivo em sua posição, Rodrigues opta por não realizar um enfrentamento direto contra o branco. Ciente do conservadorismo em torno do jornal em que escrevia e do partido a que ele estava vinculado, o colunista destaca sua visão espiritualista, consoante com a orientação partidária, para afirmar que a liberação dos povos colonizados não poderá prescindir do apoio dos brancos, pois todos são filhos de Deus:

Oswald Spengler bem que escreveu com certa profecia em “O Homem e a Técnica”, que o Século XX ia ser o de reivindicação dos povos de cor, como estamos vendo no movimento de libertação da África e da Ásia, de que a **Conferência de Bandung** é uma prova inofismável do amadurecimento político das raças de cor. É preciso notar que toda esta luta dos líderes negros no mundo, de Booker T. Washington, Marcus Gravis, Vachel Lindsay, Langston Hughes, Counlee e Richard Wright não é uma campanha cerrada contra o branco e sim, uma revolução cultural e econômica da gente negra, sem esquecer a colaboração dos brancos, de que nós nos sentimos ligados como filhos do mesmo Deus, criador do universo. Na África Francesa, é um

<sup>534</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

<sup>535</sup> RODRIGUES, Ironides. O racismo inglês num filme de Robert Rossen. *A Marcha*, n. 222, 13 set. 1957.

Delafonse, um Aimé Césaire e um Léopold Senghor que elevaram o negro no ensaio e numa poesia de muita humanidade e universalismo.<sup>536</sup> (grifo do original)

A Conferência de Bandung, de acordo com Beatriz Bissio<sup>537</sup>, foi um marco nas relações internacionais do século XX. Realizada propositalmente fora do Ocidente (aconteceu na Indonésia), a Conferência consagrou a emergência dos países do Terceiro Mundo, com objetivo de formar uma própria força fora do contexto bipolar da Guerra Fria. Nesse sentido, promoveu a cooperação política, cultural e econômica entre os países participantes como forma de superar o trauma do colonialismo, que, apesar da independência política desses países, persistia em formas mais sutis. A preocupação com a coexistência pacífica se fez presente pela rejeição à formulação de qualquer pacto militar. Conforme Shimazu<sup>538</sup>, a iniciativa reuniu 29 países, sendo 23 asiáticos e 6 africanos, e foi promovida por um conjunto de 5 países asiáticos: Indonésia, Paquistão, Ceilão (posteriormente Sri Lanka), Birmânia (posteriormente Mianmar) e Índia. Nota-se que a presença da Índia enquanto um dos anfitriões da Conferência é notável em relação ao objeto de pesquisa deste estudo, pois o país foi muito atacado nas páginas de *A Marcha* em função das tensões envolvendo Goa, então colônia portuguesa.

Rodrigues<sup>539</sup>, no desenrolar da coluna, mais uma vez, mostra seu ponto de vista a favor da descolonização, quando afirma que:

A luta do líder David Boyeur no filme “A Ilha Nos Trópicos” é a mesma de Abdias do Nascimento no Brasil, que tem dado tudo de si mesmo, a fim de que o nosso homem de cor acorde do seu marasmo secular e desperte glorioso e triunfante como o negro americano do Harlem ou os negros que libertaram a Uganda, a Abissínia e vão libertar breve a África do Sul (que é o país mais racista do mundo), ou quem sabe, também, as três Guianas, na América do Sul.

Além de ser essa uma posição contra a orientação partidária, verifica-se na citação acima a menção a Abissínia (antigo nome da Etiópia). Quando da ocasião do conflito ítalo-etíope, na década de 1930, a então AIB se manifestou incisivamente pró-Itália. Rodrigues<sup>540</sup> continua denunciando o racismo, dessa vez no Brasil, o caracterizando, por seu caráter velado, como mais prejudicial ainda:

<sup>536</sup> RODRIGUES, Ironides. O racismo inglês num filme de Robert Rossen. *A Marcha*, n. 222, 13 set. 1957.

<sup>537</sup> BISSIO, Beatriz. Bandung, não alinhados e mídia: o papel da revista “Cadernos do Terceiro Mundo” no diálogo sul-sul. *Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, v. 4, n. 8, p. 21-42, 2015.

<sup>538</sup> SHIMAZU, Naoko. “Diplomacy as Theatre”: recasting the Bandung Conference of 1955 as Cultural History. *Asia Research Institute*, Working Paper Series n. 164, 2011.

<sup>539</sup> RODRIGUES, Ironides. O racismo inglês num filme de Robert Rossen. *A Marcha*, n. 222, 13 set. 1957.

<sup>540</sup> *Ibid.*

Nelson Rodrigues, numa carta a Abdias do Nascimento, acha que no Brasil o racismo por ser velado é, talvez, mais perigoso que nos outros lugares, porque dá ao homem de cor uma aparente igualdade perante a lei, quando nós sabemos que negro não pode entrar para o Itamaraty ou em outros lugares só acessíveis à cor branca.

O racismo velado no Brasil é discutido em outras colunas, como, por exemplo, *Cinco vezes favela*<sup>541</sup>, publicada em 20 de dezembro de 1962. Nessa coluna, Rodrigues denuncia a censura do governo brasileiro ao filme *Orfeu negro* em festivais internacionais, além de criticar a burguesia e defender os filmes que tocam em assuntos sociais:

É cinema de combate social, que mostra as mazelas e a indiferença de uma burguesia, em contraste com a fome e revolta, que ameaçam as favelas cariocas. Por que termos vergonha de ventilar estes assuntos se um Roberto Rossellini em “Paisá”, Jean Renoir em “Bas-Fond” e John Ford mesmo em “Caminho Áspero” e “As Vinhas da Ira” trataram com muita nobreza das massas tão desprezadas por seus respectivos governos? Já o Itamaraty não quis que o Brasil distribuísse “Orfeu Negro”, no Festival de Cannes, alegando que iriam dizer, vendo o filme, que o Brasil é um país só de negros. É um racismo velado que se precisa combater.<sup>542</sup>

Além das inúmeras menções de Rodrigues a Abdias Nascimento e ao trabalho do TEN, Rodrigues manteve relações com diversas outras lideranças negras, como, por exemplo, José Correia Leite. De acordo com Paulina Alberto<sup>543</sup>, Leite foi militante da Frente Negra Brasileira, mas rompeu com o movimento em função de sua orientação política – era um internacionalista de esquerda e era simpático ao pan-africanismo, o que não convergia com a orientação nacionalista e xenófoba de Arlindo Veiga dos Santos. Em *Problemas do negro e o cinema*<sup>544</sup>, de 16 de setembro de 1960, Rodrigues dedica sua coluna a Leite, por ocasião de seu aniversário de 60 anos. Nesse texto, Rodrigues traz mais uma vez a relevância do movimento da *Négritude*, ressaltando sua tradução de *Orfeu negro*, de Jean-Paul Sartre, para o jornal *Quilombo*, do TEN, além da trajetória e do racismo sofrido por Abdias Nascimento:

Acompanho a luta de Abdias do Nascimento há mais de um decênio e sei quanto ele é vítima dos ataques mais baixos e das incompreensões alarmantes de quem não sofreu preconceito na carne, como, por exemplo, ser barrado no Itamaraty por ser negro, devido a uma portaria racista.<sup>545</sup>

Em relação a Leite, Rodrigues destaca seu apreço pelo companheiro que “sempre pregou a instrução da minha raça e sua emancipação econômica, para a perfeita revalorização

<sup>541</sup> RODRIGUES, Ironides. Cinco vezes favela. *A Marcha*, n. 467, 20 dez. 1962.

<sup>542</sup> *Ibid.*

<sup>543</sup> ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão**: intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

<sup>544</sup> RODRIGUES, Ironides. Problemas do negro e o cinema. *A Marcha*, n. 370, 16 set. 1960.

<sup>545</sup> *Ibid.*

do homem de cor”. Além disso, ressalta o pioneirismo de Leite pela publicação do jornal *O Clarim da Alvorada*. Rodrigues lembra das grandes discussões com ele acerca do negro no cinema e sua pouca valorização. Entretanto, o colunista expressa, mais uma vez, seu anticomunismo, afirmando que: “Mestre e amigo Leite sabe bem que, inutilmente, os comunistas tentam desvirtuar este movimento para o campo de luta de classe em vão, porque estamos vigilantes contra todas as maquinações possíveis dos vermelhos”.<sup>546</sup>

Essa feição do anticomunismo presente em Rodrigues, que acusa os comunistas de serem relapsos em relação à luta do movimento negro, é expressa por Abdias Nascimento, que culpa os comunistas pela desarticulação do Comitê Democrático Afro-Brasileiro na década de 1940. De acordo com Nascimento, os comunistas “invocaram o velho chavão de que o negro, lutando contra o racismo, viria a dividir a classe operária...”.<sup>547</sup>

A questão racial, como se tentou mostrar, teve espaço privilegiado de discussão nas páginas do jornal *A Marcha*, por intermédio das colunas de Rodrigues. Percebe-se que, embora, por vezes, o colunista chegasse a contrariar a posição estabelecida pelo partido, manteve sua coluna durante oito anos ininterruptos. Nesse sentido, as colunas de Rodrigues revelam uma feição pouco provável nas páginas de *A Marcha* e mesmo do integralismo no pós-guerra. Militante, educador, tradutor, dramaturgo e crítico cinematográfico, Rodrigues promoveu a questão mais cara a sua trajetória – a racial –, mesmo em um jornal de cunho altamente conservador, em que tais discussões não constavam na “ordem do dia” das preocupações. Mesmo que a tônica e a razão de ser de sua colaboração estejam na vinculação de Rodrigues ao catolicismo, suas colunas demonstram que, em se tratando de história, as coisas são mais complexas do que se pode pensar à primeira vista.

---

<sup>546</sup> RODRIGUES, Ironides. Problemas do negro e o cinema. *A Marcha*, n. 370, 16 set. 1960.

<sup>547</sup> NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. *THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes*, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 243.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa encerra-se buscando ampliar os horizontes historiográficos em relação a questões ainda pouco exploradas, como a relação do integralismo com o movimento negro. Percebe-se que a presença de um destacado militante e intelectual da causa negra num jornal vinculado a um partido altamente conservador do pós-guerra não é uma situação inacreditável ou mesmo de ínfima probabilidade. Como se tentou mostrar, os vínculos que ligam os militantes do movimento negro aos integralistas não desapareceram com a extinção da AIB ou o fim do Estado Novo. A sociabilidade intelectual entre integralistas e lideranças negras perdurou durante a década de 1950, pela presença das colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues em *A Marcha* ou com Abdias Nascimento, que publicou algumas de suas obras na década de 1950 e 1960 pela editora GRD, propriedade de Gumercindo Rocha Dórea, militante integralista e editor de *A Marcha*.

Além disso, a investigação da própria trajetória de Rodrigues acabou por lançar luz a questões ainda nebulosas, como suas redes de sociabilidade e o envolvimento com intelectuais conservadores, que marcam, sobretudo, suas análises cinematográficas para o periódico integralista. Dessa forma, percebe-se que o semanário perrepista se constituiu em um espaço não apenas destinado à divulgação de atividades partidárias ou preocupações com o suposto avanço comunista, mas também em um espaço de denúncia do racismo e de debate a propósito da valorização do artista negro e da trajetória do movimento negro brasileiro.

Como se tentou mostrar, as ambições intelectuais de Rodrigues se manifestaram em seus escritos cinematográficos, garantindo a inserção do autor no campo mais amplo da crítica cinematográfica do período, em que esse tipo de análise floresceu e se legitimou no jornalismo brasileiro. A preocupação de Rodrigues em demarcar um território na crítica se traduziu na presença de seu nome em diversas publicações especializadas e contatos frequentes com os críticos mais proeminentes de sua época.

Suas colunas em *A Marcha* se constituíram como um espaço de relativa liberdade em relação aos demais conteúdos do jornal. O catolicismo ali presente, sem dúvidas, era preponderante e ligado às orientações partidárias, vide as inúmeras citações que o crítico fazia em relação a escritores católicos na linha do partido, como Jackson de Figueiredo, Tasso da Silveira, Otávio de Faria e, claro, Plínio Salgado. Mesmo assim, percebe-se o choque de orientações quando Rodrigues toca em assuntos no mínimo pouco prováveis em relação ao catolicismo conservador, como a questão da homossexualidade em algumas de suas colunas, o que, como visto, acarretou polêmicas com outros cronistas do jornal. Rodrigues foi ligado à

vertente católica da crítica cinematográfica da época, organizada em torno da liderança do padre Guido Logger, contribuindo com artigos para a publicação na *Revista de Cultura Cinematográfica*. Entretanto, mesmo que isso se constituísse como uma divergência em relação às orientações de tais grupos, que encaravam o cinema como instrumento para a elevação moral e espiritual do ser humano, foi um defensor intransigente da liberdade de criação artística e um combatente da censura.

Em relação a suas ideias políticas, surpreende que a preocupação de Rodrigues com a desigualdade social acarrete em críticas frequentes ao sistema capitalista, outro tipo de posição incomum em *A Marcha*. Embora se posicione veementemente contrário ao comunismo, as críticas ao capitalismo eram ainda mais frequentes do que ao comunismo. Sua própria trajetória, marcada por inúmeras dificuldades ocasionadas pela pobreza e pela luta por sua subsistência, faz com que sua posição contra a concentração de riquezas seja fortemente defendida, ainda que calcada em uma visão humanista e católica da questão.

Marcadas por essas ambiguidades em relação às preocupações mais proeminentes do jornal e do partido a que ele estava vinculado, suas colunas levam a crer que sua presença estava ligada a um esforço do partido em ampliar seu alcance e atingir públicos que não estavam diretamente vinculados ao integralismo, como conservadores de maior nível intelectual. Para Rodrigues, sua colaboração em *A Marcha* significou uma plataforma na qual o colunista poderia se alçar a voos mais altos em relação à consagração intelectual, que, no exame de sua trajetória posterior, acabou por não ocorrer.

A trajetória de Rodrigues é, sem dúvida, ascendente: nascido na pobreza no interior de Minas Gerais, o crítico estudou em colégios de elite, aprendeu francês, se destacou na militância negra e teve conhecimento e relações com diversos intelectuais de sua época, dentro ou fora do movimento negro. Entretanto, no que se pode apreender de seus escritos memorialísticos, a consagração intelectual pela qual ansiava não chegou: levou décadas para se tornar bacharel em direito, não conseguiu publicar seus trabalhos e se sustentou, desde 1954, como funcionário público no Ministério do Trabalho, emprego que não lhe agradava. Entretanto, não se pode dizer que não tenha sido bem-sucedido em suas atuações, visto o impacto de seu curso de alfabetização no TEN, suas ideias polêmicas que contribuíram para os debates em torno da questão racial no movimento negro na década de 1950, sua produção teatral, mencionada nos principais periódicos cariocas do período, além da repercussão de seus escritos cinematográficos, que ultrapassaram as fronteiras dos círculos integralistas.

Este trabalho procurou, nesse sentido, lançar luz sobre a trajetória desse intelectual esquecido, mas que deixou marcas nos ambientes em que passou. Ademais, houve a

preocupação em analisar questões pouco frequentes na historiografia brasileira, a fim de contribuir com os estudos em relação ao integralismo e à questão racial.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão**: intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.
- AUTRAN, Arthur. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil (1900-2000). Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Muryatan Santana. O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, p. 171-184, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000100011>.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRERAS, Maria José Lanziotti. **Dario de Bittencourt**: uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- BARRETO, Ivana. As realidades do jornalismo cultural no Brasil. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 65-73, 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17579/12955>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- BARRETO, Rachel Cardoso. **Crítica ordinária**: a crítica de cinema na imprensa brasileira. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O cinema segundo a crítica paulista**. São Paulo: Nova Estella Editorial, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Cinema brasileiro**: propostas para uma história. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.
- BERTONHA, João Fábio. **Integralismo**: problemas, perspectivas e questões historiográficas. Maringá: Eduem, 2014.
- BERTONHA, João Fábio; SENTINELO, Jaqueline Tondato. O conflito ítalo-etíope (1935-1936) no jornal *A Offensiva*: a solidariedade fascista, o valor dos “povos de cor” e a “civilização”. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: memórias da imprensa integralista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.
- BISSIO, Beatriz. Bandung, não alinhados e mídia: o papel da revista “Cadernos do Terceiro Mundo” no diálogo sul-sul. **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v. 4, n. 8, p. 21-42, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- \_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

CALDEIRA NETO, Odilon. **Integralismo, neointegralismo e antissemítismo:** entre a relativização e o esquecimento. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

CALIL, Gilberto Grassi. A imprensa integralista no pós-guerra: os jornais *Reação Brasileira*, *Idade Nova* e *A Marcha*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes:** memórias da imprensa integralista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

\_\_\_\_\_. **O integralismo no processo político brasileiro:** o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

\_\_\_\_\_. **O integralismo no pós-guerra:** a formação do PRP (1945-1950). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CARDOSO, Claudira. **Partido de Representação Popular:** política de alianças nos governos estaduais do RS de 1958 a 1962. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

CASTRO, Ruy. Trailer – Moniz, Wagonmaster. In: VIANNA, Anonio Moniz. **Um filme por dia:** crítica de choque (1946-73). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CATANI, Afrânio Mendes. Vinicius de Moraes, crítico de cinema. **Perspectivas**, São Paulo, v. 7, p. 127-147, 1984.

CAVALARI, Rosa Maria Feitero. **Integralismo:** ideologia e organização de um partido de massas no Brasil (1932-1937). Bauru: Edusc, 1999.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado:** forma de regressividade no capitalismo hipertardió. Belo Horizonte: Una, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. Gumercindo Rocha Dórea: guardião controvertido da memória integralista no pós-guerra. **Revista Ágora**, Vitória, v. 7, p. 1-26, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/5042/3808>. Acesso em: 20 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **A enciclopédia do integralismo:** lugar de memória e reinvenção do passado (1957-1961). 2010. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. **Estudo Ibero-Americanos**, v. XXVIII, n. 1, p. 183-194, 2002.

CRUZ, Natália dos Reis. **O integralismo e a questão racial:** a intolerância como princípio. 2004. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

CYTRYNOWICS, Roney. **Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo. **Tempo**, v. 12, p. 100-122, 2007. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>.

\_\_\_\_\_. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro II!”. **Varia História**, v. 22, p. 517-536, 2006.

FELICE, Fabricio. Contra a palavra: manifestações do antitalkismo no Chaplin-Club. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH 50 ANOS, XXVI, São Paulo, 2011. **Anais...**, São Paulo, 2011.

FIGURELLI, Roberto Capparelli. Cinema, a sétima arte. **Extensio**, v. 10, n. 15, 2013. doi: <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2013v10n15p110>.

FLACH, Ângela. **“Os vanguardeiros do anticomunismo”**: O PRP e os perrepistas no Rio Grande do Sul (1961-1964). 2003. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

\_\_\_\_\_. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 271-284, 2004. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100023>.

\_\_\_\_\_. Democracia racial: o ideal, o pacto, o mito. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 61, p. 147-162, nov. 2001. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st20-3/4678-aguimaraes-democracia/file>. Acesso em: 20 nov. 2018.

KOSSLING, Karin Santanna. Os afrodescendentes na Ação Integralista Brasileira. **Histórica**, São Paulo, v. 14, p. 19-24, 2004.

LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

MAIO, Marcos Chor. **Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MALATIAN, Teresa. **Império e missão: um novo monarquismo brasileiro**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

MALUSÁ, Vivian. **Católicos e cinema na capital paulista: o cineclube do Centro D. Vital e a Escola Superior de Cinema São Luís (1958-1972)**. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Campinas: UNICAMP, 2007.

MARTINS, Luís Carlos dos Passos. **A grande imprensa “liberal” da Capital Federal (RJ) e a política econômica do segundo governo Vargas (1951-1954): conflito entre projetos de desenvolvimento nacional**. 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

\_\_\_\_\_. Os caminhos do profeta: a autobiografia de Samuel Wainer em Minha Razão de Viver. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 14, n. 26, p. 111-126, dez. 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **O negro revoltado**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1968.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Teatro experimental do negro: testemunhos**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias Nascimento**. Brasília: Senado Federal, 2014. (Coleção Grandes Vultos que horaram o Senado).

OLIVEIRA, Alexandre Luís de. **Do integralismo ao udenismo: a trajetória de Raymundo Padilha**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 36, p. 118-138, 2010.

OLIVEIRA, Rodrigo. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Perspectiva, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

PAULA NETO, Oscar José de. Os críticos cinematográficos e a revisão do método crítico na década de 1950. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 153-70, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n10.2016.64732>.

PEREIRA, Antônio. O teatro. **Correio de Uberlândia**, 10 jul. 2016.

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**, v. 19, p. 33-51, 2007.

PINTO, António Costa. **Os camisas azuis: Rolão Preto e o fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

PREDEBON, Gabriel Soares. **As colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues n'A Marcha (1956-1957)**. 2015. Monografia (Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 147-160, 2003.

RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Diário de um negro atuante (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 4, p. 121-145, 1998. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-4.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Diário de um negro atuante. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 3, p. 133-160, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-3.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Introdução à literatura afro-brasileira. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 255-266, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

ROMÃO, Jeruse. Educação, instrução e alfabetização no Teatro Experimental do Negro. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

SANTOS, Gilca Ribeiro dos. **O pensamento educacional de Francisco Lucrecio e Ironides Rodrigues**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

SENTINELO, Jaqueline Tondato. O lugar das “raças” no projeto de nação da Ação Integralista Brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 9, n. 108, p. 145-152, 2010.

\_\_\_\_\_. O negro e a Ação Integralista Brasileira: entre teoria e realidade. Uma análise historiográfica. In: SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA, IV; SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA: POLÍTICA E CULTURA & POLÍTICA E SOCIEDADE, I, Rio de Janeiro, 2009. **Anais...** Rio de Janeiro, 2009.

SHIMAZU, Naoko. “Diplomacy as Theatre”: recasting the Bandung Conference of 1955 as Cultural History. **Asia Research Institute**, Working Paper Series n. 164, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SKÓRZYNSKI, Jan. A revolução do Solidariedade e o fim da União Soviética. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 33, mar. 2012.

TRINDADE, Hélio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

\_\_\_\_\_. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira**: análise do discurso integralista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista**: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962). 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

#### COLUNAS DE IRONIDES

RODRIGUES, Ironides. O corvo amarelo. **A Marcha**, n. 436, 1 mar. 1962.

\_\_\_\_\_. Julgamento em Nuremberg. **A Marcha**, n. 437, 15 mar. 1962.

\_\_\_\_\_. Jornal de um fã de cinema. **A Marcha**, n. 452, 12 jul. 1962.

\_\_\_\_\_. Jornal de cinema. **A Marcha**, n. 442, 26 abr. 1962.

\_\_\_\_\_. Glórias do cinema brasileiro. **A Marcha**, n. 440, 5 abr. 1962.

\_\_\_\_\_. Cinco vezes favela. **A Marcha**, n. 467, 20 dez. 1962.

\_\_\_\_\_. Assalto ao trem pagador. **A Marcha**, n. 451, 5 jul. 1962.

\_\_\_\_\_. Cultura e crítica de cinema. **A Marcha**, n. 400, 25 maio 1961.

\_\_\_\_\_. Ano centenário de Cruz e Sousa. **A Marcha**, n. 417, 5 out. 1961.

\_\_\_\_\_. O vento será tua herança. **A Marcha**, n. 405, 29 jun. 1961.

\_\_\_\_\_. Várias notícias cinematográficas. **A Marcha**, n. 362, 22 jul. 1960.

\_\_\_\_\_. Problemas do negro e o cinema. **A Marcha**, n. 370, 16 set. 1960.

\_\_\_\_\_. Problemas atuais. **A Marcha**, n. 375, 21 out. 1960.

\_\_\_\_\_. Panorâmicas do cinema. **A Marcha**, n. 379, 25 nov. 1960.

\_\_\_\_\_. Há público para o cinema de arte? **A Marcha**, n. 364, 5 ago. 1960.

- \_\_\_\_\_. Filmes das mais variadas características. **A Marcha**, n. 357, 17 jun. 1960.
- \_\_\_\_\_. Conversando com meus leitores. **A Marcha**, n. 354, 27 maio 1960.
- \_\_\_\_\_. Alguns filmes de temas perigosos e delicados. **A Marcha**, n. 351, 29 abr. 1960.
- \_\_\_\_\_. Teóricos e estetas da Sétima Arte. **A Marcha**, n. 308, 12 jun. 1959.
- \_\_\_\_\_. Sobre vários temas de cinema. **A Marcha**, n. 211, 28 jun. 1957.
- \_\_\_\_\_. O racismo inglês num filme de Robert Rossen. **A Marcha**, n. 222, 13 set. 1957.
- \_\_\_\_\_. Rio, Zona Norte. **A Marcha**, n. 233, 29 nov. 1957.
- \_\_\_\_\_. Revista de Cultura Cinematográfica. **A Marcha**, n. 218, 16 ago. 1957.
- \_\_\_\_\_. Um grande livro de estética do cinema. **A Marcha**, n. 222, de 27 set. 1957.
- \_\_\_\_\_. O cinema e as misérias do mundo capitalista (ao sr. Gumercindo Rocha Dórea). **A Marcha**, n. 198, 29 mar. 1957.
- \_\_\_\_\_. O artista negro no cinema e no teatro. **A Marcha**, n. 213, 12 jul. 1957.
- \_\_\_\_\_. Hollywood e os temas da vida cotidiana. **A Marcha**, n. 197, 22 mar. 1957.
- \_\_\_\_\_. Desespero d'Alma IV. **A Marcha**, n. 210, 21 jun. 1957.
- \_\_\_\_\_. Desespero d'Alma III. **A Marcha**, n. 209, 14 jun. 1957.
- \_\_\_\_\_. Desespero d'Alma I (para Alfredo Leite). **A Marcha**, n. 207, 31 maio 1957.
- \_\_\_\_\_. Prisioneiro do Remorso (*The prisoner*). **A Marcha**, n. 169, 24 ago. 1956.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre vários assuntos. **A Marcha**, n. 163, 17 jul. 1956.
- \_\_\_\_\_. Os melhores filmes de 1955. **A Marcha**, n. 148, 20 jan. 1956.
- \_\_\_\_\_. Eu, Otávio de Faria e Alfredo Leite. **A Marcha**, n. 181, 16 nov. 1956.
- \_\_\_\_\_. A Igreja e o cinema. **A Marcha**, n. 167, 10 ago. 1956.
- \_\_\_\_\_. Uma temporada de início de ano. **A Marcha**, n. 102, 11 fev. 1955.
- \_\_\_\_\_. Rio, 40 graus. **A Marcha**, n. 135, 7 out. 1955.
- \_\_\_\_\_. Palavras a uma classe dividida. **A Marcha**, n. 118, 10 jun. 1955.
- \_\_\_\_\_. O mundo sóbrio de Graham Greene e dois filmes brasileiros. **A Marcha**, n. 140, 18 nov. 1955.
- \_\_\_\_\_. Carta de apelo a Vinicius de Moraes. **A Marcha**, n. 142, 2 dez. 1955.
- \_\_\_\_\_. **A Marcha**, n. 144, 16 dez. 1955.

- \_\_\_\_\_. O cinema e os limites do sagrado. **A Marcha**, n. 124, 22 jul. 1955.
- \_\_\_\_\_. Antes do dilúvio (*avant le deluge*). **A Marcha**, n. 125, 29 jul. 1955.
- \_\_\_\_\_. Análise de alguns filmes. **A Marcha**, n. 113, 6 maio 1955.
- \_\_\_\_\_. Análise de alguns filmes. **A Marcha**, n. 103, 18 fev. 1955.
- \_\_\_\_\_. O sentido profundo do cinema. **A Marcha**, n. 96, 31 dez. 1954.
- \_\_\_\_\_. O cinema americano e uma tentativa de renovação. **A Marcha**, n. 54, 21 maio 1954.
- \_\_\_\_\_. O salário do medo. **A Marcha**, n. 90, 26 nov. 1954.

## PERIÓDICOS

A FONTE dos assuntos está em nossas próprias raízes populares, afirma Ironides Rodrigues. **Correio da Manhã**, n. 19658, 27 abr. 1957.

A MARCHA, 1953.

A MARCHA, n. 208, 7 jul. 1957.

A MARCHA, n. 418, 12 out. 1961.

A MARCHA, n. 468, out. 1964.

ANGOLA é terra de Portugal. **A Marcha**, n. 413, 22 ago. 1961.

COMPAGNONI, Ivo. Conversa de janela com meu vizinho Ironides... **A Marcha**, n. 351, 29 abr. 1960.

CONTINUAM aparecendo os discos voadores. **A Marcha**, n. 208, 7 jun. 1957.

EDUARDO, José. O ator Abdias Nascimento lança novo certâmen. **Idade Nova**, 1º jan. 1948.

IRONIDES renuncia. **Correio da Manhã**, n. 19060, 27 maio 1955.

IRONIDES Rodrigues, o novo autor teatral. **Correio da Manhã**, n. 19655, 24 abr. 1957.

IRONIDES Rodrigues, um jovem autor negro. **Última Hora**, n. 369, 25 ago. 1952.

NEGROS e brancos sul-africanos só encontrarão um denominador comum no espírito cristão. **A Marcha**, n. 349, 15 abr. 1960.

O DIÁRIO, n. 155, 19 maio 1955.

OS AMERICANOS do Norte são tão racistas quanto era o nazismo. **A Marcha**, n. 224, 27 set. 1957.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. Cartazes. **Correio da Manhã**, n. 22360, 27 fev. 1966.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. Cinemateca do Museu de Arte Moderna. **Correio da Manhã**, n. 23080, 7 jul. 1968.

PARA Vinícius ler... **Última Hora**, n. 1357, 24 nov. 1955.

PROTESTO contra a discriminação racial, **A Marcha**, n. 127, 12 ago. 1955.

RODRIGUES, Ironides. Abdias e arte negra. **A Marcha**, n. 459, 13 set. 1962.

TEATRO Experimental do Negro”. **A Marcha**, n. 2, 27 fev. 1953.

## APÊNDICE A – Imagens



Lista dos melhores filmes do ano no jornal *Correio da Manhã*, n. 22.927, 31 dez. 1967  
 Fonte: O autor (2018).



Jornal *A Marcha*, 14 out. 1957, n. 228.  
 Fonte: O autor (2018).





Aula de alfabetização do Teatro Experimental do Negro, com Ironides Rodrigues ao fundo  
Fonte: Ipeafro.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)